

Revista de Psicanálise

da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

ISSN 1413-4438
ISSNe 2674-919X
Qualis B2

Indexadoras: BiViPsi, CLASE, Google Scholar,
Latindex, LILACS, PKP Index, PsycINFO

revista.sppa.org.br
Volume XXVII – Nº 3 – Dezembro – 2020

Fica proibida, sem a autorização por escrito da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, a reprodução total ou parcial dos artigos publicados na Revista de Psicanálise da SPPA, por qualquer meio ou procedimento, incluindo reprografia e processamento de computador (*upload*).

Editor Chefe

Renato Moraes Lucas –
renatomlucas@terra.com.br

Editores Associados

- Ana Cristina Pandolfo –
acpandolfo@terra.com.br
- Elena Beatriz Tomasel –
elenatomasel@gmail.com

Conselho Editorial

- Cristiano Freitas Frank
- Edgar Chagas Diefenthaler
- Karem Cainelli
- Kátia Ramil Magalhães
- Maria da Graça Motta
- Regina Orgler Sordi
- Vânia Elisabete Dalcin

Conselho Consultivo

- Anette Blaya Luz - SPPA • Carlos Gari Faria – SPPA • Carmen Médici de Steiner - APU
- César Luís de Souza Brito - SPPA • Clara Rosa Nemas de Urman - APBA • Elias Mallet da Rocha Barros - SBPSP • Elizabeth T. de Bianchedi - APBA • Joel Nogueira - SPPA
- Jorge L. Ahumada - APBA • José Carlos Calich - SPPA • Juan Francisco Jordán Moore - APC • Julio Moreno - APBA • Leopold Nosek - SBPSP • Maria Aparecida Quesado Nicoletti - SBPSP • Maria Cristina Garcia Vasconcelos • Maria Olympia de A. F. França - SBPSP
- Mauro Gus - SPPA • Ney Couto Marinho - SBPRJ • Norberto C. Marucco - APA • Paulo Henrique Favalli - SPPA • Plínio Montagna - SBPSP • Raquel Zak de Goldstein - APA • Ricardo Bernardi - APU • Robert Michels – APA (Americana) • Tula Bisol Brum - SPPA
- Virgínia Ungar - APBA • Zelig Libermann - SPPA

Conselho de Revisores

- Alda Regina Dorneles de Oliveira - SPPA
- Alice Becker Lewkowicz - SPPA • Angela Mynarski Plass - SPPA • Arnaldo Chuster - APERJ • Bruno Salésio da Silva Francisco - SPPel • Carmem Emilia Keidann - SPPA • Carlos Barredo - APBA • Cássia Nuevo Barreto Bruno - SBPSP • Cibele Maria de Baptista Brandão - SBPSP • Clarice Kowacs - SPPA • Cláudio Laks Eizirik - SPPA • Débora Regina Unikowski - SPRJ • Flávio de Oliveira e Souza - SPPA • Gisha Brodacz - SPPA • Heloísa Cunha Tonetto - SPPA • Idete Zimmerman Bizzi - SPPA • Ingeborg Bornholdt - SPPA • Jair Knijnik - SPPA • João Augusto Frayze-Pereira - SBPSP • José Milmaniene - APA • Juan Eduardo Tesone - SPP • Jussara Schestatsky Dal Zot - SPPA • Luciane Falcão - SPPA • Luisa Rizzo - SPPA • Luiz Carlos Mabilde - SPPA • Magali Fischer - SPPA • Marco Antonio Corona Sosa - SPM • Maria Elisabeth Cimenti - SPPA • Marina Massi - SBPSP • Marlene Silveira Araujo - SPPA • Maurício Marx e Silva - SPPA • Miguel Leivi - APA • Mônica Cardenal - APBA • Neusa Knijnik Lucion - SPPA • Roberto Gomes - SPPA • Rosa Sender Lang - SPRJ • Roosevelt Moises S. Cassorla - SBPSP • Ruggero Levy - SPPA • Sérgio Antonio Cyrino da Costa - APERJ • Sérgio Lewkowicz - SPPA • Suzana Deppermann Fortes - SPPA • Thais Blucher - SBPSP • Viviane Sprinz Mondrzak - SPPA

Assessoria Editorial: Karine Diniz Herte •
Arte/Capa: Liziane Leite Cruz • **Diagramação:** Luiz Cezar F. de Lima • **Impressão:** Gráfica Editora Pallotti

A *Revista de Psicanálise* da SPPA tem por objetivo publicar trabalhos teóricos e clínicos de psicanálise bem como suas interfaces com a cultura e saberes contemporâneos.

Linha Editorial

A *Revista de Psicanálise* da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre é uma revista de psicanálise com artigos avaliados por pares de forma totalmente anônima (*peer-reviewed*) que recebe contribuições inéditas ou originais no país de artigos que versem sobre teoria e técnica psicanalítica, história da psicanálise, comunicações clínicas psicanalíticas, temas de educação e profissão psicanalítica, pesquisa e metodologia para a pesquisa psicanalítica e estudos interdisciplinares com ênfase em psicanálise.

Data de impressão: dezembro de 2020

Tiragem: 400 exemplares

Publicada desde 1993

(1988-93 com o nome de Arquivos de Psicanálise da SPPA)

R 454 Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre / Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. – Vol. XXVII, nº 3 (dez., 2020) – Porto Alegre: SPPA, 1993 –

Quadrimestral

ISSN 1413-4438 (Impresso)
ISSNe 2674-919X (Eletrônico)

1. Psicanálise – Periódicos I. Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

CDU: 159.964.2 (05)
616.89.072.87 (05)

CDD: 616.891.7

Bibliotecária responsável: Karine Diniz Herte
CRB 10/2224

Rua General Andrade Neves, 14/402
90010-210 | Porto Alegre | RS | Brasil
+55 (51) 3224-3340
+55 (51) 9 8487-0158
revista@sppa.org.br
www.sppa.org.br

SUMÁRIO

EDITORIAL

Renato Moraes Lucas / 583

ARTIGOS

Ética e psicanálise

Altamirando Matos de Andrade Jr. / 589

Uma revisita ao desejo do psicanalista em *O banquete* de Platão, segundo o legado de Freud e Lacan

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Eliana Rigotto Lazzarini / 605

A ternura: o entrelaçamento da moral e da ética

Regina Pereira Klarmann / 627

Sugestão e sedução na psicoterapia do adolescente: um problema ético

Adela Abella / 651

Por uma ética institucional

Viviane Sprinz Mondrzak / 669

As múltiplas cores do arco-íris: despatologizando a diversidade sexual

Sergio Lewkowicz / 685

O sexual primordial: ingrediente da *inquietante estranheza*?

Luciane Falcão / 697

Infâncias contemporâneas e formas de sofrimento psíquico: interrogações, desafios e propostas

Analía Wald / 715

Formas extremas de sofrimento psíquico na infância e adolescência atuais

Alberto Cesar Cabral / 731

TEMAS DIVERSOS

O dizer do analista: a interpretação e um resto a não compreender

Simone Ravizzini, Talita Baldin / 747

ÍNDICE Volume 27 / 779

C O N T E N T S

EDITORIAL

Renato Moraes Lucas / 583

PAPERS

Ethics and psychoanalysis

Altamirando Matos de Andrade Jr. / 589

A revisit to the analyst's desire at Plato's *The banquet*, according to the legacy of Freud and Lacan

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Eliana Rigotto Lazzarini / 605

Tenderness: the interlacing of moral and ethics

Regina Pereira Klarmann / 627

Suggestion and seduction in adolescent psychotherapy: an ethical problem

Adela Abella / 651

In favor of institutional ethics

Viviane Sprinz Mondrzak / 669

The multiple colors of the rainbow: depathologizing sexual diversity

Sergio Lewkowicz / 685

The primordial sexual: ingredient of the *uncanny strangeness*?

Luciane Falcão / 697

Contemporary childhoods and forms of psychic suffering: questions, challenges and proposals

Anaía Wald / 715

Extreme forms of psychic pain in current childhood and adolescence

Alberto Cesar Cabral / 731

OTHER THEMES

The analyst's saying: interpretation and a rest not to be understood

Simone Ravizzini, Talita Baldin / 747

CONTENTS Volume 27 / 779

ÍNDICE

EDITORIAL

Renato Moraes Lucas / 583

ARTÍCULOS

Ética y psicoanálisis

Altamirando Matos de Andrade Jr. / 589

Una revisita al deseo del psicoanalista en *El banquete* de Platón, de acuerdo con el legado de Freud y Lacan

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Eliana Rigotto Lazzarini / 605

La ternura: el entrelazamiento de la moral y la ética

Regina Pereira Klarmann / 627

Sugestión y seducción en la psicoterapia de adolescentes: un problema ético

Adela Abella / 651

Por una ética institucional

Viviane Sprinz Mondrzak / 669

Los múltiples colores del arco iris: despatologizando la diversidad sexual

Sergio Lewkowicz / 685

Lo sexual primordial: ¿ingrediente de la *inquietante extrañeza*?

Luciane Falcão / 697

Infancias contemporáneas y las formas de padecimiento psíquico: interrogantes, desafíos y propuestas

Analia Wald / 715

Formas extremas del padecimiento psíquico en la infancia y la adolescencia actuales

Alberto Cesar Cabral / 731

OTROS TEMAS

El dicho del analista: interpretación y un que se queda para no entender

Simone Ravizzini, Talita Baldin / 747

ÍNDICE Volumene 27 / 779

Editorial

Prezados(as) leitores(as)

É com entusiasmo que ora oferecemos o novo número de nossa Revista, com a expectativa que o seu conteúdo venha a fomentar um campo plural de reflexões na intersecção e tensão dialógica, características da Ética, da Ética *na* e *da* Psicanálise, e dos limites Éticos, por vezes imprecisos, quando a Psicanálise se insere na escuta e na abordagem dos fenômenos sociais contemporâneos. Estamos igualmente satisfeitos ao anunciar, a partir deste número, a implementação do *Fluxo Contínuo* de publicação, processo que nos permitirá disponibilizar o artigo *on-line* antes de sua impressão gráfica, atendendo aos critérios internacionais de publicação científica.

No campo psicanalítico, o conhecido terceiro abalo narcísico à humanidade propiciado pela assunção do *sujeito do inconsciente*, que limita o poder soberano da razão e da consciência como força determinante de nossa existência, do nosso pensamento e da nossa conduta, desalojou-nos do primado da vontade livre e da consciência responsável, vindo a sobrepesar o estudo da Ética. Acrescenta-se assim um viés ao estudo dos princípios que motivam, orientam e disciplinam o comportamento humano em qualquer realidade social.

A tensão entre instâncias psíquicas pulsionais e repressivas e sua aporia no cenário social e, de outro lado, a conjunção de preceitos comportamentais do grupo social buscando moldar o interno, mostram uma imprecisão de limites e um inacabamento intrínseco ao processo. Um escape ou transbordamento de conteúdo que tensiona limites e, ao mesmo tempo, exige e aguarda pensadores.

Esta exigência contínua de trabalho, que transcende os conhecidos preceitos éticos clínicos frente ao amor/ódio transferencial (e suas implicações na formação institucional) e que não os torna imunes a conflitos e retomadas, estende-se, tanto à inserção da psicanálise como forma específica de olhar os fenômenos humanos, continuamente atacada como o *místico* frente ao *establishment*, quanto à atual pressão sobre o pensamento teórico e técnico psicanalítico. Em especial, quando este necessita dar conta não apenas de novas formações clínicas, mas também de novos e fluidos comportamentos, todos dentro de um campo conceitual capaz de permitir que a psicanálise se posicione e se reforce como ciência aberta e como instrumento útil ao crescimento, ao abordar o sujeito em suas perspectivas de conflito e liberdade, de recolhimento e sociabilidade.

Iniciamos pelo artigo de Altamirando de Andrade Jr, que busca discutir

Renato Moraes Lucas

a relação entre Ética e técnica psicanalítica. Baseado em Freud, Klein e Bion, além de pensadores contemporâneos, o autor centraliza a sua posição por uma ética baseada *na busca da verdade inconsciente do paciente*. Em continuidade, apresentamos o artigo de Claudia Beato e Eliana Lazzarini que, a partir de Freud e Lacan, usam como exemplo a situação *transferencial* entre Sócrates e Alcebiades, descrita em *O banquete de Platão*, e apresentam a sustentação do desejo do psicanalista como um *lugar esvaziado de intenções pessoais*, como um elemento técnico para não ceder ao discurso sedutor do analisante. A seguir, apresentamos o trabalho de Regina Klarmann, que faz uma extensa revisão na obra de Freud na busca de compreender a constituição da moral e da ética no psiquismo humano, destacando o sentimento de ternura no entrelaçamento e na complementariedade da moral e da ética. Em um artigo mais explicitamente clínico, Adela Abella discute a aquisição da identidade na adolescência como uma tarefa central, ocorrida entre *o desejo intenso de autonomia e a nostalgia da dependência aos pais da infância*. Na psicoterapia de adolescentes, a autora ressalta os riscos e os problemas éticos presentes na potencial sugestão e sedução por parte do psicanalista, que poderiam ser efetivados tanto por serem um *obstáculo à independência* quanto por serem desejados em sua *fusão tranquilizadora*.

Um conjunto de artigos mais engajados na discussão Ética da psicanálise também se faz presente. A partir das ideias de Henri Atlan e de algumas reflexões pessoais, Viviane Mondrzak convida os leitores a se desacomodarem e a refletirem sobre a *ética institucional nas sociedades psicanalíticas*, a qual compreenderia um olhar para *o funcionamento da própria instituição*, para além da ética profissional do próprio psicanalista. Sergio Lewkowicz, direciona o seu olhar para *uma vasta gama de apresentações da sexualidade* visualizadas na contemporaneidade e que reivindicam *respeito, compreensão e acolhimento*. O autor busca discutir a *resistência presente nas teorias psicanalíticas que tendem a normatizar a sexualidade*, e considera que *tanto os analistas como as instituições psicanalíticas persistem ambivalentes em relação a normatizar a sexualidade, em oposição a uma visão mais singular e específica de cada pessoa*. Luciane Falcão estende a discussão sobre as *pluralidades e diversidades sexuais*, inter-relacionando a *sexualidade infantil* e *O estranho* de Freud com o *sexual primordial*, considerando isto como a base das dificuldades dos psicanalistas em pensar e debater acerca de tema tão importante para os nossos dias. Analía Wald, no mesmo caminho, refere que a *categoria de sofrimento subjetivo* pode nos permitir sair do campo psicopatológico e *ampliar o campo de compreensão dos problemas*. Posiciona-se dizendo que transformações antropológicas vividas na atualidade deveriam questionar a *universalidade dos modelos teóricos*, considerando a *sexualidade* como um dos

campos de transformações, enquanto questiona a *noção de identidade*. A autora defende que as *práticas de subjetivação dissidentes ou minoritárias desafiam a psicanálise e promovem uma retomada de suas categorias, em particular a singularidade nos modos de construção da diferença simbólica*. Por fim, Alberto Cabral toma o fenômeno do crescimento das taxas de suicídio de adolescentes como a manifestação mais aparente de um sofrimento profundo. Ao que o olhar sociológico costuma verificar: *o fracasso dos adultos em transmitir um legado que permita a inclusão dos recém-chegados no corpo social, somam-se as tendências filicidas e destrutivas para com os jovens*, previamente discutidas por autores como Raskovsky, Winnicott e Lacan. O autor refere que a cura analítica deverá transmitir ao adolescente o *prazer de viver, em sua faceta de gozo sereno e pacífico do objeto*, e que, neste sentido, a experiência psicanalítica poderá ir na contracorrente do desamparo do adolescente, algo que, acrescentaríamos, constitui-se na transmissão de um legado intrinsecamente ético.

Para concluir, na sessão Temas Diversos, Simone Ravizzini e Talita Baldin estudam a interpretação psicanalítica, dentro dos desenvolvimentos de Lacan, a ser apresentada ao analisando de modo a produzir um *enunciado esclarecedor para o sujeito*, não caindo no *sedutor engodo pelo advento do sentido*, mas *despertando o sujeito para o reconhecimento das amarras às quais está aprisionado*.

Desejamos que tenham uma boa leitura!

Renato Moraes Lucas

Editor Chefe da *Revista de Psicanálise da SPPA*

Artigos

Ética e psicanálise

Altamirando Matos de Andrade Jr.¹, Rio de Janeiro

O autor busca discutir a relação entre ética e técnica psicanalítica, considerando que Freud, desde o início de seus estudos, já postulava uma ética para o trabalho psicanalítico. Nas cartas a Fliess e também no Projeto, este esboço de uma ética já era mencionado. Vários outros autores, entre eles Klein e Bion, também fundamentaram suas elaborações teórico-clínicas em uma ética baseada na busca da verdade inconsciente do paciente. O autor também especula que é da condição humana ouvir e ser ouvido. Portanto, Freud, ao escutar a queixa de suas pacientes, procurando entender o que se expressava através dos sintomas, da associação livre do paciente e da atenção flutuante do analista, estaria dando sentido a este encontro humano onde um escuta e o outro fala. O texto busca também discutir a origem da ética no homem através das ideias de alguns autores, tais como Chetrit-Vatine, Zwiebel e Nemas.

Palavras-chaves: Psicanálise; Ética; Técnica psicanalítica; Realidade psíquica

¹ Psicanalista, membro efetivo com funções específicas do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

Altamirando Matos de Andrade Jr.

A ética e alguns conceitos da psicanálise estão intensamente relacionados, e muitas vezes um é dependente do outro. Freud deu uma ampla importância à escuta do que lhe era apresentado pelos pacientes. Através dela, mudou de ideias e de concepções, além de reformular a sua teoria inicial, passando da sedução para a das fantasias que os pacientes apresentavam sobre suas vivências emocionais e, assim, construindo uma teoria psicanalítica baseada na observação do que experimentava na clínica. Em seu trabalho sobre *O amor de transferência* (1914/1969), ele descreve que a ética está nos fundamentos da técnica psicanalítica, afirmando que o princípio básico da psicanálise é a busca pela verdade do inconsciente do paciente.

Os princípios básicos da ética já estavam presentes nos textos iniciais de Freud (1950 [1895]/1977a), como, por exemplo, o seu texto *O projeto para uma psicologia científica*. Neste trabalho, ainda antes do estabelecimento dos conceitos básicos psicanalíticos, Freud, citado por Scarfone (2014), diz que: “*The initial helplessness of human beings is the primal source of all moral motives*”² (p. 422).

Nas cartas a Fliess (1950 [1897]/1977b), Freud fala de uma moral sexual civilizada e, ainda que só utilizasse este termo mais claramente em artigo posterior, a ideia embrionária já estava presente, como aconteceu ao longo de toda sua obra. Na carta a Fliess acima mencionada, Freud afirma: “o incesto é antissocial e a civilização consiste na renúncia progressiva ao mesmo” (p. 348). Com esta compreensão, creio que Freud estava estabelecendo princípios éticos básicos do funcionamento mental e social humanos. A construção da teoria psicanalítica foi calcada em uma ética, ou seja, a ética da busca da verdade ao longo de toda a obra e vida de Freud. Escutar e buscar compreender o paciente estabeleceu, assim, uma ética para a Psicanálise. Freud foi bem claro quanto a isto no texto *Linhas de progresso na terapia analítica* (1918 [1919]/1976a):

Recusamo-nos, da maneira mais enfática, a transformar um paciente, que se coloca em nossas mãos em busca de auxílio, em nossa propriedade privada, a decidir por ele o seu destino, a impor-lhe os nossos próprios ideais, e, com o orgulho de um Criador, a formá-lo à nossa própria imagem e verificar que isso é bom. (p. 178)

Etchegoyen acompanha Freud e afirma, em seu livro *Os fundamentos da técnica psicanalítica* (1987), que a ética é a base da técnica, e que aquilo que dá sentido à técnica é exatamente a sua raiz ética. A ética encontra-se de tal maneira imbricada na técnica psicanalítica que se torna difícil separar uma de outra.

² N.R.: “O desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primária de toda moralidade”. (Tradução livre)

Na primeira das seis conferências ministradas por Melanie Klein na Sociedade Britânica e posteriormente publicada por Steiner (2017), ela afirma:

A fundamental respect for the working of the mind and for human nature, which is implicit in all real insight into its laws and economy, also implies a true realization of our limitations, and yet at the same time is the only foundation for a true belief in the curative power of psychoanalysis³. (p. 31)

Vemos que as questões éticas de busca da verdade psíquica dos pacientes permeiam o trabalho dos nossos pioneiros, tais como Freud, Klein e outros, prosseguindo pelos dias atuais com Etchegoyen e muitos outros.

A primeira escrita que se tem conhecimento surgiu através dos sumérios na Mesopotâmia e chama-se escrita cuneiforme, sendo até hoje pouco compreendida. Em seguida, conhece-se a Pedra da Rosetta, a qual foi descoberta na campanha de Napoleão no Egito. Essa escrita – já bastante decifrada – é composta de três outras escritas, os hieróglifos, a Demótica, que é uma escrita egípcia antiga, e, por fim, o grego clássico.

Até onde se sabe, tais escritas informam os hábitos, os costumes, as cerimônias religiosas e outras características do viver dos povos antigos. Na escrita cuneiforme, inicialmente constavam informações sobre transações comerciais. O fato é que, desde sempre, os povos tem necessidade de informar seu tipo de vida, assim como seus hábitos, costumes e comportamentos. Foi assim na antiguidade, e foi assim com os astecas, maias e incas. Sempre o homem escreveu registros de seu cotidiano nas cavernas ou em pedras. Parece-nos, contudo, que algo diferente ocorreu com as pinturas e gravuras de cavernas francesas, as quais tinham um caráter mais religioso de evocação e conjuração.

Acredito que as escritas primordiais, bem como as inscrições nas cavernas, dão uma ideia dos aspectos comportamentais e éticos da vida destes povos. Ao escreverem dados do cotidiano, deixavam junto os registros dos hábitos, do comportamento e dos aspectos éticos. Pode-se pensar que estas escritas foram feitas para que não se perdesse a história e, também, para que não se perdesse o conhecimento do comportamento e das características vivenciais de seus cotidianos. Por outro lado, também sempre houve curiosidade humana sobre a história dos povos, o que levou às escavações aos e estudos sobre a vida na antiguidade. Podemos ainda especular que o homem deixa registros por que tem a intuição

³ N.R.: “Um respeito fundamental pelo trabalho da mente e pela natureza humana, implícito em toda visão real de suas leis e economia, também implica uma verdadeira realização de nossas limitações e, ao mesmo tempo, é a única base para uma crença verdadeira no poder curativo da psicanálise”. (Tradução livre)

Altamirando Matos de Andrade Jr.

de que outro homem irá encontrá-los, estabelecendo assim uma conexão e uma continuidade histórica. Através da literatura, a escrita permite o acesso às mentes de outras pessoas, mesmo que elas estejam mortas há muito tempo.

Faço estas citações sobre as escritas primordiais, permitindo-me uma pequena digressão, a fim de chamar atenção para os aspectos éticos presentes desde o início na comunicação humana e que também existem nas interações entre paciente e analista. A psicanálise propõe uma ética em relação à busca pela verdade do paciente, que apresenta ao analista sua realidade psíquica. Nesta interação, vemos algo muito semelhante ao descrito pelos povos primordiais, pois, no decorrer do processo analítico, entramos em contato com vivências, desejos, emoções, fantasias e sentimentos diversos em que, de uma certa forma, surge o funcionamento do paciente e a sua ética de participação e vivência no mundo. Acredito ser uma necessidade humana falar e ser ouvido, e isto não passou despercebido a Freud quando ele criou o método psicanalítico, postulando a atenção flutuante do analista e a associação livre do paciente como formas de tornar possível o processo analítico.

Sempre foi característica humana falar e necessitar ser ouvido, seja pela fala, seja pela escrita ou outra das diversas formas de expressão artística. Frequentamos museus, lemos livros, assistimos filmes e participamos de muitas formas de comunicação. Precisamos falar e precisamos de alguém que escute. Acredito que o falar e o escutar seja o que Freud compreendeu como algo ético, ou seja, escutar e cuidar do outro e também falar sobre o mundo psíquico dele. Freud era um estudioso dos textos antropológicos e arqueológicos que foram publicados em sua época, os quais descreviam os hábitos e o modo de vida dos povos da antiguidade, inclusive daqueles que criaram as primeiras escritas.

No livro *The mother tongue*, Bill Bryson (1990) descreve que uma das funções da linguagem é comunicar pensamentos e que alguns linguistas, dentre eles Noam Chomsky, afirmam existir uma capacidade inata para aprender línguas. Podemos pensar que o indivíduo nasce com um potencial inato para se comunicar pela linguagem e que, em certos casos, este potencial é desviado de suas funções, levando a dificuldades em expressar pensamentos ou até mesmo em organizar pensamentos de uma maneira clara.

A genialidade inicial de Freud consistiu em perceber esta característica humana, dando ouvidos às queixas das pacientes e tentando compreender o significado oculto dos sintomas. Posicionou-se diante delas com acuidade e paciência, o que lhe permitiu observar os fenômenos apresentados através dos sintomas históricos. Por meio de suas observações, foi capaz de conceituar as noções de inconsciente dinâmico, sexualidade como etiologia das neuroses, transferência, resistência, instintos e todo um arcabouço técnico para lidar com as manifestações

do inconsciente dinâmico. Muita pesquisa clínica coube a Freud, levando-o inicialmente a um isolamento científico, no qual, através de sua autoanálise, chegou à compreensão psicanalítica dos sonhos como via régia do inconsciente, à teoria do trauma e ao posterior abandono desta pela teoria da fantasia inconsciente.

Zwiebel (2019), citando Beauchamp & Childress, chama a atenção para valores éticos gerais e específicos da psicanálise:

In as far as psychoanalytic practice is therapeutic practice – (I'd like to call to mind Freud's package deal of exploration and healing- Forschen und Heilen) – psychoanalysts are subject to the generally accepted medico-ethical principles phrased by Beauchamp and Childress: Autonomy – The right for an individual to make his or her own choice; Beneficence – The principle of acting with the best interest of the other in mind; Non-maleficence – The principle that “above all, do no harm,” as stated in the Hippocratic Oath; Justice – A concept that emphasizes fairness and equality among individuals.⁴ (p. 1)

Considerações específicas da situação analítica, tais como trabalho com o inconsciente, atenção flutuante, associação livre, transferência, resistência, escuta, abstinência, *setting* e outros, colocam-nos em uma dimensão ética no que diz respeito à especificidade do fazer psicanalítico. Cada conceito técnico descrito acima apresenta uma série de considerações sobre o funcionamento da psicanálise e, mais especificamente ainda, do analista em questão.

Todas estas questões não só nos colocam diante do que seria possível ser considerado um trabalho psicanalítico, mas também apresentam sua contraparte, que seriam os eventos indesejáveis surgidos quando há uma quebra do enquadre, como desvios de conduta, incompetência do analista, violação de limites e fronteiras, erros do tratamento etc. A dimensão do relacionamento analista-paciente põe a dupla analítica em um mundo de sentimentos, sensações e experiências emocionais que precisam ser pensadas, sentidas e elaboradas em benefício do tratamento. O analista é o responsável por garantir o enquadre da situação analítica através da escuta e da compreensão dos fenômenos que surgem no campo. Qualquer quebra

⁴ N.R.: “Na medida em que a prática psicanalítica é uma prática terapêutica – (gostaria de lembrar o pacote de exploração e cura de Freud – Forschen und Heilen) –, os psicanalistas estão sujeitos aos princípios médico-éticos geralmente aceitos, expressos por Beauchamp e Childress: Autonomia – O direito de um indivíduo a fazer sua própria escolha; Beneficência – Princípio de agir tendo em vista o melhor do outro; Não maleficência – O princípio de que ‘acima de tudo, não faça mal’, conforme declarado no Juramento de Hipócrates; Justiça – Um conceito que enfatiza justiça e igualdade entre os indivíduos”. (Tradução livre)

Altamirando Matos de Andrade Jr.

destes princípios torna necessário o entendimento do ocorrido e o restabelecimento da relação analítica.

No entanto, quando quebras graves ocorrem, ainda mais se forem repetidas, e sendo estas de responsabilidade do analista, o processo analítico e o paciente se veem à deriva, vítimas de tais erros graves. Estas questões são delicadas e, além de sua compreensão dentro do campo analítico, também é necessário que sejam trabalhadas e escutadas por outros colegas que venham a compor um comitê de ética. Este visa a reparar danos causados ao paciente, à psicanálise e à profissão, assim como também permite que o analista possa encontrar meios de refletir sobre seu próprio funcionamento, abrindo possibilidade para reparações. Sabemos que danos causados por violações éticas aos pacientes também acarretam danos à profissão e à instituição a qual este psicanalista encontra-se ligado. Em uma instituição, a disseminação de rumores de violação ética por parte de um analista desencadeia angústias e sentimentos diversos, sendo necessário um trabalho de contenção e elaboração, mantendo a confidencialidade e a privacidade requeridas pelo caso. É um paradoxo difícil, pois, ao mesmo tempo em que é necessário elaborar os temas na instituição, também é importante preservar a privacidade dos envolvidos. O analista, sendo o guardião dos aspectos éticos, ao prevenir qualquer transgressão, também deve permitir que possíveis e inevitáveis erros e/ou transgressões sejam colocados em cena e trabalhados adequadamente. Este trabalho de elaboração sobre quebras éticas em uma instituição é o que originaria possíveis reparações. Se, por um lado, o analista funciona como quem deve prevenir, por outro não pode evitar o trabalho surgido a partir de eventuais erros. Talvez o divisor de águas esteja no grau, na intensidade e nas repetições dos aspectos transgressores de uma relação analítica. Sabemos que muitos erros ocorrem de maneira imperiosa, sem controle ou possibilidade de contenção pelo analista, devendo, portanto, serem pensados e/ou elaborados no contexto analítico e, por extensão, através de comitês de ética.

A construção da identidade analítica ocorre através de um vai e vem contínuo entre o que sentimos, o que somos e o que apreendemos. Entre os diversos autores e figuras importantes as quais tomamos como referência, construímos e desconstruímos romances familiares e, neste percurso, acabamos construindo uma identidade calcada também em valores éticos e em nossa experiência clínica. Estamos continuamente passando por um processo de elaboração de nossas ideias e modelos identificatórios, o que nos coloca em um longo processo de desenvolvimento de nossa própria identidade psicanalítica e, também, em uma formação analítica interminável.

O comprometimento do analista é com o seu paciente e com a psicanálise, fazendo com que o nosso foco seja a verdade do paciente, a sua realidade psíquica.

Disto surge a necessidade de confidencialidade e de proteção àquilo que nos é comunicado. No entanto, em alguns países existem exigências, por parte das autoridades jurídicas, sobre informações de pacientes sob julgamento e que o analista tem por obrigação legal informar. É uma questão difícil, eis que quebra o princípio ético do relacionamento analítico.

Crianças que sofrem abuso, o analista deve comunicar aos pais e/ou às autoridades jurídicas? Existem muitas ideias sobre o assunto, ideias estas que contemplam tanto a informação como o sigilo. Mas, quando uma sociedade exige que a informação é obrigatória, é essencial proteger a criança, ao passo que, quando esta decisão é posta nas mãos do analista, deve-se ter como princípio o que pode ser melhor para a criança e para o tratamento psicanalítico em curso. Estes são temas debatidos recentemente no Comitê de Ética da IPA, quando ocorreu uma discussão sobre a atualização do código de ética. Dou aqui este exemplo para mostrar como somos constantemente desafiados em nosso trabalho em relação aos princípios éticos, sejam tais desafios intrínsecos à situação analítica, sejam externos a ela.

Os princípios éticos não são uma condição inata, mas são construídos a partir do desenvolvimento do psiquismo humano, da necessidade de controlar a agressividade e as forças da natureza e, principalmente, da convivência social. Em outras palavras, é um processo a ser alcançado e desenvolvido. Antônio Damásio (2003), a partir de uma elaboração das ideias de Spinoza sobre ética, diz que ela é um produto da seleção natural do desenvolvimento do ser humano.

Viviane Chetrit-Vatine (2018) elaborou ideias interessantes e originais sobre a origem ética. A autora afirma:

The question of the psychoanalyst's ethics, that I define following Emanuel Levinas as 'Asymmetrical emotionally loaded responsibility for the other', is in my view intrinsically linked to the present conception of the psychoanalytic practice envisaged as an inter-human relationship. Contemporary humanity, after Shoah and in front of all the other crimes perpetrated by humanity against humanity, wounded by the events that have traversed it and continue to traverse it, is deeply destabilized by the gap between, on the one hand, its psychic means, and, on the other, the increasingly rapid development of technologies and of their impact on the modalities of 'dying', of 'giving life' and of 'living'. Our patients are suffering from difficulties related in one way or other to this state of facts.⁵ (p. 1)

⁵ N.R.: "A questão da ética do psicanalista, que defino seguindo Emanuel Levinas como 'responsabilidade assimétrica emocionalmente carregada em direção ao outro', está, em minha opinião, intrinsecamente ligada à presente concepção da prática psicanalítica vista como uma relação inter-humana. A humanidade contemporânea, depois de Shoah e diante de todos os outros crimes

Altamirando Matos de Andrade Jr.

Baseado nas ideias de Levinas e Laplanche, Chetrit-Vatine (2014) concebe uma nova hipótese sobre a origem da ética. Diz a autora:

But I see this human ethical capacity as primarily based upon the traces left in the new born and then, child's psyche 'zone of infinity' by the enigmatic-ethical messages proffered by the adults in charge of the infant and child's care (when I speak of the psyche zone of infinity I am referring to Rudy Vermote building on the late Bion). I propose that these traces will stay at the basis of the later identifications, working eventually as attractors of such identifications. These enigmatic-ethical messages, necessarily also compromised by the parents repressed sexual unconscious, are proffered during reiterated transformations occurring in the adult's psyche, following the ethical shock they are subjected to, when confronted with the violence provoked by the encounter with the child fragility, his/her entire dependency- and the hate it may incite (hate that I see as the expression of their sexual death drives) and also with the grandeur of its existence. As I allude before I have suggested that this adult ethical capacity is connected with the feminine maternal existing in any human subject and I have coined the result of this reiterated transformation 'a matricial space position'.⁶ (p. 4)

Em relação ao encontro analítico, a autora afirma que o encontro reiterado com os pacientes provoca e reativa no analista o mesmo tipo de fenômeno que ocorre com os pacientes, incitando neles, em conjunto com a sedução primária transferencial, uma *matricial space transference* (Chetrit-Vatine, 2004).⁷

cometidos pela humanidade contra ela mesma, ferida pelos incidentes que a atingiram e continuam a atingir, está profundamente desestabilizada pela lacuna entre, por um lado, seus meios psíquicos e, por outro lado, o desenvolvimento cada vez mais rápido das tecnologias e de seu impacto nas modalidades de 'morrer', de 'dar vida' e de 'viver'. Nossos pacientes estão sofrendo de dificuldades relacionadas, de uma forma ou de outra, à condição destes fatos". (Tradução livre)

⁶ N.R.: "Mas eu vejo essa capacidade ética humana baseada principalmente nos traços deixados no recém-nascido e na 'zona do infinito' da psique infantil pelas mensagens ético-enigmáticas expressadas pelos adultos encarregados do cuidado do bebê e da criança (quando falo da zona do infinito da psique, estou me referindo à Rudy Vermote, cujas elaborações baseiam-se nos trabalhos finais de Bion). Proponho que esses traços ficarão na base das identificações posteriores, funcionando eventualmente como atratores de tais identificações. Essas mensagens ético-enigmáticas, comprometidas pelo inconsciente sexual reprimido dos pais, são proferidas durante reiteradas transformações ocorridas na psique do adulto, seguindo o choque ético a que é submetida ao se deparar com a violência provocada pelo encontro com a fragilidade do filho, toda a sua dependência – e o ódio que pode incentivar (ódio que vejo como a expressão de sua pulsão de morte sexual) e também com a grandeza de sua existência. Como aludi antes, sugeri que esta capacidade ética adulta está conectada à existência materna feminina em qualquer sujeito humano e cunhei o resultado desta reiterada transformação como 'posição espacial matricial'". (Tradução livre)

⁷ N.R.: "Transferência espacial matricial". (Tradução livre)

As considerações de Chetrit-Vatine (2014) mostram que os princípios éticos vão muito além do pragmático conjunto de obrigações profissionais ou compromissos, levando-nos a entender a ética psicanalítica como se estivesse relacionada com algo enigmático e fundamental para a condição humana, ou seja, algo que se encontra na raiz de todo relacionamento humano.

Bion (1967) propõe-nos um modelo para a apreensão da realidade psíquica do paciente, que é o estado de sem memória, sem desejo e sem compreensão, modelo que permitiria o surgimento do material do paciente sem intromissão do analista e das suas expectativas. Esta postura preconizada por Bion oferece uma importante ideia sobre o papel ético do analista em relação ao seu paciente. É preciso investigar a realidade psíquica, mas não pode ser de qualquer maneira. Precisa-se ter uma disciplina ancorada em um estado de mente que possibilite esta investigação e que, ao mesmo tempo, esteja ancorada em uma postura ética de não intromissão e/ou manipulação do material inconsciente que emerge. São diversas as facetas éticas surgidas no trabalho analítico, e todas elas confirmam o que falei previamente a respeito da imbricação entre ética e técnica psicanalítica.

Além das considerações psicanalíticas, filosóficas e sociológicas da ética em relação à psicanálise, temos de encarar as violações éticas e os seus desdobramentos. Como disse acima, a violência de uma quebra ética por parte de um analista afeta o paciente e também a instituição. Existem diversos tipos de violência que provocam ou reacendem traumas, ainda que seja mais comum falarmos de violações sexuais entre analista e paciente, o que pode ser concreto ou insinuado, mas que leva a possíveis quebras na capacidade simbólica do paciente no momento em que torna concretas as fantasias que deveriam ser entendidas e sentidas como fantasias e não atuadas. Falamos em uma ética da verdade e também em uma ética da responsabilidade com o outro e, neste caso de violações sexuais, a responsabilidade não é só quebrada, mas atacada em seu valor intrínseco. Na verdade, existe uma inversão de valores, onde a ética é posta a serviço de alguém e não o contrário, quando alguém se adapta às condições éticas da profissão, da vida e da convivência entre os cidadãos. A ética não pode adaptar-se a uma profissão, mas esta profissão, sim, que deveria adaptar-se à ética.

Gabbard e Lester (1995) têm interessantes trabalhos e ideias sobre violações sexuais, e remeto os leitores a estes autores.

Em seu texto para o Webinar da IPA sobre Ética (2018), Howard Levine (2018) propõe que reuniões abertas na comunidade, onde os aspectos públicos da situação podem ser discutidos, são essenciais para o processo de elaboração de violações sexuais por parte do analista. Contudo, também afirma Levine que seria um processo delicado pela confidencialidade que envolve os fatos e os envolvidos,

Altamirando Matos de Andrade Jr.

mas reitera a necessidade de discutir e pensar dentro da instituição sobre o ocorrido a fim de encontrar possibilidades de esclarecer, tanto para os membros quanto para os profissionais de saúde mental, que suas considerações e queixas serão bem-vindas e que a integridade do processo analítico é levada em alta consideração.

Não podemos esquecer a exclamação de Goya: “*El sueño de la razón produce monstruos!*”⁸. Tampouco a de Shakespeare: “*Though this be madness, yet there is method in ’it*”⁹. Estas duas citações convidam-nos a refletir sobre a condição humana e sobre o que se passa na mente humana, dando uma ideia de que é possível acessar a loucura e os monstros produzidos nos sonhos. No entanto, fazer isto nos põe também em contato com uma ética de compreensão do humano.

Ainda quanto à questão da instituição, ela diz respeito aos candidatos, aos membros e a todos os envolvidos, mas também possibilita uma discussão sobre privacidade, sigilo e confidencialidade, fatores que estão no cerne de uma instituição psicanalítica. Clara Nemas (2019) é muito inteligente sobre estes aspectos em seu comentário a respeito do trabalho de Zweibel durante o Encontro de Diretores de Instituto no Congresso da IPA em Londres (2019):

*It touches upon the personal effect on the candidate of this difficult situation, but opens up a whole discussion about privacy, secrecy and confidentiality in the intimacy of a psychoanalytic institution. I emphasise still another aspect, which I think could be considered as part of the analytic attitude, which is the quality of discretion. This is something analysts sometimes don't take into account in their everyday exchanges: I knew through a patient that...I know this from the couch... I am not sure there is enough reflection on this, as it does not take into account the premise that what the patient tells the analyst needs to be considered as material and not as facts. Do we promote this kind of awareness among our candidates? And among ourselves?*¹⁰ (p. 3)

Os relacionamentos entre analistas e entre estes e os candidatos na instituição é um verdadeiro desafio aos princípios éticos, pois precisamos ensinar, avaliar,

⁸ N.R.: “O sonho da razão produz monstros”. (Tradução livre)

⁹ N.R.: “Embora seja uma loucura, ainda assim há um método nisso”. (Tradução livre)

¹⁰ N.R.: “Aborda o efeito pessoal no candidato desta difícil situação, mas abre toda uma discussão sobre privacidade, sigilo e confidencialidade na intimidade de uma instituição psicanalítica. Ênfase ainda outro aspecto, que acho que poderia ser considerado parte da atitude analítica, que é a discrição. Isso é algo que os analistas às vezes não levam em conta em suas trocas cotidianas: Eu soube por um paciente que... eu sei disso do divã... Não tenho certeza se existe reflexão suficiente sobre isso, já que não se leva em conta a ideia de que o que o paciente diz ao analista precisa ser considerado material e não fatos. Promovemos esse tipo de conscientização entre nossos candidatos? E entre nós?”. (Tradução livre)

selecionar, supervisionar e, ao mesmo tempo, tratar. São paradoxos que necessitam ser levados em conta a fim de se manter uma ética que não empobreça as relações importantes para o desenvolvimento da instituição e das formações analíticas, mas também não gere confusões entre diferenças e assimetrias existentes. Assimetrias que não são necessariamente verticais, mas, ainda assim, são assimetrias.

Não é à toa que Freud (1925/1976b, 1937/1975) disse que a psicanálise era uma profissão impossível, ao lado de educar e de governar. Freud considerava que são necessárias e fundamentais, mas também são profissões que sempre vão trazer a ideia implícita de uma não satisfação total.

Muitos analistas descrevem o mundo atual como sendo um lugar acelerado, sem tempo necessário para refletir, para pensar e até mesmo para ter relacionamentos analíticos longos. Estas questões apresentam uma série de desafios, tais como a diminuição de busca por análise em muitos países, ou o problema de envelhecimento dos analistas, ou ainda os problemas financeiros que assolam certas sociedades. Temos que pensar em como encarar e resolver estas questões sem perdermos a especificidade do método psicanalítico, o que é um grande desafio. Ser ético com os pacientes é ser ético com a Psicanálise, uma vez que temos o compromisso com seus princípios e com a transmissão da psicanálise para as gerações futuras.

Charles Baekland (2018), no site *Consulta Baekeland – Psychoanalyst in Madrid*, afirma:

*Psychoanalysis also has a social responsibility to spread the knowledge it has gained about human emotional functioning to the greater community. For instance, no matter how many areas of life are accelerating in the West thanks to technological progress, there are human timeframes that must be respected: the time to raise children, the time to learn, the time to work through and resolve emotional suffering deeply and durably. Not everything in the life of a human being can be accelerated.*¹¹ (p.1)

Esta afirmação de Beakland demonstra que certas particularidades da psicanálise chocam-se com aquilo que muitas vezes é descrito como fazendo parte dos tempos atuais, sendo preciso refletir e buscar soluções sem perder de vista a realidade externa ou a realidade psíquica dos pacientes. Trabalhamos muitas vezes

¹¹ N.R.: “A psicanálise também tem a responsabilidade social de espalhar para a comunidade em geral o conhecimento adquirido sobre o funcionamento emocional humano. Por exemplo, não importa quantas áreas da vida estejam se acelerando no Ocidente graças ao progresso tecnológico, há etapas do ser humano que devem ser respeitadas: o momento de criar os filhos, de aprender, de trabalhar e de resolver o sofrimento emocional de uma maneira profunda para que seja duradouro. Nem tudo na vida do ser humano pode ser acelerado”. (Tradução livre)

Altamirando Matos de Andrade Jr.

no fio da navalha, mas devemos seguir buscando meios de desenvolvimento do trabalho nos diversos contextos sociais.

Freud era um intelectual, um homem impregnado de cultura. Acredito que possamos inclusive considerá-lo como um representante da própria cultura, uma vez que, graças à sua intensa acuidade intelectual e comprometimento, seus trabalhos tornaram-se fontes de citações para escritores, filósofos, artistas e outras pessoas da área cultural. Viveu plenamente seu tempo, e sempre esteve conectado com a realidade social em que estava inserido. Não transigiu dos seus princípios, aceitou os desafios e sofreu com as críticas e com os ataques que vinham tanto de fora quanto de dentro da psicanálise. Manteve-se fiel aos seus princípios e àquilo que acreditava ser a verdade psíquica dos seus pacientes. Construiu a psicanálise inicialmente através de sua autoanálise. Analisou os próprios sonhos e sintomas, dividindo esta tarefa com seu amigo Fliess através de inúmeras cartas. Verdadeiro tributo à ética psicanalítica! Este grande legado que nós recebemos constitui-se em um patrimônio a ser transmitido às futuras gerações, mantendo os princípios éticos e psicanalíticos da obra e da vida de Freud.

Mais acima comentei sobre os desafios que temos em nosso exercício diário da psicanálise, e agora darei um pequeno exemplo deste desafio. Este exemplo foi apresentado por mim no IPA Webinar *On ethics in psychoanalytic practice* em 2018 (Andrade Jr., 2018):

Uma paciente estrangeira mudou-se para o nosso país a fim de acompanhar o marido no novo trabalho dele. No seu país, ela fazia análise e, quando chegou aqui, solicitou uma entrevista e reiniciou a análise. Iniciamos com quatro sessões semanais. Logo me avisou que, em seu país, ela era nobre, pertencendo aos altos extratos sociais, e que, devido a isto, estava acostumada a ser tratada como tal. Portanto, eu deveria me dirigir a ela de modo reverente e formal, de acordo com os princípios de sua cultura.

Eu não poderia perturbá-la ou mesmo lhe dizer coisas desagradáveis. Percebi que a paciente, durante toda a sua vida, tinha sido tratada de uma maneira em que não poderia ser contrariada ou levada a encarar problemas pessoais ou familiares. No início do tratamento, foi difícil interpretar o material trazido porque a paciente considerava que eu não estava sendo respeitoso e que deveria seguir os princípios de sua cultura e nobreza para estar em sintonia com ela. Embora tal comportamento fosse um modo de me comunicar seu funcionamento mental, a paciente também estava de acordo com os próprios padrões culturais dentro e fora do consultório, o que lhe causava uma série de desconfortos em seu meio ambiente social. Tentando trabalhar aos poucos toda esta situação com a paciente, chegamos à compreensão que ela estava imersa em sua cultura e sofrendo

bastante por estar numa cultura diferente, ainda mais por estar fazendo análise com alguém muito estranho a ela. Tudo isto lhe causava um sofrimento enorme e um sentimento de vergonha que a fazia se desesperar.

Embora eu pudesse, muitas vezes, entender e respeitar as diferenças culturais entre nós, a situação era que ela usava a própria cultura para não me permitir tocá-la, chegar próximo. Tudo foi muito difícil até o momento em que foi possível ajudá-la a pensar sobre si mesma, aceitando que eu não era seu vassalo, conforme tinha sido mencionado por ela ao longo das sessões.

A questão que surgiu para mim era como trabalhar os aspectos da vida mental da paciente, comunicados por fantasias, vivências pessoais e culturais, e, ao mesmo tempo, preservar o respeito pela sua cultura. Para se manter em uma postura ética, o analista deve comunicar ao paciente a sua verdade psíquica, percebida através do vínculo transferencial-contratransferencial, e também deve ser capaz de compreender como esta comunicação precisa ocorrer. No caso em questão, eu pensava que, ao interpretar o que percebia, muitas vezes parecia que entrava em choque com a sua cultura e, principalmente, com a maneira por meio da qual a paciente organizou as próprias vivências emocionais através de sua cultura. Percebia que era necessário respeitar seus preceitos culturais e éticos, mas também devia interpretar aquilo que era percebido por mim.

Como disse acima, aos poucos fomos construindo uma narrativa e um modo de comunicação através do qual eu reconhecia as suas vivências e exigências culturais, mas também acrescentava uma compreensão do que eu percebia. No entanto, durante muito tempo ficou para mim que eu deveria respeitar a cultura da paciente como um imperativo ético, ainda que, a princípio, eu não conseguisse mostrar para ela aquilo que compreendia a seu respeito.

Este é um exemplo dentre muitos, e que serve para ilustrar os possíveis problemas éticos e técnicos com os quais nos deparamos no trabalho analítico, colocando-nos na posição de mantermos a nossa postura psicanalítica, independente dos desafios e problemas que possamos encontrar. □

Abstract

Ethics and psychoanalysis

The author seeks to discuss the relationship between ethics and psychoanalytic technique, considering that Freud, since the beginning of his studies, already postulated an ethics for psychoanalytic work. In the letters to Fliess and also in the Project, an outline of ethics was already mentioned. Several other authors, including

Altamirando Matos de Andrade Jr.

Klein and Bion, also based their theoretical-clinical elaborations on an ethics based on the search for unconscious truth of the patient. The author also speculates that it is proper of the human condition to hear and be heard. Therefore, Freud, while listening his patient's complaints, trying to understand what was expressed through symptoms, the free association of the patient and the fluctuating attention of the analyst, was giving meaning to this human encounter where one listens and the other speaks. The paper also seeks to discuss the origin of ethics through the ideas of some authors, such as Chetrit-Vatine, Zwiebel and Nemas.

Keywords: Psychoanalysis; Ethics; Psychoanalytic technique; *Psychic reality*

Resumen

Ética y psicoanálisis

El autor busca discutir em su texto la relación entre ética e técnica psicoanalítica considerando que Freud, desde el inicio de sus estudios, ya postuló una ética para el trabajo psicoanalítico. En las cartas a Fliess y también en el Proyecto, ya se mencionaba este esquema de una ética. Varios otros autores, incluido Klein y Bion, también basan sus elaboraciones teórico-clínicas en una ética basada en la búsqueda de la verdad inconsciente del paciente. El autor también piensa que la condición humana de escuchar y ser escuchado. Por tanto, Freud, escuchando la queja de sus pacientes, tratando de comprender lo que se expresa a través de los síntomas, de la libre asociación del paciente y la atención flotante del analista, estaría dando sentido a este encuentro humano donde uno escucha y el otro habla. El texto también busca discutir el origen de la ética en el hombre a través de las ideas de algunos autores como Chetrit-Vatine, Zwiebel e Nemas.

Palabras clave: Psicoanálisis; Ética; Técnica psicoanalítica; Realidad psíquica

Referências

- Andrade Jr., A.M. (2018). Ethics principles with patients. *Paper presented to the IPA Webinar on Ethics in Psychoanalytic Practice, London 2018.*
- Baekeland, C. (2018). Consulta Baekeland - Psychoanalyst in Madrid. Recuperado de <https://www.consultabaekeland.com>
- Bion, W.R. (1967). Notes on memory and desire. *The Psychoanalytic Forum*, 2: 272-273, 279-290.

- Bryson, B. (1990). *The mother tongue. English and how it got that way*. New York: William Morrow.
- Chetrit-Vatine, V. (2004). Primal seduction, maternal space and asymmetry in the psychoanalytical encounter. *The International Journal of Psychoanalysis*, 85(4), 841-846.
- Chetrit-Vatine, V. (2014). *The ethical seduction of the analytical encounter: the feminine-maternal origins of responsibility for the other*. London: Karnac/IPA Publication.
- Chetrit-Vatine, V. (2018). The asymmetrical emotionally loaded responsibility for the other: the analyst's matricial space position. *Paper presented to the IPA Webinar on Ethics in Psychoanalytic Practice, London 2018*.
- Damasio, A. (2003). *Looking for Spinoza: joy, sorrow, and the feeling brain*. San Diego: Harcourt Trade/London: Harvest Books.
- Etchegoyen, R.H. (1987). *Fundamentos da técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freud, S. (1969). Observações sobre o amor transferencial. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1975). Análise terminável e interminável. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol.23, pp.241-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (1976a) Linhas de progresso a terapia psicanalítica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em [1918] 1919)
- Freud, S. (1976b). Prefácio à 'Juventude desorientada', de Aichhorn. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.19, pp. 339-343). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (1977a). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 387-529). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950 [1895])
- Freud, S. (1977b). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. I, pp. 243-380). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950 [1897])
- Gabbard, G.O. & Lester, E.P. (1995). *Boundaries and boundary Violations in psychoanalysis*. New York: Basic Books.
- Levine, H.B. (2018). Analyst-patient sexual boundary violations: individuals, institution and the general public. *Paper presented to the IPA Webinar on Ethics in Psychoanalytic Practice, London 2018*.
- Nemas, C. (2019). Discussion of the paper by Dr. Ralf Zwiebel 'How to face ethics issues in training societies and institutes'. *DOT – Meeting -IPAC London 2019*.
- Scarfone, D. (2014). *Preface: Chetrit-Vatine V. The ethical seduction of the analytic situation*. London: Karnac/IPA Publication.
- Steiner, J. (Ed.) (2017). *Lectures on technique by Melanie Klein*. London: Routledge.

Altamirando Matos de Andrade Jr.

Zwiebel, R. (2019). How to face ethics issues in training societies and institutes. *Paper presented for discussion at the Director of Training Institutes Meeting in the IPA London Congress, 2019.*

Recebido em 31/08/2020

Aceito em 16/11/2020

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

Altamirando de Andrade

Rua Jardim Botânico, 674/617

Jardim Botânico

22461-000 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

altandr@msn.com

© Revista de Psicanálise da SPPA

Uma revisita ao desejo do psicanalista em *O banquete de Platão*, segundo o legado de Freud e Lacan

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato¹, Cuiabá
Elia Rigotto Lazzarini², Brasília

*Objetivamos compreender o termo desejo do psicanalista enquanto direção ética da psicanálise. Para isso, o texto partirá de contribuições da conceituação do termo desejo em Freud como introdução ao termo desejo do psicanalista nomeado por Lacan, lugar esvaziado de intenções pessoais e de promessas de felicidade ao seu analisante. Ao longo do trabalho, serão revisitados alguns pontos essenciais da clássica obra literária *O banquete de Platão* de acordo com Lacan, destacando a relação de Sócrates e Alcibíades como possibilidade de contraponto da práxis psicanalítica. Em uma correlação com essa práxis, Sócrates foi colocado no lugar de objeto perdido, objeto agalmático para Alcibíades, ocupando um lugar de objeto na transferência do amor depositado por este último. Diante da sua sustentação e do desejo de não ceder ao discurso sedutor deste participante, Sócrates relança-o ao seu próprio desejo, tal como é recomendado a um psicanalista na condução de um tratamento. Finalmente, esse exemplo irá nos levar a uma reflexão quanto ao rigor ético da psicanálise como norteadora do desejo do psicanalista.*

Palavras-chaves: *Desejo; O banquete de Platão; Desejo do psicanalista; Objeto perdido; Ética da psicanálise*

¹ Psicanalista. Doutoranda pela Universidade de Brasília (UnB).

² Professora do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília (UnB). Pós-doutora *Université Sorbonne Paris 13*.

Introdução

Ao adentrarmos no campo da clínica psicanalítica, não podemos dizer que o trabalho de um psicanalista deva ser reduzido à lógica de um manual com regras estabelecidas para simplesmente operar uma técnica, pois a direção desse trabalho nos convida a ir além disso, em especial devido a desdobramentos éticos próprios e inerentes à técnica psicanalítica. Freud (1911-1915 [1914]/1969b) foi o criador de uma técnica de outra ordem, com outro funcionamento e avessa à lógica médica há mais de 100 anos. Ele escreveu artigos sobre técnica psicanalítica em forma de recomendações, nas quais considerou a posição ocupada pelo psicanalista como fundamental ao tratamento. A sua descoberta do inconsciente inaugurou uma nova posição para aquele que conduzia um tratamento terapêutico, o lugar do psicanalista, o qual passou a ser revolucionário em relação à clínica médica clássica.

Corroborando a posição freudiana sobre a estruturação e a constituição da clínica psicanalítica, Dunker (2011) esclarece a diferença da condução terapêutica entre a técnica em medicina e a técnica em psicanálise. Para o autor, a primeira é um conjunto de táticas e estratégias praticadas pelo médico, fundamentadas na confiança de seus pacientes e reproduzidas de maneira exata, tanto pelo conhecimento responsável por estruturá-las quanto pelas respostas que são alcançadas. No que se refere à técnica psicanalítica, ela também se baseia na confiança de seus pacientes, mas é uma técnica diferenciada. De acordo com Dunker (2011), é uma técnica que se submete à elaboração de conceitos e organização próprios, diferente de um método operacional repetitivo, pois um psicanalista não abordará seus pacientes baseando-se em protocolos padronizados, subvertendo, com isso, os princípios da clínica médica que a originou.

Kehl (2009) acrescenta que o alcance ético da virada da proposição freudiana ocorreu quando ele se afastou da parceria médica com Breuer em suas investigações. O rompimento do tratamento por Breuer de sua paciente, relatado em *Estudos sobre a histeria* (1895 [1893]/1969a), foi devido ao equívoco dele de tomar para si, como pessoa, o amor depositado por esta paciente, Anna O., e não por sua função como médico. Essa experiência clínica permitiu a Freud, em contribuições posteriores àquelas feitas pelo seu amigo, avançar na técnica na clínica psicanalítica, descobrindo a influência de um psicanalista frente ao investimento de amor do paciente dedicado a ele. Freud nomeou esse fenômeno de “transferência” (1912/1969), considerada o cerne do tratamento psicanalítico, no qual o sucesso de um caso terapêutico irá depender da capacidade de abstenção pessoal do psicanalista. Para Kehl (2009), as histéricas foram responsáveis pela

fundação da psicanálise e proporcionaram a Freud o seu lugar enquanto psicanalista, não sendo simplesmente este um lugar, mas um desafio ético na direção de um tratamento.

A novidade inaugurada pela psicanálise é um outro funcionamento em relação àquele que conduz o tratamento, tornando-a distinta dos outros campos do saber. De acordo com Dunker (2011), no cerne da técnica terapêutica está algo que não se refere mais à técnica propriamente, e sim “está o desejo do analista e a produção da verdade” (p. 473). Freud (1911-1915 [1914]/1969b) é enfático em seus artigos ao dizer para o psicanalista que este deve trabalhar as suas resistências pessoais, destituir-se do próprio Eu e abrir mão de julgamentos e pré-concepções, tudo para que o seu inconsciente esteja voltado à escuta do inconsciente do paciente. Essa posição de escuta, inovada por Freud, possibilita ao paciente falar de si, trabalhar seus conteúdos e avançar no processo analítico. Para Freud, o analista desvestido desse lugar de saber/poder permite ao analisante associar livremente.

Lacan (1958/1998) faz uso de princípios como elementos norteadores para a direção do tratamento, princípios estes que fazem o psicanalista pagar um preço ao exercer sua função: paga com palavras, com a sua pessoa e com o seu ser. Para o autor, o trabalho da clínica implica na travessia do percurso do psicanalista como psicanalisante, de maneira que submeta a experiência do inconsciente primeiramente em si mesmo. Ao longo de sua obra, ele sustenta o posicionamento freudiano, considerando que o psicanalista estará mais seguro da própria ação se estiver menos ancorado em seu ser enquanto pessoa.

O psicanalista não deixa de desejar, mas, de acordo com Cottet (1989) e Dunker (2011), a sua posição está intrinsecamente relacionada à própria função, ao desejo do psicanalista como operante, termo nomeado por Lacan em 1960. Conforme os autores, se um médico emprega as técnicas sem desejar, isso não afeta seu fazer enquanto clínico; se um analista o fizer sem o *desejo do psicanalista*, ele simplesmente não estará fazendo psicanálise, mas outra coisa qualquer. Suas contribuições são fundamentadas por Lacan (1959-1960/2008), para quem o desejo do psicanalista está articulado a uma direção ética psicanalítica que se apresenta de outra maneira e tem outra direção, dissociada de imperativos sociais morais sobre o bem e a felicidade comum. Rabinovich (2000) corrobora Lacan ao afirmar que o termo desejo do psicanalista implica em uma ética psicanalítica própria, fazendo-a acreditar que o desejo do psicanalista, a ética psicanalítica e o compromisso ético do psicanalista devam ser pensados e articulados entre si e na mesma direção.

Este é o objetivo do presente trabalho: compreender o termo, desejo do psicanalista, enquanto direção ética psicanalítica. O termo supracitado foi uma criação exclusivamente lacaniana, mas já estava presente ao longo de toda a obra

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Eliana Rigotto Lazzarini

freudiana. Para isso, partiremos de algumas contribuições da conceituação de desejo em Freud, para então desdobrá-lo no lugar a ser ocupado pelo psicanalista destituído de sua subjetividade, lugar de causa do desejo para o psicanalisante, o qual também será nomeado por Lacan, um pouco mais tarde, como desejo do psicanalista. Propomos que esse termo seja compreendido à luz de *O banquete* de Platão – clássica referência literária – por meio da análise dos comentários feitos por Lacan sobre a obra. Nesta análise, pretendemos dar ênfase em algumas partes, bem como destacar a relação entre Sócrates e Alcibíades, pois essa relação foi tomada como referência e como reflexão para a *práxis* psicanalítica.

O discurso e a posição *agalmática* de Sócrates, de não ceder ao discurso amoroso e sedutor de Alcibíades, levaram Lacan a conceituar o lugar de *objeto perdido* enquanto sustentação do desejo do psicanalista. Essa relação nos permitirá refletir sobre o posicionamento de um psicanalista frente à condução de um tratamento, tal como esclareceu Lacan, seguindo na direção da descoberta do desejo do psicanalista, segundo Rabinovich (2000). Com o presente trabalho, procuramos demonstrar como o legado de Freud e Lacan, a partir deste lugar de desejo do psicanalista e sustentado pela ética psicanalítica, tem avançado cientificamente nessa travessia há mais de 100 anos, destacando-se de outros campos de saber.

1. No começo está o desejo...

Nosso ponto de partida será esclarecer o termo desejo em Freud, um dos pilares ao longo de sua construção da teoria e clínica psicanalítica, assim como essencial ao nosso primeiro passo rumo à compreensão do termo desejo do psicanalista. De acordo com Roudinesco (1998), três palavras podem atribuir a noção de desejo em alemão, *Begierde*, *Lust* e *Wunsch*, ao passo que no espanhol e no francês só temos um termo: *Deseo* e *Désir*. Para a autora, a palavra desejo já fazia parte de um percurso na história da filosofia ocidental, de Spinoza até Hegel, porém a palavra utilizada era *Begierde* (desejo), com a ideia de cobiça e de necessidade expressas pela consciência do eu, sendo que esta consciência só poderia ser adquirida por meio do reconhecimento do outro, como um movimento circular que finaliza por retornar sempre ao ponto de partida, de maneira satisfatória.

Essa perspectiva filosófica é avessa à perspectiva freudiana sobre o conceito de desejo, a qual considera o *Wunsch* (desejo) como voto ou anseio de maneira inconsciente (Roudinesco, 1998). Segundo a autora, o desejo tende a se satisfazer, *Wunschfullung* (satisfação do desejo), e, por vezes, também pode se realizar, *Wunschbefriedigung* (realização do desejo). Isso pode ser ilustrado pela concepção

do sonho em Freud, visto como a realização de um desejo recalcado e inconsciente, enquanto a fantasia pode se apresentar de forma alucinatória, como uma tentativa de expressar o desejo.

O termo desejo foi trabalhado por Freud em uma de suas primeiras obras, o *Projeto para uma psicologia científica*, na época em que o autor ainda tinha o intuito de transformar a psicologia em ciência natural, de maneira que os estados psíquicos fossem determinados quantitativamente. De acordo com uma nota do editor inglês, Freud (1956 [1886]/1987a) encontrava-se em transição da neurologia para a psicopatologia, período em que podemos ver a sua escrita bem caracterizada pelos termos médicos técnicos e diferenciada de momentos posteriores. Para compreender a estrutura, o desenvolvimento e as funções dos neurônios, Freud fundamentou-se no “princípio da constância” (Freud, 1950 [1895]/1987b, p. 316) de Fechner, levantando a hipótese de que o aparelho psíquico seria equiparado a um aparelho reflexo, cujo destino era manter-se isento de qualquer excitação que lhe fosse atribuída.

Freud (1950 [1895]/1987b) aponta que o desejo é um estado oriundo da experiência de satisfação e, ao discorrer sobre essa experiência, o autor compreendia que, em um primeiro momento, a excitação dos neurônios teria como objetivo a liberação ou o alívio de uma tensão que necessitava ser descarregada pela via corporal. Para ele, uma alteração interna, tal como a expressão das emoções, o grito do bebê em um estado de desamparo inicial, seria a primeira via a ser percorrida. No entanto, nenhuma descarga poderia resultar em alívio sem a intervenção de um estímulo externo. Conforme o autor, “O organismo humano é, a princípio, incapaz de executar essa ação específica” (p. 336). A ajuda alheia – que ele denomina como uma pessoa experiente, a mãe ou outra pessoa tida como referência – viria em socorro da criança (fornecendo alimento, aproximando-se do objeto sexual, por exemplo) para que o organismo pudesse abolir a sua tensão. A totalidade desse evento foi nomeada por Freud como “experiência de satisfação” (p. 336).

Mais adiante, em *A interpretação dos sonhos*, Freud (1900-1901/1987c) elucida o termo desejo como resultante dessa *experiência de satisfação*. Segundo ele, uma percepção específica como a nutrição gera uma imagem mnêmica responsável pela associação ao traço mnêmico da excitação que fora produzida pela necessidade. Para o autor, a partir dessa associação estabelecida, na próxima vez em que surgisse a necessidade, uma moção psíquica teria como interesse investir novamente na imagem de percepção, cujo intuito é a sua produção na tentativa de resgate da primeira satisfação. Segundo Freud, essa moção psíquica “é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo” (Freud, 1900-1901/1987c, p. 516). Em complemento, “o caminho mais curto para

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Eliana Rigotto Lazzarini

essa realização é a via conduzida diretamente da excitação produzida pelo desejo para uma completa catexia da percepção” (p. 516).

Essa moção psíquica surgida a partir da necessidade instauradora do próprio desejo está articulada com a elaboração freudiana sobre a sexualidade. Segundo Laplanche e Pontalis (1988), nada da ordem da realização do desejo se efetiva se não houver a pulsão envolvida. Ao falar dessa energia da pulsão sexual, em *As pulsões e suas vicissitudes* (1915/1974a), Freud retoma a diferenciação entre os conceitos de instinto e pulsão, porém de maneira mais elaborada. Nesse cenário, a pulsão é “um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originaram dentro do organismo e alcançam a mente” (Freud, 1915/1974a, p. 142). Conforme aponta o autor, há um investimento pulsional, de ordem sexual e não puramente de ordem biológica, como o instinto, na busca pela satisfação da necessidade. Podemos dizer que a questão da sexualidade e a pulsão estão intimamente relacionadas com o termo desejo. Essa moção psíquica, esse corpo pulsional, opera a serviço do desejo freudiano ou para a pulsão, e é justamente no desejo que consiste a sua possibilidade de funcionamento.

Ao retomar a descrição sobre a *experiência de satisfação* em seu caminho de busca da realização do desejo, Freud, em *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900-1901/1987c), expôs como objetivo dessa primeira atividade psíquica reproduzir “uma identidade perceptiva – uma repetição da percepção vinculada à satisfação da necessidade” (p. 516). É a propensão ou força pulsional que impulsiona esse trajeto de repetição. Para ele, o bebê que chupa o bico da mamadeira é quem alucina que está mamando no peito da mãe. O desejar é substituído pela alucinação frente às exigências da vida, isso porque ele afirma que essa atividade primitiva de pensamento fora substituída por outra que também pudesse se adequar. De acordo com Freud, isso ocorre quando há a satisfação e a necessidade permanece, uma vez que o objeto desejado não é encontrado. Garcia-Roza (1985) corrobora Freud ao apontar que essa atividade primitiva inicial constrói uma memória mnêmica “obtida pelo caminho da regressão conduzindo à decepção, pois o objeto é alucinado e não real, persistindo, portanto, o estado de necessidade” (p. 88). A partir disso, podemos dizer que, no lugar da satisfação, permanece o desejo insatisfeito, decepcionado e não realizado, insistindo de forma alucinatoria em busca de uma possibilidade de satisfação parcial.

Para Freud (1920/1976), existe a substituição de um processo primário do funcionamento psíquico, cuja função é realizar o desejo por meio de um caminho regressivo, o qual é influenciado pelo princípio do prazer. Nesse cenário, o princípio do prazer faz parte de um método primário do funcionamento mental. Segundo o

Uma revisita ao desejo do psicanalista em *O banquete* de Platão, segundo o legado de Freud e ...

autor, a pulsão de conservação do Eu frente às dificuldades do mundo externo é, desde o primeiro momento, inadequada ao seu objetivo. Com isso, Freud expôs que esse princípio do prazer é substituído pelo princípio de realidade, uma vez que o primeiro torna-se impossível de ser satisfeito. Dessa forma, podemos dizer que o princípio de realidade não deixa de levar em consideração a busca de prazer, mas é efetuado através de um longo e tortuoso caminho, abandonando várias opções, além de apresentar uma certa tolerância temporária do desprazer. Em outras palavras, as tentativas alucinadas para realizar o desejo, mesmo que de forma desprazerosa e parcial, denunciam que esse objeto do desejo, para Freud, revela a falta de algo em seu cerne.

Ao descrevermos algumas noções sobre o desejo em Freud, estamos constantemente nos referindo ao campo da falta. Freud nos trouxe indícios, a partir da *experiência de satisfação*, que o objeto está sempre relacionado a uma dimensão de falta, colocando-nos desejantes, em uma busca alucinada por sensações e objetos diversos, tentando resgatar essa satisfação obtida com um primeiro objeto em nossas vidas. Descrever o desejo, esse lugar da falta, é um primeiro passo para a nossa compreensão do desejo do psicanalista. Podemos pensar que o psicanalista deseja, sim, não como pessoa em um *setting* analítico, mas como função – a função de psicanalisar, de acordo com Freud em seus artigos sobre técnica (1911-1915 [1914]/1969b). Ele escreve em forma de recomendações aos que desejam sustentar o lugar enquanto psicanalistas, advertindo-os para que se submetam primeiramente ao trabalho da própria análise, um trabalho de esvaziamento contínuo do seu ser enquanto pessoa, desejando sustentar um lugar de falta-a-ser nomeado por Lacan em 1958/1998, lugar de causa do desejo para o seu psicanalisante. Isto será melhor descrito no tópico seguinte, à luz de *O banquete* de Platão e também nos nossos comentários sobre a análise lacaniana dessa obra, que se tornou uma referência para a descoberta do desejo do psicanalista (Rabinovich, 2000).

2. O desejo do psicanalista em comentários a respeito da análise lacaniana sobre *O banquete*, de Platão, e o seu desfiladeiro na ironia socrática

O discurso de Sócrates em *O banquete* foi um exemplo encantador e paradigmático. Tão encantador que, segundo Lacan (1960-1961/1992), por meio dos testemunhos dos convivas em *O banquete*, foi considerado apaixonante e especial, introduzindo um discurso novo e subvertendo o método sofisticado da época. Para Lacan, o método socrático chamava a atenção por manter seus

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Eliana Rigotto Lazzarini

ouvintes capturados, deixando-os entusiasmados e deslumbrados com o discurso, o que o levou a fazer uma análise minuciosa da relação de amor entre Alcibiades e Sócrates em seu seminário *A transferência* de 1960-1961. Entretanto, não será nosso foco aqui comentar a relação de amor entre eles da forma que Lacan fez, mas pretendemos ilustrar e refletir sobre o posicionamento socrático nessa relação, como um lugar de causa do desejo e de provocação, um lugar que causa reviravolta no discurso de Alcibiades, além de fundamentar a nossa trilha rumo à compreensão sobre o que vem a ser o desejo do psicanalista.

Jaeger (1995) afirma que os sofistas acreditavam no poder das palavras e procuravam fazer uso delas para influenciar as pessoas, diferentemente do método socrático, o qual, a partir de seu posicionamento de “não saber” (p. 511), fazia com que as pessoas chegassem a conhecimentos verdadeiros a respeito de si mesmas por meio de conceitos que já sabiam. Sócrates considerava-se como não detentor do conhecimento, interpelando os discursos e saberes de maneira dialógica-dialética. Para Jaeger (1995), Sócrates foi o “fundador da filosofia especulativa, como a personificação desta” (p. 510). O discurso irônico de Sócrates, uma das maneiras estratégicas que ele usava para dialogar com as pessoas, de acordo com Rocha e Silva (2018), foi o cerne do seu pensamento filosófico. Segundo os autores, esse discurso pode ser tomado de forma ambígua em sua interpretação: o primeiro sentido seria um menosprezo ou uma maneira debochada para abordar as pessoas; em um segundo sentido, o mais utilizado por Sócrates, era um método com intuito dialógico, em que Sócrates lançava questões para saber o que as pessoas sabiam, fazendo com que elas, ao tentarem defender as suas opiniões, pudessem notar a limitação, a contradição de seus argumentos e a imprecisão de seus conceitos.

Em *O banquete* (1991), Sócrates iniciou seu discurso diferentemente dos outros discursos realizados até aquele momento. No seu elogio ao amor, ele nada sabia do que se tratava e muito menos como o faria, apenas que seria à sua maneira. Segundo o seu entendimento, a proposta era elogiar o amor como cada um o entenderia e não como cada um o elogiaria. A partir disso, ele sustentou um modo particular e diferenciado em seu discurso baseado em uma ética própria. De acordo com Jaeger (1995) e Rocha (1999), Sócrates concebeu um ideal ético como direção de sua vida e de seus fundamentos filosóficos no cuidado com a alma e com o próprio interior do homem, na busca pela felicidade e pela harmonia dentro de si mesmo, dando sentido à vida e à existência humana, consagrando os valores espirituais gregos a uma nova posição de estar no mundo, rompendo com o pensamento filosófico anterior. Conforme aponta Rocha (1999), a partir de sua célebre frase “Conhece-te a ti mesmo”, Sócrates coloca o homem para pensar as

razões de sua existência, passando “para a História como o fundador da Ética” (p. 90).

Sócrates partiu de um questionamento a Agatão, de maneira que obtivesse algum acordo com ele para seguir adiante o seu discurso. Sócrates apresentava os seus questionamentos na forma de diálogo, no qual aquele que fosse o questionado conduziria o discurso e o filósofo nunca falaria em primeira pessoa, ou seja, o discurso era sempre em nome de uma terceira pessoa, do outro e não do próprio Sócrates.

O discurso anterior ao de Sócrates em *O banquete*, pronunciado por Agatão, enaltecia e embelezava o amor, apresentando um exagero e uma inflação estética em suas palavras. De acordo com Lacan (1960-1961/1992), graças à sua maneira de dialogar e de questionar, Sócrates aos poucos desconstruiu a oratória de Agatão, além de aproveitar as contribuições do outro para introduzir o seu próprio discurso. Lacan destaca: “Este amor de que falas, é ou não é amor de alguma coisa? Amar e desejar alguma coisa é tê-la ou não tê-la? Pode-se desejar o que já se tem?” (p.118). Essas pontuações feitas por Lacan demonstram, de maneira abreviada, o direcionamento do relato discursivo socrático que possibilitou à Agatão refletir sobre o amor e sobre a falta, o que não fora possível acompanhar no elogio realizado por ele. Rocha (1999) e Búfalo (2009) concordam com Lacan no que se refere à tentativa dialógica de Sócrates de transmitir a Agatão que só era possível amar e desejar o que não temos ou possuímos, pois a sua intervenção tinha o intuito de conduzi-lo a pensar que só podemos desejar depois de termos experimentado algo da ordem da falta, eis que só há desejo porque existe a falta e, assim, ele nunca estará satisfeito, completo.

Não foi somente através de questionamentos que Sócrates conduziu o seu elogio do amor, mas por meio do testemunho de uma mulher, Diotima, que direcionou todo o discurso. Sócrates utilizou o conhecimento de uma mulher para falar sobre as coisas do amor. Búfalo (2009), em consonância com Lacan, aponta que o discurso feminino de Diotima está marcado pela falta radical, de forma que não traz possibilidade de completude ao humano, destacando a sua condição de insaciabilidade.

Segundo a análise lacaniana (1960-1961/1992), o questionamento de Diotima conduziu ao ponto que retoma o discurso de Sócrates – “o que falta àquele que ama?” (p. 129). Diotima introduziu a própria fala alegando que o seu discurso sobre “o belo não tem relação com o ter, com o que quer que possa ser possuído, mas sim com o ser e, falando propriamente, com o ser mortal” (p. 129). Para Lacan, havia uma ambiguidade em todo o deslizamento do discurso de Diotima. De acordo com ele, Diotima estava sempre, em última instância, endereçada à essência da beleza

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Eliana Rigotto Lazzarini

em seu discurso sobre o amor enquanto beleza eterna, para além da transitoriedade, e isso contribuía para que caminhasse na direção da imortalidade. Para o autor, a definição de o que seria a dialética do amor, tal como desenvolvida por Diotima, “vem ao encontro do que tentamos definir como a função metonímica no desejo. É disso que se trata em seu discurso” (p. 132). Para ele, algo estava para além dos objetos de maneira infundável.

A partir dessas referências supracitadas a respeito dos discursos de Agatão e Diotima, utilizados como recursos por Sócrates para desenvolver e conduzir seu discurso em *O banquete*, podemos já delinear alguns pontos essenciais sobre seu posicionamento e alguns de seus efeitos sobre os convidados. É possível supor, primeiramente, uma aproximação do discurso diferenciado de Sócrates com seus convivas ao desejo do psicanalista frente a um tratamento psicanalítico. Embora não se possa pensar em Sócrates como um psicanalista, Lacan (1960-1961/1992) faz algumas referências a *O banquete* como um exemplo aproximado ao da experiência psicanalítica. Em uma de suas passagens, ele coloca: “uma espécie de relato de sessões psicanalíticas” (p. 34). Safatle (2017) diz que “a leitura de Lacan faz de Sócrates o primeiro analista” (p. 213) e, para Jorge (2017), “o psicanalista está implicado na posição de ser aquele que contém o objeto fundamental de que se trata na análise do sujeito, o *agalma*” (p. 151).

Outro ponto essencial é rastreamos alguns indícios sobre o posicionamento ocupado por Sócrates na leitura de *O banquete*, posicionamento este similar ao de um psicanalista, qual seja, o desejo do psicanalista como condutor de um tratamento. Contudo, antes de seguirmos adiante nesse percurso, vamos esclarecer o que vem a ser o termo desejo do psicanalista, que foi criado por Lacan e surgiu pela primeira vez em seu seminário 6, *O desejo e sua interpretação* (1958-1959/2002), época em que ele tratava o desejo como desejo do Outro em um contexto clínico e teórico, pois, nesse período, estava buscando fundamentar o que veio a ser concebida como a posição do psicanalista. De acordo com Lacan, “esse desejo do Outro que é para nós o desejo do sujeito, devemos guiá-lo não em direção ao nosso desejo, mas em direção a um outro” (p. 517). Esta situação se sustenta a partir do momento em que o psicanalista é aquele que acolhe todas as demandas, mas não atende nenhuma delas, propiciando ao sujeito deparar-se com o enigma do seu próprio desejo, com o que quer para si, deslizando, a partir disso, em sua cadeia significativa no próprio processo psicanalítico.

Em *A ética da psicanálise* (1959-1960/2008), Lacan avança em relação à compreensão do que vem a ser o desejo do psicanalista ou o que ele deve oferecer ao seu psicanalisante. De acordo com Lacan: “e o que ele tem, nada mais é do que o seu desejo, como o analisado, com a diferença de que é um desejo prevenido” (p.

352). Curiosamente, é um momento em que Lacan atribui ao desejo do psicanalista o engendramento pelo qual circula toda a ética psicanalítica. Ética na qual ele sustenta nada mais do que o inconsciente como possibilidade de inscrição e direcionamento por cada sujeito em sua própria história, destacando-se da direção ética, pautada na promessa do bem e da felicidade. O psicanalista não tem promessas, ele deve estar advertido sobre o seu lugar enquanto sujeito, pois não interessa em nada para o psicanalisante as suas intenções pessoais e muito menos se elas têm efeito no tratamento psicanalítico, somente o desejo do psicanalista.

Retomemos, pois, os dois pontos em que estávamos tentando aproximar o posicionamento de Sócrates em *O banquete* ao que é considerado o desejo do psicanalista segundo Lacan. O primeiro desses pontos refere-se ao questionamento de Sócrates para Agatão, relacionado à maneira como um psicanalista receberia seu paciente no início de uma análise, desconstruindo seu discurso baseado em muitas certezas, apostando em uma mudança de posição. Posteriormente, com a entrada do discurso de Alcibiades, após Agatão e Diotima, essa suposta aproximação de Sócrates ao desejo do psicanalista torna-se mais evidente em função da maneira como ele se posicionou frente à virada que Alcibiades provocou no discurso de *O banquete*. Alcibiades propôs um elogio a Sócrates, ao invés de elogiar o Deus do amor. Segundo a análise lacaniana (1960-1961/1992), Alcibiades “muda as regras do jogo, atribuindo-se com autoridade a presidência” (p. 140). Ainda de acordo com Lacan, “não é mais ao amor que vai fazer o elogio” (p. 140), mas elogiar o outro, aquele que está ao seu lado, à sua direita. Alcibiades coloca-se com o propósito de discursar sobre o amor a partir do seu sentimento em relação a Sócrates, a partir de sua própria atuação e implicação nessa relação a dois.

Segundo Lacan (1960-1961/1992), Alcibiades quebrou a sequência dos discursos prefigurados em *O banquete* e interrompeu de súbito com “a irrupção da verdadeira festa, o tumulto introduzido por essa ordem diferente. Mas, também em seu próprio texto, o discurso de Alcibiades é a confissão do seu próprio desconcerto” (p. 72). Entretanto, podemos pensar que o motivo de tal mudança foi o fato de Sócrates ter ocupado um lugar muito especial na vida de Alcibiades, semelhante ao lugar de um psicanalista na vida de um psicanalisante. Para Lacan (1960-1961/1992), Alcibiades comparava Sócrates a um sileno, pequenos objetos ou caixinhas com aspecto valoroso, comparação esta que carregava consigo um sentido duplo: primeiro, por conta da valorização da aparência desse objeto, ele era equiparado à beleza de Sócrates; no segundo sentido, *agalma* foi o termo grego utilizado para referir a esse sileno como objeto precioso, uma joia, cujo valor encontrava-se em seu interior.

Segundo Lacan (1960-1961/1992), Sócrates tornou-se o tesouro, o *agalma*,

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Eliana Rigotto Lazzarini

esse objeto indefinível e precioso na vida de Alcibíades. Dessa forma, o objeto do desejo não é tomado como objeto de troca e de transação. Para o autor, isso é algo a ser visado pelo desejo como tal, uma vez que diferenciava um objeto entre todos justamente por não ter comparação com os outros. Conforme Lacan, é “essa acentuação do objeto que responde à introdução, em análise, da função do objeto parcial” (p. 149), pois não é Sócrates que Alcibíades almeja, mas a posição de desejo instaurada com essa relação.

A relação de amor estabelecida entre Alcibíades e Sócrates permite uma analogia com o que Freud bem mais tarde considerou como sendo o fenômeno da transferência na clínica psicanalítica. Esse fenômeno, inaugurado por Freud em 1912, já estava presente em *Estudos sobre a histeria* (1895 [1893]/1969a) na condição de um sentimento sexual, uma forma específica que o sujeito adquire em sua vida, tal como um *cliché* estereotípico, algo repetido ao longo de seu trajeto, em seus relacionamentos pessoais, sem ter consciência dessa reedição e na qual o psicanalista pode ocupar tal lugar. Por sua vez, Laplanche e Pontalis (1988) acrescentam que a relação em um processo psicanalítico diz respeito a “uma repetição de protótipos infantis vivida com uma sensação de atualidade acentuada” (p. 669). Podemos dizer que essa relação de amor é norteadora para a condução de um tratamento psicanalítico, mas também podemos inferir que ela só será bem conduzida eticamente se o psicanalista estiver ocupando a sua posição, que é a do objeto *agalmático* por Sócrates, o desejo do psicanalista.

Para Mello (2006), é por meio da intervenção do desejo do psicanalista que “a transferência efetiva-se como viabilização de um tratamento” (p. 10). Em *O banquete*, Sócrates ocupou esse lugar desejante para Alcibíades, pois, por mais que este lançasse mão de toda a sua sedução, Sócrates não cedia aos seus diversos apelos e caprichos. Isso tornava mais ávida ainda a busca de Alcibíades por Sócrates como seu objeto de cobiça. Esse objeto, segundo Lacan (1960-1961/1992), “quer o chamem de seio, falo ou merda, é sempre um objeto parcial” (p. 150). Ele não traz a satisfação plena, e seria justamente por isso que o sujeito o deseja, o objeto para sempre perdido e que será compreendido agora.

3. O objeto perdido e a coisa do desejo do psicanalista

Vimos, por intermédio de Freud, que a pulsão caminha na direção da realização do desejo, escolhendo e transitando por objeto, fonte, finalidade e pressão (as mais diversas possíveis). O deslizamento da pulsão ocorre por conta de objetos que nunca satisfazem. Quanto a essa não satisfação, é pertinente

Uma revisita ao desejo do psicanalista em *O banquete* de Platão, segundo o legado de Freud e ...

remeter ao texto *As pulsões e suas vicissitudes* (1915/1974a), obra na qual Freud concluiu que o objeto é o mais variável, podendo ser modificado quantas vezes for necessário no decorrer dos destinos aos quais a pulsão é submetida durante sua existência, e pode também um mesmo objeto servir para a satisfação de várias pulsões simultaneamente. Segundo Jorge (2008), “toda a elaboração freudiana da sexualidade parte de uma premissa que foi resgatada por Lacan: no cerne da sexualidade humana figura uma falta de objeto” (p. 139).

Frente a esse objeto da pulsão, como indiferente a Freud, Lacan (1964/1990) esclarece-nos quanto a pulsão oral, por exemplo, afirmando que não se trata de alimento ou daquilo que o alimento traz como lembrança do cuidado realizado pela mãe, mas do seio como referência de um objeto que marca a falta. Para o autor, o seio, nesse caso, não pode ser reduzido simplesmente ao que seja da ordem da necessidade, mas é preciso entender a eventualidade do objeto do desejo. Garcia-Roza (1985) apresenta a infinitude no deslizamento da pulsão oral inserida dentro de uma cadeia que porta a falta, levando a compreender melhor a não redução do desejo ao contexto da necessidade, mas sim a algo além disso.

No entanto, ao longo do seminário *A relação de objeto* (1956-1957/1995), Lacan marcou e enfatizou que o objeto para Freud sempre esteve ligado à falta. Como exemplo, o autor elucida que Freud persistia na crença de que a maneira de um homem poder encontrar um objeto faltoso era por meio de sua possibilidade de reencontrá-lo, não da mesma forma como foi procurado, mas da maneira como lhe era possível encontrá-lo. O autor aponta que a fundamentação da experiência dos pressupostos teóricos psicanalíticos coloca a falta do objeto em seu cerne, porém a dimensão criativa do objeto e as tentativas de reinventá-lo surgem como a possibilidade de conceber um objeto da falta, resultando em um caminho fracassado e impossível ao humano.

Em seu seminário *A ética da psicanálise* (1959-1960/2008), Lacan afirma que o caminho trilhado por Freud pela via da falta coloca como inviável a definição do desejo em função do objeto, pois o sujeito estará sempre inscrito no universo da falta, em um mais além do objeto ou, em outras palavras, do próprio desejo. Seguindo a mesma trilha freudiana, Lacan propôs que o desejo não está definido pela presença de um objeto, muito pelo contrário, é por meio da falta dele que este é abordado. De acordo com o autor, tal falta contribui para favorecer o desejo. Lacan nomeia essa falta como “*objeto a*” em 1964, “este objeto, que de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de *objeto perdido*, *a* minúsculo” (1964/1990, p. 170). Podemos dizer que Lacan tende a sustentar o lugar da falta de objeto, onde nada pode vir a ocupá-lo, tal como Sócrates pode ilustrar-

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Eliana Rigotto Lazzarini

nos enquanto objeto *agalático* de Alcibiades em *O banquete* de Platão (380 a.C./1991), pois sequer ele sabia da existência desse lugar em si.

Para Lacan (1960-1961/1992), o *agalma* era um termo grego com sentido de ornamento, objeto valioso, algo que está no interior. Como vimos, o termo foi utilizado pelo autor como referência ao seu conceito de *objeto perdido* ao tratar do lugar atribuído a Sócrates, podendo ser pensado como a posição enquanto desejo do psicanalista na direção de um tratamento psicanalítico. Jorge (2008) apresenta uma reflexão sobre como poderia ser pensado um objeto inexistente como causa do desejo, eis que o desejo também está relacionado a uma falta, levando Lacan a preferir essa direção de inexistência do objeto para o desejo.

Para compreender o lugar de inexistência e falta de objeto, Lacan remete ao seu seminário *R.S.I.*, situando esse objeto perdido, *a* minúsculo, na região de interseção entre as instâncias do real, simbólico e imaginário do nó borromeano. Lacan, em *R.S.I.*, em sua *Lição de 10 de dezembro de 1974* diz: “o ponto central, o ponto dito do objeto *a*, já que ele conjuga, na ocasião, três superfícies que igualmente se cruzam” (p. 7). Esse objeto perdido não é simplesmente a sua presença, mas também tem a função de representar um lugar e contribuir para a amarração do nó borromeano. Chediak (2014) corrobora a ideia de Lacan, destacando a importância da articulação do nó borromeano, pois a ruptura de um laço pode interferir no enodamento dos demais. Jorge (2010) coloca os três registros citados acima de maneira didática: o imaginário é o puro não-sentido e da ordem das imagens, no que diz respeito ao real, é o impossível de ser simbolizado, de ser dito e relativo ao impensável. O autor cita o trauma como exemplo de real, uma vez que não se coloca como representável de maneira alguma, retornando sempre ao mesmo lugar, de maneira insistente; o simbólico estaria exemplificado pela linguagem. O lugar do real e do inexistente desse *objeto perdido*, segundo o autor, só pode ser abordado pela via dos significantes, por isso eles estão articulados entre si em busca de um sentido.

Lacan postula a direção do real como impossível no *objeto a* enquanto ponto de encontro entre os anéis do nó borromeano, conceito cuja fundamentação encontra sua origem em Freud, nomeado como *das Ding*, a *coisa*. Podemos situar esse termo logo nos primeiros escritos freudianos, em o *Projeto para uma psicologia científica*. Na obra, ao falar da memória e juízo, Freud discorre sobre uma terceira possibilidade que poderia surgir no estado de desejo. Para Freud (1950 [1895]/1987b), “quando surgisse uma catexia de desejo, emergiria uma percepção que não coincide com a imagem mnêmica desejada” (p. 347). Freud leva a supor que “o objeto de composição dessa percepção é um outro ser humano” (p. 348) com complexos perceptivos novos e incomparáveis, tais como traços e

percepções visuais. Seria o primeiro objeto de satisfação do sujeito e, mais tarde, seu primeiro objeto hostil. Isso coincide com a lembrança de impressões visuais muito semelhantes ao próprio corpo, as quais são experimentadas pelo próprio sujeito. Freud (1950 [1895]/1987b) também disse que “outras percepções do objeto, tais como o grito, despertam a lembrança do próprio grito [do sujeito], e incluem suas experiências de dor” (p. 348).

É possível dizer que Freud já supunha a existência de um outro, de um próximo como fundante e objeto da percepção do sujeito tal como na experiência de satisfação. Diante disso, nesse mesmo texto (1950 [1895]/1987b), Freud afirma que o complexo perceptivo do outro divide-se em dois pontos:

O primeiro produz uma impressão por sua estrutura constante e permanece unido como uma *coisa*, sendo inapreensível, enquanto o outro pode ser compreendido por meio da atividade da memória, pode ser rastreado até as informações sobre o próprio corpo do sujeito. (p. 348)

Podemos dizer que, nas relações com o outro, as percepções de nossas experiências podem nos deixar traços acessíveis à consciência e memória, da mesma forma que traços também poderão nos escapar, como a *coisa* para Freud. No seminário *A ética da psicanálise*, Lacan dedica o seu ensino sobre o complexo perceptivo freudiano para esclarecer *das Ding* (a coisa). Para ele, os dois termos, *das Ding* (a coisa) e *die Sache* (a coisa), não são considerados de maneira igualitária. Segundo Lacan (1959-1960/2008), a origem etimológica de *Sache* representa a travessia à ordem simbólica de um conflito entre os homens. Lacan observa uma aproximação entre os termos *Sache* (coisa) e *Wort* (palavra). Para o autor, esses termos estão presentes em Freud. Em *O inconsciente* (1915/1974b), a *Sachworstellung* (representação de coisa), nesse momento da obra freudiana, está cada vez mais oposta a *Wortworstellung* (representação de palavra), marcando a distinção dos sistemas inconsciente e consciente.

Lacan (1959-1960/2008) diz que toda a busca do sujeito caminha na direção de reencontrar *das Ding*, a coisa, mas destaca a impossibilidade desse reencontro, uma vez que ele está associado ao que é da ordem inconsciente e inacessível. Neste mesmo seminário, *A ética da psicanálise*, Lacan afirma que o sujeito no “mundo freudiano, ou seja, o da nossa experiência, comporta que é esse objeto, *das Ding*, enquanto o Outro absoluto do sujeito, que se trata de reencontrar. Reencontramo-lo no máximo como saudade” (p. 68). Lacan situa *das Ding* em um lugar “fora-do-significado e de uma relação patética a ele que o sujeito conserva sua distância e constitui-se num mundo de relação, de afeto primário, anterior a todo recalque”

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Eliana Rigotto Lazzarini

(p. 70). Pode-se dizer que se trata de um lugar vazio de sentido, “essa realidade muda que é *das Ding*, ou seja, a realidade que comanda, que ordena” (Lacan, 1959-1960/2008, p. 70). Ainda de acordo com Lacan, estamos tratando do ponto de origem do sujeito, o qual é inacessível, inabordável.

Podemos dizer que o *objeto perdido*, para Lacan, encontra as suas raízes em a *coisa* freudiana, justificando uma similaridade entre eles, pois tanto um quanto a outra remetem a um lugar de inexistência e de radicalidade da falta de objeto, lugar este recomendado para o psicanalista ocupar frente ao psicanalisante para que, assim, a sua análise opere e tenha efeito. A compreensão teórica de noções sobre esse lugar *agalmático*, esse lugar de *objeto perdido* ou essa *coisa* do desejo do psicanalista podem ser esclarecedoras, mas nos impõem limitações pela via das palavras, pois só podemos circunscrevê-las nas entrelinhas justamente por causa da sua essência, como vimos há pouco, eis que, segundo o legado freudiano e lacaniano, fazem referência a conceitos da ordem do inconsciente e do real.

Considerações finais

Acompanhamos, ao longo do trabalho, que tanto Sócrates como Freud subverteram e se diferenciaram dos discursos da época em que estavam inseridos. Podemos destacar algo em comum entre eles: a partir de um rigor ético, trouxeram o novo, o incômodo e o desconforto. Dessa forma, foi levantada a hipótese de uma aproximação da posição ocupada por Sócrates à posição e desejo do psicanalista, a partir do legado freudiano e da análise lacaniana sobre *O banquete*, o que nos permite concluir com algumas considerações.

Lacan (1960-1961/1992), referindo-se ao desejo do psicanalista e do que se trata fundamentalmente nessa função, diz que não podemos atribuí-lo somente a uma relação de duas pessoas, e que “não é a relação com o paciente que pode, por uma série de eliminações e exclusões, nos dar a chave. Trata-se de algo mais intrapessoal” (p. 109). Segundo Mello (2006), o analista não se encontra de maneira simétrica com seu psicanalisante. Para a autora, o pagamento é feito ao analista para que ele se lembre sempre disso. O lugar a que se presta o analista é o lugar de objeto durante o tratamento, sendo sensível a todos os sentimentos que se referem ao humano, mas não é a partir desse lugar que atua. Isso inviabiliza a condução do processo psicanalítico, pois diz respeito à sua pessoa e não à sua função. A autora acrescenta que é preciso que “o sujeito analista ceda em seu desejo ao exercício da função de analista, para que o desejo relativo a essa função possa operar no tratamento, livre dos entraves de sua subjetividade” (p. 39).

Na medida em que se desveste de sua subjetividade, “o analista deve ser capaz de atingir, (...), ocupar o lugar que é o seu, o qual se define como aquele que ele deve oferecer vago ao desejo do paciente para que se realize como desejo do Outro” (Lacan, 1960-1961/1992, p. 109). Podemos pensar que é a partir da não restrição à relação dual na análise que se torna possível o acesso ao desejo inconsciente, mas isso só pode acontecer quando o analista não responde aos pedidos do paciente, deixando-o mais impaciente e desejoso. Ou, conforme aponta Dunker (2011, p. 235), “o amor, o mais patológico dos fenômenos normais” é desvinculado do caminho tomado pelo desejo. Não é do campo do amor que o analista responde. Segundo Dunker, da mesma maneira pode ser considerado o saber separado da verdade, pois o que se aspira, segundo a maiêutica socrática, é o que está para além do saber que é a própria verdade. Ainda para ele, “a verdade deste saber não é um bem, mas um objeto vazio” (p. 235).

Sócrates, naquele momento, diante da relação imaginária provocada por Alcibíades, acaba por deslocá-la, ressituaando-a em uma direção avessa à pretendida por aquele que lhe demandava amor. Para Mello (2006), é fundamental deixar o analisando na falta, na qual cabe ao psicanalista levar o sujeito a refletir e a se intrigar com o que esteja pedindo, tentando se implicar com aquilo que o move em uma análise e para além dela. Segundo a autora, isso permite o acesso ao campo significante e simbólico, situando-se em um mais além, no nível do Outro inconsciente. Podemos entender essa situação análoga ao lugar que deve ser sustentado pelo psicanalista frente ao seu psicanalisante, pois, segundo Lacan (1958-1959/2002), cabe ao analista acolher as demandas que lhe são dirigidas, o que não significa respondê-las, mas poder dar outro destino a elas como inerente ao desejo do psicanalista.

Lacan refere o termo *érastès* a amante e o termo *érôménos* a objeto amado, fazendo uma analogia com a relação psicanalista-psicanalisante. Em tal contexto, o que se passa nessa relação é como uma brincadeira infantil de esconde-esconde: “o que falta a um, não é o que existe, escondido, no outro” (Lacan, 1960-1961/1992, p. 46). Diante disso, podemos arrazoar que este é o verdadeiro ponto de sustentação do desejo do psicanalista. Não somente sustentar a falta do psicanalisante de maneira a mantê-lo desejante, mas de sustentar a falta em si próprio, consentindo em experienciar o real e a radicalidade dessa experiência da falta de objeto em si mesmo, primeiramente, de acordo com a teoria lacaniana.

Não se trata de algo fácil, a sustentação da função psicanalítica, mas é essencial que constantemente nos indaguemos a partir de Lacan (1959-1960/2008), “Agiste conforme o desejo que te habita?” (p. 369), destacando-se, com isso, de uma ética tradicional, do bem moral. Esses são elementos de reflexão e labuta

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Eliana Rigotto Lazzarini

inevitáveis aos que escolheram embarcar no trabalho com a teoria e clínica psicanalítica, a qual, destacada de outros campos de saber, tem contribuído para o avanço científico de maneira inovadora há mais de 100 anos. □

Abstract

A revisit to the analyst's desire at Plato's *The banquet*, according to the legacy of Freud and Lacan

We aim to understand the term psychoanalyst's desire as an ethical direction of psychoanalysis. For this, the text will start from contributions of the conceptualization of the term desire in Freud as an introduction to the term desire of the psychoanalyst named by Lacan, a place emptied of his personal intentions and promises of happiness to his analysand. Throughout the work, some essential points of the classic literary work Plato's *The banquet* will be revisited by Lacan, highlighting the relationship between Socrates and Alcibiades as a possibility for counterpointing psychoanalytic praxis. In a correlation with this praxis, Socrates may have been placed in the place of a *lost object*, an *agalmatic object* for Alcibiades, who occupied an object's place in the transference and love deposited by the latter. Given the support and desire not to give in to this participant's seductive speech, Socrates relaunches it to his own desire as recommended by a psychoanalyst when conducting a treatment. Finally, this example will enlighten us for a reflection on the ethical rigor of psychoanalysis as guiding the psychoanalyst's desire.

Keywords: Desire; Plato's *The banquet*; Psychoanalyst's desire; lost object; Ethics of psychoanalysis

Resumen

Una revisita al deseo del psicoanalista en *El banquete* de Platón, de acuerdo con el legado de Freud y Lacan

Nuestro objetivo es entender el término deseo del psicoanalista como una dirección ética del psicoanálisis. Para esto, el texto comenzará con contribuciones de la conceptualización del término deseo en Freud como una introducción al término deseo del psicoanalista nombrado por Lacan, un lugar vaciado de sus intenciones personales y promesas de felicidad para su analizante. Se explorarán algunos puntos esenciales de la obra literaria clásica *El banquete* de Platón por Lacan, destacando

Uma revisita ao desejo do psicanalista em *O banquete* de Platão, segundo o legado de Freud e ...

la relación entre Sócrates y Alcibíades como una posibilidad de contrapunto a la praxis psicoanalítica. En una correlación con esta praxis, Sócrates puede haber sido colocado en el lugar de *objeto perdido*, *objeto agalmático* para Alcibíades, quien ocupó un lugar de objeto en la transferencia y el amor depositado por este último. Delante su apoyo y deseo de no ceder ante el discurso seductor de este participante, Sócrates lo relanza a su propio deseo según lo recomendado por un psicoanalista cuando realiza el tratamiento. Finalmente, este ejemplo nos iluminará para reflexionar sobre el rigor ético del psicoanálisis como guía para el deseo del psicoanalista.

Palabras clave: Deseo; *El banquete* de Platón; Deseo del psicoanalista; Objeto perdido; Ética del psicoanálisis

Referências

- Búfalo, F.R. (2009). A questão do desejo em Hegel e em Lacan. *Reflexão*, Campinas. 34(96), 41-49, jul./dez.
- Chediak, G.F. (2014). *As identificações no processo de estruturação subjetiva – o encontro contingente com o éxtimo e a invenção sinthomática*. Brasília: Universidade de Brasília. Tese.
- Cottet, S. (1989). *Freud e o desejo do psicanalista*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- Dunker, C.I.L. (2011). *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica. Uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Anna Blume.
- Freud, S. (1969a). Estudos sobre a histeria. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. II, pp. 13-296). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1895 [1893])
- Freud, S. (1969b). Artigos sobre técnica. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. XII). Rio De Janeiro: Imago. (Trabalho original publicada em 1911-1915 [1914])
- Freud, S. (1974a). As pulsões e suas vicissitudes. In J. Strachey (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicada em 1915)
- Freud, S. (1974b). O inconsciente. In J. Strachey (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicada em 1915)
- Freud, S. (1976). Além do Princípio do Prazer. In J. Strachey (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicada em 1920)
- Freud, S. (1987a). Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim. In J. Strachey (Ed.), *Edição*

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Eliana Rigotto Lazzarini

- standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicada em 1956[1886])
- Freud, S. (1987b). Projeto para uma psicologia científica. In J. Strachey (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicada em 1950[1895])
- Freud, S.A. (1987c). A interpretação de sonhos. Parte II. In J. Strachey (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* (Vol. V). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicada em 1900-1901)
- Garcia-Roza, L.A. (1985). *Freud e o inconsciente.* Rio de Janeiro: Zahar.
- Jaeger, W. (1995). Sócrates. In *Paideia: A formação do homem grego.* São Paulo: Martins Fontes.
- Jorge, M.A.C. (2008). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan. As bases conceituais.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Jorge, M.A.C. (2010). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan. A clínica da fantasia.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Jorge, M.A.C. (2017). A direção da análise. In *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan. A prática analítica.* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Kehl, M.R. (2009). *Sobre ética e psicanálise.* São Paulo: Companhia das Letras.
- Lacan, J. (1990). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.* (M. D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1964).
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 8: a transferência.* (M. D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1960-1961).
- Lacan, J. (1995). *O seminário, Livro 4: a relação de objeto.* (M. D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1956-1957).
- Lacan, J. (1998). *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1958).
- Lacan, J. (1999). *O seminário, Livro 22: R.S.I.* (Tradução do Francês para o Português Somente Para Estudos Internos). Rio de Janeiro.
- Lacan, J. (2002). *O seminário, Livro 6: o desejo e sua interpretação.* (Publicação não comercial. Circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre). (Obra original publicada em 1958-1959).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, Livro 7: a ética da psicanálise.* (M.D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1959-1960).
- Laplanche, J.; Pontalis, J. (1988). *Vocabulário de psicanálise.* São Paulo: Martins Fontes.
- Mello, D.M. (2006). *A transferência. Uma viagem ao continente negro.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Platão (1991). O banquete. In *Diálogos: O banquete – Fédon – Sofista – Político* (pp. 7-59). Coll. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural. (Original escrito por volta de 380 a.C.)
- Rabinovich, D.S. (2000). *O desejo do psicanalista.* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009.
- Rocha, G.K.; Silva, E.A. (2018). As ironias do conceito socrático em Kierkegaard. *Trilhas filosóficas*, 1(1), 239-257

Uma revisita ao desejo do psicanalista em *O banquete* de Platão, segundo o legado de Freud e ...

Rocha, Z. (1999). O desejo na Grécia Arcaica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. 2(4), 94-122.

Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Obra original publicada em 1997).

Safatle, V. (2017). Lacan, revolução e liquidação da transferência: a destituição subjetiva como protocolo de emancipação política. *Estudos Avançados*, 31(91), 211-227. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/141914>

Recebido em 31/07/2020

Aceito em 17/12/2020

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Cristiano Freitas Frank**

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato

Rua Polônia, 395 – Santa Rosa

78065-700 – Cuiabá – MT – Brasil

claudia.beato1@gmail.com

Eliana Rigotto Lazzarini

Universidade de Brasília – Campus Darcy Ribeiro

Asa Norte

70910-900 – Brasília – DF – Brasil

elianalazzarini@gmail.com

© Revista de Psicanálise da SPPA

A ternura: o entrelaçamento da moral e da ética

Regina Pereira Klarmann¹, Porto Alegre

O artigo faz uma revisão na obra de Freud para compreender a constituição da moral e da ética no psiquismo humano. Refere conceitos como narcisismo, destrutividade e alteridade, integrantes na formação do processo da moral e da ética. Destaca e desenvolve alguns aspectos do sentimento de ternura, um conceito freudiano, tanto no entrelaçamento quanto na complementariedade da moral e da ética.

Palavras-chaves: Moral; Ética; Ternura; Psicanálise; Freud

¹ Psicanalista. Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Introdução

A partir de uma situação clínica vivida com um paciente que passou a ser investigado, denunciado e acusado de participar de uma organização fraudulenta, tive dúvidas se deveria seguir o processo analítico. Muitas questões que, naquele momento, impregnavam o *setting*, levaram-me a pensar sobre a ética.

Esse foi o ponto de partida do presente artigo, desafiando-me a estudar sobre a ética, momento em que, inevitavelmente, deparei-me com o termo “moral” e com a dificuldade de distingui-los.

Com o objetivo de dar conta da amplitude dos conceitos de ética e moral, busquei na filosofia sua compreensão, não encontrando, contudo, um consenso entre os autores pesquisados. Na obra de Freud, não achei uma conceituação, e nem uma diferenciação entre ética e moral, apesar da referência ao tema feita por ele em vários trabalhos. Durante a procura de tais concepções, deparei-me também com o conceito de *ternura*, o que me suscitou algumas ideias. Seria possível que o sentimento terno pudesse fazer um cruzamento com a formação da ética e da moral? Percebi que estes elementos fazem parte do psiquismo do homem, muitas vezes complementando-se e entrelaçando-se, mas também em conflito um com o outro. A partir daí, compreendi que o significado da *alteridade* torna-se necessário para a discussão desses conceitos.

Menciono, também, alguns conceitos fundamentais, como *desamparo*, *narcisismo* e *destrutividade*, os quais estão implicados de modo determinante na construção da moral e da ética.

Amparada por este percurso, dediquei-me aos objetivos iniciais: compreender como a ética e a moral constituem-se na formação do psiquismo humano, conforme o postulado por Freud.

Origem e significado dos termos: moral e ética

Segundo Barros Filho (2013), moral deriva do latim *mores*, relativo aos costumes, enquanto ética (*êthos*) significa aquilo que gera uma ação genuinamente humana. A falta de concordância que encontramos entre os termos *moral* e ética aparece desde a etimologia da palavra moral, a qual tem origem na tentativa dos romanos de traduzir a palavra grega *êthica*. No entanto, a palavra romana moral não traduz por completo a palavra grega originária. *Êthica* possuía, para os gregos, dois sentidos complementares: o primeiro deriva do *Êthos*, e significava o que brota

de dentro do sujeito moral, remetendo-nos para o âmago do agir, para a intenção. Por outro lado, *ética* significava também *Éthos*, relacionando-se à questão de regras, o que se materializa na assimilação social dos valores.

O mesmo autor sugere definir a moral como a escolha com liberdade, de como devemos agir a partir de um conjunto de princípios que nos obrigamos a respeitar. Temos a prerrogativa de determinarmos os rumos de nossa vida, através do que os gregos chamavam de *logos*, que é a capacidade de pensar. Quando pensamos sobre nossas ações, estamos no campo da moral. Já a ética é a arte da convivência, resultado de um esforço coletivo para chegar à conclusão de como queremos viver. É o conjunto de valores que julgamos mais adequados para nos guiar em direção à melhor maneira de viver. A moral está no âmbito do indivíduo, e a ética assume dimensão coletiva.

Mijolla (2005) afirma que a noção de ética em Freud conduz aos ideais *morais*. Aponta que a palavra em alemão *Ethik* foi traduzida, na língua francesa, para a palavra *moral*. Laplanche, Garcia-Roza e Mijolla apontam para o problema de tradução da obra de Freud. Em alguns momentos, Freud refere-se à ética como a moral, como uma ordem a ser alcançada pelo Supra-Eu. Em outros, a ética é descrita por Freud (1939/1989I) como uma relação do Eu com os outros, com a sociedade. Em relação à moral, Freud parece associá-la ao recalque, ao impedimento construído pelas regras que seriam internalizadas pelo Supra-Eu.

A busca para o estabelecimento da moral, na obra de Freud

Na tentativa de buscar a compreensão e a formação da moral na obra freudiana, revisei alguns conceitos fundantes do psiquismo.

O desamparo primordial é a origem de todas as razões morais (Freud, 1950 [1895]/1989a). Junto com o narcisismo, ele estrutura o desenvolvimento psíquico que, através da presença e do investimento do outro, propicia o surgimento do amor e promove identificações. Esse processo leva à constituição do Eu e do Supra-Eu, que é o guardião da moral. Freud reflete sobre a fundação da moral desde o início da sua obra, relacionando-a ao recalque.

Em um momento inicial, a criança necessita de provas do amor dos pais, ao mesmo tempo que eles servem como obstáculo para a realização dos desejos edipianos. No final da infância, ocorre a internalização de normas da moralidade através do complexo de castração e da dessexualização da conflitiva edípica, possibilitando que os impulsos altruístas e a moralidade sejam instalados. A partir deste período, os aspectos egoístas ficam inibidos.

Regina Pereira Klarmann

Assim, o Supra-Eu assume a responsabilidade pela moral. A partir disso, a criança conserva as características essenciais dos pais: a severidade e a tendência para exercer o controle e punir, bem como a capacidade do bom humor. É o Supra-Eu que age sobre o Eu, estimulando a função de recalque e tornando-se um modelo a ser seguido pelos esforços do Eu, em quem está depositada a influência tanto do passado quanto da tradição.

A expectativa é de que a moral possa tornar-se mais protetora através do estabelecimento de um juízo, não mais tão retaliativo. Na medida em que é o representante do mundo externo, o Supra-Eu opõe-se ao mundo interno, uma vez que esse se abastece no Id. É nesse momento que ocorre o período de latência e, assim, institui-se a vida sexual bifásica do homem.

O sentimento de culpa, originário das fantasias incestuosas, merece ser ressaltado na constituição da moral. Freud (1924/2007b) relaciona o valor do sofrimento causado pela culpa com a tendência masoquista. Por um lado, derivado de sua origem na pulsão de morte, há um risco deste sentimento não ser direcionado para fora, sob a forma de pulsão de destruição. Por outro, o masoquismo moral também representa um componente erótico, pois, mesmo em um processo autodestrutivo, não falta ao sujeito a satisfação libidinal.

Contudo, há alguns caminhos sinuosos que dizem respeito à formação do Supra-Eu e, conseqüentemente, da moral. Destaco o Ideal do Eu, que é o precipitado da antiga imagem dos pais, os quais revelam a admiração pela perfeição que a criança, então, lhes atribuíra. O Supra-Eu é o condutor deste Ideal do Eu, pelo qual o Eu se avalia, fazendo com que cumpra uma exigência sempre maior, uma busca pela perfeição. Lembremos que o Ideal do Eu está atravessado pela castração. A síntese de sua função é a capacidade de apreender psicologicamente aquilo que está relacionado com o aspecto mais elevado da vida do homem, implicando na tolerância à frustração em relação ao vir a ser (Freud, 1923/2007a).

A latência surge como consequência das barreiras para a passagem da pulsão sexual através dos diques, como a vergonha, a moral e o asco. É nesse período que o indivíduo volta-se para as realizações culturais, ou seja, é um período voltado para as sublimações (Freud, 1923/2007a).

Com a instauração da moral, na latência, transcorre *pari passu* o desenvolvimento do pensar. Freud (1950 [1895]/1989a) expõe que o interesse inicial em alcançar a satisfação depende do processo do juízo e do pensar. Cabe ao Eu, a partir da força impulsora do desejo, estabelecer, através do julgar, a diferença entre a percepção da lembrança e a percepção do objeto externo. Quando houver um desencontro entre essas duas percepções, o sujeito deve inibir a descarga; caso contrário, a situação será desprazerosa. Diante da constatação do desencontro

perceptivo, o sujeito começa a pensar para atingir a almejada identidade de percepção, agora via identidade de pensamento. Assim, o Eu inibe a descarga e, concomitantemente, trabalha para viabilizá-la, porém por outros caminhos. O juízo é “uma avaliação que o Eu faz de si mesmo” (Freud, 1914/2004, p. 112), ou seja, é o propulsor do recalque. Essa função do Eu incrementa-se na latência, sendo característica do funcionamento do princípio da realidade, bem como da função intelectual do pensar.

Debatendo o texto *A negativa* de Freud (1925/2007c), Hyppolite (1998) aborda a temática do pensamento. O autor define o *não* como uma condição para se pensar o que somos a partir do que não somos. Ele contesta: “Eis o que não sou” (p. 895). Quando se instaura a negativa, surge, então, o pensar judicativo, que, por sua vez, consiste em um movimento em espiral que contorna dialeticamente o não ser para o encontro com o ser. Freud (1925/2007c) refere-se ao julgamento como a *coisa* possuir ou não certa característica, para depois vir a confirmar ou refutar se sua representação psíquica existe na realidade ou não. A qualidade dessa *coisa* “pode ser boa ou má, útil ou danosa” (p. 148), mas, além de ser boa, ela só será útil se, de fato, existir na realidade. Baseado na compreensão da metapsicologia, o *não* impede a livre satisfação da demanda pulsional. Por um lado, ele consiste em um corte que permite a contenção, e, por outro, consiste na possibilidade de uma vicissitude de Eros, que é o pensar.

Dessa forma, ocorre uma separação entre o intelectual e o afetivo. Na origem da afirmação, está a união e, na negativa, encontra-se a expulsão, o que remete para a polaridade pulsional. A união está para Eros, assim como a negativa está para a pulsão de destruição. Essa pulsão possibilita o surgimento do pensar e, assim, optar por uma ação. Contudo, o pensar é decorrente do jogo pulsional entre Eros, que liga, e a pulsão de morte que desliga (Freud, 1925/2007c).

Ao repassar as ideias de Freud sobre a formação da moral, parece que o ponto de partida está no desamparo; isto é, para a vida crescer, o ser humano necessita da entrada do outro. É o outro que traz a noção de interdito, o limite do *meu*, do diferente de *mim*, pois aí está contido o *não*, o que há na realidade. Este outro, implicado em fundar o Eu, tem a função de criar contornos propulsores que possibilitam a diferenciação entre o Eu e o não-Eu, embrião da alteridade.

A busca do estabelecimento da ética, na obra de Freud

Ao estabelecer, conceitualmente, o narcisismo inerente ao humano e a necessidade de inseri-lo no desenvolvimento, é possível dizer que Freud prevê a

Regina Pereira Klarmann

dificuldade em reconhecer o outro e aceitar as diferenças – ou seja, a dificuldade de estabelecer relações com a alteridade. No entanto, ele acredita que o narcisismo, ao ser complexizado, conduz a um novo tempo: o da rivalização com os pais.

Quando a conflitiva edípica consegue atingir esse desfecho a contento, a ternura surge como um sentimento capaz de manter e sustentar os vínculos primários. Como a moral, nessa ocasião, já está internalizada, sugiro que alteridade e ternura sejam elementos integrantes da ética, enquanto o domínio da destrutividade será justamente o obstáculo.

A teoria freudiana foi a primeira a apresentar a noção de alteridade, ao afirmar que o objeto tem a conotação do outro.

Alguns autores, como Mijolla (2005), debatem o tema da alteridade ressaltando a verdadeira relação com outrem, na perspectiva de superação dos estágios iniciais do narcisismo. Laplanche (1992) destaca a alteridade para consigo mesmo, implicada *no/pelo* inconsciente do adulto, ou seja, inconsciente desconhecido de nós mesmos, elemento para construção da subjetividade humana. Green (2010) propõe que a noção da alteridade é essencial para o trabalho do psíquico, exigindo representação e relação. A pulsão submete o Eu e procura a ligação com o objeto, como seu complemento.

Dessa forma, constitui-se uma relação dialética de complementariedade e, ao mesmo tempo, de oposição entre a pulsão e o objeto. São as falhas de adaptação às demandas da pulsão que levam o sujeito a ter consciência da existência da exterioridade do objeto. Paradoxalmente, o objeto externo é o responsável por despertar a pulsão e revelar suas demandas, mas é a pulsão ativada que exige que o objeto responda.

Assim, podemos entender as dualidades do humano. O encontro com o outro seria a possibilidade de reconhecer o diferente, bem como a premissa fundamental para a instauração da ética. O Supra-Eu gerado pelo Eu e em conjunção com a cultura, responsável pelas relações entre os homens, estabeleceu seus ideais e suas exigências, originando o reconhecimento da alteridade e da ética.

Por sua vez, a pulsão destrutiva segue o caminho oposto, pois a hostilidade de uns contra os outros opõe-se à civilização e à união. Freud (1930/1989i), no *Mal-estar na civilização*, passa a admitir que a destrutividade é algo inerente à vida humana, bem como confirma a sua ideia sobre a autonomia da pulsão de morte. Nenhuma pulsão é mais essencial que a outra, pois é na confluência de ambas que surge os fenômenos da vida (Freud, 1932/1989k). Assim, a destrutividade tem duplo aspecto, pois, se por um lado é o que impede a ligação, por outro também é o que funda as origens do psíquico, na medida em que o psiquismo é investido

por Eros, perpetuando o jogo vital de atração e repulsa que acomoda e desacomoda a vida psíquica.

Neste sentido é que a ternura pode ser o resultado da inibição da pulsão sexual e, quem sabe, uma espécie de par dialético com a destrutividade.

No *Vocabulário da psicanálise*, Laplanche e Pontalis (1976) definem ternura conforme Freud:

(...) este termo designa, por oposição à sensualidade, uma atitude para com outrem que reproduz a primeira modalidade de relação amorosa da criança, em que o prazer sexual não é encontrado independentemente, mas sempre apoiado na satisfação das pulsões de autoconservação”. (p. 655)

Laplanche (2015) retoma a noção de ternura de Freud, segundo a primeira teoria das pulsões, que é o agarramento, a necessidade de contato e o aninhamento, além da busca por calor, elementos que estão incluídos nas relações iniciais entre mãe e bebê.

A palavra *Zärtlichkeit* (Hanns, 2004) foi traduzida em português como ternura a partir da 2ª edição da obra de Freud. Da mesma forma, os autores fazem referências à palavra ternura em outras línguas: no alemão é *Zärtlichkeit*; em francês, *tendresse*; em inglês, *tenderness*.

A ternura decorre da compreensão da referência feita por Freud à resolução do complexo de Édipo, quando este sentimento passa a ser o que o filho sente pelos pais, e apoia a escolha de objeto, que começa a se dar nesse período.

Para que se compreenda a construção do conceito de ética, penso que é preciso sublinhar a importância e a relação do sentimento de ternura, conforme abordado por Freud (1905/1989c) em seu *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*:

Mas a pulsão sexual, como bem sabemos, não é despertada apenas pela excitação da zona genital; aquilo a que chamamos ternura um dia exercerá seus efeitos, infalivelmente, também sobre as zonas genitais. (...) Se a mãe compreendesse melhor a suma importância das pulsões para a vida anímica como um todo, para todas as realizações éticas e psíquicas, ela se pouparia de autorrecriminações. (p. 210)

Quando a mãe ensina o filho a amar, está somente cumprindo sua tarefa; afinal, prossegue Freud (1905/1989c), “ele [o bebê] deve transformar-se em um ser humano capaz, dotado de uma vigorosa necessidade sexual, e que possa realizar em sua vida tudo aquilo a que os seres humanos são impelidos pela pulsão”

Regina Pereira Klarmann

(p. 210). Entendo que a mãe, em virtude da própria alteridade, está em condições de libidinizar seu bebê. Com terno cuidado materno, estará se oferecendo como modelo de ternura e, assim, propiciando condições para ele introjetar tais sentimentos.

Ainda no *Três ensaios*, o autor destaca o valor da amamentação, relacionando-o com os sentimentos de ternura da mãe para com seu bebê. Indica este vínculo como uma condição importante para a preparação da escolha de objeto. Freud (1905/1989c) afirma: “(...) para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro com o objeto é, na verdade, um reencontro” (p. 209). Em 1940, Freud revê a questão da amamentação no seio materno. Destaca a capacidade de ternura da mãe ao alimentar e cuidar do seu bebê.

É na latência que a criança revela o que introjetou dos sentimentos amorosos de outras pessoas que a ajudaram em seu desamparo, bem como a identificação com o Supra-Eu de seus pais. A moral e outros diques produzem, por intermédio da formação reativa, inibições das atividades sexuais. Há a dessexualização das relações de objeto, possibilitando o emergir da corrente da ternura como um dos destinos dos desejos sexuais recalçados. Essa corrente esconde antigas aspirações sexuais que, neste momento, encontram-se sem tal função. Freud (1905/1989c) destaca, portanto, que a ternura se instala “(...) em consequência do recalçamento (...). Seus alvos sexuais foram amenizados e agora representam o que se pode descrever como a corrente de ternura da vida sexual” (p. 188).

Em outros textos, Freud (1908/1989d, 1910/1989e, 1912/1979) destaca o papel do sentimento de ternura no desenvolvimento psicosssexual. Porém, no texto *A psicologia do amor II*, Freud (1912/1979) concebe a ternura um pouco diferente do que era apresentada até então, considerando a corrente terna a mais antiga. Ela procede da primeira infância; formou-se a partir dos interesses da pulsão de autoconservação, dirigindo-se às pessoas que a cuidam. Com a chegada da puberdade, o jovem deve renunciar aos objetos infantis e, através da identificação, recomeçar com uma corrente sensual dirigida a outros objetos. As mudanças acontecidas nesse período levam a uma configuração definitiva. E segue o autor: “*El varón dejará a su padre y a su madre (...) y se allegará a su mujer; así quedan conjugadas ternura y sensualidad*”²⁻³ (Freud, 1912/1979, p. 174). Em outro texto, *Tótem y Tabú*, Freud (1913/2008) afirma: “(...) *de la ternura dominante existe una*

² Escolhi deixar em espanhol, conforme a obra consultada da editora Amorrortu, já que, em alguns textos da obra na língua portuguesa, o termo afeto não foi atualizado para ternura. Segundo o dicionário Houaiss (2001), afeto brando é um sinônimo de ternura.

³ N.R.: “O homem deixará pai e mãe (...) e se apegará à mulher; assim ternura e sensualidade se conjugam”. Tradução de Jayme Salomão (1996). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II). In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)

corriente contraria, pero inconsciente, de hostilidad (...)”⁴ (p. 55).

Freud (1921/1989g) retoma a noção de ternura descrita no *Três ensaios*, no sentido de que o sentimento terno é um derivado do recalque da sexualidade. Destaca que o ingrediente da ternura é responsável pela persistência do sentimento de amor, além da sensualidade. Sustenta que a investigação analítica dos resíduos da infância, a partir da observação direta, “não deixa dúvidas quanto à completa fusão de sentimentos ternos e ciumentos e de intenções sexuais, mostrando-nos de que maneira fundamental a criança faz da pessoa que ama o objeto de todas as suas tendências sexuais, ainda não corretamente centradas” (p. 173). A pessoa amada, conclui Freud (1921/1989g), é objeto das aspirações sexuais e, quando as duas correntes se unem, existe uma confluência de afetos. Há a renúncia da configuração amorosa edípica do sujeito, ao passo que as aspirações sexuais ficam recalçadas e inconscientes, só restando, em relação aos primeiros objetos de amor, laços de ternura.

A partir da compreensão de Freud do complexo de Édipo, Green (1988) explica que, neste período, a ternura e a hostilidade se confrontam. Porém, há uma relativa independência entre as relações de ternura – ou de hostilidade – e a organização fálica, sob a égide da qual o Édipo se coloca. Afirma: “A relação de ternura pelo progenitor aparecerá ligada à relação de sensualidade, censurada pela ameaça de castração” (p. 111).

Observamos que, a partir da ampliação e do desenvolvimento de suas ideias, Freud foi modificando a compreensão sobre o sentimento de ternura. É possível inferir que, quando este sentimento está bem estabelecido na mente materna, a ternura seria plantada na relação da mãe com o bebê no início da vida.

Poderíamos sugerir que, para Freud (1923/2007a), com a consolidação da resolução do complexo de Édipo, passada a latência, o púbere poderá vir a reinvestir os objetos primários. Com gratidão, a ternura será devolvida através do processo de identificação. Faz-se necessária a escolha de outro objeto, cuja alteridade predomine. Penso que é possível dizer: a mãe ensina o filho a amar. E, para além do amor, estão implicadas a sexualidade e a ética. A ética, então, é entendida como a liberdade de reconhecer e de aceitar o outro diferente de mim, bem como poder respeitar o outro no convívio, de acordo com os preceitos morais internalizados.

Para ilustrar a falha provocada pela falta de cuidado materno, a título de metáfora, lembro-me do livro *O perfume* de Patrick Süskind (1985) – com adaptação cinematográfica em 2006. Ali se revela o desamparo cruel. Em Paris, no ano de 1738, nasce Grenouille. Ao nascer, sua mãe corta o cordão com a mesma faca com

⁴ N.R.: “(...) da ternura dominante, há uma corrente contrária, mas inconsciente, de hostilidade (...)”. (Freud, 1913/1989f, Tradução de Jayme Salomão).

Regina Pereira Klarmann

que limpa os peixes e, em seguida, deixa o bebê cair na sarjeta, à mercê do cheiro e lixo do mercado. Sua mãe é condenada à morte e ele, sobrevivente, cresce em meio à peste e à sujeira, passando por diversos lares miseráveis.

Grenouille desenvolve um olfato apuradíssimo. Por outro lado, é desprovido de cheiro próprio. Ao invés de falar, cheira, como um cão. Não há palavras que possam alcançar seu desamparo sensorial. O personagem tem obsessão por capturar todas as essências do mundo, em uma busca incessante pelos cheiros que lhe foram sonogados, o que explica tamanha destrutividade. O personagem suspeita vir do corpo de mulheres mortas – como sua mãe – o mais exótico perfume do cheiro de sangue, evocando a beleza mórbida exalada pelos cadáveres de suas vítimas. Procura extrair de seus corpos uma essência tão íntima que todo ritual parece um ato de amor. Talvez busque o amparo materno perdido precocemente ou pretenda extrair a ternura que lhe foi negada. É provável que tais falhas tenham contribuído como causa para os seus crimes.

Os sentimentos sensuais com os objetos primários recalçados podem ser transformados em sentimentos ternos, conforme referido acima. Porém, pensamos que, talvez, o efeito do recalque na mãe é poder reconhecer a alteridade do bebê e, aí, investir de acordo com as necessidades dele, de um modo terno, sublimado. Freud (1932/1989j) reconhece a falta de compreensão do funcionamento da sublimação. O autor propõe que o sentimento terno tem sua origem nas fontes da necessidade sexual e, invariavelmente, renuncia à sua satisfação. Essa mudança acontece após uma parada no desenvolvimento, na latência, rumo à realização da satisfação. Desse modo, efetua-se um durável investimento objetal ao estabelecer uma permanente tendência ao sentimento de ternura.

Alguns autores (Laplanche, Pontalis, Green, Garcia-Roza) descrevem esse mecanismo: uma espécie de adoçamento, uma decantação por onde aparece a satisfação e rompe com a ligação do sexual ou, ainda, um escape da ação do recalque. Tal satisfação reaparece em algo que possui valor social, ou então na ética.

Mijolla-Mellor (2011) salienta a relação entre a sublimação e a ternura formada na latência. Nesse período, conforme a autora, a finalidade sexual não busca mais se realizar, pois, através de metáforas, consegue a satisfação. A sexualidade está sempre subjacente às relações entre pais e filhos. Pensa a autora que o amor familiar sublimado em ternura se constitui, como o amor em geral, com o reconhecimento da alteridade do outro.

Paim Filho (2014) sugere que a ternura seja um elo entre os dois destinos da pulsão – recalque e sublimação. Esse modo de pensar reforça a ideia de que os dois mecanismos estão implicados na ternura. A sublimação é que transforma os objetivos da descarga pulsional impedida em atividades socialmente aceitas.

Dessa forma, nas relações de objeto, os sentimentos de ternura predominam sobre a erotização edipiana.

Assim, passo a compreender a ternura como o sentimento sobre o qual se apoia o estabelecimento da ética. As reflexões neste estudo me fazem supor que a ternura, quando bem estabelecida no sujeito, capacita-o a ter a noção de alteridade e de liberdade de escolha. Tais possibilidades, quando se associam com a capacidade de pensar, resultam no alcance de uma ética mais sintonizada afetivamente com o outro.

Portanto, Freud (1930/1989i) refere-se à ética como a esperança de que os homens, em suas relações, pudessem conter a própria destrutividade. Propõe que o amor perde o valor se o seu objeto não for discriminado do Eu. Importante recordar que, para Freud, tal destrutividade é o maior obstáculo para estabelecer a ética:

O Supra-Eu cultural desenvolveu seus ideais e estabeleceu suas exigências. Entre estas, aquelas que tratam das relações dos seres humanos uns com os outros estão abrangidas sob o título de ética. As pessoas, em todos os tempos, deram o maior valor à ética, como se esperassem que ela produzisse resultados especialmente importantes. De fato, ela trata de um assunto que pode ser facilmente identificado como sendo o ponto mais doloroso de toda civilização... Como já sabemos, o problema que temos pela frente é saber como livrar-se do maior estorvo à civilização – isto é, a inclinação, constitutiva dos seres humanos, para a agressividade mútua. (p. 167)

Na citação acima, Freud apresenta a sua compreensão da ética. Por outro lado, revela a dificuldade de diferenciar objetivamente os termos moral e ética. Introduce a questão da responsabilidade da ética pelo Supra-Eu. Se o Supra-Eu está implicado com o Eu, pois é formado a partir desse último, não poderíamos relacionar a ligação entre moral/ética, Supra-Eu e Eu? Se as identificações primárias são a origem do Supra-Eu, não estariam também aí enlaçadas? Além disso, há uma ligação quando afirmamos que, tendo a moral internalizada, o latente poderá, com ternura e alteridade, possuir sentimentos éticos na puberdade. Talvez essa seja uma possibilidade para compreendermos, aproximando ao invés de diferenciar completamente os dois termos, em uma relação de complementariedade.

Freud (1930/1989i) propõe uma alternativa em busca da ética: a ideia de uma mudança no espírito científico, para que as relações entre os homens sejam mais saudáveis. Portanto, faz sentido *A negativa* (Freud, 1925/2007c), pois “a função psíquica de emitir juízos nos enseja (...) uma visão aprofundada de como uma função intelectual surge a partir do jogo de forças dos impulsos pulsionais

Regina Pereira Klarmann

primários. Emitir juízos é um desenvolvimento posterior que não se pauta mais pelo princípio do prazer” (p. 150). É possível, portanto, ponderar que, quando a moral está estabelecida, aliada à ternura e à alteridade, a ética também poderá vir a ser estabelecida. E, assim, através do pensar, será possível distinguir, por exemplo, as diferenças entre o que é Eu e o que é o outro.

Trançando os conceitos

É chegada a hora de responder, organizar e trançar algumas ideias que lancei neste percurso do pensamento freudiano. Podemos pensar na diferença entre moral e ética?

Recordo que alguns autores destacam a dificuldade em precisar os termos moral e ética, bem como as suas diferenças e semelhanças, em função de problemas na tradução do grego e do latim. Levando em conta este problema, parece-me que houve pouca precisão na utilização dos termos por Freud. Ainda assim, não há dúvidas de que a moral e a ética estão implicadas uma na outra. Entretanto, penso em outra possibilidade: Freud parece ter assinalado diferenças nas atribuições de cada uma no desenvolvimento psíquico humano. A moral seria um dos diques da latência, uma das forças do recalque (1905/1989c); seria introjetada pelo Supra-Eu através das identificações primárias e posteriores.

Já em relação à ética, Freud (1939/1989l) assinala a necessidade de delimitar os direitos recíprocos entre os indivíduos e transmitir ideais aos homens. Tais ideais teriam a sua origem no sentimento de culpa. Aqui vejo uma aproximação dos termos. Enquanto a moral é um dos diques da latência, concebida *através* e *com* o recalque – isto é, a lei interna –, Freud (1939/1989l) relaciona a ética com a delimitação dos direitos recíprocos entre os indivíduos. Logo, a ética é a complementariedade, com limites imprecisos, da moral em sua extensão social. A moral estaria mais afeita à relação com a lei interna, enquanto a ética estaria ligada à relação com o outro. Portanto, ambas se relacionam, pois o externo ético é alcançado com o interno, a moral.

Suponho que um dos pontos de contato entre a ética e a moral é o sentimento de culpa; afinal, nas manifestações agressivas ou destrutivas, tanto a moral quanto a ética podem gerar culpa. Entretanto, a culpa pela constatação da responsabilidade por nossos atos é diferente daquela que aparece pela obediência à moral. Talvez, aqui, possamos pensar na culpa persecutória e na depressiva conforme o pensamento kleiniano.

É importante lembrar, contudo, que o Supra-Eu forma-se a partir do Eu;

então, aqui, pode estar outro enlace entre a moral e a ética. Enquanto a moral é o núcleo do Supra-Eu, minha hipótese é que o Eu seja responsável pela ética, na medida em que o Eu realiza a mediação com o mundo externo, que, conforme expus acima, foi estabelecida pelo Ideal do Eu.

Por isso, é possível pensar que, ao descrever o desenvolvimento humano, na sequência da resolução edípica e da latência, já estamos introduzindo elementos que farão parte da ética, a qual começa a ser construída desde o colo materno. É como se o poente da moral encaminhasse para o despertar da ética.

Considerando essas questões, penso na possibilidade de que tanto a moral quanto a ética superpostas, e até concomitantes, possam atravessar juntas as etapas do desenvolvimento. Assim, a moral seria *fundada*, simultaneamente, ao desenvolvimento da ética, sendo que esta seria *assentada* utilizando as fundações da primeira. Ou seja, a criança introjeta os valores morais de seus pais através da transmissão das proibições e da educação, ambas aliadas à ameaça da perda do amor dos pais, como substituto do temor à castração.

Além disso, para a ética se consolidar, seria necessário ter a moral introjetada, aliada à ternura, no que poderíamos considerar uma *moral terna*. Porém, lembro que Freud (1939/1989I) afirma, no final de sua obra, que o objetivo da ética é capacitar o indivíduo a dominar seu complexo de Édipo e desviar-lhe a libido de suas ligações infantis, conduzindo-o para as ligações sociais. Assim, entendo que, diante dessa aquisição, o Eu está habilitado a exercer a sua função de mediador das demandas do sujeito com seu universo desejante e sua destrutividade com os ideais da cultura, fazendo a lei simbólica trabalhar – negociar sim; renunciar plenamente, jamais.

Analisando este percurso, uma possibilidade que surge é a compreensão do complexo de Édipo como um divisor de águas. A partir do ponto de vista dos conceitos sobre o desenvolvimento do modelo terno, o caminho a ser percorrido é iniciado com a mãe. Quando tem um cuidado terno e a alteridade constituída, ela dá ao seu bebê um modelo de identificação capaz de sustentar o desenvolvimento sadio, bem como permite uma relação emocional de dependência de seu bebê consigo própria.

É possível pensar que a criança terá oportunidade de experimentar, de forma mais ou menos plena, todas as fases do desenvolvimento, até a chegada ao complexo de Édipo, período em que há uma mudança. O complexo de Édipo impõe-se como o acontecimento principal da primeira infância e encerra com a interdição incestuosa. Antecede o período da latência, momento em que a energia sexual, até agora proibida, será empregada, em sua maior parte, para outras finalidades.

Regina Pereira Klarmann

Através da sublimação, a criança identifica-se com aquela que, nos primórdios de sua vida, substitui parte do sensual pela ternura.

Sublinho que a moral e a ética estão entrelaçadas na construção do sujeito. Concluo, portanto, que a moral está mais relacionada à latência, enquanto a ética liga-se à puberdade. Minha opinião é que – embora a fundação seja simultânea – *a aproximação da finalização* da estruturação e do estabelecimento dos sentimentos morais e éticos ocorre em tempos próximos, em parte concomitantes. Deprendo das ideias de Freud que o medo da perda de amor dos pais é o preâmbulo para o sepultamento do complexo de Édipo, tendo como fruto a moral solidificada. Porém, acredito que, a partir da resolução do Édipo, a ética pode vir a se constituir na forma mais acabada possível. Penso que a manifestação da sublimação, iniciada na latência, possibilita os sentimentos éticos precursores, mas é na puberdade que a escolha de um novo objeto inaugura as transformações da vida sexual adulta. O sentimento de ternura é o saldo resultante da etapa anterior, algo que o púbere carregará consigo, um saldo que contribuirá para o estabelecimento dos comportamentos éticos.

A organização sexual ocorre na puberdade, conforme ocorrem as transformações (Freud, 1940/1989m). Portanto, é neste período que se dá a manifestação da corrente da ternura que estivera, em parte, oculta pelas antigas aspirações sexuais das pulsões parciais infantis. As escolhas de objeto, com a noção da alteridade, agora têm a configuração definitiva da vida sexual adulta, levando à renúncia dos objetos infantis e ao recomeço de uma corrente sensual. A vida sexual natural é certificada pela convergência das duas correntes dirigidas ao objeto sexual e à meta sexual: a de ternura e a sensual.

Assim, o sentimento de ternura seria o resultado do recalque da conflitiva edípica que, em outra etapa, sublimada, possibilita a alteridade e colabora com o estabelecimento da ética. A ética coteja a relação do bebê e de sua mãe, tendo como modelo o cuidado terno. É possível pensar que a ética tem sua construção *finalizada*, preponderantemente, através desta identificação, podendo ainda ser estabelecida pela sublimação da sexualidade.

No período em que o Supra-Eu, herdeiro do complexo de Édipo se estabelece, surge no Eu uma mescla de identificações materna e paterna, em proporções variáveis, que se depara com o Ideal do Eu ou do Supra-Eu. Através de formações reativas, o Supra-Eu fará advertências ao Eu, a serviço do processo do recalque, como os preceitos morais – com seu caráter imperativo: serás assim como eu e não serás assim como eu.

Ao entender que o “desamparo inicial primordial humano é a fonte primária para todos os motivos morais” (Freud, 1950 [1895]/1989a, p. 431), penso na trama

entre a moral e a ética. Entre investimentos, satisfações e insatisfações, o bebê vai se constituindo. A princípio sem perceber a existência do outro ou repudiando o estranho, ele percorre um caminho que passa pelo narcisismo primário. As vivências de frustrações e satisfações externas promovem, progressivamente, a percepção do outro. Dessa maneira, as experiências vão potencializando as etapas do desenvolvimento, possibilitando o prazer de diferentes formas, mas predominando ainda o desejo de ter o objeto só para si. As ameaças vindas do mundo externo e o perigo de perdas significativas são os fatores que provocam a necessidade de abrir mão do objeto de amor sexual exclusivo. Não existe alteridade se não houver saída do mundo narcísico pulsional e sem o predomínio dos sentimentos amorosos. Diante desse cenário, proponho que a efetivação dos sentimentos morais e éticos seja determinada pela interação da função parental: a mãe planta, e o pai executa a colheita.

A moral está relacionada ao regulamento, à lei. Esta lei encontra-se baseada na vivência da ameaça de castração ou da ameaça de que qualquer infração resultará na perda do amor do objeto e, como consequência, acabará em infelicidade. A moral consolidada no Supra-Eu exerce a censura na forma de consciência. Kant afirma que a moral é a possibilidade de se opor ao desejo (Lacan, 1986/2008). É o triunfo da razão sobre o desejo. A psicanálise sugere uma relação entre a sexualidade e os enunciados de fundamentos da cultura. É neste cruzamento que se formam os valores do ser humano, e é onde o psicanalista atua.

Retorno agora à destrutividade, ao conflito pulsão de vida *versus* pulsão de morte, destrutividade *versus* moral e ética, hostilidade *versus* ternura. A moral estabelece a renúncia e, pressionada pelo medo da perda do amor dos pais e da castração, desenvolve o Supra-Eu. O recalque, por sua vez, atua na tentativa de conter a destrutividade. Paradoxalmente, a destrutividade está na base para o sujeito constituir-se e, quando ele não está amparado por um objeto com cuidado terno, não consegue formar o recalque necessário. Tal situação poderá levar à destrutividade capaz de aparecer sob diversas formas, inclusive de corrupção. Ou, ainda, na forma de um Supra-Eu hiper rigoroso.

Esse é o *mal-estar* que Freud (1930/1989i) percebe, pois é precária a estabilidade que o homem necessita para manter-se em uma civilização. Se, por um lado, a civilização tem o desígnio de protegê-lo, por outro, paradoxalmente, ela pode destruí-lo. Uma postura ética na práxis de preceitos morais transforma-se na esperança da contenção da destrutividade entre os homens.

Então, após este *passageio* por definições, diferenças e aproximações entre moral e ética, talvez seja possível sugerir que a moral está relacionada, de maneira prevalente, ao recalque; a ética, por sua vez, está ligada à sublimação. A moral é da

Regina Pereira Klarmann

ordem do primitivo, do sancionador. Em sua forma final, é introjetada na latência, possibilitando o desenvolvimento do pensamento judicativo. Já a ética está pronta para ser revelada na puberdade, através da sublimação que atuou desde a latência, conduzida pelos sentimentos de ternura. A ética está relacionada aos outros e conduz à consideração pelo outro, possuindo o sentimento terno em seu âmago. A alteridade faz parte da ética, percebendo o reconhecimento do outro diferente de mim. Porém, esse outro também está dentro de mim. Esse outro que é diferente e que provoca ódio, tanto fora como dentro de mim, pode levar à destrutividade.

Considerações finais

A realização deste trabalho oportunizou-me refletir sobre algumas questões concernentes à ética e à moral. Primeiro, reforçou a minha suposição de que há imprecisões na conceituação de moral e ética tanto na cultura quanto na psicanálise.

Em Freud, pude observar que as noções da moral e da ética se tramam desde o início da vida do ser humano. Podemos compreender que a lei interna é do caráter humano; contudo, conforme afirma o autor, este caráter será atuado no social, na relação com o outro, na convivência. Acredito que a psicanálise trouxe a possibilidade de entender esse outro. A alteridade é este perceber também o outro que vive em mim, estando implicada na estruturação do inconsciente. Dependemos o tempo todo do outro para que o desamparo não predomine e o ódio não vença. Por isso, temos medo da perda do amor do outro, e é assim que se dá a construção do psíquico. Constituímo-nos no desamparo; impacta-nos o outro, embrião da alteridade. Porém, odiamos essa intrusão e amamos para não perder. Este é o ódio que nos ajuda na afirmação de quem somos. A alteridade é o que nos identifica, anunciando a nossa solidão, e está implicada na ética.

Ainda que a conceituação de moral e ética fique imprecisa na obra de Freud, considero que ele fez sutis diferenças entre os dois termos. Talvez se possa dizer que Freud assinalou o ponto de encontro entre ética e moral, bem como as suas distintas funções. Sobre esse ponto, destaco um trecho do *O Eu e o Id* (Freud, 1923/2007a):

A religião, a moral e a empatia social – conteúdos principais do que é mais elevado e sublime no homem – eram originalmente uma só e mesma coisa. De acordo com a hipótese que apresentei em *Totem e tabu*, foram adquiridas filogeneticamente a partir do complexo paterno. A religião e as restrições impostas pelos costumes e pelas regras morais referem-se ao próprio processo

de enfrentamento e superação do complexo de Édipo, enquanto a empatia social decorre da necessidade de superar a rivalidade remanescente entre jovens membros da nova geração. (p. 47)

Parece possível pensar que, ao se referir à religião e à moralidade, Freud esteja falando da origem da moral e, quando menciona o senso social, esteja se referindo à ética, relacionada à rivalidade entre os iguais.

Freud (1928/1989h) afirmava que muitos criminosos praticam um delito para receber a punição e, assim, aliviar um sentimento de culpa profundamente inconsciente, não é verdade?

Quando nós, psicanalistas, estudamos nossa prática, aprendemos que não devemos ser moralistas com nosso paciente, e sim éticos. É possível pontuar esse paradoxo? A possibilidade é compreender que a *moral* é da ordem da culpa, do recalque, sendo proveniente da regra, da norma. A ética vem do conjunto do mundo interno; além da moral, que é importante para estabelecer a ética, esta contém a aceitação da alteridade e permite, ou melhor, exige a liberdade.

Penso que a ternura é o sentimento responsável por sustentar a ética, pois não basta ter a moral estabelecida para também ter a ética. A ternura é que dará o toque afetivo para o surgimento da ética. Além disso, penso que a ética constituiu-se no lastro sobre o qual deveriam se deitar os preceitos morais, em uma relação dialética e complementar entre moral e ética visando a constituição do sujeito.

Porém, o grande contraponto é que a destrutividade também possibilita o desenvolvimento do pensar e de ajuizar nossos atos, o que distingue o humano. O *não* é um símbolo da pulsão de morte que, segundo Freud (1925/2007c), leva ao pensar. Esse *não* está implicado na negativa, eis que, ao negar ao desejo a sua realização, incita o trabalho do processo primário – condensar e deslocar – para a sua realização, via a identidade de pensamento. Recordemos o que Freud afirma (1900/1989b): “o pensamento, afinal não passa do substituto de um desejo alucinatorio” (p. 517).

Em suma, podemos dizer que a moral é da ordem do narcísico: primitiva, questionadora, repressiva, julgadora, quer saber o porquê quando levada ao absoluto. A ideia de ética se funda transitória, interna e externa, e, além de ser complexa e subjetiva, exige o conhecimento de si. Apresenta tolerância, aguarda e nem sempre responde. Suporta um não saber. Exige liberdade e alteridade. Demanda o cuidado consigo e a ternura.

É possível alcançar a ética? Nem sempre. Penso que, amiúde, existe uma postura ética que, algumas vezes, *escorre* para a moral. E, embora a moral esteja

Regina Pereira Klarmann

presente na ética, por vezes pode opor-se a ela, na medida em que impõe, exige, acusa e culpa.

Essa pode ser uma das questões que ocasiona as dúvidas sobre a diferença entre os conceitos de moral e de ética, revelando as disputas que podem destruir a vida. A ideia de Freud na questão da dualidade do caráter humano impõe aceitar o caráter destrutivo existente em cada um de nós; aceitar o estranho que habita em cada um e que é o meu, o teu e o nosso humano; aceitar a morte e o perder. Nem sempre é possível. Parece que nos chocamos diariamente, porque nos surpreendemos acerca de nós mesmos. Seria o espelho um reflexo desse avesso que tanto procuramos disfarçar? Nem sempre, quando realizamos uma ação, temos condições de saber e prever suas consequências.

Kehl (2009) refere a existência de mudança na cultura, pois há autorização ambígua da delinquência implícita nos códigos morais contemporâneos em que a castração se confunde com a privação e, com isso, a frustração não é tolerada. O primitivo humano segue existindo da mesma forma que sempre existiu; porém, na contemporaneidade, a perversão deixa de ser latente. Isso faz mudar os códigos morais, mas muda a ética?

Acredito que a psicanálise também seja responsável pelas mudanças culturais da pós-modernidade. A descoberta do inconsciente e a importância da sexualidade favoreceram uma remoção do recalque, mas por uma má interpretação das teorias freudianas. Hoje, muitos de nossos pacientes não são os “neuróticos” de Freud, característica da cultura atual que é fugaz e volátil. Se o recalque é removido, se não há o *não* como referido acima, há carência no pensar. O conhecimento da existência do inconsciente permite-nos compreender que a destrutividade pode vir disfarçada de várias formas; contudo, ela não é eliminada.

Destaco a violência que assistimos diariamente. Somos espectadores, mas também atores da cultura que banaliza o mal (Arendt, 2004), do vazio que ocupa os espaços das mentes, do valor do *ter* sobrepujando o *ser*, e, agindo assim, incentivamos a política da mentira. O desejo é da ordem do fazer e do ter. Há uma valorização desmedida do poder econômico, que ignora a necessidade e provoca o desamparo. Aqueles que roubam e matam estão denunciando uma falta da moral, da regra? Ou se trataria da falta da ternura? Neste caso, ultrapassaria a questão moral. Denunciaria a carência da alteridade, do cuidado, da liberdade e da ética.

Não há sublimação peremptória das violências, lembra o filósofo e poeta Kovadloff (2005). A pulsão de morte é inescotável, gerando mais destrutividade. A civilização não dá conta de conter a agressão. A renúncia da pulsão, o recalque, foi sugerido por Freud como uma expectativa e uma esperança, uma forma de

tentar mediar os conflitos. A guerra, porém, continua. A moral não consegue segurar o transbordamento das pulsões. Um exemplo seria o desejo de ter através da corrupção, como se ter fosse o tornar-se, ser. A ética passa ao largo. Esse é um mal da contemporaneidade; é uma forma de agressividade, de renunciar à lei e ao contrato social.

Enquanto a hostilidade predominar sobre a ternura, a ética não se consagra. E, sem ética, a própria moralidade poderá se tornar destrutiva, por excesso ou falta.

A psicanálise pode ajudar ao propor aberturas nos estados de desamparo, ao compreender, ao remeter regressivamente à dor de outrora. O adulto abastecerá o bebê de palavras, imagens e notícias de si, conforme Freud anuncia. Eu complemento: abastecer com ternura. Lembrando novamente o filme *O perfume*: o seu personagem principal seguiu a vida sem poder sonhar e, enquanto feria as suas vítimas, imitava aquela que cortou sua possibilidade de sentir o perfume da ternura. Ele buscava encontrar, no olfato, a sua essência. Não formou a capacidade de julgar. Não houve espaço para a construção do pensar, nem do sonhar. Tudo ali revelava a evacuação do desespero.

Ao refletir sobre nossa clínica analítica, enquanto um dos métodos de que podemos dispor para o essencial conhecimento do nosso Eu, do nosso avesso, pergunto: ela tem sido suficientemente ética com suas técnicas? Ou algumas vezes confundimos ética com moral? Muitas vezes, nos índices remissivos da obra de Freud, uma palavra indica também a outra. Será que não podemos questionar o significado de algumas palavras? Talvez tenhamos que pensar na psicanálise com ternura. Enternecer não é “ceder de seu desejo” (Lacan, 1986/2008, p. 375), mas é, através do olhar para si mesmo, do espelho, encontrar um jeito de permitir que o reflexo possa ser introjetado e ali desabroche a sua verdade.

Termino essas considerações com Kovadloff (2005), que nos remete para Cortázar, afirmando que devemos viver nos combatendo. “Se não é possível derrotar a guerra de uma vez, podemos, ao menos, renovar sempre a nossa decisão de lutar contra ela, impedir que a sua vitória sobre nós seja definitiva” (p. 9). Assim, o nosso combate não termina, pois as possibilidades de dar novos significados são infinitas. A ternura pode ser um sentimento que cria pontes com o outro. Talvez ela busque estabelecer com o outro o mesmo cuidado e o mesmo olhar terno daquela que o alimentava, cuidava e acalentava quando criança, e que, sem saber, lançava ali os fundamentos da moral e da ética. □

Regina Pereira Klarmann

Abstract

Tenderness: the interlacing of moral and ethics

The paper reviews Freud's work to understand the constitution of moral and ethics in the human psyche. It broadly examines concepts such as narcissism, destructiveness and otherness, which are part of the formation of the moral and ethical process. It highlights the feeling of tenderness, a Freudian concept, in the intertwining and complementarity of moral and ethics.

Keywords: Moral; Ethics; Tenderness; Psychoanalysis; Freud

Resumen

La ternura: el entrelazamiento de la moral y la ética

El artículo revisa el trabajo de Freud para comprender la constitución de la moral y la ética en la psique humana. En términos generales, examina conceptos como el narcisismo, la destructividad y la otredad, que son parte de la formación del proceso moral y ético. Destaca y desarrolla algunos aspectos del sentimiento de ternura, concepto freudiano, tanto en el entrelazamiento como en la complementariedad de la moral y la ética.

Palabras clave: Moral; Ética; Ternura; Psicoanálisis; Freud

Referências

- Arendt, H. (2004). *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Barros Filho, C. (2013). *Introdução à ética*. Videoaula na Universidade de São Paulo (USP). São Paulo: Eca.
- Freud, S. (1979). Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa (Contribuciones a la psicología del amor II). In *Obras completas* (Vol. 11, pp. 169-183). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (1989a). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 387-529). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950 [1895])
- Freud, S. (1989b). A interpretação dos sonhos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 323-613). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

- Freud, S. (1989c). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 118-230). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1989d). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 185-208). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (1989e). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I) In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 147-157). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (1989f). Totem e tabu. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 13-194). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1989g). Psicologia de grupo e a análise do ego. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 89-179). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1989h). Dostoiévski e o parricídio. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 203-223). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1928)
- Freud, S. (1989i). O mal-estar na civilização. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 75-171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1989j). Conferência XXXII: Ansiedade e vida instintual. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 103-138). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932)
- Freud, S. (1989k). Por que a guerra? In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 237-245). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932)
- Freud, S. (1989l). Moises e monoteísmo: três ensaios. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 13-161). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1939)
- Freud, S. (1989m). Esboço de psicanálise. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 165-237). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940)
- Freud, S. (2004). À guisa da introdução ao narcisismo. In *Obras psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Trad. Hanns, L. A. (Vol. 1, pp. 85-125). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2007a). O Eu e o Id. In *Obras psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (Vol. 3, pp. 13-92). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2007b). O problema econômico do masoquismo. In *Obras psicológicas de Sigmund*

Regina Pereira Klarmann

- Freud. Escritos sobre a psicologia do inconsciente.* (Vol. 3, pp. 103-124). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2007c). A negativa. In *Obras psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 3, pp. 145-157). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (2008). Tótem y tabú y otras obras. In *Obras completas* (Vol.13, pp. 1-164). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabajo original publicado en 1913)
- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida. Narcisismo de morte.* São Paulo: Escuta.
- Green, A. (2010). *O trabalho do negativo.* Porto Alegre: Artmed.
- Hanns, L. (2004). *Dicionário comentado do alemão de Freud.* Rio de Janeiro: Imago.
- Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva.
- Hyppolite, J. (1998). Comentário falado sobre a *Verneinung* de Freud. In Lacan, J. *Escritos* (pp. 879-901). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Kehl, M.R. (2009). *Sobre a ética e psicanálise.* São Paulo: Companhia das Letras.
- Kovadloff, S. (2005). A construção do presente: feições filosóficas do conceito de trauma. In *44º Congresso Internacional de Psicanálise, Conferência de abertura.* Rio de Janeiro.
- Lacan, J. (2008). *A ética da psicanálise.* Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1986).
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1976). *Vocabulário da psicanálise.* São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1992). El tiempo y el otro. In *La prioridad del otro en psicoanálisis* (pp. 107-133). Buenos Aires: Amorrortu.
- Laplanche, J. (2015). Pulsão e instinto. In *Sexual* (pp. 27-43). Porto Alegre: Dublinense.
- Mijolla, A. (2005). *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições.* Rio de Janeiro: Imago.
- Mijolla-Mellor, S. (2011). A maternidade é uma forma de sublimação? *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, (35), 127-136.
- Paim Filho, I. A. (2014). *Metapsicologia: um olhar à luz da pulsão de morte.* Porto Alegre: Movimento.
- Süskind, P. (1985). *O perfume: a história de um assassino.* Rio de Janeiro: Record, 2012.

Recebido em 30/07/20

Aceito em 23/11/20

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Elena Beatriz Tomasel**

Regina Pereira Klarmann

Rua João Abott, 333/401
90430-130 – Porto Alegre – RS – Brasil
reklarmann@gmail.com

© Revista de Psicanálise da SPPA

Sugestão e sedução na psicoterapia do adolescente: um problema ético¹

Adela Abella², Genebra

A autora apresenta o problema ético da influência e sua consequência extrema: a doutrinação nos tratamentos analíticos e, em particular, nos casos dos adolescentes. A ideia inicial é considerar a aquisição de uma identidade pessoal como tarefa central da adolescência. Nesse sentido, pode-se dizer que o problema fundamental desse período da vida é a problemática narcisista, entendendo por narcisismo a relação com a imagem de si mesmo e a questão da regulação da autoestima. O adolescente oscila entre o desejo intenso de autonomia e a nostalgia da dependência dos pais protetores da infância. Nesse contexto, os riscos de sugestão e de sedução na psicoterapia de adolescentes são particularmente agudos, sendo, ao mesmo tempo, temidos como obstáculo à independência e desejados como fusão tranquilizadora. O terapeuta deve levar em consideração esses riscos, tanto em seu paciente como em si mesmo, a fim de estimular uma apropriação subjetiva por parte do adolescente que seja a mais autêntica possível. Esses diferentes aspectos serão ilustrados por meio de um caso clínico.

Palavras-chaves: *Ética; Adolescência; Identidade; Narcisismo; Sugestão; Sedução; Apropriação subjetiva*

¹ Artigo publicado anteriormente em espanhol Abella, A. (2014). Sugestión y seducción en la psicoterapia de adolescentes. *Cuadernos de Psiquiatría y Psicoterapia del niño y del adolescente*, 57, 17-26. A presente versão inclui pequenas variações no título, no texto e na bibliografia.

² Psiquiatra, psicoterapeuta infantil, adolescente e adulto. Membro da Sociedade Psicanalítica Suíça (SPS). Ex-presidente do Centro de Psicanálise da Suisse Romande. Membro do conselho do *International Journal of Psychoanalysis* e do Comitê de Cultura do IPEA.

Adela Abella

No contexto da psicanálise plural de nossos dias, há diferenças notáveis entre as diversas culturas psicanalíticas em relação aos objetivos de um tratamento analítico e aos meios para obtê-los. O que o analista deve buscar? Recuperar o reprimido e tornar consciente o inconsciente, integrar o clivado, relançar um processo de crescimento interrompido por um ambiente obstrutivo, favorecer o desenvolvimento da capacidade de pensar e simbolizar, construir conjuntamente uma narrativa mais adaptada às necessidades do paciente? Dependendo do ponto de vista adotado, a atitude do analista em relação a fenômenos como influência, sugestão e sedução pode variar. O risco maior desses fenômenos é o da doutrinação consciente ou inconsciente. Isso apresenta o problema ético do necessário respeito à apropriação subjetiva e à liberdade interna do paciente.

Neste artigo, discutirei alguns problemas que se apresentam ao terapeuta na psicoterapia do adolescente (Abella, 2014). Vou começar lembrando algumas ideias centrais sobre a adolescência. Quanto à evolução das ideias em psicanálise, é possível identificar uma mudança de paradigma em relação à maneira de compreender esse período da vida. Classicamente, a psicanálise apontava para a reativação da problemática edípica como um conflito fundamental da adolescência. A ideia era que, com o acesso à maturidade sexual, as fantasias edípicas da criança deixam de ser puras fantasias, condenadas a permanecer irrealizáveis por razões biológicas. Com a puberdade, abre-se a possibilidade, pelo menos teórica, de uma realização dos desejos edípicos (ocupar o lugar do pai ou da mãe). O despertar pulsional é acompanhado por uma intensificação dos desejos incestuosos, causando profundas angústias no adolescente. A relativa calma pulsional da latência desaparece. O adolescente se vê obrigado a um intenso trabalho de elaboração mental que culminará com o deslocamento de seus desejos dos pais para o exterior: os amigos, a namorada ou o namorado. O resultado desse processo será a aquisição de uma identidade sexual definitiva.

No novo paradigma, a problemática central situa-se não tanto ao nível incestuoso, mas ao identitário. O adolescente deve abandonar a dependência infantil de pais idealizados, os pais edípicos da infância, para se tornar um indivíduo autônomo. Este passo implica uma remodelação da totalidade das relações do adolescente, tanto as relações com os outros – pais, amigos – como a relação consigo mesmo e com o seu corpo. A questão da identidade pessoal – quem sou, como sou, como *não* sou, o que desejo – passa a ocupar um lugar central. É nesse sentido que se diz que a problemática fundamental da adolescência é a problemática narcisista, entendendo por narcisismo a relação com a imagem de si mesmo e a questão da regulação da autoestima. O conflito incestuoso inconsciente mantém

sua importância, mas dentro de uma problemática mais ampla e profunda como é a problemática narcisista (Golse, 2002; Jeammet, 2002; Laufer, 1965). Pode-se ver, nessa mudança de paradigma em relação à adolescência, uma tendência mais geral da psicanálise no sentido de enfatizar os níveis mais arcaicos do funcionamento mental: o pré-verbal e o pré-edípico.

Tipicamente, o adolescente oscilará entre posições extremas. Em alguns momentos, deslocará a idealização dos pais para a imagem de si mesmo: o adolescente se sentirá forte, eufórico, onipotente. Em outros, se sentirá incapaz de alcançar seu ideal: tenderá a se desvalorizar, sentirá vergonha do seu corpo e exagerará o menor defeito físico, além de se sentir desajeitado em seus relacionamentos e de desconfiar de sua inteligência e de suas habilidades.

Uma das consequências dessa tempestade narcisista é a dificuldade do adolescente em tolerar uma posição de dependência. Qualquer relacionamento que envolva um grau, mesmo discreto, de dependência irá facilmente despertar o medo (e/ou desejo) de voltar ao refúgio da infância. O adolescente sofre com frequência de uma forte ambivalência: por um lado, ele precisa afirmar sua autonomia, inclusive exagerando-a. Por outro, diante das preocupações associadas à independência, sentirá uma imensa nostalgia pela segurança da criança dependente, mas protegida pelos pais.

Essa ambivalência em relação à dependência manifesta-se de maneira particularmente clara na relação terapêutica. Precisar da ajuda do outro pode ser complicado em todas as idades da vida, para a criança e para o adulto. No entanto, na adolescência, costuma ser um problema agudo. Para o terapeuta, a dificuldade é a seguinte: como respeitar a necessidade de independência do jovem (necessidade que faz parte do processo próprio da adolescência) no interior de uma relação terapêutica que implica necessariamente uma dependência passageira? Esse paradoxo, essa oposição entre os objetivos de um tratamento analítico de adolescente – ajudá-lo a adquirir autonomia e os meios para alcançá-la através de uma relação que implica aceitar certa dependência –, faz com que, para muitos adolescentes, seja difícil aceitar uma psicoterapia. Interrupções abruptas, além de idas e vindas para dentro e fora do tratamento, muitas vezes são expressões de tal ambivalência. Já houve inclusive terapeutas que, conscientes dessa dificuldade para o adolescente, chegaram a questionar a indicação de psicoterapias nessa época da vida, argumentando que a dependência necessária poderia ter um efeito contra-evolutivo. Quer dizer, ao invés de ajudar o adolescente, a psicoterapia, em si mesma, correria o risco de reforçar os seus conflitos de dependência e, portanto, exacerbar os conflitos típicos do adolescente.

Como a dependência se expressa em uma relação terapêutica? Em primeiro

Adela Abella

lugar, há a necessidade de reconhecer que se precisa de ajuda, o que implica aceitar uma posição de fraqueza. Isso já pode ser difícil para alguns adolescentes, exacerbando o conflito entre serem grandes e, portanto, independentes, mas sozinhos, e sentirem-se protegidos, ainda que ao custo de permanecerem pequenos e dependentes. Uma jovem paciente disse-me não faz muito: “Não tenho problemas comigo mesma, quem tem problemas comigo são meus pais e meus professores”. Dado que quem precisa de ajuda é quem tem problemas, e como essa garota não tinha consciência ou não queria reconhecer que precisava de ajuda, a consequência lógica para ela era que seus pais e seus professores deviam vir me ver. O que é de uma lógica esmagadora.

Em segundo lugar, tanto o terapeuta quanto o paciente devem se submeter a uma série de regras sobre os horários e a duração das sessões, férias, pagamento das sessões... Não é incomum que adolescentes faltem às sessões sem avisar, ou que cheguem com toda a inocência 40 minutos atrasados para uma sessão de 45 minutos. As férias com frequência são ocasião de rupturas repentinas. Como me dizia um adolescente: “Quando venho aqui, não tenho nada pra dizer. O que eu precisava era poder vir na hora em que tenho alguma coisa pra contar”. Aceitar ajuda em um momento particularmente difícil parecia a esse adolescente algo perfeitamente aceitável, inclusive desejável. No entanto, precisar vir fora de uma crise era um reconhecimento doloroso de fraqueza.

No entanto, em uma psicoterapia, existe um outro nível em que a relação de dependência pode se manifestar de forma específica e particularmente ameaçadora para o adolescente. Trata-se do medo de que o terapeuta exerça uma influência sobre o paciente, ou seja, do risco de que o terapeuta imponha suas ideias, seus valores ou seus princípios ao adolescente. Na psicanálise, referimo-nos a esse problema em termos dos efeitos da sugestão e da sedução (Abella, 2012; Abella e Dejussel, 2017).

No dicionário espanhol, encontramos as seguintes definições para a palavra *sugestão*³:

³ N.T.: Em português, *sugestão*: Ato ou efeito de sugerir. Aquilo que é sugerido; proposta, conselho, ideia. Estímulo, inspiração, instigação. Processo de influência verbal que se efetua por meio da comunicação, no curso do qual uma ou mais pessoas mudam de atitude, de julgamento ou de comportamento com um fim adaptativo, sem estar conscientes desta mudança ou sem poder fornecer, quando a finalidade é alcançada, uma explicação racional para isto (*Dicionário Houaiss*). Processo de persuasão em que uma ou mais pessoas mudam de opinião, atitude etc. sem perceber ou ter noção do porquê (*Dicionário Caldas Aulete*). Em português, *sedução* e *seduzir*: Ato de seduzir ou de ser seduzido. Conjunto de qualidades e características que despertam em outrem simpatia, desejo, amor, interesse etc.; magnetismo, fascínio. Capacidade de persuasão. Capacidade ou processo de atrair alguém de modo capcioso ou através do estímulo à sua esperança ou desejo (*Houaiss*). *Seduzir*: causar admiração ou atração a; *encantar*; *fascinar*. Persuadir arditosamente inclinando ao erro. [*O delinquente seduzia os meninos incautos*]. Ter grande influência sobre. [*Era um escritor que seduzia a juventude*]. [*Com sua lábia, seduziu-o a romper o contrato*]. Desonrar ou deflorar (mulher

- a) Influência sobre a maneira de pensar ou de agir de uma pessoa, que anula sua vontade, levando-a a agir de uma forma determinada: *foi hipnotizado e está sob os efeitos da sugestão. (Diccionario Manual de la Lengua Española Vox. Larousse Editorial, S.L.)*
- b) Ato de implantar ideias ou sentimentos na alma dos homens, sem consciência plena daqueles que os recebem. (*Diccionario Enciclopédico Vox 1. Larousse Editorial, S.L*)
- c) Domínio, controle da vontade (*Espasa Calpe*).

Quanto à palavra *sedução*, encontramos no dicionário espanhol:

- a) Fascínio ou atração por uma coisa ou pessoa que provoque seu desejo ou seu afeto. (*Seu olhar me seduz; o brilho do ouro o seduz*).
- b) Convencer, persuadir com sutileza, principalmente para errar: *Ele nos seduziu a todos para manter seu crime em segredo*.
- c) Uma pessoa persuadir outra a fazer sexo com ela, principalmente se usar argúcias ou artimanhas: *o homem mesquinho seduziu um adolescente (Espasa Calpe)*.

Na verdade, os dois termos descrevem fenômenos muito próximos, cujo núcleo comum é o fato de um indivíduo exercer influência sobre o outro, de forma oculta e com o objetivo de dominá-lo. A diferença entre os dois termos situa-se ao nível do que é veiculado pela relação de influência: na sugestão, trata-se de uma ideia; na sedução, trata-se antes de um desejo. Um ponto comum importante é que, em ambos os casos, se pensa em uma influência oculta, abusiva, enganosa e malévola.

Essa acepção fundamentalmente negativa do termo sedução é típica da língua espanhola e da inglesa, mas não do francês. Em francês, existem duas acepções, uma negativa, no sentido de dominação e engano, e outra acepção mais positiva, no sentido de estimular o desejo de um indivíduo. Essa diferença linguística, aliada a certas peculiaridades da história da psicanálise na França, permitiu alguns desenvolvimentos teóricos originais no país. Refiro-me, em particular, à teorização de Jean Laplanche, que ele propõe chamar de “teoria da sedução generalizada”. Resumindo rapidamente, para Laplanche, a sexualidade é implantada na criança por meio das mensagens enigmáticas da mãe, mensagens cujos conteúdos sexuais escapam à criança. Ela deve traduzir tais mensagens, com seus meios limitados, de maneira que o inconsciente nasce dos defeitos de ditas traduções. No tratamento psicanalítico, a sedução intervém da mesma maneira que no desenvolvimento da criança: como um estimulante do pensamento, como atrator de representações.

jovem) valendo-se de promessas de casamento ou palavras amáveis. Conduzir à rebelião, à revolta; *sublevar*. Dar suborno a (alguém) com fins ilícitos (*Caldas Aulete*).

Adela Abella

Mas, para Laplanche, e nisso ele se aproxima do pensamento anglo-saxão, a função do analista é proporcionar a apropriação subjetiva pelo paciente, quer dizer, uma compreensão a respeito de si mesmo e do mundo que o rodeia, da forma mais pessoal e menos alienada possível. É por essa razão que, para Laplanche, o analista deve rejeitar a posição do *analista suposto saber* que lhe é atribuída pelo paciente.

Em espanhol, como em inglês, a acepção negativa é a predominante. É a que vou manter aqui. Ao falar de sedução, refiro-me sobretudo à sedução narcisista, quer dizer, àquela que, inconscientemente e de forma oculta, procura influenciar o outro a fim de atraí-lo para as suas próprias ideias ou valores. Esse tipo de influência é inevitável em todas as relações humanas, e depende em especial das convicções, conscientes ou inconscientes, de cada um. Na medida em que estamos convencidos de algo, não poderemos evitar de tentar atrair o outro para o que nos parece ser a verdade, e fazemos isso de maneiras mais ou menos sutis e, muitas vezes, sem que sequer nos demos conta.

A questão importante é que, se esse tipo de influência inconsciente é inevitável em todas as relações humanas, sua presença é ainda mais inevitável na relação psicoterapêutica. Então, a questão é a seguinte: em um tratamento psicanalítico, é possível respeitar a autonomia do paciente? O terapeuta pode evitar injetar suas ideias e valores em seu paciente? Ou, pelo contrário, esse deveria ser um dos objetivos da terapia? Na psicanálise, trata-se de suprimir os sintomas do paciente, e permitir que ele se adapte melhor ao seu meio, ou de buscar que o paciente se reconcilie consigo mesmo e com seu mundo da forma mais pessoal possível?

Como era de se esperar, essa problemática da sugestão e da sedução, do respeito pela individualidade do paciente, é ainda mais aguda na adolescência do que em outros períodos da vida. O adolescente, em seu conflito entre o desejo e o medo da autonomia, com frequência oscila entre o medo da sedução (porque atenta contra a sua autonomia) e o desejo de sedução (para anular a distância com o objeto e realizar um tranquilizador fantasma de fusão).

Encontramo-nos, assim, em uma situação complexa: por parte do paciente, e em particular no caso do adolescente, assistiremos a uma luta interna entre o desejo e o medo da sedução. Quanto ao terapeuta, será necessário contar com seu desejo, consciente e inconsciente, de influenciar o paciente pelos melhores motivos: ajudá-lo a viver melhor no que é o seu mundo. Existe também o desejo oposto: respeitar a autonomia do seu paciente.

Chegando a tal ponto, é necessário considerar a mecânica e a dinâmica desse conflito entre forças opostas: como elas operam e como podemos identificá-las e administrá-las em uma terapia. A noção de fantasma inconsciente é de grande

utilidade aqui. Chamamos de fantasia inconsciente a um esquema relacional implícito que põe em cena a interação entre um indivíduo e seus objetos⁴, bem como o que acontece entre eles, quer dizer, o conjunto de expectativas, desejos, riscos e papéis de cada um. Em termos técnicos, pode ser descrito como um paradigma relacional inconsciente que inclui uma série de desejos, angústias e mecanismos de defesa específicos. Também pode ser definido em termos de relações entre os objetos internos de um determinado indivíduo.

Essas fantasias inconscientes, muito primitivas no início da vida, evoluem com o tempo, adquirem maior complexidade e chegam a ser características de cada indivíduo. Em outras palavras, cada um de nós tende a funcionar com um número limitado delas, que são ativados de acordo com as diferentes circunstâncias da vida. Assim, poderíamos dizer que a personalidade de um sujeito acaba sendo determinada por suas fantasias inconscientes. Em termos de sua gênese, pense-se que derivam do encontro entre as experiências específicas de cada pessoa e a sua própria pulsionalidade. A ideia, que não é exclusiva da psicanálise, é que o importante não é apenas o que nos aconteceu, mas o que fizemos com o que nos aconteceu, o que colocamos no que nos aconteceu e como contribuimos para tanto.

O ponto importante é que essas fantasias inconscientes determinam a maneira como o indivíduo percebe seu mundo, além da maneira como lembra de seu passado e como age no presente. Consequentemente, elas têm uma capacidade autorrealizadora: o indivíduo tende a induzir sua realização nas diferentes circunstâncias da própria vida, incluindo a relação terapêutica. Quer dizer, o paciente não apenas perceberá o terapeuta e interpretará suas palavras e atitude à luz de suas expectativas inconscientes, como também irá pressioná-lo a adotar um papel condizente com sua fantasia fantasma. Em outras palavras, a fantasia inconsciente do paciente tenderá a se encarnar na relação terapêutica, o que tem duas consequências principais. A primeira é que isso permitirá que o conteúdo da fantasia seja identificado. A segunda consequência é que, na medida em que o terapeuta responda de maneira diferente às expectativas do paciente, e graças ao reconhecimento dessa divergência, a fantasia inconsciente do paciente poderá se modificar.

As fantasias inconscientes do terapeuta também influenciam no relacionamento, determinando em parte o tipo de escuta e as respostas do terapeuta. Além das características pessoais de cada terapeuta, há um elemento bastante comum e que diz respeito às motivações profundas para o exercício dessa profissão.

⁴ O termo *objeto* se refere à distinção clássica entre o agente de uma ação (o sujeito) e aquele sobre quem a ação recai (o objeto). Em psicanálise, o termo objeto abrange tudo o que é significativo para um indivíduo: pessoas, ideias, valores, quer dizer, tudo o que é investido libidinal ou agressivamente, com amor ou ódio (ou por todos os sentimentos intermediários em suas várias combinações).

Adela Abella

Essas motivações com frequência incluem um desejo de reparação que assume a forma de uma aspiração de ajudar o paciente, o que implica compreendê-lo e, em certa medida, identificar-se e adaptar-se a ele.

Portanto, na situação terapêutica, deparamo-nos com algo como um fogo cruzado entre as fantasias inconscientes do paciente e os do terapeuta, o que apresenta o problema da sugestão e da sedução entre os dois. De maneira inevitável, tanto o paciente quanto o terapeuta tentarão inconscientemente atrair, convencer o outro, impor seu ponto de vista e sua fantasia inconsciente. O problema é que, como vimos, tentar convencer o outro e atraí-lo para os seus próprios valores pode equivaler a uma sedução inconsciente. Em outras vezes, pode acontecer o contrário. Quer dizer, ambos se colocarão em posição de acreditar que o outro tem razão, de se adaptar e compartilhar as convicções do outro, isto é, de sofrer a sua influência, de ser sugestionado ou seduzido. Consequentemente, podemos dizer que tanto o paciente quanto o terapeuta podem oscilar entre o desejo de seduzir e o de ser seduzido, entre sugestionar e ser sugestionado⁵.

O problema que se coloca é o seguinte: se a sugestão e a sedução fazem necessariamente parte dos fenômenos da cura, há alguma maneira de lidar com elas? Com efeito, pensa-se que a diferença entre a psicanálise e outras formas de tratamento reside precisamente no fato de que a primeira oferece a possibilidade de identificar e analisar os fenômenos de influência. Ao identificá-los e verbalizá-los com o paciente, o terapeuta oferece a possibilidade de utilizá-los, não no sentido de alienação, mas precisamente de forma contrária. Se tivermos consciência de nosso desejo de seduzir ou de ser seduzido, a influência não só diminui, como podemos utilizar esse conhecimento para nos conscientizar e modificar nossa atitude e nossas reações. Uma das consequências dessa transformação poderia ser o aumento de nossa liberdade interna na terapia e em outras circunstâncias da vida. Dito de outro modo, as experiências de sedução analisadas em uma terapia poderão não só limitar o risco de doutrinação em dita terapia como nos fortalecer diante da inevitável intervenção da sedução em toda relação humana.

Agora tentarei ilustrar alguns desses aspectos com um caso clínico.

Uma ex-paciente me telefona com urgência. No começo não me lembro dela, depois muito vagamente. Por fim, descubro que me consultou duas ou três vezes há mais de dez anos por causa de um problema de trabalho que foi resolvido com rapidez. Ela me explica que houve um problema gravíssimo com sua filha de 15 anos, Lola, e que, como ela tem uma boa lembrança de mim, decidiu me

⁵ Esta sugestão ou sedução do terapeuta pelo paciente aparece de forma clara quando o terapeuta aceita a versão do paciente como verdade indiscutível, sem considerar as alterações subjetivas necessariamente incluídas em toda lembrança.

ligar. Então, com as duas presentes em meu consultório, a mãe repete de novo que se animara a me telefonar por causa da boa imagem que mantinha de mim, especificando que “se não, nunca teria me atrevido a trazê-la”. Compreendo que, embora confie em mim, é um perigo para essa mãe trazer a sua filha. Perigo de quê? – pergunto-me. Em seguida, como que para confirmar o quanto foi acertada esta decisão que tanto lhe custou, a mãe acrescenta: “Ela precisa de uma ajuda de fora”. Aqui penso que eu sou um “de fora”, alguém perigoso que a mãe, ou talvez a família, foi forçada a admitir.

Em geral, quando recebo um adolescente, mesmo com os pais presentes, procuro discutir principalmente com ele ou com ela. Desta vez, contudo, foi impossível. Terrivelmente angustiada, a mãe monopolizara a sessão. Conta-me que descobriram, de repente e sem qualquer suspeita prévia, que Lola já não é mais a menina pequena que pensavam: foi para a cama com dois rapazes, com o segundo para fazer ciúme ao primeiro; além disso, houve droga, álcool. A situação foi descoberta no momento em que a mãe tinha sido hospitalizada para uma pequena intervenção. Lola marcara com o pai às 17:00 horas para visitar a mãe. Às 19:00, Lola não tinha dado sinal de vida, e o pai procurou-a por todos os lugares até encontrá-la, bêbada, em um banco. A família inteira estava espantada. No dia seguinte, Lola deu à irmã mais velha seu diário íntimo, a qual o passou para a mãe.

Enquanto a mãe explica tudo isso, Lola mantém os olhos baixos, contrita, sem dizer uma palavra. Nesse ponto, a mãe quer ler para mim alguns parágrafos do diário. Sinto-me desconfortável, como se fosse uma violação da privacidade da garota, e proponho que Lola me diga o que ela acha que eu devo saber sobre o que ela escreveu no diário. A mãe, com o diário nas mãos, insiste. Lola aceita e a mãe lê. Em um parágrafo, Lola descreve como foi a sua “sua primeira vez” com Juan; eles fumaram uns baseados e beberam álcool. Enquanto lê, a mãe me olha de propósito, como se dissesse “Está vendo”. Em outro parágrafo, Lola diz que não suporta morar com os pais e a irmã. Novo olhar incrédulo da mãe. Por fim, a mãe lê uma frase que a tranquiliza: Lola admite que tudo isso não está certo e que ela tem problemas.

Do ponto de vista contratransferencial, a situação apresenta certa complexidade. Por um lado, compreendo a angústia da mãe e acho importante poder recebê-la. Por outro, sinto que a mãe deixa muito pouco espaço para Lola. Além disso, coloca-me em uma posição de aliada incondicional da mãe – está claro que espera que eu reforce a autoridade dos pais. Também me deixa pouco espaço, o que é bastante desconfortável para mim.

Finalmente, a mãe explica que Lola, quando criança, era muito apegada a

Adela Abella

ela, com grandes dificuldades de separação. Depois, ao crescer, tornou-se pouco comunicativa, o tempo todo no celular e no tablet. Agora que suprimiram tudo, Lola não pode sair de casa, somente para ir à escola. A mãe acrescenta que nunca vigiou a filha, mas agora lê o diário dela todos os dias. Por último, diz que o pai de Lola está arrasado, muito pior que ela. Acho que, tanto para Lola quanto para sua mãe, o processo de autonomização da adolescência está se mostrando difícil, e que Lola necessitou exagerar no tom para se afastar um pouco dos pais.

Quando ficamos sozinhas, Lola me explica, chorando e com uma atitude muito “adulta”, o que aconteceu. Há alguns meses, ela estava muito apaixonada por Juan, queria que a “sua primeira vez” fosse com ele e, embora parecesse um pouco cedo, cedeu para conquistar seu amor. Depois descobriu que Juan pouco se importava com ela e, para despertar-lhe ciúme, dormiu com o garoto de quem sua melhor amiga gostava. Felizmente, a sua amiga entendeu e não guarda rancor dela. Ai Pedro, um colega de aula, disse muitas coisas bonitas para Lola, levou-a para sua casa, fez ela beber e ambos se deitaram. No outro dia, Lola tomou a pílula do dia seguinte. Pedro contou para toda a turma que foi ela quem tomou a iniciativa, que se jogou sobre ele como uma fera. Ela não se lembra de nada, pois tinha bebido muito. Por fim, descobriu que Pedro também não ligava para ela. De Juan não guarda rancor porque estava apaixonada por ele, mas não quer nem ver Pedro, porque ele mentiu e abusou dela.

Sobre sua família, conta que o pai trabalha muito e depois, quando chega em casa, começa a conversar sobre tênis com a irmã: os dois participam de competições. Ela joga por jogar, então não pode participar muito das discussões deles, que a fazem sentir-se isolada. Penso nessa coincidência: Lola sente-se rejeitada pelos três garotos que “não ligavam para ela” e também se sente rejeitada pelo pai quando este fala sobre a competição com a irmã. Por fim, depois de me falar um pouco sobre a escola, onde está indo bem, explica que, quando crescer, quer ser policial, como sua madrinha e seu tio, “para botar ordem, para que os jovens não façam o que ela fez”. Pensa que Pedro a destruiu e quer se tornar forte, porque é o seu futuro que está em jogo. Literalmente me diz: “Quero me reconstruir porque estou muito perdida”.

Pela forma como se expressa, acho que Lola se sente culpada, provavelmente assustada com a própria pulsionalidade, envergonhada diante de sua família e de sua turma e, como ela mesma diz, “perdida”. O tom é um tanto racionalizante e adultomorfo e, às vezes, parece-me que está repetindo as palavras dos pais. Vejamos, por exemplo, o que me diz na terceira sessão: “Todo mundo comete erros. Bom, o meu é um pouco maior, mas agora vejo as coisas com mais clareza”. Penso que a sua forte identificação com os valores e as proibições de seus pais e

da sociedade ajudam-na a resgatar a própria imagem e a se projetar em um futuro aceitável. Ao mesmo tempo, penso que Lola corre o risco de perder contato consigo mesma e com seus conflitos e sentimentos, submetendo-se às pressões dos pais de forma superficial e alienante. Ao lado da racionalização, existe também uma potente formação reativa, a qual se expressa em seu projeto profissional e em certas atitudes em relação à sexualidade e aos garotos. Por exemplo, insiste que os garotos sempre querem a mesma coisa e que, para ela, a única coisa importante é estudar, por isso não pretende arrumar namorado por muitos anos. Existe uma espécie de rejeição maciça da sexualidade, o que me parece compreensível como medida de emergência, mas perigosa se for instalada de forma mais definitiva.

Enquanto a ouço, me surge a imagem de um paciente que eu havia visto anos atrás. Era um policial que consultava por problemas com seus chefes. Ele me explicou que vinha de uma família de delinquentes, de modo que, nas reuniões de família, era comum que fosse objeto de zombaria, pois, ao se tornar policial, tinha se tornado a “ovelha negra” da família. Esse paciente tinha uma certa percepção de seus mecanismos internos: ele me explicou que sabia que não podia ficar em cima do muro, teria que escolher entre a delinquência e a polícia, e optou por esta última. Nessa escolha, me parecia ter percebido não só uma formação reativa, mas fantasias de rivalidade edípica e de onipotência narcisista. Como se esse policial dissesse à sua família: “Não vou ser como vocês, e sim o contrário e muito melhor; além disso, terei poder sobre vocês”. O problema era que os impulsos agressivos, os quais a formação reativa tentava suprimir, infiltravam-se na própria estrutura da formação reativa: se meu policial tinha problemas com seus chefes era, em grande parte, porque adotava métodos nada santos, fora da lei, em seu trabalho policial. Em suma, ele escolheu ser um policial, mas estava se tornando um policial delinquente.

A pergunta é: por que, ao ouvir Lola, me veio à mente a lembrança desse policial? Penso que, no fundo, temia algo semelhante para ela. Em geral se aceita a ideia de que a formação reativa é um dos mecanismos envolvidos na formação do caráter e na aquisição dos valores próprios da cultura a que pertencemos. Além disso, era compreensível que, em uma situação traumática, Lola exagerasse seus movimentos defensivos e adotasse posições muito rígidas. O que me preocupava era o risco de que essa rigidez ficasse inscrita definitivamente em sua maneira de funcionar.

Parece-me que uma das perguntas importantes que um terapeuta pode se fazer em um caso como esse é: o que se pode fazer por essa garota? Lola expressava o desejo de vir à terapia, como seus pais queriam. Por outro lado, penso que me equiparava a seus pais, atribuindo-me as mesmas intenções e as mesmas expectativas. Em outras palavras, a psicoterapia não representava para ela um

Adela Abella

espaço de liberdade de pensamento e de palavra, mas sim uma extensão da pressão e das proibições dos pais. Pensei que vir me ver devia ser como aceitar a supressão do celular e do *tablet*: algo que Lola deve fazer para que seus pais fiquem calmos e para que ela pague por seu erro e possa se reconstruir como seria de se esperar. O problema é que isso não é uma terapia, é um espaço de doutrinação. Em outras palavras, Lola se oferece como objeto de sugestão e sedução. Sua disposição para ser influenciada parece tanta que nem preciso me esforçar: sem que eu diga nada, ela já me atribui intenções críticas e moralizantes, estando pronta para se submeter a elas.

Digo a Lola que ela pensa que vem me ver não para que tentemos entender o que sente e pensa, mas para que eu a ajude a se comportar como seus pais esperam. Sua primeira reação é de surpresa com o óbvio: é claro que vem por isso. Além do mais, não é só o que seus pais esperam, é também o que ela quer, que as coisas voltem a ser como antes, não pensar mais no que aconteceu. Penso, mas não digo, que este é um dos papéis da polícia: prender, separar o mau e o temido, metê-lo na prisão e não mais pensemos nisso. Parece-me que Lola evoca aqui não uma polícia que protege e permite um certo espaço de liberdade, mas sim uma polícia que reprime, tranca e castiga.

A percepção dessas expectativas educacionais e normalizadoras dirigidas a mim acarretou-me problemas contratransferenciais. Por um lado, sentia uma rebelião interna em relação ao papel que me era atribuído, uma resistência em ceder à violenta pressão que Lola e a sua família tentavam exercer sobre mim e que eu sentia como uma tentativa de sedução. Como se me dissessem: “Estamos convencidos de que temos razão, você só precisa compartilhar o nosso ponto de vista e fazer exatamente o que lhe indicamos”. O risco era que eu reagisse com uma contra-sedução, quer dizer, que eu tentasse atraí-los e seduzi-los para aqueles que eram os *meus* valores. Ou seja, que minha atitude fosse o equivalente a dizer: “Não, não, quem tem razão sou eu, não penso fazer o que vocês querem e sim de modo que sejam vocês que andem na direção que me parece boa”.

Um certo contra-ataque sedutor de minha parte ficou evidente em torno da questão, importante para Lola, do diário íntimo. Lola havia me explicado que podia falar sobre suas coisas com as amigas, mas que o diário lhe era algo muito importante. Escrever ajudava a se acalmar e a se entender melhor. Para ela, o diário às vezes era a melhor amiga. E, agora, o diário havia acabado. O problema era duplo: por um lado, quando lia agora o que havia escrito antes, parecia que não era a mesma pessoa. Tinham acontecido coisas tão graves com ela, e já mudara tanto! Eu parecia ver, nessas palavras de Lola, o sentimento de estranheza habitual em todo adolescente que se sente mudar.

Por outro lado, parecia-me que essa experiência de descontinuidade era a consequência de uma experiência traumática racionalizada demais e, portanto, pouco acessível à exploração e à elaboração. Por assim dizer, uma experiência traumática confinada à prisão, algo similar ao “corpo estranho” descrito por Freud (1919/2006). Penso que contribuía para esse sentimento de estranheza o fato de que seu diário havia se tornado material público, digamos: não só era lido pela mãe, como comentado em família, na maioria das vezes de forma elogiosa. Na verdade, os comentários muito criteriosos de Lola, que ela sentia como totalmente sinceros, coincidiam exatamente com os esperados pelos pais. Parecia-me que Lola estava despojada não apenas de seu diário, mas de si mesma.

Minha reação imediata foi a fantasia de “defender” o diário, primeiro diante de Lola, incentivando-a a defender sua privacidade; depois, se fosse necessário, até junto aos seus pais, explicando a importância de aceitar um espaço privado para a filha. Ao mesmo tempo, percebi que havia algo complexo em minha disposição de lutar pela liberdade interna de Lola. Quer dizer, se Lola viesse a defender seu diário, não deveria ser porque eu a pressionasse a fazê-lo, mas por sua própria decisão, como resultado de um trabalho pessoal que permitiria que ela adotasse uma distância mais justa de seus pais e se reconciliasse com seus desejos e necessidades. Discutimos o diário, e Lola decidiu abandoná-lo. Achei uma pena que Lola renunciasse ao que costuma ser, para certos adolescentes, e que tinha sido para ela, um valioso instrumento de exploração e elaboração pessoal.

Continuamos o trabalho. Uma das minhas prioridades continuou a ser tentar limitar os efeitos da influência mútua, quer dizer, de querer que o outro faça o que nos parece justo ou de fazermos o que o outro impõe. Essas tentativas de sedução mútua me pareciam responder às dificuldades de Lola em se separar de seus objetos e adquirir certo grau de autonomia. Eu via tais dificuldades como uma espécie de manobra inconsciente para adquirir um estado de fusão a-conflitual entre os dois, similar ao que Lola mantivera com a mãe na infância. Nessa linha, uma grande parte de nossas discussões girava em torno da exploração de seus sentimentos e expectativas: como Lola sentia o que acontecia com ela, de que forma contribuía e o que ela fazia do que lhe acontecia. Em outras palavras, a tentativa de identificar e modificar suas fantasias inconscientes.

Após várias semanas de terapia, Lola apresentou dois elementos que me pareceram indicar uma aquisição de maior capacidade de ouvir e de se permitir mais autonomia.

O primeiro foi um desenho. Lola tinha adquirido o hábito de rabiscar enquanto conversávamos. Na maioria das vezes, eram desenhos geométricos, estereotipados, sem sentido. Um dia, Lola fez algo diferente. O desenho era de uma

Adela Abella

garota de costas, olhando para um horizonte onde se viam montanhas e pássaros. Comentário de Lola: “É uma prisioneira, ela quer ser livre. Querem controlá-la, não confiam nela. É uma garota frágil, não poderia se defender sozinha. Seus pais a abandonaram, ela tem 18 anos. Gosta de animais e de sonhar”. Após um longo silêncio, pergunto o que vai acontecer depois. Ela me diz: “Não sei. Se for bom, talvez os pais dela voltem. Se for ruim, um acidente. Então, quando for mais velha, vai querer ver o mundo, não se entediar. Não vai querer se casar nem ter filhos, não vai querer uma família porque é muito chato. O que ela vai querer é ajudar as pessoas, para que não vivam o mesmo que ela: que não fiquem presas, que sejam livres”. Então sugiro que talvez essa garota tenha algo em comum com ela. Lola me diz: “Sim, não confiam em mim”.

Nesse desenho de Lola, me pareceu existir certos elementos já conhecidos: seu sentimento de fragilidade, sua dificuldade de se separar com tendência a se sentir abandonada, seu desejo de ajudar as pessoas para que não vivam o mesmo que ela como uma espécie de autorreparação por procuração, seu contra-investimento fóbico da sexualidade e da família. O que me pareceu novo foi a sua reivindicação de liberdade e o direito de sonhar e de ser diferente de seus pais. Para entrar em contato com tais desejos, Lola precisava clivar e projetar o medo dessa liberdade, como se dissesse: “Não sou eu que me submeto aos meus pais tentando suprimir minha personalidade, são os outros que me impedem de ser livre e de ser eu mesma”. O importante era que, pela primeira vez na terapia, Lola não adotava uma postura submissa e influenciável, conformando-se aos valores dos demais, mas podia se imaginar aspirando à liberdade e a ser ela mesma. Em outras palavras, sonhar de novo. Havia trabalho a ser feito, mas me parecia que Lola começava a diminuir a racionalização e a formação reativa, permitindo-se ser mais ela mesma, com toda a ansiedade que isso podia despertar.

O segundo elemento nessa direção referia-se ao problema do diário, que tanto tinha me preocupado e que havia me despertado a tentação de arriscar exercer uma influência ativa. Um dia, Lola explicou-me que agora escrevia cartas, às vezes endereçando para si mesma, outras vezes para as suas amigas. Na maioria das ocasiões, ela não as postava, guardando-as para si e, se contava as coisas, sonhava.

Lola havia encontrado uma solução pessoal, sem precisar da minha ajuda ou influência. Penso que, se eu tivesse intervindo diretamente, apesar das boas intenções, Lola provavelmente teria tomado isso como prova de minha falta de confiança nela, como um desejo meu de mantê-la prisioneira. Em vez de favorecer a sua evolução pessoal, o risco teria sido impor a visão do terapeuta da mesma forma que os pais queriam impor a deles.

Em suma, a influência no sentido de imposição dos próprios valores e visão

da realidade é um risco inerente a toda relação humana e, com maior razão, a toda relação terapêutica. No campo da psicanálise, isso apresenta problemas éticos sutis, mas importantes. Na verdade, embora uma certa influência possa ter um efeito positivo no sentido de estimulação psíquica, seu maior risco é cair na doutrinação. No entanto, se o terapeuta está consciente desses riscos, pode ajudar seu paciente a realizar uma apropriação subjetiva da realidade que seja mais profundamente autêntica e pessoal. Em outras palavras, analisar os efeitos da sugestão e da sedução em um tratamento pode favorecer a aquisição de um maior grau de autonomia e de um melhor contato consigo mesmo, e isso nas psicoterapias de todos os pacientes, mas principalmente no caso dos adolescentes. Ao mesmo tempo, considerar os efeitos da influência mútua pode ajudar o terapeuta a compreender melhor certas reações contratransferenciais, de modo que seu trabalho seja mais útil para o paciente e mais satisfatório para si mesmo. Dessa forma, apresentar o problema da influência na psicanálise me parece constituir não apenas uma exigência ética fundamental, mas também, simultaneamente, permitir uma melhor compreensão da relação intersubjetiva na cura. □

Abstract

Suggestion and seduction in adolescent psychotherapy: an ethical problem

The author raises the ethical problem of influence and its extreme consequence: indoctrination, in analytical treatments and, more particularly, in the case of adolescents. The initial idea is to consider the development of a personal identity as the central task of adolescence. In this sense, we can say that the fundamental issues of this period of life are the narcissistic difficulties, understanding narcissism as the relationship with the own image and the regulation of self-esteem. The adolescent oscillates between the intense desire for autonomy and the nostalgia of the dependency to protecting parents of childhood. In this context the risks for suggestion and seduction in the psychotherapy with adolescents are particularly intense, being at the same time feared as an obstacle toward independence and desired as a reassuring fusion. The therapist must take into account these risks, both in the patient as in himself/herself, in order to stimulate a subjective appropriation as authentic as possible.

Keywords: Ethics; Adolescence; Identity; Narcissism; Suggestion; Seduction; Subjective appropriation

Adela Abella

Resumen

Sugestión y seducción en la psicoterapia de adolescentes: un problema ético

La autora plantea el problema ético de la influencia y su consecuencia extrema: el endoctrinamiento, en los tratamientos analíticos y más en particular en el caso de los adolescentes. La idea inicial es considerar la adquisición de una identidad personal como la tarea central de la adolescencia. En este sentido se puede decir que la problemática fundamental de este periodo de la vida es la problemática narcisista, entendiendo por narcisismo la relación a la imagen de sí mismo y la cuestión de la regulación de la auto-estima. El adolescente oscila entre el deseo intenso de autonomía y la nostalgia de la dependencia hacia los padres protectores de la infancia. En este contexto los riesgos de sugestión y de seducción en la psicoterapia de adolescentes son particularmente agudos, a la vez temidos como obstáculo hacia la independencia y deseados como fusión tranquilizadora. El terapeuta debe tener en cuenta estos riesgos, tanto en su paciente como en sí mismo, a fin de estimular una apropiación subjetiva por parte del adolescente que sea lo más auténtica posible. Estos distintos aspectos serán ilustrados a través de un caso clínico.

Palabras clave: Ética; Adolescencia; Identidad; Narcisismo; Sugestión; Seducción; Apropiación subjetiva

Referências

- Abella, A. (2012). La séduction dans la cure des adolescents: (Édipe et/ou Narcisse? *Review Française de Psychanalyse*, 76(5),1479-1484.
- Abella, A. (2014). La psychothérapie psychanalytique individuelle: est-elle possible à l'adolescence? In *J'agis donc je suis – variations contemporaines dans les soins psychiques à l'adolescence*, Barbe R., Fredenrich A. et Wenger W. eds, à paraître chez Médecine & Hygiène, Genève.
- Abella, A., & Dejussel, G. (2017). *Conviction, suggestion, séduction*. Paris: Puf.
- Freud, S. (2006). O estranho. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 17. pp. 237-270). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).
- Golse, B. (2002). Psychothérapie du bébé et de l'adolescent: convergentes. *La Psychiatrie de l'enfant*,45(2), 393-410.
- Jeammet, Ph. (2002). Spécificités de la psychothérapie analytique à l'adolescence. *Psychothérapies*,22(2), 77-87.

Sugestão e sedução na psicoterapia do adolescente: um problema ético

Laufer, M. (1965). Assessment of adolescent disturbances. The application of anna freud's diagnostic profile. *Psychoanalytic Study of the Child*, 20, 99-123.

Recebido em 11/09/2020

Aceito em 08/01/2021

Tradução de **Ernani Ssó**

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Elena Beatriz Tomasel**

Adela Abella

217 rted Annecy

CH 1257 – La Croix-de-Rozon

Genebra – Suíça

adela.abella@bluewin.ch

© Adela Abella

Versão em português da Revista de Psicanálise da SPPA

Por uma ética institucional

Viviane Sprinz Mondrzak¹, Porto Alegre

O presente trabalho procura discutir aspectos relativos à construção de uma ética institucional nas sociedades psicanalíticas, ética esta que inclua um olhar para o funcionamento da própria instituição, e não somente para uma ética individual do psicanalista. Parte das ideias de Henri Atlan, importante pensador da complexidade, assim como das contribuições da psicanálise para o tema, apresentando algumas reflexões pessoais com o intuito de expandir a discussão.

Palavras-chaves: Ética; Instituição; Poder; Transgressão

¹ Psiquiatra, Psicanalista, membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

“Senhoras e senhores, estivemos ouvindo um artigo muito interessante e estimulante. Tive a vantagem de ter lido o trabalho do Dr. X e embora não concorde com tudo (principalmente porque não faço a menor ideia do que ele pensa que está falando, e tenho certeza de que ela também não faz) achei sua apresentação – hum – estimulante. Existem muitos pontos que gostaria de discutir, caso tivéssemos tempo (graças a deus, não temos), mas sei que há muita gente ansiosa para falar (em particular nossos chatos vitalícios de plantão que ninguém ainda conseguiu silenciar). No entanto, há apenas um ponto sobre o qual gostaria de ouvir a opinião do Dr. X. (Neste ponto, preparo-me para liberar uma das minhas ideias obsessivas favoritas. Não importa que seja irrelevante; também não importa que o Dr. X não tenha qualquer opinião sobre o assunto ou, o que seria improvável que, se ele tivesse, eu quisesse ouvi-la). (...) Frequentemente me ocorre (e só os coitados da minha Sociedade sabem como isto é frequente) que... etc... etc.” (Bion, 1969/2000, p. 312)

Há muito tempo esta passagem irônica de Bion ressoa para mim como um permanente alerta para que, além de prestarmos atenção em nosso funcionamento e no de nossos pacientes, também tenhamos um olhar muito atento para as nossas instituições. São vários os ângulos possíveis para se discutir instituições e as especificidades de uma instituição psicanalítica. É difícil fazer generalizações, já que existem questões particulares de cada local, todos com sua própria história e contextos socioculturais também variados. De qualquer forma, algumas invariâncias podem ser pensadas, as quais envolvem diretamente questões éticas que remetem às relações entre os indivíduos reunidos em uma sociedade com a finalidade expressa de desenvolver o pensamento psicanalítico, pressupondo um clima de abertura e de respeito, além da possibilidade de se ouvir uns aos outros, elementos que fazem parte da essência da psicanálise.

Em artigo anterior (Mondrzak, 2012), foquei a questão da ética sob o ângulo de uma ética do psicanalista. Assim, neste trabalho, impulsionada, entre outros fatores, pela crise ética da atualidade e pelos desafios apresentados pelos tempos atuais, obrigando que se repensem algumas práticas do nosso método, bem como a forma com que constituímos nossas sociedades, pretendo discutir aspectos do que se poderia chamar de uma *ética institucional*. São princípios indispensáveis inclusive para que se faça frente, eticamente, aos dilemas e confrontos que surgem para a nossa disciplina no mundo contemporâneo. Esta noção de “nossos tempos”, de contemporaneidade, não pressupõe apenas a concomitância no tempo, mas a forma como vamos incorporando as mudanças, já que, ao longo da vida, passamos por vários presentes. De alguma forma, cada presente traz consigo seus desafios e nos obriga a repensar o que está estabelecido. Sabemos que este processo de assimilação das mudanças não se dá na velocidade em que elas são geradas, não só na nossa prática clínica como também no funcionamento das instituições. Conhecemos bastante sobre o funcionamento dos grupos e sobre o surgimento de ansiedades intensas e mecanismos primitivos frente à ameaça que as mudanças representam. No entanto, não podemos usar este conhecimento em racionalizações do tipo “todos os grupos são assim”, na tentativa de simplificar a discussão e nos tranquilizarmos de que não há nada a fazer em relação às instituições psicanalíticas ou que nossas práticas são inquestionáveis. Não podemos nos eximir de pensar sobre mecanismos possíveis de facilitar um funcionamento grupal capaz de assimilar transformações e favorecer a reflexão. Novos desafios surgem a todo momento, acompanhando mudanças científicas e culturais, ao mesmo tempo em que demandam posicionamentos sobre questões que antes não existiam. A recente pandemia colocou-nos de forma abrupta a questão das análises online. Certamente não será a última. Além disso, o meio no qual a instituição está inserida pressiona e muitas vezes determina os funcionamentos de grupo. O clima atual de radicalizações e de questões envolvendo verdade/mentira, preconceitos, violências de várias ordens, afeta-nos de formas diretas e indiretas. Em cada uma destas questões, há sempre, na base, uma dimensão ética envolvida, a busca por um universal de verdade, um sinalizador do que está além do estabelecimento de normas e regras.

Assim, neste trabalho, por considerar que possam auxiliar na reflexão, trago algumas ideias de Henri Atlan, médico, biólogo, e professor de biofísica, nascido na Argélia, com numerosos estudos na área de biologia celular, imunologia e inteligência artificial. Atlan (1979) notabilizou-se por ser um dos criadores da chamada teoria de auto-organização dos seres vivos a partir do ruído, que utiliza conhecimentos de biologia, cibernética e termodinâmica, tendo participado do

Viviane Sprinz Mondrzak

surgimento e da recente renovação das teorias da complexidade. As teorias da complexidade, herdeiras da cibernética, são correlatas aos desenvolvimentos da física dos sistemas dinâmicos (aqui incluídas as teorias do caos), que destacam a importância das regularidades e do acaso na compreensão dos fenômenos. Ao longo dos anos, Henri Atlan vem também burilando e definindo sempre com maior precisão sua visão sobre os problemas éticos, tendo participado do *International Ethical, Scientific and Political Collegium (Collegium International)*, uma organização de líderes que possuem reconhecido conhecimento político, científico e filosófico, com o objetivo de buscar novas contribuições na busca de um mundo mais justo e pacífico. Tomando como ponto de partida as suas ideias sobre o tema, procuro trazer reflexões pessoais sobre alguns aspectos relativos às instituições psicanalíticas e à construção de uma ética institucional.

Não irei me deter nos vários conceitos de ética e vou utilizar, neste trabalho, a definição de ética que segue as ideias do filósofo Emmanuel Levinas (1982): como posição e como lugar (morada), como postura fundamental, como modo de escutar e falar ao e do outro na sua alteridade. Uma ética compreendida como abertura, respeito, resposta e propiciação ao outro. Algo que não se assemelha em nada a uma moral e que, portanto, não poderá jamais ser convertido em um código de prescrições e proibições. Trata-se muito mais de uma disposição ao convívio acolhedor, mas nem por isso tranquilo, com o inesperado e o irredutível que caracteriza a alteridade, do que da formulação de regras prescritivas capazes de determinar condutas.

Atlan e os níveis éticos

Atlan (1997) aponta que todos os problemas éticos são percebidos e vividos por indivíduos segundo os valores e normas herdados pelas sociedades às quais eles pertencem. O tipo de racionalidade onde se insere a ética é uma racionalidade mítica, que não tem a sua origem em um conhecimento racional do tipo filosófico e científico que caracteriza as sociedades ocidentais. Diz respeito a um projeto, a um querer, muito mais do que ao conhecimento e exprime-se neste conjunto de desejos, necessidades, representações, conscientes e inconscientes.

Para investigar os diversos caminhos que poderiam levar efetivamente a uma ética mais *universal*, o autor propõe que se tenha em mente que as exigências éticas se situam em diferentes níveis.

O primeiro nível de ética é o nível da dor a ser evitada e do prazer a ser procurado, diretamente relacionado ao indivíduo e ao aqui e agora. Seria um

primeiro universal, comum a todos os sistemas de normas. Há uma coincidência entre a percepção do que se chama *bem*, por dar prazer, e do que se chama *mal*, por infligir dor. É nesta primeira etapa que se origina o caráter normativo da dor que é necessário evitar e do prazer que é necessário buscar. É a este nível que se retorna quando se regride a uma moral infantil de reação ao imediato, em que o único bem reconhecível é o das necessidades de cada um. É deste contexto que se alimenta (em um outro nível ético) a indignação coletiva, onde se projeta a dor individual em uma simpatia generalizante pelos que sofrem.

Na passagem para o segundo nível, interferem as capacidades cognitivas de representação, memória, simbolização, intencionalidade, etc. As experiências de prazer e dor de cada indivíduo são memorizadas em função de sua história individual e coletiva, incluindo o efeito da imaginação. O bem e o mal associados às experiências sensoriais são estendidos no tempo, sendo deslocados no espaço e estendidos até o outro. A partir daí, surge o julgamento reflexivo que postula a necessidade de adiamento dos desejos, como optar por uma dor imediata a favor de um prazer futuro em relação a si próprio ou ao outro. O que se costuma chamar de conhecimento do bem e do mal estaria inserido neste nível e constituiria uma *competência ética* da espécie humana, por analogia à sua competência linguística. No segundo nível é instalada a duplicidade do significado das palavras *bem* e *mal*. No espaço, bem ou mal individual estendem-se ao bem ou ao mal coletivo. E, em relação ao tempo, bem ou mal no presente estendem-se na duração. O *bem* ou o *mal* são entendidos imediatamente, como fonte de prazer ou de dor, mas também como o que é entendido a partir da intermediação de um juízo reflexivo. Assim, uma palavra, uma ação ou um pensamento são considerados bons, isto é, justos e corretos, ou maus, quer dizer, injustos e incorretos, no duplo sentido, tanto cognitivo quanto ético. Neste nível reencontra-se o traço normativo de origem da ética na experiência de dor e de prazer, como no nível anterior, mas agora não mais na forma da experiência de uma sensação imediata. Esta experiência será modificada, transformada, interpretada, às vezes mesmo invertida, tudo em função de nossa memória e imaginação. Por exemplo, a perspectiva de uma recompensa futura com grande repercussão de prestígio no grupo pode vir a tornar prazerosa uma experiência que, sem tal expectativa, no momento presente, seria penosa para o indivíduo.

Se o segundo nível de ética é universal quanto à sua existência, ele é muito diversificado no que diz respeito aos conteúdos, justamente porque cada sociedade determina de maneira própria as leis do desejo e de sua sublimação, configurando uma particular definição de bem e de mal produzida pela história de cada sociedade e por seus imaginários individuais e coletivos. No segundo nível de ética, esboça-se

Viviane Sprinz Mondrzak

uma *ética de adulto*, pois, não sendo a satisfação obtida imediatamente, propicia-se o acesso à reflexão, que pode fazer com que se sinta o *bem* como o próprio fato de compreender e o *mal* como o obstáculo à compreensão. Então, seria o próprio conhecimento que serviria de critério de juízo do bem e do mal – em termos de seu caráter reflexivo.

No terceiro nível, em que começa a aspiração a uma ética universal pragmática, o indivíduo é levado a estabelecer julgamentos sobre os julgamentos, ou seja, sobre os sistemas de valor instituídos no segundo nível. Deve avaliar os sistemas éticos instituídos, incluindo a realidade de grupos sociais diversos em sua maneira concretas de existir e de se comportar, mediadas por sua cultura, língua e história. E, na medida do possível, buscar encontrar o que é comum na maior parte destes sistemas, como se, a partir desta reflexão, fosse possível decantar uma essência com a qual a maior parte das pessoas pudesse concordar. Não se tratam mais de regras da razão prática, decorrentes de uma imagem da liberdade humana responsável por impô-las, mas de regras de comportamento aceitas como sendo as mínimas indispensáveis para preservar indivíduos concretos da dor.

Investigando a possível construção desta ética, fundada em um diálogo de éticas do terceiro nível, Atlan (1997) aponta para a premência de serem encontrados elementos em comum, suscetíveis de colocar em contato as éticas/morais existentes, enfatizando que a razão deve desempenhar, neste processo, um papel ágil e adaptável de instrumento e não de tribunal. Uma ética concretamente mais universal depende de serem feitas concessões a argumentações colocadas, uma vez que é muito mais fácil sabermos *o que* se quer ou não, do que *por que* o queremos (ou não) ou *como* faremos para atingir este objetivo; insistindo em coerências “racionais”, frequentemente surgem desacordos irreduzíveis no nível das crenças e dos princípios. Estes acordos serão estabelecidos mais facilmente no seu nível primeiro, que atinge a sensibilidade imediata de todos, em especial no que se refere à evitação da dor, já que a procura da felicidade está relacionada com a segunda ética, quando precisam ser impostas restrições que provocam controvérsias.

Assim, Atlan (1997) sugere que o terceiro nível de ética seria o de uma ética da argumentação, em que o diálogo entre diferentes sistemas de valores e normas obedeceria a uma só regra: a necessidade de resolver os problemas práticos de coexistência, se possível sem recorrer à guerra. Um fator propício ao sucesso desta estratégia é uma particularidade de nossos sistemas de comunicação e de argumentação, nos quais se tenta responder as questões em termos de causas, de razões ou de motivações. Usa, como modelo, o funcionamento de sistemas complexos, que poderia ser resumido assim: qualquer sistema dinâmico (uma rede

neuronal, as células do sistema imunológico, etc.) tem a propriedade de convergir para um de seus estados estáveis ou atratores por diversos caminhos. Estes caminhos diferem entre si, dadas as condições iniciais ou diferentes. No entanto, conexões diferentes que exprimem teorias ou modelos diferentes podem produzir atratores idênticos ou predizer as mesmas observações. A dificuldade de teorização está ligada, nestas simulações formais, a um grande número de teorias “corretas” que predizem as mesmas observações, o que seria uma fragilidade da teoria.

Contudo, o mesmo fenômeno, aplicado não aos modelos, mas aos próprios sistemas naturais, surge como uma robustez de suas dinâmicas. No funcionamento de nossos cérebros, esta propriedade de convergir para um mesmo estado final através de caminhos e, eventualmente, de estruturas diferentes, pode explicar uma propriedade notável de nossa intersubjetividade: é mais fácil concordar sobre as conclusões do que sobre a maneira de se chegar a elas. Verifica-se que, quando as pessoas precisam tomar decisões quanto ao caráter aceitável ou não de uma dada prática, com frequência elas reagem espontaneamente de maneira idêntica, antes mesmo de expor as razões de sua posição. As dificuldades aparecem depois, quando se trata de analisar e justificar as razões do posicionamento adotado. Este diálogo no terceiro nível não se estabelece naturalmente, pois ele se realiza segundo as pressões sociais, históricas e políticas, e não apenas em função da troca de ideias. Ou seja, é necessário um trabalho permanente de observação e de desacomodação para colocar em movimento um processo de questionamento e confronto de ideias e fazeres (Coutinho, 2008).

A evolução dos níveis éticos descritos por Atlan poderia ser transcrito por nós, psicanalistas, a partir dos referenciais da nossa disciplina. Falaríamos na trajetória desde o princípio do prazer até a gradual inclusão do princípio da realidade; ou ainda, a perda da ilusão da onipotência infantil, o reconhecimento da necessidade do outro em nossas vidas; ou o crescimento da capacidade de tolerar frustrações, permitindo a expansão da capacidade de processar emoções, etc., etc., de acordo com os vários modelos de funcionamento da mente. Modelos estes que muitas vezes em nossas sociedades não dialogam de fato, apenas se encontram sem se escutar, como na passagem de Bion citada no início deste trabalho. Cada um no seu próprio mundo.

De qualquer forma, penso que a visão de Atlan, apesar de – à primeira vista – parecer muito esquemática para descrever fenômenos complexos, pode reforçar os mecanismos necessários se quisermos de fato encontrar uma ética de terceiro nível ou, no caso aqui, uma ética institucional capaz de ser aceita e compartilhada pelo maior número possível de seus membros. Antes de mais nada, isto nos faz pensar na necessidade de um trabalho permanente não só de organização de atividades

Viviane Sprinz Mondrzak

científicas ou planejamento da formação psicanalítica, mas também de encontros capazes de estimular que os membros pensem sobre a instituição e os seus objetivos, em debates que não visem imediatamente a tomada de decisões, mas o exercício da escuta do outro. Talvez seja utópico, mas a busca por utopias também pode ser vista como uma metodologia que impulsiona a reflexão e pesquisa.

Breves reflexões sobre o analista e suas instituições

Quais instituições nós, analistas, construímos e como nos relacionamos com elas? Uma questão simples, já muito pensada e discutida, mas jamais esgotada (ainda bem) e, mais do que nunca, fundamental. Longe de ser um tema que apenas tangencia o corpo teórico da psicanálise, relaciona-se diretamente com questões essenciais do campo de estudo psicanalítico, eis que, antes de mais nada, continuamos humanos, com todos os temores e ansiedades característicos dos seres humanos. O estudo dos grupos está presente na psicanálise desde o início, com os trabalhos de Freud sobre o assunto – principalmente *Psicologia das massas e análise do Eu* (1920-1921/2010) e o *Futuro de uma ilusão* (1927/1996) – e teve acréscimos importantes com Bion, em especial na obra *Experiências com grupos* (1961/1975). Nossas teorias mostram como, ao mesmo tempo em que provocam ansiedades primitivas (principalmente se funcionam com regras superegógicas muito rígidas, incrementando ansiedades paranoides), os grupos tem um papel organizador e continente quando conseguem funcionar como grupo de trabalho, onde todos podem se reunir em torno de uma tarefa comum. No entanto, na prática, quando estamos envolvidos no processo grupal, é mais difícil perceber o que se passa.

Assim, acompanhando desde um vértice da nossa disciplina os níveis éticos trazidos por Atlan, tomo como ponto de partida a imagem de um ciclo em que participamos inerentemente como humanos e do qual a condição de analistas não nos exclui, como talvez gostaríamos de acreditar: o processo do gradual (e nunca completo) afastamento da ilusão da onipotência infantil, o desejo (nunca inteiramente abandonado) de recuperar de alguma forma esta ilusão, abalada constantemente pela realidade, e que se manifesta na busca de formas de *poder* (deuses, teorias, posições dentro da instituição, para citar apenas algumas) para sentir-se seguro e negar fragilidades e dependências do outro, levando à permanente necessidade de regras/leis para organizar os desejos e necessidade/desejo de transgredi-las. Este ciclo repete-se por toda a vida, claro que se esperando, idealmente, que cada repetição agregue algum novo recurso ou possibilidade,

permitindo a evolução a partir de um narcisismo estrutural essencial no início da vida até formas de ganhos narcísicos menos onipotentes.

Portanto, a dinâmica poder/transgressão é essencial para compreendermos o funcionamento das instituições, e seria necessário um outro trabalho para estudar as complexas formas com que estes elementos se articulam, assim como a sua relação com os narcisismos individuais e coletivos. O termo poder é difícil de definir, tendo conotação positiva e negativa e, como aponta Foucault (1977), não é objeto, pois sempre envolve uma relação que precisa ser diferenciada de uma relação de domínio. Em uma relação de poder, existe a possibilidade de uma resistência. O poder organizador aceita diferenças, dialoga com elas e abre alguma porta para transgressões.

Da mesma forma, transgredir é uma palavra com sentido paradoxal: tanto pode se referir à dificuldade de respeitar limites organizadores, como pode fazer menção a um movimento necessário para o crescimento. Na célebre passagem do *Gênesis*, Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, proibindo-o de comer do fruto da árvore do bem e do mal em troca da promessa de imortalidade e da felicidade eterna. A transgressão desta regra acarreta a perda de um mundo ilusório, de um paraíso sem sofrimentos, tudo em nome da curiosidade. Assim, transgredir a lei que impede o crescimento, oferecendo a ilusão de manutenção da onipotência, é salvador e constitutivo do humano. No entanto, existe o outro lado desta moeda, quando há uma idealização da transgressão, em nome de não ser conservador e/ou retrógrado. Se não quisermos ser apenas adolescentes que transgridem pelo sentido do ato em si, tentando se assegurar de uma autonomia ainda não estruturada, torna-se necessário articular a transgressão como linguagem organizada capaz de ser contrastada com o já existente. Não basta conhecer o elemento que impulsionou a transgressão, é necessário captar a inteligibilidade do sistema contra o qual a transgressão torna-se necessária.

Neste sentido, quando a psicanálise busca a segurança do paraíso, fechada na ilusão do poder de seu conhecimento, e não ousa pensar além, o ato psicanalítico perde seu caráter transgressor essencial. Se uma instituição perde a capacidade “transgressora”, ela se imobiliza. Vemos isto com frequência no apego a algumas regras que muitas vezes já perderam seu sentido e são mantidas em nome da necessidade de normas organizadoras. O que é verdade, desde que elas possam ser questionadas e verificadas de tempos em tempos. Em um desenho ideal, caberia à instituição tolerar e organizar a “transgressão” para que ela possa ser articulada com o conjunto de normas existente.

Viviane Sprinz Mondrzak

De volta à questão central: ética institucional

Existe um velho sonho da humanidade: reunir a lei moral com a lei natural, possibilitando um mundo no qual o bem se iguala à verdade e, quem sabe, ao belo (Atlan, 1986). No que se poderia chamar de primeiro período ético, para acalmar as suas angústias, o homem se inspirou na natureza, partindo de mitos. O segundo período ético foi o religioso, quando a ordem divina passou a definir o bem e o mal. Com o iluminismo, a razão assume a primazia na definição ética. Assim, durante séculos, o balizador da lei moral/ética foi um Deus criador/legislador. A razão passou a ser, depois, o novo “deus” legislador, que deveria descobrir as regras de conduta e de organização da sociedade, agindo em harmonia com as leis da natureza. No entanto, este foi um projeto fracassado: o exercício de uma razão crítica levou ao fracasso da própria razão para fundamentar uma ética individual e social (Atlan, 1994). Desta forma, chegamos a um momento no qual as leis da natureza são cada vez mais bem decifradas e dominadas pelo método científico, mas este conhecimento tem muito pouca utilidade para a vivência individual e social, para a elaboração de uma ética. Mesmo que o princípio da ciência pressuponha a busca da verdade, com a vantagem de poder ser reformulado se necessário, tem o inconveniente de sua possível dissociação do mundo das verdades subjetivas, da estética e da ética. Como bem sabemos nós, psicanalistas, qualquer saber científico pode ser usado com várias funções. A coluna dois da Grade de Bion (1963/1991a) chama atenção justamente para isso, realçando que mesmo os raciocínios científicos mais complexos e inquestionáveis podem ter uma função de negação da verdade.

A psicanálise participou desta quebra do mito da onipotência da razão, mostrando que ela não é um instrumento neutro para o conhecimento da verdade, eis que sofre a influência de sentimentos inconscientes. Ao mesmo tempo, a luta para ser reconhecida como uma ciência talvez tenha feito com que os analistas se afeitassem às suas ideias como verdades idealizadas, sustentando a ilusão de possuímos uma teoria e técnica onipotentes referendadas por um mestre. Desta perspectiva, podemos pensar que, desde as bem conhecidas reuniões das quartas-feiras, o movimento psicanalítico estruturou-se como uma família em torno do chefe, Freud, amado e odiado, temido e idealizado. Muito já se falou a este respeito quando se estuda a história da psicanálise e das instituições psicanalíticas que, formalmente (e idealmente), tem a função de preservar a herança científica e proporcionar o seu desenvolvimento, como uma referência estruturante, que tem a sua autoridade conferida pelo percurso no tempo e pela assinatura do mestre. De qualquer forma, sempre cabe a pergunta do motivo pelo qual ainda se mantém o apego ferrenho à letra de Freud como fundamento da prática em 2020, muitas vezes

de uma forma religiosa, mesmo que de maneira implícita. Não se trata aqui de um debate sobre teorias ou técnica psicanalítica, mas sim de um modo de organização das relações interpessoais nas instituições psicanalíticas.

Atlan (1979), a quem recorro mais uma vez ao falar sobre ética, profundo conhecedor do Velho Testamento, lembra do *Pirkei Avot* ou *A ética dos pais*, tratado que detalha a visão da *Torá* sobre ética e relações interpessoais. É um texto que continua sendo lido através dos séculos e, para Atlan, permite que se detecte uma série de elementos que permanecem essenciais em todos os tempos. Uma das recomendações feitas é “faze-te um mestre” (*Pirkei Avot*, 2016, Cap. 1), o que poderia ser interpretado (na perspectiva de Atlan, 1979) como uma recomendação de escolher, uma vez constituída a personalidade adulta e exercendo o senso crítico, um mestre para ser ensinado e para então substituir, renovando assim, os alimentos morais do pai. Posteriormente, que se renove a escolha, podendo ser aproximativa, todas as vezes que a trajetória demandar.

Ou seja, ao contrário do pai, que é apenas um, exerce a possibilidade de infinitos pais simbólicos que o crescimento permite, em termos de liberdade e autonomia, sabendo, no entanto, que sempre vamos precisar de um. Falar de filiação em relação aos mestres seria uma regressão no crescimento. Os pais eficazes, que se preocupam com o desenvolvimento de seus filhos como adultos, procuram ajudar na tarefa de se separarem deles e a desenvolverem um senso crítico, aberto para o exterior, mais do que com a crença onipotente de que detém todo o alimento. Em alguma medida, seguimos um movimento regressivo permanente, em uma filiação a um único pai-mestre? Neste caso, nem poderíamos chamar de movimento regressivo, mas sim de uma zona de imobilismo na organização das relações entre os membros e destes com a sociedade, o que dificultaria a cultura de uma real abertura para a escuta do outro, a qual consideramos aqui como um dos eixos fundamentais de uma ética de terceiro nível, onde ideias podem ser confrontadas em um clima de solidariedade.

É importante ainda, nesta discussão, termos em mente a evolução do pensamento científico, que saiu de um pensamento puramente determinista para a inclusão do acaso, do ruído, expandindo a possibilidade de se pensar sobre sistemas complexos, aqueles que não se comportam como se estivessem em um laboratório, em condições normais de temperatura e pressão, e onde o observador interfere no sistema observado.

O acaso costumava ser considerado antagonico ao organizado. A continuidade dos estudos tem demonstrado que a organização dos sistemas vivos não é estática e nem um processo que se opõe às forças de desorganização, mas sim um processo de desorganização permanente seguido de reorganização, com o aparecimento de

Viviane Sprinz Mondrzak

propriedades novas, quando a desorganização então pode ser suportada e não mata o sistema (Atlan, 1979, 1986). Portanto, há um grau de desorganização tolerável por cada sistema. Se pensarmos em organizações psicanalíticas como sistemas complexos, percebemos que há um quantum de tensão (ansiedade, desorganização das regras) que pode ser absorvido em uma unidade de tempo e que pode levar à emergência do novo, sem causar rupturas ou morte de sistema. Bion (1970/1991b) destaca justamente estes aspectos ao descrever uma das funções das instituições psicanalíticas: conter o potencial disruptivo da nova ideia sem rechaçá-la.

Na metáfora usada por Atlan (1979), a organização viva situa-se entre o cristal e a fumaça: a persistência imutável do mineral e a volatilidade do gás. Os dois extremos constituem duas espécies de morte, em constante oposição e tensão para garantir ao mesmo tempo, desde que se harmonizem entre si, a estabilidade do cristal e a renovação da vida. Em uma instituição, estamos constantemente tentando equilibrar tais extremos, e sempre existem grupos rígidos como o cristal e outros voláteis como a fumaça. Esta tensão é essencial se puder ser tolerada sem fixidez extrema, permitindo estabilidade e renovação. Poderia ser este um dos eixos para se pensar uma ética institucional? O compromisso de buscar climas (grupo de trabalho) capazes de manter, intermediar, os extremos necessários? Criar sistemas de alerta quando, inevitavelmente, esta intermediação falhar? É provável que todo indivíduo psicanalista concordasse com tal visão. No entanto, psicanalistas, mesmo analisados, mantém núcleos inconscientes de medos de perda de poder e de espaço, que podem ser vividos como danos narcísicos. O medo do novo e do desconhecido acompanha-nos em alguma medida. Sublinho *em alguma medida*, porque seria utópico imaginar um estado puro. Contudo, quais os dispositivos para detectar quando esta alguma medida é extrapolada?

Assim...

Como bem lembrou Racker (1976), a psicanálise inaugura, de uma certa forma, uma nova era na ética humana, ao salientar a importância do reconhecimento de desejos imorais, amorais e anti-morais condenáveis. O reconhecimento dos desejos é um abandono da hipocrisia (sempre difícil de fazer) e constitui um ato ético. Reconhecer a verdade sobre si mesmo é um princípio ético básico da psicanálise. Pensando assim, por que não aplicar estes mesmos princípios às nossas instituições?

Como é bastante comum, penso que sociedades psicanalíticas possuem as suas próprias construções míticas. Uma delas é a ideia de que formamos um grupo de pessoas analisadas e, portanto... O que isto significa mesmo? Que todos são maduros, seguros, com uma dose de competição saudável? Que todos têm

uma bagagem razoavelmente similar, compartilhando das mesmas ideias sobre sociedade, política, visões de vida? Ou, quem sabe, significa que o apreço pela psicanálise possa ser um laço que supere todos os outros obstáculos? Apenas ilusões e racionalizações. A construção de uma ética de convivência, que carregue o cerne da psicanálise, requer um trabalho constante de construção, vigilância, reconstrução, readaptações, crises, discordâncias.

O eixo central desta discussão sobre uma ética institucional repousa na possibilidade de uma escuta que reconheça o outro em sua alteridade e na nossa inescapável dependência em relação a este outro. Depende, portanto, de como vamos abrir mão da ilusão da onipotência infantil, que implica um sério golpe no nosso narcisismo. A psicanálise tem se ocupado destas questões desde seus primórdios. Tornar-se adulto significa aceitar algum grau de reconhecimento de fragilidade e dependência, o que pressupõe aceitar pertencer a uma comunidade mantida por deveres e obrigações recíprocas. As ideias sobre ética de Atlan propõem um esforço consciente neste sentido, de incluir como essencial que a instituição crie instrumentos para observar a si mesma. O presente trabalho busca inserir-se neste objetivo.

Podemos pensar que a ética freudiana articula, entre outros aspectos, autonomia e liberdade com a aceitação da realidade: sujeitos autônomos devem reconhecer e distinguir entre o mundo dos seus desejos e a realidade do mundo no qual existem outros. Este reconhecimento expõe a nossa dependência de outros para nos tornarmos seres autônomos, considerando essencial que ética inclua solidariedade. Não apenas como um dever de consideração pelo outro, mas como uma pré-condição para um viver criativo. No entanto, esta é uma busca que não ocorre sem resistências, maiores ou menores, de acordo com as condições de cada um: a eterna luta pela aceitação de que não somos onipotentes marca a nossa entrada no mundo dos outros, onde o pensamento e a reflexão criativa são possíveis, onde há um outro a ser escutado e do qual dependemos para constituirmos a nós mesmos.

Se queremos que as nossas sociedades continuem vivas e criativas, precisamos de um olhar crítico e atento para o seu funcionamento e, talvez, de uma ética de solidariedade como pano de fundo. Importante lembrar que até mesmo este substantivo *solidariedade* deixa margem para divergências: solidário em relação a quem? É uma solidariedade intra-instituição ou se expande para além dos seus muros? Este seria um novo objetivo a ser incluído? Questões como estas e inúmeras outras não podem ser respondidas como uma verdade já estabelecida, mas precisam encontrar um clima receptivo para serem discutidas, sem fanatismos. E sempre nos perguntando: o que está aí e não estamos podendo perceber? □

Viviane Sprinz Mondrzak

Abstract

In favor of institutional ethics

This work intends to discuss aspects related to the construction of an *institutional ethics* in the psychoanalytic societies which includes a view over the functioning of the institution itself instead of only over the individual ethics pertinent to the psychoanalyst. It departs from ideas of Henri Atlan, an important thinker of complexity and his contributions of psychoanalysis to the theme, to bring some personal reflections in order to expand this discussion.

Keywords: Ethics; Institution; Power; Transgression

Resumen

Por una ética institucional

El presente trabajo busca discutir aspectos relacionados con la construcción de una *ética institucional* en las sociedades psicoanalíticas, que incluya una mirada al funcionamiento de la propia institución, y no solo una ética individual del psicoanalista. Parte de las ideas de Henri Atlan, importante pensador de la complejidad y de las contribuciones del psicoanálisis al tema, para aportar algunas reflexiones personales para ampliar esta discusión.

Palabras clave: Ética; Institución; Poder; Transgresión

Referências

- Atlan, H. (1979). *Entre o cristal e a fumaça: ensaio sobre a organização do ser vivo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- Atlan, H. (1986). *Com razão ou sem ela: intercrítica da ciência e do mito*. Lisboa: Piaget: 1994
- Atlan, H. (1997). Les niveaux de l'éthique, In *Changeux JP. Une même éthique pour tous?* (pp. 89-106). Paris: Odile Jacob.
- Bion, W.R. (1975). *Experiências com grupos*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1961)
- Bion, W.R. (1991a). *Elementos em psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W.R. (1991b). *A atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1970)

- Bion, W.R. (2000). *Cogitações*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1969)
- Coutinho Aleksandrowicz, A.M. (2008). Os níveis de ética de Henri Atlan e o desafio do “quarto nível”. *Ciência e Saúde Coletiva*, 13(2), 407-416.
- Foucault, M. (1977). *Microfísicas do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Freud, S. (1996). O futuro de uma ilusão. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 20). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (2010). Psicologia das massas e análise do Eu. In *Obras completas. Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos* (1920-1923) (Trad. Paulo César de Souza, Vol. 15). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920-1921)
- Levinas, E. (1982). *Ética e infinito*. Lisboa: Edições 70. 1988.
- Mondrzak, V.S. (2012). Em defesa de uma certa ética imprescindível. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(1), 17-26.
- Racker, E. (1976). Psicoanálisis y ética. *Revista del Centro de Investigación en Psicoanálisis y Medicina*, 6(3). Buenos Aires.
- Sábios da Mishná (2016). *Pirkei Avot: A ética dos pais*. Com comentários de Maimônides. Editora Maayanot.

Recebido em 15/12/2020

Aceito em 06/01/2021

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Kátia Ramil Magalhães**

Viviane Sprinz Mondrzak
Rua Carvalho Monteiro, 234/801
90470-100 – Porto Alegre – RS – Brasil
vimondrzak@gmail.com

© Revista de Psicanálise da SPPA

As múltiplas cores do arco-íris: despatologizando a diversidade sexual¹

Sergio Lewkowicz², Porto Alegre

Estamos vivenciando na contemporaneidade a manifestação de uma vasta gama de apresentações da sexualidade, compondo metaforicamente as cores de um arco-íris, como o que é representado nas bandeiras e imagens do movimento LGBTQ+. Muitas dessas configurações sexuais atuais não são novas e estiveram sempre presentes na história da humanidade. Entretanto, tornaram-se novas em sua visibilidade e em suas reivindicações de respeito, compreensão e acolhimento. Por outro lado, as sexualidades, que se mostram tão fluidas e cambiantes, parecem ser de aparição mais contemporânea. O autor propõe-se a questionar porque ocorre uma resistência tão violenta contra as manifestações das diversidades de gênero e de orientação sexual na atualidade. Busca compreender essas resistências nas instituições psicanalíticas e também dentro de nós mesmos. Inicia com a nova visão biomédica e da saúde mental que despatologiza a diversidade sexual. Considera a diferença entre as gerações como um dos fatores envolvidos na resistência às novas apresentações da sexualidade. Salienta a nossa tendência a generalizar e a pensar de maneira binária e não complexa, levando a uma insistência na binaridade sexual. Finalmente, discute a resistência presente nas teorias psicanalíticas que tendem a normatizar a sexualidade, considerando que tanto os analistas como as instituições psicanalíticas persistem ambivalentes em relação a normatizar

¹ Versão modificada do trabalho apresentado em Bruxelas por ocasião do evento: *Contemporary Psychoanalytical Perspectives on Gender Diversity and Sexualities*, organizado pelo comitê de estudos sobre diversidade sexual e de gênero da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), em setembro de 2019.

² Psicanalista. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Sergio Lewkowicz

a sexualidade em oposição a uma visão mais singular e específica de cada pessoa.

Palavras-chaves: *Psicosssexualidade; Sexo; Gênero; Despatologização; Diversidade Sexual; Heteronormatividade*

“Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos”. (Ailton Krenak, 2019, p. 33)

Há alguns anos, fui convidado para participar de um debate em Porto Alegre sobre a peça *O evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu*, da transgênero escocesa Jo Clifford, com a atriz da peça, Renata Carvalho, também transgênero, e a diretora da montagem, Natália Mallo. A peça já havia causado muito celeuma no país todo, tendo sido proibida por diversas vezes e gerando uma onda de protestos. Mesmo em Porto Alegre, corria o risco de ser proibida novamente, mas, através de uma decisão judicial, a peça acabou sendo apresentada e o debate pôde ocorrer.

A peça apresenta uma releitura de várias fábulas da vida de Jesus, sempre com uma mensagem de amor, perdão, aceitação e tolerância. No entanto, essa mesma peça desperta uma intensa cadeia de ódio, opressão e intolerância. Penso que não se trata da questão de ter um Jesus feminino, pois, na história da arte, não é incomum encontrarmos personagens e figuras mostrando um Jesus feminino, inclusive amamentando. A questão justamente parece ser a de um Jesus transgênero. Talvez o uso da religião possa ter sido um fator de intensificação para as reações de ódio em relação à peça. A atriz e a diretora chegaram a ser agredidas fisicamente no interior de São Paulo, mas a intolerância ultrapassa a questão religiosa. Poucos meses antes, também em Porto Alegre, uma exposição chamada *Queer Museum*,

que reunia obras artísticas de pessoas diferentes em geral, não necessariamente do grupo da diversidade sexual, foi proibida e teve que ser encerrada. Alguns meses depois, a filósofa Judith Butler foi recebida no Brasil aos gritos, chamada de bruxa, e um boneco com a sua imagem foi queimado em São Paulo, onde ela havia sido convidada para um seminário sobre “O fim da democracia”.

Pelo menos 86 países em todo o mundo criminalizam homossexuais e grupos congêneres, seja com prisão ou até mesmo pena de morte.

Por outro lado, também temos que levar em conta países onde as identidades de gênero e orientação sexual não são criminalizadas, como o Brasil, que possui o maior número de assassinatos absolutos de transexuais do mundo (Justo, 2020).

Esses dados mostram como a homofobia e a transfobia estão ainda disseminadas pelo mundo inteiro.

Cabe indagar o porquê de uma resistência tão violenta contra as manifestações das diversidades de gênero e de orientação sexual. Há quem diga até que vai haver uma contaminação geral dos jovens, e que isso vai representar o fim da civilização ou até mesmo o fim do mundo.

Tentar compreender essas resistências nas instituições psicanalíticas e também dentro de nós mesmos tem sido um verdadeiro desafio.

Será que as nossas teorias podem ser consideradas insuficientes para os fenômenos da sexualidade que impactam hoje em dia?

O risco é nos acomodarmos e tentarmos aplicar as nossas ideias já conhecidas para dar conta destas apresentações diversas, diferentes daquilo que conseguimos articular teoricamente até então, e funcionar como o divã de Procusto, considerando que tudo o que não couber dentro desse espaço teórico é patológico.

Tentando despatologizar as diversidades de gênero

Durante o lançamento da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID 11) em 2018, a Organização Mundial de Saúde (OMS) anunciou a retirada dos transtornos de identidade de gênero do capítulo de doenças mentais. Com a mudança, o termo passou a ser chamado de incongruência de gênero, e está inserido no capítulo sobre saúde sexual. A nova classificação acontece 30 anos depois da decisão de retirar o termo homossexualidade da lista de doenças, o que ocorreu no dia 17 de maio de 1990.

Segundo a OMS, existem evidências de que a incongruência de gênero não se trata de um transtorno mental. Além disso, a Organização destaca que este é

Sergio Lewkowicz

um passo importante para a redução do estigma e da discriminação em relação a essa população, assim como para a garantia de seu acesso à saúde.

Assim, sob o ponto de vista biomédico e da saúde mental, a identidade de gênero não é mais tratada como doença mental.

Se olharmos para certos mitos históricos, veremos que a diferença entre os sexos e a bissexualidade não é tão marcante como o defendido pela cultura heteronormativa ocidental dos últimos séculos.

Se lembrarmos da narrativa bíblica de Eva sendo feita através de uma costela de Adão, já temos uma mistura de corpos, embora de uma maneira hierarquizada. Segundo Aristófanes, em um dos discursos de Platão, eram três os gêneros da humanidade: masculino, feminino e andrógino. Este último inclusive constituía um gênero específico. Na mitologia grega, podemos citar Hermafrodito, que era filho de Afrodite e Hermes, levando o nome de seus pais, representava a fusão dos dois sexos, sem ter um gênero definido. Teria nascido um menino muito bonito, que se transformou posteriormente em um ser andrógino por haver se unido à ninfa Salmacis e que, na medicina, veio a dar nome às pessoas intersexo. Ainda na mitologia grega, encontramos o adivinho Tirésias, que viveu sete anos como mulher e acabou cegado pela ira de Hera ao dizer que a mulher tinha muito mais prazer sexual do que o homem. Esses mitos revelam uma complexidade na abordagem da sexualidade que foi posteriormente perdida. Na Grécia antiga, as atividades sexuais não eram proibidas para os cidadãos homens, com exceção da proibição explícita ao incesto. A sexualidade passou a ser condenada e proibida com o advento das religiões monoteístas (Lemma, 2015). Essas proibições persistem e até tem se intensificado nos dias de hoje, com o aumento do fundamentalismo religioso.

As diferenças entre gerações

As gerações mais jovens estão recebendo com muito mais naturalidade as novas apresentações da sexualidade do que as gerações mais velhas. Isso mostra uma tendência constante da nossa temporalidade, que é o estranhamento com as novas gerações. Como exemplo disso, podemos considerar a assim chamada “revolução sexual” dos anos 60 e 70, com o movimento feminista e com o surgimento do movimento hippie e da pílula anticoncepcional. Nessa época, muitos jovens foram considerados “anormais” pelos psicanalistas, sendo algumas mulheres desvalorizadas como “promíscuas” e diagnosticadas com problemas emocionais. Esses jovens eram considerados como tendo o complexo de Édipo mal resolvido, como descreve Michel Tort (2005).

No entanto, penso que esse confronto habitual das gerações ficou ainda mais acentuado na atualidade em função das mudanças provocadas pelo surgimento da internet, das redes sociais e das novas tecnologias.

A mídia também tem um papel relevante ao mostrar as diversas identidades de gênero, pois cada vez temos mais oportunidade para ver as novas configurações na literatura, no cinema e nas artes em geral.

Cabe lembrar também o desenvolvimento da fertilização assistida e as possibilidades de cirurgias de modificação dos corpos, criando uma verdadeira revolução nas possibilidades de procriação e mudança de gênero.

Um estudo encomendado pelo *L'Obs* (Philippe, 2019) na França mostra que, da população entre 18 e 44 anos, 14% se consideram como não binários e, acima dos 45 anos, o índice passa a ser de 8%. Entre os tipos de identidade de gênero homologados pela Academia Francesa, encontramos transgênero, bigênero, intergênero, gênero fluido, agênero, gênero neutro, pangênero, andrógino, e assim por diante. Essas diferentes nuances de identidades de gênero formam as múltiplas cores do arco-íris.

As generalizações

“Nós precisamos da arte para impedir que o real seja destruído duas vezes: uma pela violência da história e outra por um discurso que generalize, explique e essencialize”.
(Rolland Barthes citado por Mambelli, 2020, p. 87)

Creio que existe uma tendência em nossa maneira de pensar que nos leva a estabelecer generalizações e classificações. Desde Freud, as teorias psicanalíticas mostram uma dualidade: por um lado, se apoiam no binarismo e na heteronormatividade e, por outro, passaram a apresentar uma compreensão mais complexa da psicosexualidade, mas, mesmo assim, com uma tendência a generalizar e a normatizar.

Eu tive a oportunidade de acompanhar três mulheres homossexuais no meu consultório e concluí que, mesmo com uma escolha objetal por parceiras do mesmo sexo, elas são muito diferentes entre si, com famílias com configurações muito distintas, apresentações diversas e com sofrimentos diferentes na busca de seus

Sergio Lewkowicz

tratamentos. Cada uma delas é singular e precisa ser escutada na sua singularidade. Cabe lembrar aqui os inúmeros estudos psicanalíticos que encontravam uma explicação geral para a homossexualidade.

Essas apresentações diversas justamente não se prestam a generalizações e estão sempre escapando do engessamento das definições. Como salientado por Julia Kristeva (2019) no recente congresso da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) em Londres, não podemos generalizar sobre o feminino, temos que considerar cada feminino em sua singularidade. Poderíamos dizer, assim, que são vários femininos.

Como podemos entender a resistência social em relação à diversidade sexual?

Penso que os cenários masculinos e femininos na cultura ocidental estão profundamente alicerçados em uma estrutura antiga e complexa, o patriarcado. Ao mesmo tempo em que vem ocorrendo o declínio do patriarcado através de nossa história recente, tanto na sociedade como na família, e até mesmo no *setting* analítico, sua persistência chama atenção. Inclusive parece haver um reforço dessa estrutura nos tempos atuais, levando a um aumento da violência contra a mulher e contra os mais vulneráveis.

Essa estrutura patriarcal divide os seres humanos em duas categorias, masculino e feminino, privilegiando o masculino e criando um binarismo que não admite outras variações. Além disso, estabelece uma categoria superior de homem em relação aos outros, os brancos, mas sempre colocando todos os homens como superiores às mulheres (Gilligan & Snider, 2018).

Esse sistema é constituído por uma complexidade de fenômenos sociais, econômicos, políticos e psicológicos, entre outros.

O patriarcado inclui uma série de leis e códigos predominantemente inconscientes, levando a regras de como os homens e as mulheres devem se comportar, as quais parecem naturais e estabelecidas.

Os códigos são transmitidos de geração para geração através de uma complexa trama dos laços sociais, envolvendo a cultura, o social e a família, agindo por meio de vários fenômenos conhecidos, como a constituição do Superego pensada por Freud, as mensagens enigmáticas de Laplanche, a transmissão transgeracional, etc., e possivelmente por fatores ainda desconhecidos por nós.

A desestabilização dessa estrutura provoca ansiedades e incertezas que levam a um aumento da violência na busca por uma homogeneização binária, causando o apagamento das diferenças e justificando a intolerância com o diverso.

Voltando aos psicanalistas

Como podemos pensar a resistência dos psicanalistas em relação à diversidade sexual?

Temos de levar em conta que as bases teóricas da psicanálise foram concebidas na modernidade, e que talvez elas sejam insuficientes para lidar com as configurações e sofrimentos da pós-modernidade, cultura em que estamos imersos. Sabemos que a teoria psicanalítica foi forjada na cultura da época em que surgiu, como revelam os Três Ensaio sobre Sexualidade de Freud (1905/1976a). Apesar de Freud descrever o desenvolvimento da psicosexualidade para atingir a genitalidade com a resolução do conflito edípico através da heterossexualidade e da reprodução, ele também apresentou uma concepção da sexualidade infantil como bissexual e polimorfa, o que foi disruptivo e revolucionário para a cultura da época. As concepções teóricas sobre o Édipo desenvolveram-se bastante após Freud, como, por exemplo, em relação ao narcisismo de Édipo e ao papel dos pais de Édipo, quando o rejeitam e, com isto, o desamparo que provocam. Creio que um dos grandes desafios para a teoria psicanalítica no Século XXI seja encontrar novas concepções capazes de nos ajudar a compreender as apresentações de gênero e de orientação sexual contemporâneas.

A crítica principal feita à psicanálise por antropólogos, sociólogos e outros pensadores foi o fato de as teorias psicanalíticas continuarem normativas, mais particularmente heteronormativas, em relação à sexualidade. A partir dos anos 60, com o movimento feminista e a liberação sexual na cultura ocidental, houve uma abertura em relação à sexualidade, e autores como Deleuze e Foucault começaram a questionar a ideia de uma identidade sexual estável e universalizante. Esta crítica foi se ampliando a partir da década de 80 com os estudos *queer*, mas a ideia da instabilidade e da fluidez da identidade sexual só mais recentemente está sendo incorporada aos nossos estudos.

Tanto os analistas como as instituições psicanalíticas persistem ambivalentes entre normatizar a sexualidade e ter uma visão mais singular e específica de cada pessoa. Ainda não parece haver analistas transgênero nas nossas instituições no Brasil, e só recentemente foram aceitos candidatos declaradamente homossexuais para a formação analítica, existindo ainda certa ambivalência em relação a eles.

Penso que Bion (1970) pode nos ajudar a compreender uma parte dessa resistência quando descreve as reações de rechaço do *establishment* com as “ideias novas” e com as pessoas portadoras dessas ideias. O novo e o desconhecido – e penso que também a estranheza com o diferente – mobilizam intensas reações

Sergio Lewkowicz

tanto das instituições como de nossas mentes, incluindo ainda as instituições e as teorias psicanalíticas.

Um dos exemplos de Bion (1970) é o da resistência a Jesus, pois ele trazia ideias novas e uma abertura que logo se tornaram muito populares, ameaçando o *establishment*. Por isso, ele acabou crucificado. Voltando à peça de teatro que relatei no início, também sobre Jesus vemos que, cerca de dois mil anos depois, esse mesmo funcionamento continua ocorrendo.

Enfrentar o contato emocional com tais apresentações da sexualidade que não são binárias ainda é um desafio para nós, psicanalistas.

Precisamos tentar repensar as nossas teorias a partir da escuta de pessoas que vivem e expressam a sua sexualidade e sua identidade de gênero fora dos padrões da binaridade e da heterossexualidade. Indivíduos esses que só agora estamos conseguindo reconhecer a existência e estão podendo procurar nossos consultórios.

Muitas das configurações sexuais dos tempos recentes não são novas, e estiveram sempre presentes na história da humanidade. Entretanto, penso que se tornaram novas em sua visibilidade e em suas reivindicações de respeito, compreensão e acolhimento. Por outro lado, as sexualidades tão fluídas e cambiantes parecem ser de aparição mais contemporânea.

Penso que uma das grandes questões atuais é o quanto somos capazes de “tolerar” e de “sustentar” um campo analítico com pacientes tão fluídos, mutáveis, cambiantes e indefinidos.

Desenvolver um processo analítico com esses pacientes mobiliza reações ainda desconhecidas para a maioria de nós, que se sente confortável na cisheteronormatividade. Como lidar com o *abjeto* (Kristeva, 2019) e com *o estranho* (Freud, 1919/1976b) que carregamos em nós mesmos e que se perturba no contato com esses sujeitos?

Penso que podemos fazer um esforço consciente para evitar o nosso preconceito com esses pacientes, mas sutilmente, de forma inconsciente, nossa contratransferência pode nos deixar com um viés, um bias em relação a essas novas configurações de gênero e orientação sexual. Ainda tendemos a atribuir o sofrimento do paciente ao seu “desvio sexual”, uma tendência a patologizar tudo o que se desvia da cisheteronormatividade, muitas vezes retraumatizando o paciente. O importante a destacar é que nunca estamos neutros nessa avaliação.

Gostaria de encerrar com a conhecida carta de Freud (1951 [1935]) para a mãe de um jovem homossexual, pois ela mostra, já em 1935, uma tentativa de despatologizar a homossexualidade:

Minha querida Senhora, Lendo a sua carta, deduzo que o seu filho é homossexual. Chamou fortemente a minha atenção o fato de a senhora não mencionar este termo na informação acerca dele que me enviou. Poderia lhe perguntar por que razão? Não tenho dúvidas de que a homossexualidade não representa uma vantagem. No entanto, também não existem motivos para se envergonhar dela, já que isso não supõe vício nem degradação alguma. Não pode ser qualificada como uma doença e nós a consideramos como uma variante da função sexual, produto de certa interrupção no desenvolvimento sexual. Muitos homens de grande respeito da Antiguidade e da atualidade foram homossexuais, dentre eles alguns dos personagens de maior destaque na História, como Platão, Miguel Ângelo, Leonardo da Vinci, etc. É uma grande injustiça, e também uma crueldade, perseguir a homossexualidade como se ela fosse um delito. Caso não acredite na minha palavra, sugiro-lhe a leitura dos livros de Havelock Ellis. Ao perguntar se posso lhe oferecer a minha ajuda, imagino que isso seja uma tentativa de indagar acerca da minha posição em relação à abolição da homossexualidade, visando substituí-la por uma heterossexualidade normal. A minha resposta é que, em termos gerais, não podemos prometer nada parecido. Em certos casos, conseguimos desenvolver rudimentos das tendências heterossexuais presentes em todo homossexual, embora, na maioria dos casos, isto não seja possível. A questão fundamenta-se principalmente na qualidade e na idade do sujeito, sem possibilidade de determinar o resultado do tratamento. A análise pode fazer outra coisa pelo seu filho. Se ele estiver experimentando descontentamento por causa de milhares de conflitos ou inibição em relação à sua vida social, a análise poderá lhe proporcionar tranquilidade, paz psíquica e plena eficiência, independentemente de ele continuar sendo homossexual ou de mudar a sua condição. (pp. 786-787, tradução livre)

A carta de Freud mostra uma abertura, não criminaliza, mas ainda patologiza e continua considerando a heterossexualidade como o padrão normal. Será que, 100 anos depois, nós, como psicanalistas, ainda pensamos assim?

Será que conseguimos criar um campo analítico suficiente para ouvir essa alteridade tão radical para nós?

Temos que tentar escutar e rearranjar as nossas teorias a partir da singularidade das experiências de pessoas que vivem e expressam a sua sexualidade e identidade de gênero fora dos padrões da binaridade e da heterossexualidade.

Nesse caminho, já contamos com produções importantes como Deleuze, Foucault, Butler e Preciado, entre outros. Na área da psicanálise, gostaria de

Sergio Lewkowicz

destacar as ideias de Jean Laplanche, Julia Kristeva, Michel Tort e o trabalho que vem sendo realizado na América Latina por Letícia Glocer Fiorini, com suas contribuições sobre o feminino, a diferença sexual e o complexo de Édipo, e por Patrícia Porchat, com seus estudos sobre transexuais no Brasil.

Penso que a melhor bússola para nos orientar sempre é o sofrimento psíquico das pessoas, independentemente de sua identidade de gênero e de orientação sexual. Para isso, precisamos deixar de nos guiar pelas nossas resistências e pela tendência a patologizar e, ao contrário, temos que nos deixar afetar pelas múltiplas cores do arco-íris para, assim, podermos efetivamente tratar aquele ser humano específico e único que procurou a nossa ajuda. □

Abstract

The multiple colors of the rainbow: depathologizing sexual diversity

In our present-times we have been experiencing sexuality been manifested in a wide range of presentations, metaphorically representing the colors of a rainbow, as in the banners and images of the LGBTQ+ movement. Many of these current sexual configurations are not new and have always been present in human history. However, they have become new regarding visibility and in their urge for respect, understanding, and acceptance. On the other hand, sexualities, which present themselves so fluid and changeable, seem to be more contemporary in appearing. The author intended to question why there is such a violent resistance against the manifestations of gender and sexual orientation diversity in our days. He seeks to understand these resistances inside psychoanalytic institutions as well as inside ourselves. He begins with the new biomedical and mental health vision that depathologizes sexual diversity. The author considers the difference between generations as one of the factors involved in the resistance to the new presentations of sexuality. He highlights our trend towards generalization and thinking in a binary instead of complex way, leading to an insistence on sexual binarity. Finally, discusses the resistance present in psychoanalytic theories that tend to systematize sexuality, considering that both analysts and psychoanalytic institutions persist ambivalent in relation to systematizing sexuality as opposed to a more particular and specific sight over each person.

Keywords: Psychosexuality; Sex; Gender; Depathologization; Sexual Diversity; Heteronormativity

Resumen

Los múltiples colores del arco iris: despatologizando la diversidad sexual

Actualmente estamos viviendo la manifestación de una amplia gama de presentaciones de la sexualidad, componiendo metafóricamente los colores de un arco iris, como lo que se representa en las banderas e imágenes del movimiento LGBTQ+. Muchas de estas configuraciones sexuales actuales no son nuevas y siempre han estado presentes en la historia de la humanidad. Sin embargo, se han vuelto nuevas en su visibilidad y en sus reivindicaciones de respeto, comprensión y aceptación. Por otro lado, las sexualidades, que se muestran tan fluidas y cambiantes, parecen de emergencia más contemporánea. El autor se propone cuestionar por qué existe una resistencia tan violenta contra las manifestaciones de diversidad de género y orientación sexual en la actualidad. Busca comprender estas resistencias en las instituciones psicoanalíticas y también dentro de nosotros mismos. Empieza con la nueva visión biomédica y de salud mental que despatologiza la diversidad sexual. Considera la diferencia entre generaciones como uno de los factores involucrados en la resistencia a las nuevas presentaciones de la sexualidad. Destaca nuestra tendencia a generalizar y pensar de forma binaria y no compleja, lo que lleva a una insistencia en la binariedad sexual. Finalmente, discute la resistencia presente en las teorías psicoanalíticas que tienden a normalizar la sexualidad, considerando que tanto los analistas como las instituciones psicoanalíticas persisten ambivalentes en relación a normalizar la sexualidad en oposición a una visión más singular y específica de cada persona.

Palabras clave: Psicosexualidad; Sexo; Género; Despatologización; Diversidad sexual; Heteronormatividad

Referências

- Bion, W.R. (1970). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1951 [1935]). A letter from Freud (April 9, 1935). *American Journal of Psychiatry*, 107(10), 786-787.
- Freud, S. (1976a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 117-231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1976b). O estranho. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 227-270). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)

Sergio Lewkowicz

- Gilligan, C. & Snider, N. (2018). *Why does patriarchy persist?*. Cambridge: Polity Press.
- Justo, G. (2020, 19 de novembro). Pelo 12º ano consecutivo, Brasil é país que mais mata transexuais no mundo. *Exame* [Website] <https://exame.com/brasil/pelo-12o-ano-consecutivo-brasil-e-pais-que-mais-mata-transexuais-no-mundo/>
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Kristeva, J. (2019). Prelude to an ethics of the feminine. *Conference presented at the 51th IPA Congress 'The Feminine'*, London, 2019, from 24th to 27th July, 2019. Retrieved from: <http://www.kristeva.fr/prelude-to-an-ethics-of-the-feminine.html>
- Lemma, A. (2015). *Sexualities: contemporary psychoanalytic perspectives*. London: Routledge.
- Mambelli, F. (2020, Abril). Dossier Barthes : poétique de l'engagement. *Le Nouveau Magazine Littéraire*, 25.
- Organização Mundial de Saúde (OMS) (2018). *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde* (CID 11). No prelo.
- Philippe, E. (2019, 27 mars). Ni fille, ni garçon : la révolution du genre. *L'Obs*, 2490 (*Société*). Retrieved from <https://www.nouvelobs.com/societe/20190327.OBS2490/ni-fille-ni-garcon-la-revolution-du-genre.html>
- Tort, M. (2005). *Fin del dogma paterno*. Buenos Aires: Paidós, 2008.

Recebido em 13/10/2020

Aceito em 30/12/2020

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Maria da Graça Motta**

Sergio Lewkowicz

Rua Luciana de Abreu, 267/406
90570-060 – Porto Alegre – RS – Brasil
sergio.lewkowicz@gmail.com

© Revista de Psicanálise da SPPA

O sexual primordial: ingrediente da inquietante estranheza?¹

Luciane Falcão², Porto Alegre

O artigo pretende ampliar a ideia freudiana de que os elementos do sentimento da inquietante estranheza são resultantes do trabalho do recalque. Pretendemos esboçar um possível entrelaçamento entre o que Freud propõe pensarmos como O estranho, a sexualidade infantil e o sexual primordial, relacionando estes aspectos com as nossas dificuldades, como psicanalistas, de pensar e debater temas cada vez mais presentes na realidade do homem do século XXI: as pluralidades e as diversidades da sexualidade.

Palavras-chaves: Estranho; Sexual primordial; Sexualidade infantil; Diversidades sexuais

¹ Texto ampliado da apresentação oral realizada na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), por ocasião do lançamento do XXVII Congresso da Febrapsi: *O estranho – In-confidências*. Porto Alegre, 23 de março de 2018.

² Psicanalista. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Luciane Falcão

“Talvez pareça inusitado uma criatura tão estranha ter vindo nos procurar; contudo, qualquer um é livre para tocar campainhas”.
(Scliar, 2004, p. 7)

O *estranho* é um tema extremamente importante para a psicanálise contemporânea e para o mundo atual, recheado de vivências de *inquietantes estranhezas*. Freud (1919/2002; 1919/2010) buscara as raízes desse sentimento nos primórdios da infância, em elementos familiares, porém recalçados. Nossa reflexão se dará sobre uma questão que, do nosso ponto de vista, parece central: seria possível existir, no sentimento da inquietante estranheza, outros elementos ainda sem representações e, portanto, sem condições de trabalho de recalçamento propriamente dito, mas presentes desde o início da vida somato-psíquica? Seria possível pensarmos no sexual primordial – aquele que estaria *aguardando* para ingressar e compor a cadeia da sexualidade infantil? Nossa ideia é que alguns aspectos facilmente integrarão esta cadeia e poderão tornar-se conscientes; outros permanecerão recalçados e ainda existirão aqueles que permanecerão não representados. Os aspectos pulsionais que não ingressarem nesta cadeia ficariam como *alguma coisa estranha* no aparelho psíquico.

Pretendemos esboçar um possível entrelaçamento entre o que Freud propõe pensarmos como o *estranho*, a sexualidade infantil e o sexual primordial, relacionando estes aspectos com as nossas dificuldades, como psicanalistas, de pensar e debater temas cada vez mais presentes na realidade do homem do século XXI: as pluralidades e as diversidades da sexualidade.

1. *Unheimliche*

No *Dicionário comentado do alemão de Freud*, L. A. Hans (Hans, 1996) mostra os diferentes significados de *Unheimliche*: estranho, sinistro, inquietante, macabro, assustador, esquisito, misterioso, etc., apontando uma certa ambiguidade em relação ao termo, que oscila entre o *familiar* e o *desconhecido*. Esta ambiguidade relaciona-se com a “sensação de inquietude do sujeito pelo retorno do material recalçado (portanto conhecido), o qual volta sob a forma de algo desconhecido e assustador” (p. 231).

Em 1919, um ano antes de publicar *Além do princípio do prazer* (Freud,

1920/2006), Freud apresenta o artigo que, em português, recebeu a tradução de *O estranho*. Os dois textos estão relacionados. Com o surgimento da nova dialética, a pulsão de morte justificaria a compreensão de que esta inquietante estranheza seria o *retorno de um estado anterior*. Freud entenderá que a vivência ocorrida na repetição de situações semelhantes está relacionada ao automatismo da repetição que se apresenta *além do princípio do prazer*.

No texto de 1920, a *compulsão à repetição* seria uma forma de manter, em um tempo atual, aquilo que ainda não pôde ser um tempo passado, que ainda não se inscreveu nele e que resta *impassado* (Scarfone, 2014). A *inquietante estranheza* estaria relacionada a vivências muito primitivas; seria “aquilo que é terrível, que provoca angústia e horror” (Freud, 1919/2010, p. 329). Ela surge “daquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, bastante familiar” (p. 331); “o *Unheimliche* seria tudo o que deverá permanecer secreto, oculto, mas apareceu” (p. 338). Está relacionado a alguns complexos infantis recalcados que retornam, sendo derivados da vida psíquica infantil. O efeito inquietante do “retorno do mesmo pode remontar à vida psíquica infantil (...), pois no inconsciente anímico nota-se a primazia de uma compulsão de repetição emanada das moções pulsionais que dependem da natureza mais íntima das próprias pulsões”, as quais “são fortes o suficiente para sobrepor-se ao princípio do prazer que confere a determinados aspectos da psique um caráter demoníaco” (p. 356). O horror estaria relacionado a um movimento misterioso vivido em um tempo no qual o aparelho psíquico ainda não teve possibilidades de realizar um trabalho de representação de tal vivência, deixando-a acessível à consciência. Seguirá, portanto, *atual*. Ou, como diz Jacques André (2017): “O infantil não é a infância (...). Ele é antes aquilo que, do passado, não passa” (p. 13).

Freud (1919/2010) mostra que há um *núcleo* particular responsável por suscitar a angústia, núcleo este que se relaciona com algo inquietante. Ele diz: “*algo* tem de ser acrescentado ao novo e não familiar a fim de torná-lo inquietante” (p. 332, grifos meus). Freud ainda refere que esta vivência está relacionada às *percepções primitivas* que já foram recalçadas e que serão projetadas no mundo externo, não sendo reconhecidas como do próprio sujeito.

Ele propõe a ideia de que a *inquietante estranheza* estaria relacionada a um estado anímico, formado por crenças e matérias da pré-história do indivíduo, ou a uma vivência infantil traumática e recalçada, ambas geralmente ligadas às angústias infantis, principalmente a castração: membros e cabeças amputadas, olhos arrancados, partes do corpo desintegradas, etc. A própria fantasia de ser engolido ou enterrado vivo poderia estar relacionada à fantasia de retorno ao útero. O estranho relaciona-se com algo que já foi vivido, mesmo que em fantasias, onto

Luciane Falcão

ou filogenéticas. Ele considera que, durante o nosso desenvolvimento individual, todos atravessamos uma fase correspondente a este animismo dos primitivos que se desenvolveu em nós, deixando restos e traços ainda capazes de se exprimirem e que “tudo o que nos parece inquietante preenche a condição de tocar nesses restos de atividade psíquica animista e estimular sua manifestação” (Freud, 1919/2010, p. 359), ideia já explícita em *Totem e tabu*³ (Freud, 1913/1977). Acrescenta ainda que a fonte do sentimento de estranheza não necessariamente é uma angústia infantil, mas um *desejo* ou mesmo uma crença infantil (Freud, 1919/2010, p. 350).

Freud (1919/2010) falará sobre o duplo (ideia tomada de Otto Rank). Surge uma investigação sobre as relações do duplo com a imagem que o bebê encontra no “espelho e a sombra, com o espírito protetor, a crença na alma e o temor da morte” (p. 351). O Eu é substituído por um *Outro Eu*, e o que é inquietante advém do fato que o duplo tem sua origem no próprio Eu do sujeito, ou seja, no íntimo. O motivo do duplo estaria relacionado ao retorno a certas fases da história do desenvolvimento do sentimento do Eu, de uma regressão a uma época em que o Eu ainda não tinha se diferenciado em relação ao mundo externo e ao outro. Teria surgido “no terreno do ilimitado amor a si próprio, do narcisismo primário, que domina tanto a vida psíquica da criança como a do homem primitivo, e, com a superação desta fase, o duplo tem seu sinal invertido: passa de garantia de sobrevivência à inquietante mensageiro da morte” (p. 352). O estranho é o duplo que muda de sinal: de positivo, ele torna-se negativo. O negativo do duplo fica impregnado de um juízo da realidade. Ele desmente, forcluindo algo que retorna como uma alucinação ou como uma realidade psíquica que é, para Freud, o inquietante da morte, provocador da estranheza. Retorna como sinal negativo apontando para o princípio da realidade.

2. A repetição do mesmo: *angoisse à neuf*

Neste sentido, há uma questão: o que de *alguma coisa* das vivências infantis não entra nas cadeias de representações e fica como núcleo do *sentimento* de estranheza? Elementos sem representação estariam relacionados a esse período de vivências do narcisismo primário? A resposta, do meu ponto de vista, está na própria obra freudiana. Começamos lembrando que um trabalho psíquico não se limita a criar representações e, assim, a partir da II tópica, Freud (1923/2007) menciona a presença de elementos do aparelho não representados, o que o leva à concepção de um Id e mesmo de um Eu inconsciente. Na recente tradução das

³ Ver cap. III, “Animismo, magia e onipotência do pensamento”.

obras completas de Freud para o francês aparece, na *Conferência 32, Angústia e pulsões* (Freud, 1933[1932]/2010), um termo que nos chama a atenção: *angoisse à neuf*. Do nosso ponto de vista, esta expressão permite entender que Freud estaria se referindo àquela angústia que é sempre idêntica à da primeira vez, ou seja, aquela que não se torna uma angústia sinal de alarme. A *angoisse à neuf* não sofreu nenhuma transformação, é como se fosse uma angústia primordial relacionada ao tempo, que é sempre um tempo presente (Chervet, 2012; Falcão, 2015): “o constante retorno do mesmo” (Freud, 1919/2010, p. 351). Podemos pensar, então, que aquele *núcleo* responsável pela geração da angústia entrelaçada ao sentimento de estranheza também poderia estar relacionado a este aspecto.

Sobre a *repetição do mesmo*, Freud (1919/2010) reconhece que ele pode não ser admitido por todos como fonte do sentimento do inquietante. Mas, “em determinadas condições e juntamente com certas circunstâncias, ele provoca um tal sentimento, que também recorda o desamparo de alguns estados oníricos” (p. 354).

3. Outro elemento: o afeto

Penso que, de alguma forma, Freud já havia lançado algumas ideias relacionando o pulsional àquilo que permanece estranho, no *Recalque* (Freud, 1915/2004):

O representante pulsional se desenvolve de forma mais desimpedida e com maior riqueza quando, por meio do recalque, é retirado da consciência. Ele então prolifera, por assim dizer, na escuridão, e encontra formas de expressão externas. Estas, ao serem traduzidas e apresentadas ao neurótico, não só terão que lhe parecer estranhas, mas também irão assustá-lo, ao lhe espelharem a imagem de uma força pulsional extraordinária e perigosa. Essa força pulsional enganosa⁴ é o resultado de um desdobramento desinibido da representação na fantasia quanto do acúmulo ocorrido quando a satisfação foi impedida. (p. 179)

Neste mesmo texto, Freud mostrará que o elemento que havia sido recalcado seria um representante pulsional, entendendo este como um representante ou um grupo de representações [*representance*] investido pela pulsão com um quantum de energia psíquica (libido, interesse). Freud mostrará agora, a partir da clínica, que existe a necessidade de se decompor o que até então havia considerado como

⁴ Na tradução de P. R. Souza: “Esta ilusória intensidade da pulsão”.

Luciane Falcão

homogêneo: “Paralelo à representação, entra em questão outro elemento [*quelque chose d’autre*] que também representa a pulsão e cujo recalque pode ter um destino bem diferente do recalque da representação” (Freud, 1915/2004, p. 182). Este *outro elemento do representante psíquico* é o afeto, que corresponde à pulsão na medida em que se desprende da representação e, assim, “encontra expressão de acordo com sua magnitude, em processos que se fazem perceber a sensação na forma de afetos” (p. 182), ideia freudiana que será a base para André Green desenvolver o conceito de representante-afeto (Green, 1973; Falcão, 2013).

Freud (1919/2010) dirá que, para entendermos a essência do *Unheimliche*, precisamos saber que

todo o afeto de uma moção emocional, não importando sua espécie, é transformado em angústia pelo recalqueamento (...) e que o elemento angustiante é algo recalcado que retorna. Tal espécie de coisa angustiante seria justamente o inquietante, e nisso não deve importar se originalmente era ele próprio angustiante ou carregado de outro afeto. (...) Esse *Unheimliche* não é algo novo ou alheio, mas algo muito familiar à psique, que apenas mediante o processo de recalque alheou-se dela. (...) O inquietante é algo que deveria permanecer oculto, mas apareceu. (p. 360)

Freud conclui dizendo: “o inquietante das vivências produz-se quando complexos infantis recalcados são novamente avivados, ou quando crenças primitivas superadas parecem novamente confirmadas” (p. 371). Freud insiste em mostrar a presença do trabalho do recalque na constituição do sentimento da inquietante estranheza. Mas, ao mesmo tempo, ele próprio inclui aspectos que nos permitem pensar a presença de elementos do aparelho psíquico ainda sem representação como um “afeto de uma moção pulsional” (p. 360) que poderá persistir como elemento decomposto do representante psíquico da pulsão e, portanto, permanecer como uma *angoisse à neuf*, como o representante-afeto.

4. Sexual primordial⁵

Para César Botella (2001)

[É] o fundamento e a força de toda a sexualidade de onde emerge sua forma organizada: a sexualidade infantil perversa polimorfa que se converte e

⁵ Para mais detalhes ver: Falcão, L. (2017). Sexual primordial e sexualidade infantil. In G. Moreno, *Sobre o infantilismo da sexualidade*. Sulina: Porto Alegre.

se realiza no encontro com o objeto e no ‘terreno’ auto-erótico das zonas erógenas. O sexual primordial caracterizado pela indiferença entre a percepção, a representação e a alucinação possui uma tendência alucinatória que se desenvolve pela via regrediente. Uma potencialidade permanente que pode ser ativada e através da qual, dependendo das circunstâncias, surgirá a satisfação, ou através da forma alucinatória de um sonho na regressão do dormir, ou de dia, pelas múltiplas formas de contato com o objeto real: erótica, afetiva, intelectual narcísica. (p. 97)

Na dinamicidade desta descrição, lembramos que, para Freud, no início da vida psíquica, não há distinção entre sujeito e objeto (Freud, 1923/2007). O sexual primordial perpetua o eu prazer purificado e

seu único objeto é o objeto perdido da satisfação alucinatória, e impõe a busca do prazer sem nenhuma matiz, sem nenhuma temporalização, sem discernimento, até a loucura, seja de forma alucinatória ou através do objeto real, dado que não faz diferença se o prazer se realiza (Botella, 2001, p. 98).

Do nosso ponto de vista, o sexual primordial está ligado à força pulsional que constituirá o aparelho psíquico. Essa força pulsional permite as primeiras inscrições eróticas e sensuais, ou seja, as excitações, as quais podemos dizer que são a fonte da sexualidade. As primeiras inscrições – essas excitações – ocorrem no tempo do autoerotismo e na presença do outro-estimulante, são inscrições erógenas que surgem antes da diferenciação eu/outro, tempo do narcisismo primário. Estamos falando das primeiras inscrições do sexual primordial caracterizado como fonte pulsional, por um polimorfismo de zonas erógenas (Chervet, 2010) e por um corpo apto e aberto para vivenciar tais excitações.

Para os Botella (C. & S. Botella, 1982), a apropriação das zonas fronteiriças, que passam a ser erógenas, seria vista como um movimento narcisista e auto-erótico de reunião do sujeito-corpo consigo mesmo, ou seja, um *movimento auto-erótico secundário*. Isto permite a hipótese de que, mesmo com o desenvolvimento do psiquismo, haverá um *sexual primordial que não se transforma*, ao menos não na sua constituição de fundo. Ao contrário, a sua tendência alucinatória, sem fronteiras e sem história, enriquece e favorece os elementos próprios da sexualidade infantil, os quais serão essenciais nos processos de transferência e contratransferência.

Ao mesmo tempo, pensamos o sexual primordial como *uma potencialidade permanente que pode ser ativada*, remetendo-nos à ideia da força libidinal que fará o trabalho de ligadura/tessitura. Neste caso, o *sexual primordial* poderá sofrer

Luciane Falcão

transformações e delas participará, para então adquirir uma forma, a *sexualidade infantil*. Esta, pela sua plasticidade, permitirá metamorfoses e novas criações (André, 2007), ou seja, será uma manifestação implicando um trabalho psíquico.

Gostaria de insistir na ideia de que o sexual, em psicanálise, é algo bastante complexo. A ideia de René Roussillon (2015) de uma *metapsicologia de processo*, que coloca a origem como inacessível e indizível (o sexual primordial, conforme nossa hipótese e de acordo com os Botella), e o sexual como surgindo do ponto de encontro do dentro e do fora, do seu quiasma e do seu trabalho de diferenciação, nos parece fundamental.

O exame do que seria o psicosexual, oriundo do sexual primordial, na nossa forma de pensá-lo, requer a consideração do par prazer-desprazer ou, se preferirmos, do princípio prazer-desprazer, princípio este que se faz presente nas manifestações da sexualidade e do investimento do objeto. Freud (1926/1977) refere que, desde o início da vida, grandes quantidades de excitações produzem sensações de desprazer, e que os órgãos “conquistam investimentos elevados, algo como um prelúdio do investimento objetual que logo começará” (p. 76), assim como o investimento do aparelho respiratório é o prelúdio do investimento da representação-mãe.

Sintetizando, poderíamos dizer que:

- a) O sexual primordial está mais relacionado às moções pulsionais do Id.
- b) A *sexualidade infantil* implica uma transformação que construirá as figuras da sexualidade, heterogêneas, e que, a partir de um autoerotismo e narcisismo primário, tornam-se receptáculos de investimentos de objeto, os quais farão parte de um mundo psíquico que gerará elementos para sonhos, devaneios, fantasias, brincadeiras, criatividade, desenvolvimento, ou seja, para a construção do inconsciente e do próprio Eu.

5. Construindo uma hipótese... nada original...

A partir desta rápida revisão metapsicológica, e centrada na tentativa de entender o quanto do sexual primordial faria parte do sentimento da *inquietação estranha* que persiste em nós, gostaria de propor uma discussão nada recente e que jamais se esgotará: a forma como estamos percebendo ou negando, trabalhando ou forcluindo a sexualidade infantil dos nossos pacientes em função de que aquilo que é *estranho em nós* seria visto como predominantemente patológico no outro.

Como vimos até aqui, entendemos quais elementos do *sexual primordial* estarão compondo a *sexualidade infantil*. Contudo, algo mudou na nossa forma de vermos esta questão? Recentemente, em conjunto com outros colegas, publicamos

um livro, *O infantilismo da sexualidade* (Garcia, 2017), em que pensamos acerca de determinados aspectos encontrados nas reflexões que quero apresentar.

A partir da clínica, Freud transformou as próprias teorias para abarcar aquilo que ia percebendo no funcionamento de seus pacientes e realizou grandes mudanças a partir daí. A psicanálise contemporânea também já mudou muito da técnica clássica ensinada por Freud, antes centrada no sonho e, depois, no ato (Green, 1974).

Da época da criação da psicanálise por Freud até nossos dias, o próprio homem mudou. Estamos disponíveis para observarmos, percebermos e compreendermos a pluralidade das formas de se viver a sexualidade infantil no adulto?

As mudanças que estão acontecendo na humanidade atingem, sim, a forma através da qual estamos lidando com o infantilismo da sexualidade. Um exemplo está nas próprias Sociedades Psicanalíticas, que até recentemente negavam-se a aceitar homossexuais como colegas.

Temos visto a transformação profunda dos modos de intercâmbios sexuais nos dispositivos históricos-sociais que os regulam (Blestcher, 2017, p. 68). Como vamos fazer para que possamos cada vez mais discutir essas questões? Acompanharemos alguns poucos psicanalistas que tentam mostrar que determinados conceitos psicanalíticos exigem novas reflexões? Ou, como destaca Blestcher, “seguiremos numa perspectiva crítica que não se sustenta mais nas formulações dogmáticas e nem na tolerância senil frente a insuficiência de categorias para compreendermos os fenômenos clínicos que estamos vendo” (Blestcher, 2017, p. 64)?

Teremos uma visão panorâmica capaz de “observar uma pluralidade de posicionamentos sexuais, identidades de gênero, orientações desejantes e modos de gozo que desafiam os sistemas nominativos, classificatórios e normativizantes dos discursos tradicionais?” (p. 64).

Há uma inércia da psicanálise atual no sentido de seguir o caminho de abertura ensinado por Freud?

Estamos prontos para mudanças de perspectivas em relação a alguns conceitos? Aquilo que era visto como *desmentida*, e que diretamente nos enviava para a ideia de uma patologia importante na estrutura do sujeito, segue presente?

Estamos aptos para entender que, hoje, é inaceitável não compreender que o gênero não é *o sexual* e sim o resultado de um trabalho de identificações que formam a estrutura do Eu? E que, portanto, as identificações são problemáticas do Eu, pois são registros identificatórios?

Jacques André (2017) pensa que Freud ficou aquém da sua própria descoberta quando procura restituir ao polimorfismo uma direção e uma finalidade, ou seja, quando tenta restabelecer a ordem na desordem do sexual infantil. Trata-se do

Luciane Falcão

primado do genital, que supostamente caracteriza a forma completa e adulta da sexualidade, pois “a genitalidade é uma relação de dois órgãos genitais: o pênis e a vagina. Ora, essa sexualidade *avançada* está longe de qualificar as vidas sexuais de muitos homens e mulheres. Sob o manto do *primado do genital* insere-se um ponto de vista normativo e, sobretudo, menos assustador que considerar uma sexualidade essencialmente polimorfa que lança mão de todos os meios” (p. 19).

Em 2018, no Festival de Cinema de Berlim, a *Berlinale*, o documentário *Bixa travesty* (Priscilla, Goifman & Mab, 2018) foi premiado com o Teddy Awards de melhor documentário. Este prêmio existe a 30 anos e, desde então, premia filmes que mostram aspectos das relações que envolvem a vida *queer*: homossexuais, travestis, transgêneros, bissexuais e outros. Ou seja, precisou ser criada uma *categoria* de filmes sobre tais questões, sublinhando que, antes disso, esse debate não tinha um lugar de destaque.

Assistir a esse documentário me causou um certo impacto (uma *inquietante estranheza*...). Ele mostra a vida da *bixa travesti* Linn da Quebrada. É assim que ela própria se chama. Fiquei extremamente tocada com o filme. Linn é uma mulher, e não tem dúvida nenhuma a respeito da sua identidade. Diz que, para isto, não precisaria extirpar o seu pênis – afirma que tem um “pau de mulher” –, colocar seios de silicone ou se depilar. Ela se sente mulher, e é assim que vive. Isto é uma desmentida? Ou é a expressão de um paradigma em relação ao corpo? A diretora do filme, Claudia Priscilla⁶, pensa que há nisto a expressão de um corpo que não precisa se relacionar com um ideal de mulher, que era pensado há um tempo, é um novo espaço para pensarmos corpo e gênero. O documentário é sensível, tocante e mexe com muito daquilo que é a nossa sexualidade, envolta ainda em nossos preconceitos. O documentário escancara a vida de um ser humano que vive a sua sexualidade polimórfica como lhe convém. Mostra a sua vida em família, com amigos e, principalmente, as suas performances em shows, onde se apresenta mostrando este corpo de *bixa-travesti* e cujas letras são manifestações a respeito da própria vida. Vida, letras e corpo são transformados por Linn em instrumentos de arte.

A partir de certas sensações estranhas que vivenciei através da imagem e depoimentos de Linn da Quebrada, e estimulada a pensar sobre a *inquietante estranheza*, me interoguei: o que foi isto que senti?

O quanto vejo a vida desta pessoa com base em determinados pré-conceitos relacionados a uma ideia construída a partir de conceitos psicanalíticos que nos apontavam *patologias*?

Foi quando me perguntei: será que algo desse estranhamento que vivi teria

⁶ Entrevista concedida a Camila Gonzatto (2018).

a ver com o fato de que esta pessoa, este ser humano (e tantos outros), revelam aos nossos olhos aqueles aspectos da nossa sexualidade infantil que recalamos?

Será que o estranhamento sentido quando vemos uma pessoa com um corpo com pênis e afirmando ser mulher nos mobiliza porque ela traz à tona aquilo que também já vivemos da nossa bissexualidade? Aquilo que o próprio Freud chama de *alguma coisa* que ficou no aparelho psíquico e não pode ser transformado?

Vamos lembrar que Freud, em *O Eu e o Id* (1923/2007), dizia que, para se pensar o *processo de identificação*, dois fatores precisam ser considerados: a estruturação triangular da relação edípica e a bissexualidade constitucional do indivíduo. Afirma ainda que a “ambivalência constatada na relação com os pais deva se referir inteiramente à bissexualidade” (p. 41), bissexualidade esta que interferirá nos diferentes destinos do complexo de Édipo. Para Freud (1923/2007), o complexo de Édipo mais completo é duplo, um positivo e outro negativo, e depende da bissexualidade original da criança. Talvez essas afirmações de Freud possam ser resultados evolutivos de um pensamento que já surgira em 1899, na carta 208 [113], enviada à Fliess (Freud, 1887-1904/2007): “a bissexualidade! Com relação a esta questão você provavelmente tenha razão. Eu também estou me habituando a considerar todo o ato sexual como um processo entre quatro indivíduos” (p. 462). Será que poderíamos pensar que essa vivência em relação à bissexualidade consistiria em um elemento do sexual primordial, vivenciado pela criança antes da aquisição da linguagem, antes da percepção da diferença anatômica dos sexos? No entanto, como tal, entrará na constituição da sexualidade infantil? De qualquer forma, sabemos que, na obra freudiana, a noção de bissexualidade aparece de diferentes formas, sem apresentar uma uniformidade de pensamento e, assim, torna-se abrangente, servindo para Freud romper com a forma pela qual tal noção era vista.

Será que a *inquietante estranheza* da sexualidade infantil é a própria sexualidade dos adultos?

Será que, quando eu olho para uma bixa-travesti, uma *drag-queen* ou para qualquer ser humano que se permite viver a pluralidade da sua sexualidade, e este olhar me inquieta, provoca em mim um *non-sense*, uma estranheza, estaria relacionado a esta *alguma coisa* que eu acrescento naquilo que eu vejo? Esta *alguma coisa* poderia pertencer aos elementos recalados, mas também aos elementos sem representação, pertencentes ao sexual primordial que não conseguiram entrar na cadeia representacional da sexualidade infantil?

Será que esses elementos permanecem presentes na psicanálise contemporânea em consonância com os discursos retrógrados que reforçam a

Luciane Falcão

violência histórica sofrida por aquelas pessoas que desejam viver a sua sexualidade da forma que lhes convém?

Será que, quando pensamos a constituição do sujeito psíquico e da sua subjetividade, estamos incluindo a noção de que esse sujeito também se constitui em um campo social?

Minha hipótese é que todo o rechaço, todo o desconforto que esses seres humanos provocam em nós (e por mais absurdo que seja isto, precisamos nos permitir sermos sinceros e reconhecer em nós mesmos estes aspectos), os quais foram e ainda continuam sendo rechaçados, contém algo daquilo que é a *inquietante estranheza do sexual primordial e da sexualidade infantil* da própria sexualidade do adulto ou, como disse Freud, será *Unheimliche* “tudo o que deve permanecer secreto no mundo escondido e que um dia surge” (1919/2010, p. 360). Como já referi acima, Freud diz que a fonte do sentimento de estranheza não é necessariamente uma angústia infantil, mas um desejo infantil, ou até mesmo uma crença infantil. Estas pessoas revelam os nossos desejos infantis relacionados à bissexualidade, aos prazeres polimórficos vividos na primeira infância e que envolvem todo o corpo e suas atividades, mesmo antes da criança se deparar com a diferença anatômica dos sexos.

O que eu procuro entender, e nem sempre consigo, é o que da minha *inquietante estranheza da minha sexualidade infantil* fez com que eu visse esses seres humanos, bixa-travesti, transgêneros, bissexuais e outros, como se ainda fossem seres patológicos? O que daquela *alguma coisa* do meu sexual primordial não entrou na cadeia da sexualidade infantil e fica acionando os rechaços e as incompreensões diante desses seres humanos?

Um documentário como este, e certamente as novas gerações que estão por aí, me ajudam e potencializam meus questionamentos. O que deste estranhamento me deixou, durante muito tempo da minha prática clínica, colocar no campo patológico as *identidades e práticas sexuais que não se subordinavam a estereótipos pré-estabelecidos* (Blestcher, 2017, p. 68)?

O documentário *Bixa-travesti* é potencialmente revelador de todos estes aspectos, além da questão racial, que não vou discutir aqui. Ele provoca as emoções mais variadas, mas o principal é fazer com que possamos descortinar nossos preconceitos e perceber que estamos diante de seres humanos, de gente. Mostra como uma mãe vive e convive com esta filha, aceitando e amando-a do jeito que ela é. Linn chega a tatuar na sua testa a palavra “ela”, dizendo que é para a mãe não esquecer de se referir a ela como ELA. Mostra até mesmo um objeto transicional, através da “luva do Nei-Matogrosso”. Linn fora presenteada pelo cantor com uma

luva que ele usava nos seus shows. Um dia, a luva desaparece e Linn fica muito angustiada. Como iria fazer seu show, suas performances, sem a luva? A amiga, Jup do Bairro, outra bixa-travesti, encarrega-se de incentivá-la, mostrando-lhe que ela é Linn da Quebrada, que ela pode, sim, fazer o show sem a luva, pois agora tem, dentro de si, os atributos que via fora (a luva), revelando que o movimento de buscar algo fora precisa de um tempo para se tornar interno. E Linn sobe ao palco sem a luva. Em seguida, Jup conta que ela mesma quem escondera a luva, para que Linn pudesse ter confiança nas próprias capacidades. O documentário vai além: mostra a relação de amizade entre as duas e que a forma como um ser humano quer viver sua sexualidade como adulto só interessa a si próprio.

Linn diz usar a sua música como forma de mostrar a existência de uma arma apontada para certos corpos que vivem uma vida inteira sob risco. Faz da sua música uma arma para lhe proteger, e não apenas de um outro que está fora dela, mas se proteger de pensamentos nocivos a si própria, proteger-se do poder forte e cruel que a tradição tem sobre ela e sobre seu corpo. Ser travesti é, para Linn, algo que lhe aproxima do seu próprio corpo, tornando-a responsável por suas próprias escolhas em relação a si mesma. Através do jogo das palavras que utiliza nas suas músicas – ou seja, na busca da representação palavra –, tenta dar sentido ao seu corpo. Independente da forma como Linn vive a sexualidade através do seu corpo, é um ser humano que também deseja ser feliz.

Jacques André (2017) diz:

A sexualidade infantil não é uma sexualidade preliminar, mesmo se as *preliminares* devem tudo a ela. A sexualidade genital conhece sua meta, o coito, enquanto a sexualidade infantil multiplica os órgãos (a boca, o ânus, cada canto de pele...). A genitalidade busca a descarga, ao passo que a sexualidade infantil deseja, tanto assim, que não sabe o que quer, indefinidamente, sem fim. A sexualidade infantil não é o prelúdio da sexualidade genital, é outra sexualidade, nunca em conformidade, sempre alheia, inquietante, apaixonante. Seu elemento é a fantasia, não há nada nas atividades humanas que não possa excitá-la. (p. 19)

O mesmo autor complementa:

O senso comum sabe do que está falando quando se refere à sexualidade. O psicanalista não sabe mais do que o primeiro! Não por ignorância, mas porque se vê diante de um enigma para o qual não tem a última palavra a

Luciane Falcão

dar. Em duplo desarrimo do instinto (em proveito da pulsão) e do genital (em proveito do polimorfismo da sexualidade infantil), o sexual perdeu a sua clara definição. (p. 20)

As sexualidades dissidentes, diz Blestcher (2017), “vão delineando, não sem matizes, novidades existenciais individuais, familiares e sociais que alteram o regime instituído heterossexista, heteronormativo e falocêntrico” (p. 68). Estaríamos de acordo com esse nosso colega argentino que, ainda em 2009, já considerava que a “equiparação entre travestismo e perversão, ou entre transexualismo e psicose – (definidas estruturalmente pelo predomínio dos mecanismos de desmentida ou forclusão da castração, respectivamente – para mencionar somente duas formulações básicas) – comportam tanto uma generalização abusiva não justificada nos parâmetros metapsicológicos como uma proposta dessubjetivante que não respeitaria a complexidade das determinações erógenas, desejanças, fantasmáticas e ideológicas nas quais se inscrevem os processos de constituição sexual” (p. 69)?

Freud não toma um texto da literatura fantástica (*O homem de areia*, de Hoffmann) para ilustrar algum conceito “fechado”, ao contrário, usou um texto literário que lhe permite se interrogar e ampliar a sua forma de pensar. O *Unheimliche* freudiano serve como exemplo do caminho de questionamentos percorrido por Freud, revelando a sua abertura para descobrir novos elementos ou mesmo outras formas de compreender o aparelho psíquico do ser humano. *Bixa-travesti* também. Mais uma vez, a arte, o cinema-arte, revela o *Unheimliche* para que nós possamos vê-lo nas telas, como a criança na frente do espelho que tenta pegar pela mão aquela imagem que vê, e que, no mínimo, precisa seguir o próprio caminho com este *inquiétant* na sua mão. Ou, como disse o próprio Freud (1919/2002)⁷, “o poeta quer nos fazer ver a nós mesmos através de lentes ou de lunetas do ótico demoníaco” (p. 164, tradução livre).

Nossas reflexões permitem pensar que a *sexualidade infantil* surge nas análises como produto da própria análise. Muitas vezes não apenas como ela se manifesta, mas também como aquilo que falta se constituir nos tratamentos psicanalíticos dos adultos (Seulin, 2015) e que perpassa – ou não – o sexual primordial do analista. Podem ficar apenas como índices intraduzíveis, vividos num sensorio ou num sensual, podendo ainda, eventualmente, se transformar ou criar alguma nova representação (Falcão, 2017).

A evolução de qualquer pensamento científico muitas vezes exige o

⁷ Utilizo aqui a versão da tradução francesa e que me parece ter um sentido muito importante para o texto. Freud, S. (2010). L'inquiétant. In *Ouvres complètes – Psychanalyse*, (Vol. XV, pp. 147-188). Paris : Puf. (Œuvre originale publiée en 1919)

rompimento de determinados conhecimentos para que novas concepções possam surgir, abrindo espaços para uma melhor compreensão do ser humano.

Espero que possamos trabalhar as mentes, como psicanalistas, mantendo a inquietante estranheza da nossa sexualidade infantil mais próxima do nosso consciente, para que então possamos estar sempre aptos para ouvirmos quando a diversidade das campanhas tocarem nos nossos consultórios.

Ficam os questionamentos, entre tantos outros que, como psicanalistas, precisamos permanentemente realizar. □

Abstract

The primordial sexual: ingredient of the *uncanny strangeness*?

The article intends to expand the Freudian idea that the elements of the feeling of uncanny strangeness result from the work of repression. We intend to outline a possible weaving between what Freud proposes to think of as *The stranger*, child sexuality and primordial sexual, relating these aspects to our difficulties, as psychoanalysts, to think and debate themes increasingly present in the reality of the 21st century people: the pluralities and diversities of sexuality.

Keywords: Strange; Primordial sexual; Child sexuality; Sexual diversity

Resumen

Lo sexual primordial: ¿ingrediente de la *inquietante extrañeza*?

El artículo pretende ampliar la idea freudiana de que los elementos del sentimiento de inquietante extrañeza son el resultado del trabajo de represión. Pretendemos esbozar un posible vínculo entre lo que Freud propone pensar como *El extraño*, la sexualidad infantil y la sexualidad primordial, relacionando estos aspectos con nuestras dificultades, como psicoanalistas, de pensar y debatir temas cada vez más presentes en la realidad del hombre del siglo XXI: las pluralidades y diversidades de la sexualidad.

Palabras clave: Extraño; Sexual primordial; Sexualidad infantil; Diversidades sexuales

Luciane Falcão

Referências

- André, J. (2007). Le désir et l'exigence. In *La sexualité infantile de la psychanalyse*. Paris: Puf.
- André, J. (2017). O infantilismo da sexualidade. In R. M. Garcia (Org.), *Sobre infantilismo da sexualidade*, (pp. 13-45). Porto Alegre: Sulina.
- Blestcher, F. (2017). La sexualidad infantil más acá del género y de la sexuación: extravíos y encaminamientos de la teoría sexual. In R. M. Garcia (Org.), *Sobre infantilismo da sexualidade*, (pp. 63-84). Porto Alegre: Sulina
- Botella, C. & Botella, S. (1982). Sur la carence auto-érotique du paranoïaque. *Revue Française de Psychanalyse*, 1, 65-79
- Botella, C. (2001). El sexual primordial. *Revista de Psicoanálisis*, 58(1), 93-101.
- Chervet, B. (2010). Source pulsionnelle et corps érogène, des inscriptions de l'après-coup. *Revue Française de Psychanalyse*, 74(5), 1.487-1.494.
- Chervet, B. (2012). Pulsions de destruction ou de mort? Pulsion de destruction et pulsion de mort. *Revue Belge de Psychanalyse*, 60, 89-92.
- Falcão, L. (2013). Representação-afeto na obra de André Green. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 20(1), 139-156.
- Falcão, L. (2015). Introdução à discussão do trabalho O après-coup, a forma e o informe no trabalho do sonho e as formações do inconsciente. A regressão ao informe e a fábrica de formas, de Bernard Chervet. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 22(1), 191-200.
- Falcão, L. (2017). Sexual primordial e sexualidade infantil. In R. M. Garcia (Org.), *Sobre o infantilismo da sexualidade* (pp. 86-106). Porto Alegre: Sulina.
- Freud, S. (1977). Inibições, sintomas e ansiedade. In J. Salomão (Trad.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB) – Um estudo autobiográfico. Inibições, sintomas e ansiedade. A questão da análise leiga e outros trabalhos*, (Vol. 20, pp. 95-201). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926 [1925])
- Freud, S. (1977). Totem e tabu. In *Edição standard brasileira de obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (2002). L'inquietant. In *Œuvres complètes - Psychanalyse*, (Vol. 15, pp. 146-188). Paris : Puf (Œuvre originale publiée en 1919)
- Freud, S. (2004). O Recalque. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, trad., Vol. 1, pp. 175-193). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2006). Além do princípio do prazer. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, trad., Vol. 2) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2007). Lettres à Fliess. In *Édition complète*. Paris : Puf. (Œuvre originale publiée en 1887-1904)
- Freud, S. (2007). O Eu e o Id. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (L. A. Hanns, trad., Vol. 3, pp. 13-71). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2010). Angústia e instintos. Conferência 32. In *Obras completas – Novas Conferências*

O sexual primordial: ingrediente da *inquietante estranheza?*

- introdutórias à psicanálise* (Vol. 18, pp. 160-188). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933[1932])
- Freud, S. (2010). O inquietante. In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 14, p. 328-376). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Garcia, R. M. (Org.). (2017). *Sobre o infantilismo da sexualidade*. Porto Alegre: Sulina, 189 p.
- Gonzatto, C. (2018). Blog da Berlinale 2018. Filmes brasileiros levam vários prêmios em Berlim [Entrevista]. *Goethe-Institut Brasilien*. Licensed by Creative Commons Namensnennung – Weitergabeuntergleichen Bedingungen 3.0 Deutschland Lizenz. Recuperado de <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/sup/ber/21178598.html>
- Green, A. (1973). *Le discours vivant*. Paris : Puf.
- Green, A. (1974). Chap. II – L’analyste, la symbolisation et l’absence dans le cadre analytique. In *La folie privée*, (pp. 63-102). Paris : Gallimard, 1990.
- Hans, L.A. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Priscilla, C., Goifman, K. (Dir.) & Mab, E. (Prod.) (2018). *Bixa travesty*. [Elenco: Linn da Quebrada, Jup do Bairro, Liniker de Barros]. Documetário, 1h 15min. São Paulo: Paleotv
- Roussillon, R. (2015). Le sexuel infantile entre corps et objet-autre-sujet. *Revue Française de Psychanalyse*, 79(5), 1642-1648.
- Scarfone, D. (2014). L’impassé, actualité de l’inconscient. *Revue Française de psychanalyse*, 78(5), 1357-1428.
- Scliar, M. (2004). *O centauro no jardim*. 10ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Seulin, C. (2015). Émergence et transformations de la sexualité infantile dans la cure. *Revue Française de Psychanalyse*, 79(5), 1333-1407.

Recebido em 18/10/20

Aceito em 02/12/20

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Edgar Chagas Diefenthaler**

Luciane Falcão

Av. Plínio Brasil Milano, 757/1204

90520-001 – Porto Alegre – RS – Brasil

lufalcao60@gmail.com

© Revista de Psicanálise da SPPA

Infâncias contemporâneas e formas de sofrimento psíquico: interrogações, desafios e propostas¹

Analía Wald², Buenos Aires

A autora argumenta que a categoria de sofrimento subjetivo permite ampliar o campo de compreensão dos problemas, desvinculando-os da psicopatologia por meio da adoção de uma perspectiva complexa. Assim, os modos de sofrimento envolvem as formas como as crianças e os jovens são acomodados no contexto social. As transformações antropológicas da atualidade questionam a universalidade dos modelos teóricos, sendo a sexualidade um dos campos em que essas transformações são expressas em um regime marcado pela pluralidade, diversidade e fluidez. As práticas de subjetivação dissidentes ou minoritárias desafiam a psicanálise e promovem uma retomada de suas categorias, em particular a singularidade nos modos de construção da diferença simbólica. A autora questiona a noção de identidade e argumenta que repensar os processos de subjetivação como socialmente situados requer complexizar nossas hipóteses para que o corpus teórico da psicanálise avance sem renunciar à heterogeneidade das problemáticas e das pessoas.

Palavras-chaves: Psicanálise, Subjetivação; Diversidades; Complexidade; Contexto social

¹ Trabalho apresentado do XXI Simpósio de Infância e Adolescência da SPPA – *Formas extremas de padecimento psíquico na infância e na adolescência*, 12, 13 e 14 de setembro de 2019, na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), Porto Alegre.

² Médica, Psicanalista da Associação Psicanalítica da Argentina. PhD em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires.

“Essas ambiguidades, redundâncias e deficiências lembram as que o doutor Franz Kuhn atribui a certa enciclopédia chinesa que se intitula ‘Empório celestial de conhecimentos benévolos’. Em suas remotas páginas está escrito que os animais se dividem em a) pertencentes ao Imperador, b) embalsamados, c) amestrados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cachorros soltos, h) incluídos nesta classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel finíssimo de pelo de camelo, l) etcétera, m) que acabam de quebrar o vaso, n) que de longe parecem moscas”. (Borges, 1952/200, s/p)

Entendo a psicanálise como um pensamento vivo, que não diferencia as paredes do consultório da prática no campo social e institucional, uma forma de pensar que implica uma desconstrução permanente da própria práxis. A partir das discussões epistemológicas e arqueológicas propostas por Foucault, especialmente em seu texto *A arqueologia do saber* (2008), a ideia de que, para não se tornar dogmática, a psicanálise deve aplicar em si mesma os seus próprios instrumentos, perguntar quem fala e questionar a própria postura enunciativa. Interrogar as margens como forma de reflexão crítica para expandir os limites do dizível e do pensável é uma forma de reafirmar nossa posição ética.

As formas de sofrimento extremo na infância e na adolescência podem ser abordadas a partir de múltiplas perspectivas. Em um mundo cada vez mais globalizado e saturado de informações, difundem-se massivamente fórmulas diagnósticas que respondem às tentativas de encontrar explicações simples e lineares para fenômenos complexos³. Pelo contrário, as categorias *sofrimento psíquico*, ou *padecimento subjetivo*, transcendem a perspectiva psicopatológica para nos levar às diversas maneiras através das quais a dor faz parte da vida de crianças e jovens. Constituem um contraponto à inusitada criação de categorias diagnósticas nos últimos anos, que se relaciona com a crescente medicalização da vida e mercantilização da atividade científica. Assim, quando um problema é isolado

³ Além da heterogeneidade, a característica determinante de um sistema complexo é a interdefinibilidade e a mútua dependência das funções que cumprem ditos elementos dentro do sistema social (García, 2006).

ou definido, ele é denominado como uma “doença” ou “síndrome” (ADD, ADHD, *Oppositional Defiant Syndrome*, etc.), apelando-se para os estados e/ou planos de saúde a fim de que seja incluído dentro da cobertura. O paradoxo é que o pedido de inclusão é geralmente baseado em uma reivindicação de direitos, de modo que ocorre um conluio entre o direito à cobertura e o direito à não medicalização da vida (Stolkiner, 2012).

Mesmo com seus limites, a categoria de sofrimento subjetivo permite-nos ampliar o campo de compreensão dos problemas, deslocando-os da psicopatologia por meio da adoção de uma perspectiva que denominamos complexa⁴. Dificuldades que se manifestam na escola, como distúrbios de conduta, fobias escolares graves, formas de isolamento que foram pensadas como equivalentes depressivos, sintomas somáticos ou o franco desânimo e perda de vontade de viver, levam-nos a pensar que o meio social, responsável por marcar as condições de existência, tem impacto na produção de sofrimento psíquico (Wald, 2018a, 2019).

A partir do trabalho com crianças e adolescentes que correspondem ao que poderíamos chamar de subjetividades minoritárias, frequentemente em situações de vulnerabilidade (Wald, 2018b), surge a necessidade de questionar algumas formulações freudianas, repensando a escuta e a teorização analítica. O trabalho com subjetividades pertencentes a setores que não foram alcançados pela psicanálise confronta-nos com a ideia de que as crianças e seus pais não são *entidades soberanas*, mas que fazem parte de um contexto social com acomodações diferentes.

As transformações antropológicas da atualidade proporcionam-nos a oportunidade de insistir em um paradigma subjetivante, o que implica questionar a *universalidade* dos nossos modelos teóricos e dos modos como a razão hegemônica e a tendência à objetivação se infiltraram em nossas teorias, em nossa escuta e também em nossa forma de fazer pesquisa em psicanálise.

Diversidades sexuais

A sexualidade é um dos campos privilegiados em que assistimos as transformações das subjetividades contemporâneas, desde o binarismo clássico

⁴ A compreensão do sujeito no âmbito da complexidade (Morin, 2001) tem importantes implicações epistemológicas. Novos paradigmas de pesquisa e novas formas de colaboração que superem as barreiras entre as disciplinas são necessários. Azaretto e Ros consideram que os propósitos norteadores do diálogo da psicanálise com outros campos do conhecimento não são apenas cognitivos, mas também políticos, institucionais, retóricos – voltados para o próprio campo/ para o campo científico/ para a comunidade. “A fragmentação do conhecimento em campos disciplinares é subsidiária da divisão social do trabalho e, de acordo com essa lógica, a cada disciplina corresponde um objeto e um campo teórico específico” (Bello Díaz, 2003, citado por Azaretto & Ros, 2015, p. 59, tradução livre).

Analía Wald

até um regime marcado pela pluralidade, diversidade e fluidez, tanto no campo identificatório quanto no que diz respeito aos posicionamentos desejantes e às parentalidades.

Identities não binárias, identidades binárias dissidentes, posições desejantes fluidas que mudam, formas homoeróticas que coexistem com modalidades heteroeróticas sem maiores conflitos, homoparentalidades ou famílias monoparentais: os novos existenciários questionam a ideia de uma identidade consistente, sem hibridações, estável e sem nuances.

Trata-se de formas identitárias e de posições desejantes que nos convidam a rever e a desconstruir categorias centrais da teoria psicanalítica. Nesse ponto, a inclusão da diversidade na trama conceitual da psicanálise requer operações teóricas que implicam desnaturalizar imaginários instituídos: não se trata de abrigar o que ela interpela remendando o arcabouço teórico conhecido, mas de construir novas margens.

Em uma de suas *Problemáticas*, Laplanche (2003) já apresenta a questão de saber se a universalidade do complexo de castração, em sua oposição lógica e rígida “fálico/castrado”, é imperativa; se não existem modelos múltiplos de simbolização, mais flexíveis. Será que a diferença sexual anatômica pode deixar de ser o eixo central da constituição subjetiva e da construção da alteridade? Pareceria que as identificações – que acreditávamos imutáveis em seu papel de garantir a estabilidade estrutural de um sujeito – não o são, ou podem sofrer mutações sem que se produzam efeitos catastróficos na estruturação subjetiva.

Longe de fazer diagnósticos ou de definir anomalias tomando a sexualidade como eixo norteador sobre o qual devemos nos pronunciar, nós, psicanalistas, temos a oportunidade de abrigar os novos existenciários a partir de uma presença crítica que se interroga sobre essas margens em que o gênero e os processos de atribuição articulam-se no imaginário histórico-social e na produção de subjetividades. A ordem simbólica, responsável por reger os intercâmbios e delimitar prazeres mediante regulações do que é proibido e do que é permitido, materializa-se em construções históricas que se transformam ao longo do tempo. As atuais reconfigurações da parentalidade mostram redistribuições das funções de apoio, de transvasamento narcísico e transmissão de interdições ou delimitações dos prazeres que não coincidem com o materno ou o paterno, nem com uma referência particular (Cornu, 2004). As transmissões ocorrem de maneiras fragmentárias, nunca lineares ou deterministas. Como pensar as identificações nessas tramas complexas, os efeitos simbólicos na ordem da filiação e a diferença e a circunscrição em uma ordem socialmente regulada sem reduzir nossas hipóteses às categorias familiares clássicas que nomeiam os agentes envolvidos na criação?

No entanto, a desconstrução mais importante apresentada pelo campo das dissidências sexuais diz respeito à categoria de diferença. A diferença sexual anatômica é questionada como articuladora primária e fundadora da estruturação subjetiva, da mesma forma que se questiona o seu determinismo em relação à inscrição da diferença simbólica e ao registro da alteridade. Esse questionamento sustenta a sexualidade ampliada, o sexual pulsional, como a grande descoberta psicanalítica⁵. *Desontologizar* a diferença implica questionar o próprio modelo da diferença para pensar em singularidades e até mesmo, como já dizia Silvia Bleichmar (2016), nas *singularidades na construção das diferenças*. Nesse sentido, Paul Preciado (2019) afirma que as práticas de subjetivação dissidente promovem uma superação da epistemologia da diferença sexual. A multiplicidade contemporânea das posições de gênero e as reconfigurações das relações de aliança e filiação exigem que a psicanálise e os psicanalistas abandonem uma teoria sobre os processos de subjetivação que prescreva um único modo possível, ao mesmo tempo em que expulsa para a patologia as subjetividades com sexualidades diversas.

Desse modo, falar de *pluralidade* e de *diversidade* envolve outros questionamentos. Como os postulados psicanalíticos, baseados em uma cultura eurocêntrica e patriarcal, estão encarnados em cada sujeito singular? Embora, para os psicanalistas, a principal alteridade seja a do próprio inconsciente, encontramos pessoas inscritas em diferentes âmbitos referenciais onde as posições de gênero ou marcas étnicas resultam em modelos de inteligibilidade que estão histórica e culturalmente situados. “Há presentes, no plural, que são diferentes para cada um, de acordo com as categorias, as ontologias, os grupos aos quais estamos vinculados ou aos quais nos remeta a história” (Eribon, 2019). Os “âmbitos políticos de percepção”, que são, ao mesmo tempo, “âmbitos sociais de memória” (Halbwachs, 1925), fundamentam-se no contexto social entendido como um grupo de pertencimento. Trata-se da pluralidade de memórias coletivas dentro de uma mesma sociedade que define pluralidade de âmbitos⁶. Quando nós, analistas, falamos do *Outro da época*, desconhecemos as relações de poder ao supor um *Outro* igual para todos. A resposta do *Outro*, o lugar que o *Outro* dá ao sujeito, é fundamental na construção da alteridade e do laço social na medida em que

⁵ “O que chamamos de sexualidade ‘ampliada’ é a grande descoberta psicanalítica, mantida do começo ao fim e difícil de conceitualizar, como o próprio Freud mostra ao tentar refletir sobre a questão, por exemplo, em sua *Introdução à psicanálise infantil*, claro, ligada mais ao fantasma do que ao objeto e, portanto, autoerótica, regida pelo fantasma, pelo inconsciente (...) Para Freud, o ‘sexual-pulsional’ é então [*exterior*] e mesmo anterior à diferença de sexos, inclusive a diferença de gêneros: é oral, anal ou para-genital” (Laplanche, 2006, p. 2, grifos do autor, tradução livre).

⁶ É evidente a influência de Halbwachs, autor falecido num campo de concentração em 1945, na obra de Piera Aulagnier (1991) e de Cornelius Castoriadis (1975/2013).

Analía Wald

constitui o umbral a partir do qual construímos, de forma recursiva, nossos próprios fantasmas da relação com o mundo social.

Na infância e na adolescência, o discurso escolar constitui o fragmento do discurso social que potencializa ou restringe os processos de subjetivação.

Os corpos na escola: o modelo médico

Hoje em dia, ainda vigoram as formas de disciplinamento através da medicalização e da negativização da diferença – neste caso, corporal e sexual – como ponto de apoio e de legitimação de cenários de desigualdade, além de certa forma de entender a administração dos corpos (alimentação, lazer, trabalho, descanso, higiene, saúde física) como encarregada de construir uma ordem moral e racional que tende à padronização e à homogeneização de gestos e gostos coincidentes com a exigência de universalização determinada pela sociedade de consumo.

O pesado maquinário escolar moderno, que produz ordens corporais disciplinadas, higiênicas, binárias e “rotinizadas”, parece estar enfraquecendo. No entanto, tendências para a desigualdade, homofobia, racismo, misoginia ou sexismo parecem estar presentes nos corpos, convocando os atores educacionais a se tornarem “carne” desses problemas.

É possível produzir na escola ordens corporais diferentes das mencionadas, com base no respeito às diferenças (de classe, gênero, etnia, religião ou orientação sexual), na justiça, na solidariedade, na empatia com o outro/a e na igualdade?

Como essas dimensões sócio-simbólicas afetam – sem dúvida contribuem para a produção de sofrimento psíquico – quando fazemos o diagnóstico de um menino, uma menina ou um jovem devido a seus problemas escolares? Graciela Frigerio (2008) diz:

Os discursos, é claro, tiveram e têm efeitos concretos na vida real das crianças atingidas pela forma como são nomeadas, e o leitor pode facilmente imaginar as ulterioridades dos *adjetivos qualificativos desqualificantes* (pobres, amorais, anormais, órfãos, em perigo, perigosos, excluídos, marginais ou outros equivalentes). [E se pergunta:] rotular as crianças expressaria a tentativa de controlar o que é desconhecido e perturbador para os adultos? (p. 2, tradução livre)

Tanto a escola quanto o consultório do psicanalista ou do médico podem funcionar como espaço de acolhimento, de reconhecimento e de acomodação subjetiva, ou podem repetir dinâmicas dessubjetivantes para crianças e jovens.

Diagnóstico e complexidade

Fui chamada para trabalhar em um problema de *agenda* na interface saúde-educação⁷. Os processos de globalização configuram um cenário de aumento da mobilidade das pessoas no mundo. Essa mobilidade traz, para as sociedades de recepção, novos problemas e desafios que precisam de visibilidade. Foi possível corroborar a existência de uma alta proporção de bilinguismo e/ou contato de línguas em estudantes migrantes ou filhos de migrantes de países vizinhos na Cidade de Buenos Aires, situação que poderia aproximar sensivelmente os migrantes internos provenientes de comunidades de nosso país, bem como de outros países geograficamente muito distantes (China, Coreia, etc.). A partir dos dados lançados na tese *Bilingüismo y contacto de lenguas, una zona gris en la salud escolar de Buenos Aires*⁸ e de acordo com outras pesquisas internacionais (Navarro Sierra, 2003), é oportuno levar em consideração a proporção de bilinguismo e/ou contato de línguas nas crianças para avaliar se alguns indicadores educacionais que evidenciam o fracasso escolar estão relacionados a uma situação de diglossia conflitiva (situação linguística que resulta do conflito entre as línguas em contato).

Na interfase saúde-educação, foi possível detectar certo desconhecimento e carência de ferramentas adequadas dos trabalhadores de ambos os setores que, à maneira de dispositivos, facilitariam a intervenção no problema. Nesse sentido, por exemplo, estaria incluída a falta de uma abordagem a partir da relatividade linguística, a qual afirma que cada gramática determina uma visão particular do mundo.

Observou-se que as ferramentas validadas para a avaliação de crianças se constituem de protocolos normatizados em que a singularidade não é ponderada. Às vezes, a busca de sinais clínicos na construção que vamos fazendo do *Outro* impede-nos de compreender que existem estilos comunicativos, filtros bioculturais ou visões de mundo que talvez expliquem ou esclareçam melhor quem está diante de nós.

⁷ Universidade de Buenos Aires. Faculdade de Medicina. Cadeira de Fonoaudiologia. Laboratório de Funções Cognitivas. *Bilingüismo e Interculturalidad: entre la realidad y el mito. Reflexiones sobre la Epistemología de nuestras prácticas.*

⁸ Universidade Nacional de Rosario, Centro de Estudos Interdisciplinares, Instituto da Saúde Juan Lazarte. Tese de mestrado. Autora: Ana Ester Fuks. Rosario. Dezembro de 2012.

Analia Wald

A heterogeneidade da população escolar da cidade exige respostas específicas e adequadas às características socioculturais das populações para garantir a saúde integral das crianças dos setores sociais mais vulneráveis.

Quais são as nossas ferramentas diagnósticas para fazer uma avaliação clínica das crianças e adolescentes que nos consultam?

M tem 9 anos, nasceu no Paraguai e foi encaminhado ao nosso programa assistencial⁹ porque não lê e está muito agressivo. A mãe revela que o problema de M começou na leitura, então se deram conta de que ele não falava e nem pronunciava bem. Só algumas palavras. “Então ele não sabe ler”, afirma, e por isso repetiu o ano.

Quando M tinha 6 meses de idade, sua mãe veio morar na Argentina e deixou M com a avó materna. A mãe não relata nenhum conflito: “sem problema”, “tudo bem” diz, sem mencionar nada sobre a história de vida de M naqueles tempos. Aos seis anos, M foi trazido para morar na Argentina.

A mãe conta que, desde que chegou a Buenos Aires há três anos, seu filho fala espanhol, mas no Paraguai falava somente guarani, e não ia ao jardim de infância. Estava com os avós. Agora, diz, se falam com ele em guarani, ele não responde. Ele entende, mas não fala.

M, quando questionado sobre o Paraguai, diz que lá é diferente: “Tem estradas de terra, casas de madeira”, conta, “Quando eu era bebê, [a mãe] nos deixou lá” e não os visitava porque é longe. Ao ser perguntado sobre a troca de país, diz que achou ruim, “porque tenho muita saudade da minha avó”.

M é uma criança calada. Quando é cumprimentado ou lhe fazem várias perguntas fora do consultório, praticamente não responde, fica em silêncio.

Ele está muito atento ao que a terapeuta faz, pergunta o que farão e sobre alguns elementos do ambiente (gravador, o motivo da escrita, etc.)

O discurso de M é compreensível, mas apresenta algumas dificuldades na pronúncia da língua. Isso não limita a sua possibilidade de comunicação, mas há certas restrições no desenvolvimento de vocabulário: existem coisas que não pode nomear.

Em suas produções gráficas, aparecem elementos paranoides, tanto nas imagens quanto nas verbalizações.

No trabalho com a produção leitora, a terapeuta lê em voz alta o conto

⁹ Programa de Assistência Psicopedagógica. Secretaria de Extensão Universitária. Faculdade de Psicologia da Universidad de Buenos Aires. Diretor: Analia Wald. O programa de assistência recebe consultas de crianças e jovens pertencentes a setores vulneráveis, encaminhados pelas Equipes de Orientação Escolar da Cidade de Buenos Aires. Em 2014, o programa incorporou uma nova sede no Serviço de Pediatria, no âmbito do Programa da Faculdade de Psicologia do Hospital de Clínicas. O programa é a matriz do Projeto de Pesquisa UBACyT “Problemas de aprendizagem: complexidade e abordagem interdisciplinar”.

La plapla, de María Elena Walsh¹⁰ (1966), já que M insiste que não sabe ler. A história trata do encontro de Felipito com uma letra fictícia.

Chamado a fazer inferências e sínteses sobre o que foi lido, responde de forma limitada e dá a impressão de ter entendido o que o terapeuta leu, mas suas respostas são breves e sucintas. Quando lhe apresentam uma situação hipotética sobre o que imagina que faria se fosse Felipito (personagem da história) e encontrasse uma plapla (letra fictícia), ele responde: “matá-la, porque vai sujar todo o meu caderno”.

Na história, a plapla é uma letra que causa um grande rebuliço entre as crianças, representando os aspectos desconhecidos. A resposta de M mostra a sua dificuldade frente às novidades, que são vividas como disruptivas e ameaçadoras, em consonância com seus próprios aspectos pulsionais, os quais não encontram contenção.

Assim, em M, a instabilidade de origem fratura a sua possibilidade de contato com o mundo. As dificuldades fonológicas e linguísticas entrelaçam-se na problemática psíquica, nos lutos pendentes de elaboração. M não quer que a sessão termine, não quer se despedir. Fica irritado e agressivo na hora de terminar. Expressa a necessidade de um referencial estável capaz de conter as suas ansiedades e lhe proporcionar segurança.

Em nosso programa assistencial, incorporamos os aspectos socioculturais, simbólicos e linguísticos, assim como a maneira com que estes se entrelaçam de modos singulares com as problemáticas psíquicas e subjetivas na história de cada criança. A migração implica uma ruptura com os referenciais identificatórios de base, perdas e lutos que dificultam novas aquisições e complexizações. A língua materna não é uma língua qualquer, mas aquela cujos enunciados tornam-se carne no corpo de uma trama onde não é possível diferenciar afetos, palavras e conquistas identificatórias que conferem à criança uma estabilidade psíquica mínima para o seu desenvolvimento social (Cabral, 2016).

D, de 11 anos, é encaminhado ao serviço porque não se adapta aos novos colegas, briga e morde na escola. Chegou da República Dominicana há quatro meses e, na escola, consideram que a mãe reage de forma paranoica toda vez que é chamada por causa dos distúrbios de conduta de D. Na entrevista, a mãe conta que veio para Buenos Aires com D e seu irmão menor porque este último precisa ser operado de uma hérnia, cirurgia esta que não pôde ser realizada em seu lugar de origem. O pequeno tem muitas dores. Por sorte, já tem data para a cirurgia. Contudo, ela não entende por que ligam o tempo todo da escola, sabe que D “se comporta mal”, mas não sabe o que mais pode fazer. Diz que não pode deixar de

¹⁰ Acessível em <http://tra62.blogspot.com/>

Analía Wald

trabalhar para ir à escola todos os dias. Também conta que sente saudade dos outros dois filhos, de 15 e 17 anos, filhos de outro casamento, que moravam com ela na República Dominicana e que não puderam vir.

Na entrevista com a terapeuta, D conta que mora na praia, que seu pai tem uma espécie de carrinho para transportar turistas... Eu penso na cidade grande em que moram agora, em um quarto pequeno, cercado de cimento, em um dos bairros mais populosos e centrais de Buenos Aires. A terapeuta pergunta do que ele brincava com seu irmão de 15 anos, que ficou na República Dominicana. D responde no tempo presente, fala das brincadeiras, se entusiasma, ri... Aí me dou conta: D ainda não chegou em Buenos Aires, não quer chegar... Penso nos meus próprios filhos, que eles sabem quando vão se ver de novo, nos componentes erógenos e libidinais ligados à origem, no abraço impossível...

Também na escola, o grupo histórico-cultural de referência de cada pessoa funciona como um eixo regulador para a assimilação do novo e do diferente. O que acontece quando se propõe um único discurso, produto de uma matriz homogeneizante (*escola crisol de raças*) que sustenta um referencial identificatório excludente do diverso e propõe uma ruptura com a origem? Se o que é novidade não encontra um ponto de ancoragem simbólico, torna-se estranho ou inclusive persecutório.

Subjetivação, simbolização e socialização são dimensões de um mesmo processo onde é fundamental o papel do *Outro*, que não é apenas o cuidador, mas o grupo cultural de referência, que exerce o mesmo discurso antecipatório e dá lugar ao pequeno sujeito (Aulagnier, 1991). Um nome, uma filiação ou uma vaga na escola são pontos do documento de cidadania para um sujeito que, em contrapartida, assume lugares, objetos, pessoas, vozes, canções, rituais e modos de falar da cultura que reconhece como própria. Isso tudo se torna uma referência capaz de auxiliar a criança na elaboração de um projeto de identificação.

Apropriar-se de ideais e posições desejadas em sua cultura não é apenas condição para um desenvolvimento social agradável e satisfatório, mas algo que permeia todos os processos de constituição psíquica. A lateralização, a visão binocular, a articulação fonológica e os diversos processos que envolvem o eixo psicossomático ocorrem no interior de culturas específicas. Muito antes de começarem a escrever, as crianças que vivem em culturas ocidentais desenham da esquerda para a direita, mostrando que os esquemas motores são articulados com padrões culturais. Isso apresenta uma especificidade para crianças migrantes de países asiáticos.

Em suma, os aspectos linguísticos devem ser incorporados e pensados em relação ao legado cultural e identificatório de cada criança, o que exigiria romper

com o ideal de homogeneização, além de incorporar a possibilidade de trajetórias educacionais personalizadas.

Para concluir... a incerteza

Podemos nos perguntar o quê a experiência com subjetividades diversas traz para a psicanálise. Não se trata simplesmente de acomodar a diversidade a partir de um discurso baseado em direitos plurais. Repensar os processos de subjetivação como socialmente localizados requer uma aproximação às realidades culturais para tornar nossas hipóteses mais complexas. Pensar a questão em termos complexos distancia-nos de um certo essencialismo identitário que nos levaria a conferir a cada grupo, ou a cada pessoa, uma identidade homogênea e uniforme baseada em um traço ou no pertencimento a um grupo. O filósofo François Jullien (2009) nega a existência do que conhecemos como identidade cultural porque a identidade é estática, unitária, ao contrário da cultura, que é coletiva e está em constante mutação. Jullien propõe uma nova forma de abordar as realidades culturais: o *écart*, ou seja, a distância, o espaço que existe entre as culturas, entre seus elementos, um lugar fértil onde suas características brilham¹¹.

Dar espaço às diversidades questiona o pensamento hegemônico. Trata-se de pensar outras lógicas, uma lógica que não implique em exclusão, alteração¹² ou subalternidade¹³ quando incorporamos as experiências minoritárias. Há alguns

¹¹ A crítica do *essencialismo identitário*, que afirma que todas as identidades, sejam elas de gênero ou classe, étnicas ou de outro tipo, foram construídas socialmente e, portanto, são contingentes, coincide com a ideia de que não existem essências no mundo social. No entanto, chama a atenção o fato de que, na vida cotidiana e nas lutas sociais, as pessoas frequentemente refiram-se a tais essências. Gayatri Spivak (2011) refere-se ao conceito de *essencialismo estratégico*, o qual afirma que um grupo de pessoas é capaz de aderir *provisoriamente* a uma essência que pode ser útil estrategicamente para sentir que faz parte, agrupar-se em coletividades e trabalhar a favor da emancipação.

¹² “Com este termo, designo o mecanismo de identificação projetiva que constitui um grupo minoritário como ‘outro’, em uma polissemia para onde convergem os sentidos de ‘outro’ do Ocidente, construído pelo orientalismo, do outro internalizado apontado por F. Fanon, mas também da alteridade representada, ao mesmo tempo, como inferior e ameaçadora. Esses outros, no entanto, formam um grupo apenas em função da exclusão de que se tornam vítimas, a qual os uniformiza no momento em que lhes atribuí os mesmos traços negativos, para definir, em contraste, a identidade de um grupo majoritário. Um grupo alterizado não é uma comunidade identitária, mas uma categoria naturalizada por discriminação, em relação a qual é conferida uma identidade homogênea, outra. A pretensão de ajustar as subjetividades às normas vigentes equivale a aniquilar qualquer alteridade própria da singularidade subjetiva” (Ayouch, 2017, s/p, tradução livre).

¹³ Em seu livro *¿Puede hablar el subalterno?* (2011), Gayatri Spivak refere-se ao status do sujeito subalterno que, embora fisicamente capaz de falar, não tem a possibilidade de se expressar e ser ouvido. O discurso dominante torna o colonizado ou subalterno incapaz de raciocinar por si mesmo, sempre necessitando da mediação e da representação do que Spivak chama de “o intelectual do primeiro mundo”.

Analía Wald

anos, Judith Butler e outras pensadoras feministas apontam rotas voltadas para o enfraquecimento do sistema hegemônico global, classista, racista e sexista, enfatizando as lógicas do centro e das margens. Bell Hooks sugere, a partir das margens de gênero, classe e raça, fazer da margem o centro, gerando uma cultura e um pensamento crítico efetivo (Hooks, 2000). Há pouco, Rita Segato (2019) argumentou que o feminismo deve ser concebido como uma pluralidade de mulheres, uma pluralidade de sexualidades. Convidava assim a pensar os gêneros e as raças como categorias centrais em um contexto cada vez mais disciplinador, bem como a violência de raiz “conquistual” e colonial, e suas sequelas e impactos no presente.

Na medida em que pensamos a psicanálise como um discurso essencial para o pensamento crítico, recuperar os processos de subjetivação das margens e fazer da margem o centro envolve a diversidade e a pluralidade no interior de nossa própria teoria e de nossas práticas.

Nossas teorias sobre a constituição psíquica estão baseadas em mecanismos de poder que sustentam a heterossexualidade obrigatória, repetindo formas arcaicas de violência.

Não há teoria a não ser localizada e situada (Wynne, 2004), e essa postura encontra referenciais epistemológicos e metodológicos que nos permitem fazer o corpus teórico da psicanálise progredir sem renunciar à heterogeneidade das problemáticas e das pessoas. A particularidade que torna cada caso singular desestabiliza as nossas convicções, não podendo ser a aplicação automática do pensado. A construção de um caso não é um exemplo, mas é a interrupção do pensamento habitual, é a particularidade que sintetiza de forma hologramática sua própria complexidade e seu próprio contexto, assim como uma época e a fragilidade de nossa própria incerteza. □

Abstract

Contemporary childhoods and forms of psychic suffering: questions, challenges and proposals

The author argues that the category of subjective suffering enables the expansion of the field of problem-understanding, moving problems away from psychopathology and adopting a complex perspective. As such, the forms of suffering encompass the ways in which children and young people are placed in the social context. The anthropological transformations of today question the *universality* of theoretical models, sexuality being one of the fields where these transformations are expressed

in a framework marked by plurality, diversity and fluidity. Dissident or minority subjection practices challenge psychoanalysis and lead to a revisitation of their categories, especially the uniqueness in the modes of construction of symbolic difference. The author questions the notion of identity and proposes that rethinking the processes of subjection as *socially placed* requires supplementing our hypotheses in order to advance the theoretical wealth of psychoanalysis without repudiating the heterogeneity of problems and people.

Keywords: Psychoanalysis; Subjection; Diversity; Complexity; Social context

Resumen

Infancias contemporâneas y las formas de padecimiento psíquico: interrogantes, desafíos y propuestas.

La autora plantea que la categoría de sufrimiento subjetivo permite ampliar el campo de comprensión de las problemáticas, descentrándolas de la psicopatología y adoptando una perspectiva compleja. De este modo, las formas de padecimiento involucran los modos en que los niños y jóvenes son alojados en el contexto social. Las transformaciones antropológicas de la actualidad cuestionan la *universalidad* de los modelos teóricos, siendo la sexualidad uno de los campos donde estas transformaciones se expresan en un régimen marcado por la pluralidad, la diversidad y la fluidez. Las prácticas de subjetivación disidentes o minoritarias interpelan al psicoanálisis y promueven una revisitación de sus categorías, particularmente la singularidad en los modos de construcción de la diferencia simbólica. La autora cuestiona la noción de identidad y plantea que repensar los procesos de subjetivación en tanto *socialmente situados* requiere complejizar nuestras hipótesis para hacer progresar el corpus teórico del psicoanálisis sin renunciar a la heterogeneidad de las problemáticas y las personas.

Palabras clave: Psicoanálisis; Subjetivación; Diversidades; Complejidad; Contexto social

Referências

Aulagnier, P. (1991). *La violencia de la interpretación*. Buenos Aires: Amorrortu.

Ayouch, T. (2017, 7 de julio). Poder y psique: para un psicoanálisis más allá de la ‘función-psi’.

Analía Wald

- Normas y subjetivaciones menores. *Topia, un sitio de psicoanálisis, sociedad y cultura*. Recuperado de <https://www.topia.com.ar/articulos/poder-y-psique-un-psicoanalisis-mas-alla-funcion-psi> (Original presentado en la *Conferencia en el Foro de Psicoanálisis y Género de la Asociación de Psicólogos de Buenos Aires, en 8 de abril, 2017*)
- Azaretto, C. y Ros, C.B. (2015). Las relaciones del psicoanálisis y otros campos de saber en términos de multidisciplinaria-interdisciplinaria-transdisciplinaria. *VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII Jornadas de Investigación Décimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR*. Facultad de Psicología – Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires. Recuperado de <https://www.aacademica.org/000-015/690.pdf>
- Hooks, Bell. (2000). *El feminismo es para todo el mundo*. [Traducción de Beatriz Esteban Agustí, Lina Tatiana Lozano Ruiz, Mayra Sofia Moreno, Maira Puertas Romo, Sara Vega González]. Madrid: Traficantes de sueños, 2017. Recuperado de https://www.traficantes.net/sites/default/files/pdfs/TDS_map47_hooks_web.pdf
- Bleichmar, S. (2016). *Vergüenza, culpa, pudor. Relaciones entre la psicopatología, la ética y la sexualidad*. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós. Recuperado de <https://www.bibliopsi.org/docs/lectura-brote/Verg%C3%BCenza.%20culpa.%20pudor.%20Relaciones%20entre%20la%20psicopatolog%C3%ADa.%20la%20%C3%A9tica%20y%20la%20sexualidad.pdf>
- Borges, J.L. (2000). *El Idioma Analítico de John Wilkins/ The Analytical Language of John Wilkins*. [PDF]. Olympia/ Washington: The Evergreen State College. (Trabajo original publicado en *Otras Inquisiciones*, 1952). Recuperado de <https://sites.evergreen.edu/wp-content/uploads/sites/226/2016/09/jorge-luis-borges-the-analytical-language-of-john-wilkins-1.pdf>
- Cabral, A.C. (2016). La formación analítica, el registro identificatorio y la construcción del “sí mismo”. *Trabajo presentado en las Jornadas Lacan en IPA*. Ciudad de Mexico. Recuperado de <https://www.apuruguay.org/sites/default/files/Rev.APdeBa.%20%20Dr%20Alberto%20Cabral.pdf>
- Castoriadis, C. (2013). *La institución imaginaria de la sociedad*. Barcelona: Tousquets. (Trabajo original publicada en 1975)
- Cornu, L. (2004). Transmisión e institución del sujeto. Transmisión simbólica, sucesión, finitud. En G. Frigerio & G. Diker (Comp.), *La transmisión en las sociedades, las instituciones y los sujetos. Un concepto de la educación en acción*. Buenos Aires: Noveduc-cem, 2009.
- Eribon, D. (2019, 23 de junio). El yo que habito. *Suplemento Radar*. Recuperado el 7/7/2019 de <https://www.pagina12.com.ar/201935-el-yo-que-habito>
- Foucault, M. (2008). *La arqueología del saber*. (Trad, A. Garzón del Camino). Buenos Aires: Siglo XXI.
- Frigerio, G. (2008). *La división de las infancias. Ensayo sobre la enigmática pulsión Antiarcontica*. Buenos Aires: Del estante editorial.
- García, R. (2006). *Sistemas complejos. Conceptos, método y fundamentación epistemológica de la investigación interdisciplinaria*. Barcelona: Gedisa.
- Halbwachs, M. (1925). *Les Cadres sociaux de la mémoire*. Francia: Puf.

Infâncias contemporâneas e formas de sofrimento psíquico: interrogações, desafios e propostas

- Jullien, F. (2009). *La identidad cultural no existe*. España: Taurus, 2017.
- Laplanche, J. (2003). *Castración. Simbolizaciones. Problemáticas II*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Laplanche, J. (2006). El género, el sexo, lo sexual. *Alter Revista de Psicoanálisis*, 2 – El género en la teoría sexual, en línea, 1-15. Traducción: Deborah Golergant [La traducción de este texto ha sido revisada en junio de 2013]. Recuperado de <https://revistaalter.com/psicoanalisis-jean-la-planche/revista/numero-2/>
- Morin, E. (2001). *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Ed Gedisa.
- Navarro Sierra, J.L. (2003). *Inmigración en España y conocimiento de la lengua castellana. El caso de los escolares inmigrados en Aragón*. Universitat de Lleida. L-1291-2005 ; ISBN 8468957887; Recuperado de <http://www.tdx.cat/TDX-1212105-170542>
- Preciado, P. (2019, 28 de junio). Me di cuenta de que cuando socialmente no percibes la violencia es porque la ejerces. *Diario Página 12*. Recuperado el 7/7/2019 de <https://www.pagina12.com.ar/202789-me-di-cuenta-de-que-cuando-socialmente-no-percibes-la-violen>.
- Segato, R. (2019, 6 de marzo). Estamos por dar vuelta la página de la prehistoria patriarcal. [Inauguración de la Cátedra de Pensamiento Incómodo]. *Noticias UNSAM*. Recuperado el 7/7/2019 de <http://noticias.unsam.edu.ar/2019/03/06/rita-segato-en-la-unsam-estamos-por-dar-vuelta-la-pagina-de-la-prehistoria-patriarcal/>
- Spivak, G. (2011). *¿Puede hablar el subalterno?* Buenos Aires: Editorial El cuenco de plata.
- Stolkiner, A y Ardila Gómez, S. (2012). Conceptualizando la Salud Mental en las prácticas: consideraciones desde el pensamiento de la medicina social/salud colectiva latinoamericanas. *Vertex Revista Argentina de Psiquiatría*, 23(101), 57-67.
- Wald, A. (2018a). ¿Qué es lo que difiere, quién difiere?. *Trabajo presentado en el Panel “Diferencia, Diversidad, Singularidad. Tres perspectivas en relación con la difference”*. Jornadas de Psicoanálisis y Educación APA-UBA. Facultad de Filosofía y Letras, UBA, 7 de noviembre de 2018.
- Wald, A. (2018b). Notas sobre vulnerabilidad y desamparo en la infancia. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 127. *Desamparo*, 90-102.
- Wald, A. (2019). Sexualidades ¿Géneros? Apuntes sobre disidencias, diferencias y diversidades. *Trabajo presentado en el Interregional de Niñez y Adolescencia*. Montevideo, Uruguay, 30 de Agosto de 2019.
- Wynne, B. (2004), “¿Pueden las ovejas pastar seguras? Una mirada reflexiva sobre la separación entre conocimiento experto – conocimiento lego”, *Revista Colombiana de Sociología*, Nº 23: 109-157.

Recebido em 30/09/2019

Aceito em 04/12/2019

Tradução de **Ernani Ssó**

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Vânia Elisabete Dalcin**

Analía Wald

Analía Wald

Pirovano 642. (1640)

Martinez – Buenos Aires – Argentina

awald@psi.uba.ar

© *Analía Wald*

Versão em português da Revista de Psicanálise da SPPA

Formas extremas de sofrimento psíquico na infância e adolescência atuais¹

Alberto Cesar Cabral², Buenos Aires

O autor considera que o alarmante crescimento do número de suicídios de adolescentes constitui a ponta de um iceberg muito mais amplo: o sofrimento profundo, muitas vezes naturalizado, das gerações mais jovens. É um sofrimento em que o olhar sociológico costuma verificar o fracasso dos adultos na transmissão de um legado que permita a inclusão dos recém-chegados no corpo social. Nós, psicanalistas, registramos – paradoxalmente – um êxito nessa conjuntura inquietante: aquele que corresponde às tendências filicidas e destrutivas para com os jovens, as quais autores como Raskovsky, Winnicott e Lacan exploraram em suas análises. São examinadas algumas peculiaridades sintomáticas da adolescência atual. Examina-se a orientação fornecida por algumas observações de Freud e Lacan com o intuito de acomodá-las e processá-las no dispositivo analítico.

Palavras-chaves: Suicídio de adolescente; Declínio da função paterna; Atos de passagem; Gozo; Desejo do analista

¹ Trabalho apresentado no XXI Simpósio de Infância e Adolescência da SPPA – *Formas extremas de padecimento psíquico na infância e na adolescência*, 12, 13 e 14 de setembro de 2019, na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), Porto Alegre.

² Médico psiquiatra, analista didata da Associação Psicanalítica Argentina (APA).

Alberto Cesar Cabral

Vou tentar uma aproximação à complexidade da temática proposta, sugerindo algumas reflexões sobre uma questão que bem podemos considerar como um emergente inequívoco do sofrimento psíquico extremo na adolescência: o suicídio. O suicídio adolescente é – poderíamos dizer – a ponta do *iceberg*: a parte visível e inquietante de um *corpo submerso*, composto por um mal-estar profundamente estendido e, muitas vezes, naturalizado.

No entanto, vamos começar pela *ponta*. O suicídio adolescente constitui um problema sobredeterminado, complexo e preocupante em escala global e, naturalmente, também em nossos países. Embora as taxas no Brasil sejam inferiores às da Argentina, não deixam de ser alarmantes. De acordo com o *Mapa da violência* elaborado por órgãos governamentais em colaboração com a FLACSO (Waiselfisz, 2014) e divulgado com o título *Homicídios e juventude no Brasil*, a faixa etária entre 15 e 29 anos apresentou o maior índice de aumento de suicídios entre 1990 e 2012: 33%. Acrescento apenas dois dados para decompor esses números globais: o próprio *Mapa* destaca um índice particularmente elevado de suicídios entre adolescentes indígenas no norte do Brasil (Amazonas e Mato Grosso do Sul) e – agora de acordo com o documento *Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016*, elaborado pelo Ministério da Saúde (2018) – a frequência de suicídios na faixa de 10 a 29 anos foi 45% maior entre negros e pardos do que entre brancos.

E deixo as estatísticas de lado para resguardar a dimensão preocupante desse problema, evitando a sua absorção pela *placidez da aritmética*, como diria o escritor mexicano Jorge Volpi (2008). É que instalar o drama de histórias singulares no campo do número e da quantificação cria um verniz de objetividade e uma ilusão de controle sobre os fatos, os quais devem ser preservados em sua capacidade de nos desafiar.

Minha impressão é que, mais do que estatísticas, a afirmação contundente com que Albert Camus (1953/1996) abre sua inquirição em *O mito de Sísifo* pode nos aproximar do *corpo submerso* do *iceberg*: “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia” (p.13, tradução livre). E o autor continua:

Um mundo que pode ser explicado, mesmo por motivos ruins ou errôneos [com sentido], é um mundo familiar [isto é, um mundo conhecido, *friendly*... ou, se quisermos resgatar o tom freudiano desta afirmação, um mundo de

heimlich]. Pelo contrário, em um mundo repentinamente privado de ilusões e luzes [de sentido], o homem se sente estrangeiro [*un-heimlich*]”. (p. 13, tradução livre)

Atravessamos uma época que nos expõe com mais virulência ao registro angustiante do *nonsense*, da estranheza perturbadora. Expõe em especial as gerações mais novas, que possuem menos recursos simbólicos para processá-lo. Cada suicídio adolescente nos impacta, eis que coloca em cima da mesa o fracasso da comunidade em abrigar e transmitir aos “recém-chegados” um legado que lhes permita responder afirmativamente à pergunta de Camus.

Na primeira aula de seu *Seminário* sobre a angústia, Lacan (1962-1963/2006) se pergunta sobre os motivos do surgimento da filosofia existencialista no início do século XX. E dá a ela um caráter sintomático: que toda uma filosofia tome a angústia como ponto de partida da sua reflexão, transmitindo uma verdade da época. Lacan propõe uma metáfora sugestiva para captar esta verdade: fala-nos do *encabritamento* dos cavalos da história, no qual reside, em sua opinião, o *mal-estar* que cada vez mais se apossa do homem contemporâneo. É uma bela expressão, com a qual Lacan evoca explicitamente o *Krawalmachen*: uma das fontes da angústia em Juanito.

Como entender essa metáfora? Se, até o final do século XIX, os grandes ideais de progresso e iluminismo pareciam guiar a carruagem da história de forma previsível, os acontecimentos do século XX (vamos apenas mencionar a ferocidade das duas guerras mundiais, os genocídios, Hiroshima) questionaram de forma brutal essa visão otimista e esperançosa. A observação sobre o *encabritamento* dos cavalos da história antecipa assim em quase trinta anos a tese de Lyotard (1979) sobre o *fim das metanarrativas*³.

Entende-se então – é a conclusão de Lacan – que a subjetividade contemporânea está cada vez mais exposta ao registro do *nonsense*. É o que torna nosso presente histórico um real-traumático, promovendo de forma crescente a angústia e as posições subjetivas a ela relacionadas, em particular a passagem ao ato e ao *acting-out*. “Diante desse presente, todos somos *Juanitos-angustiados*”, parece nos dizer Lacan (1962-1963/2006).

Também ressoa, na metáfora de Lacan, uma referência a Hegel, o grande otimista no *progresso da história*... Depois da batalha de Jena, Hegel assiste de uma sacada a entrada de Napoleão em Viena, à frente de seu exército. No mesmo dia, escreveu a um amigo: “Eu vi a Ideia Absoluta montando seu cavalo branco”

³ N.T.: Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Lyotard, J-F. (1979). *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

Alberto Cesar Cabral

(Simpson, 1974, p. 107). O cavalo contemporâneo poria severamente à prova as habilidades de Napoleão como cavaleiro...

Claro que não se trata apenas de Lacan e Lyotard: são muitos os pensadores contemporâneos que têm focado a sua atenção nas diferentes facetas que fazem essa particularidade da época que nos toca. Gilles Lipovetsky (1992) referiu-se ao *crepúsculo do dever* com sua correspondente ética indolor (*descafeinada*, poderíamos também dizer com Slavoj Žižek, (2004)), o qual é acompanhado por imperativos morais brandos, privados daquele rigor premente que apenas dois séculos antes Kant podia descrever. O historiador inglês Eric Hobsbawm (1997) documentou uma de suas consequências: o *deslizamento para a barbárie* nas formas atuais de fazer a guerra, onde armas cada vez mais letais ficam nas mãos de *homens que perderam a bússola moral que deveria orientar seus atos*. A socióloga Silvia Guemureman (2007) estudou – agora nos ambientes cotidianos de nossas grandes cidades – o surgimento do que ela caracteriza como uma *violência gratuita, antiutilitária e hedonista*, que sustenta as ações das novas gangues adolescentes (as *maras* centro-americanos são o protótipo).

Estas são algumas das formulações que coincidem em sublinhar diferentes consequências de um progressivo enfraquecimento na constituição de ideais, responsável por deixar os nossos adolescentes precariamente pendentes de um *futuro líquido* (para acrescentar a referência de Zygmunt Bauman, 2007). São caracterizações ricas, que nos são úteis para ir reconhecendo *o corpo do iceberg*. Lacan recolheu essa virada de nossa cultura em sua tese sobre o declínio progressivo da função paterna, apropriando-se de tais observáveis sociológicos para inseri-los no seio de nossa experiência: o Édipo.

Diria, de minha parte, que essas formulações estão impregnadas de um *perfume de Durkheim*, em referência a Émile Durkheim (1897/2012), o pensador francês considerado o pai da sociologia moderna. Foi ele quem percebeu no suicídio adolescente o testemunho de um *fracasso* das gerações adultas em sua tarefa prioritária: atar – através da transmissão de valores e ideais – as gerações jovens na trama sólida do corpo social. Nessa perspectiva, poderíamos caracterizar a nossa época ao explorarmos o equívoco que permite a pronúncia de seu sobrenome em inglês: Durkheim admitiria, com pronúncia quase idêntica, também a escrita Dark-Heim. Uma escrita que indicaria que o *familiar (heim)* teria se tornado escuro (*dark*), nestes tempos sombrios...

Mas é aí, onde os sociólogos registram um *fracasso*, que os psicanalistas – honrando a nossa condição de *profissionais da suspeita* (Foucault) – podem detectar um *triunfo*. Para não nos sentirmos isolados no lugar dos “suspeitos de sempre”, vou citar um poema de Wilfred Owen, considerado por muitos como o

poeta da Primeira Guerra Mundial. Alistado no exército britânico aos 20 anos, ele compôs quase todo o seu trabalho na frente de batalha, onde morreu uma semana antes da assinatura do armistício. Seus versos destilam uma crítica amarga a um militarismo que consumia vorazmente os corpos da juventude europeia em uma impiedosa guerra de trincheiras, a mesma que desencadeou as dolorosas reflexões de Freud em *De guerra e morte*.

Vou evocar sucintamente a sua *Parábola do homem velho e do jovem*. Em 16 versos austeros, o poeta recria o conhecido episódio bíblico do quase sacrifício de Isaac nas mãos de seu pai, Abraão. No entanto, ele se distancia abruptamente do texto bíblico nos dois últimos versos, separado dos primeiros 14 versos por uma linha em branco: o corte confirma essa distância, acrescentando uma cota de suspense ao dramatismo do final. Depois do aparecimento do anjo que exorta o pai a preservar a vida de Isaac, sacrificando um carneiro em seu lugar, Owen (1920/2012) conclui:

*“But the old man would not so, but slew his son,
And half the seed of Europe, one by one”*(s/p)

Em português:

“Mas o velho não quis, mas matou seu filho,
E metade da semente da Europa, um por um” (tradução livre).

Como podemos ver, Owen também resiste a anestesiá-lo holocausto com a *placidez da aritmética*: em vez de nos adormecer com estatísticas, sacode-nos com a imagem sinistra do velho entregue ao prazer do sacrifício metódico, *um por um*, de meia juventude europeia. O prazer do velho permite-nos vislumbrar o que há de êxito em cenários nos quais os nossos colegas sociólogos registram *fracasso*.

Trata-se, claro, do sucesso dos impulsos filicidas que Arnaldo Raskovsky (1974) estudou no seu tempo. Com outro arcabouço conceitual, trata-se também da realização bem-sucedida do ódio que Winnicott (1949/1990) – em suas cartas ao editor do *Times* – detectou na ambivalência estrutural das velhas gerações em relação aos adolescentes. Um ódio que reconhecia, por exemplo, no expediente do *linchamento* para enfrentar a delinquência juvenil, mas também na formação reativa que sustenta – diante do mesmo fenômeno – posições contemporizadoras que, ao negar a sua gravidade, abandonam o adolescente em conflito à própria sorte.

As observações de Raskovsky e Winnicott conservam uma atualidade perturbadora. Em nossos países, continuamos a perceber a mesma exacerbação do gozo sádico descarregado sobre os mais jovens não só na invocação ao gatilho

Alberto Cesar Cabral

fácil⁴ e nos projetos que visam reduzir a idade de imputabilidade, mas também em legislações *benevolentes* que escondem a ausência e o abandono de que são objeto do Estado.

São alternativas que reencontramos, agora no seio de nossa clínica cotidiana, no exercício efetivo da função paterna: o deslizamento para o autoritarismo ou para um *amiguismo* igualitário sustentado por uma espécie de *culpa de proibir*, que redobra um estado de orfandade simbólica para os adolescentes... além de expressar a desorientação dos pais contemporâneos. O jornal *La Nación*, de Buenos Aires, publicou dados sugestivos de pesquisa realizada nas principais livrarias da Capital Federal. É surpreendente que as vendas que mais cresceram nos últimos anos correspondam a livros de autoajuda. E, dentre deles, os dedicados aos futuros pais...

Essa orfandade adolescente simbólica (correlato da desorientação dos pais contemporâneos) costuma se traduzir em uma tendência à socialização do sujeito adolescente por meios sintomáticos. Os episódios frequentes de alcoolismo e uso de drogas em grupo, as *epidemias de suicídio* (um mês após a estreia de *13 Reasons why* no *Netflix*, em março de 2017, nos EUA, houve um aumento de 28,9% na taxa de suicídio na faixa etária de 13 a 17 anos) e a generalização dos transtornos alimentares (bulimias-anorexias) são bons exemplos. O tropeço com a precariedade da oferta identificatória do mundo adulto incita o adolescente a satisfazer sua demanda identitária consolidando o seu pertencimento a pequenas tribos formadas em torno de identificações sustentadas em modalidades sintomáticas de gozo compartilhadas pelo grupo.

Contudo, voltemos por um instante à *desorientação* dos pais contemporâneos. Um vetor que participa de sua montagem é, certamente, o efeito da destituição do saber de pais e educadores: um saber cada vez mais depositado – pelas novas gerações – no computador, no celular... enfim, no *Google*. É um vetor que incide sobre as modalidades de época desse *processo de desligamento da autoridade paterna*, no qual Freud (1910/1988) reconhecia um dos desafios da adolescência. Isto por que a suposição de saber é um dos atributos clássicos dessa *autoridade*.

Uma paciente, jovem mãe de um filho de três anos, em uma sessão comenta uma piada que circula no grupo de mães da escola: “Entre 3 e 5 anos, os pais são o *Google*. Entre 5 e 9 anos, eles são um *shopping center*. Entre 9 e 17, um *delivery*. Entre 17 e 25, um *hostel*”. Notemos, na piada, que a suposição de saber dos pais estende-se apenas até os 5 anos. É um contexto que nos convida a repensar se, para alguns adolescentes, em nossos dias, existiria um desligamento da autoridade

⁴ N.T.: A expressão *gatilho fácil* tem o mesmo sentido de atirar antes e perguntar depois. No Brasil, deixou-se de perguntar à medida que foi se tornando cada vez mais popular o chamado *auto de resistência*, em que o policial afirma que o suspeito resistiu à prisão e foi morto, tendo como testemunha de tal fato o próprio matador ou o seu parceiro.

paterna, quando, na realidade, ela não chegou a instalar – e menos ainda sustentar – um apego...

Se vocês já tiveram a experiência de lecionar para um público jovem, com certeza testemunharam o fenômeno – até poucos anos atrás insuspeito – de ver os participantes verificando, corroborando ou buscando aumentar as informações que recebem em tempo real – ou seja, durante a aula – em seus *tablets* ou *smartphones*. É claro que se trata de um fenômeno que, em muitos casos, pode dar origem a interações ricas e produtivas, apesar de também colocar em xeque educadores que – por sua própria inconsistência – entram em rivalidade com a máquina, sentindo-se sob vigilância permanente ou diretamente destituídos de sua posição de saber.

Do lado das novas gerações, o fenômeno sanciona a passagem para uma espécie de *autoerotismo do conhecimento* (Amadeo, 2014). Durante séculos, o conhecimento esteve depositado no Outro: era, antes de mais nada, um objeto do Outro. Então, era preciso buscá-lo e obtê-lo no campo do Outro, isto é, canalizar a curiosidade e o desejo de saber por meio da sedução, da obediência ou da submissão ao Outro. Todas eram opções que implicavam o desenvolvimento de uma estratégia, mais ou menos apurada, em relação ao desejo do Outro: uma tentativa de calculá-lo, para ganhar a sua boa vontade.

As tribulações de Alcibiades diante de Sócrates, conforme relatadas por Platão em *O banquete* (380 a.C./1991), são um excelente testemunho dessas estratégias de desejo. Também a complexa relação que vai se urdindo entre Adso de Melk e William de Baskerville, os dois protagonistas de *O nome da rosa*, romance de Umberto Eco (1980). O adolescente de hoje pode contornar esses caminhos e – como no prazer erótico – buscar o conhecimento que anseia sem recorrer ao Outro humano. Em nossos termos, evitando a complexidade – mas também o enriquecimento – que implica a passagem pela transferência ao adulto: entendendo a transferência, rigorosamente, como uma suposição de saber. Isto é, nivelando a densidade subjetiva que, durante séculos, pressupôs o processo de transmissão e aquisição de conhecimentos. Aqui, as fantasias – tão atuais – de passar por uma experiência psicoterapêutica através do sofisticado *software* fornecido pelos avanços da inteligência artificial encontram o seu lugar.

Essa *desorientação* dos pais contemporâneos apareceu em uma das primeiras teses de Lacan, e ele a sustentou com ligeiras variações ao longo de sua docência: o declínio progressivo da função paterna. Está ligada, como veremos agora, a uma reformulação das funções do superego freudiano, permitindo vincular a dupla vertente – de *déficit* e de excesso – que, como vimos, caracteriza a nossa época. *Déficit*: o fracasso na transmissão de valores e ideais consistentes que permitam às

Alberto Cesar Cabral

novas gerações vincular-se ao corpo social. Excesso: no surgimento de um prazer destrutivo que, por diferentes meios, se mostra com essas mesmas gerações.

Para ser breve, digamos que Lacan – ao longo de sua docência – desdobra o superego freudiano em duas funções divergentes. Podemos destacá-las dos dois enunciados – contraditórios – que o próprio Freud lhe atribui: “Como o Pai, não podes ser”; “Como o Pai, deves ser”. O primeiro, normativo e regulador, é porta-voz da dimensão pacificadora de Édipo: se preferirem, da *boa herança* do Pai. Corresponde, na leitura de Lacan, à função do Ideal do Ego. O segundo, pelo contrário, corresponde, para Lacan, ao superego propriamente dito: constitui a volta do estímulo para o gozo irrestrito que encarna a figura mítica do *Ur-Vater*, em *Totem e tabu* (1913/2000). É a substituição do Pai primordial, que foi reincorporado no banquete totêmico: a razão pela qual o seu assassinato não é apenas a origem da Lei, mas também a origem do estímulo para transgredi-la e gozar do excesso.

É uma inclinação para o excesso que também é registrada pela psiquiatra Alexandrina Meleiro, coordenadora da Comissão de Combate ao Suicídio da Associação Brasileira de Psiquiatria. Em uma entrevista à Agência Brasil, ela comenta os múltiplos fatores (o corpo do nosso *iceberg*) que levam os jovens a tirar a vida. São “famílias destruídas, aumento do abuso de drogas, aumento do alcoolismo, a primazia do ter sobre o ser, o ‘tudo e rápido’ e o consumismo são fatores que fazem com que os jovens não consigam desenvolver tolerância à frustração e acabem optando por tirar a vida” (Meleiro, 2017, comunicação pessoal). A nuance acrescentada por Lacan é que essa inclinação para o excesso assume a forma de um imperativo tirânico, com as mesmas características que reconhecemos nos comandos compulsivos do superego na neurose obsessiva.

Nós, que trabalhamos com adolescentes, costumamos nos deparar, assim como Alexandrina, com condutas cada vez mais frequentes de exposição ao risco: os consumos problemáticos desregulados, a participação em situações de violência, o descuido e o excesso de velocidade ao dirigir, o apego a “esportes” radicais. Contamos, é claro, com diferentes ferramentas teóricas para abordar essas situações complexas e permitir o seu processamento analítico: as noções de passagem para o ato e de *acting-out* são duas delas. Minha impressão é que as elaborações do sociólogo francês David Le Breton podem nos ajudar a iluminar ainda mais esse campo de nossa experiência.

Le Breton (2014) considera que flertar com o risco, para alguns adolescentes, muitas vezes constitui não tanto uma passagem para o ato, mas o que ele chama de *atos de passagem*. Em seus estudos de campo, ele percebe, em populações adolescentes, a sensação de estar diante de um muro intransponível que os separa

do mundo adulto, condenando-os a habitar uma espécie de presente que não acaba nunca, despojado de todo futuro.

É um sentimento que parece brotar de um registro compartilhado: a *fronteira* (eixo do nosso próximo Congresso 2020 da FEPAL) entre o mundo adulto e o mundo adolescente vem perdendo a fluidez própria de um lugar de trânsito para se tornar uma alfândega cada vez mais rígida. Em particular para os setores mais vulneráveis: aqui podemos recuperar o valor das taxas muito mais elevadas de suicídio entre jovens indígenas e negros, as quais mencionamos no início.

Susan Sontag (2003), no texto *Imágenes torturadas*⁵, anterior aos estudos de Le Breton, apontou um processo que corresponde à mutação dessa fronteira. Trata-se da deterioração progressiva de nossos rituais de iniciação: de cerimônias simbólicas que sancionam a transição entre os dois mundos (o adolescente e o adulto), eles se transformam em rituais grotescos, cada vez mais violentos e humilhantes para os recém-chegados. É um avanço verificado por Sontag no sadismo que prevalece nas cerimônias de formatura, na entrada do quartel, nas despedidas de solteiro...

Pode-se então compreender que alguns adolescentes estão cada vez mais expostos à construção – por seus próprios meios – de arremedos paródicos de rituais de iniciação: seria o lugar dos atos de passagem. Os comportamentos de risco, na sua diversidade, nestes casos constituem cenários em que o adolescente põe-se à prova: verifica sua consistência, sua integridade, avalia sua virilidade, sua feminilidade... inclusive a versatilidade da sua posição sexual. A cultura adolescente de *aguante*⁶ parece se encaixar nessas pautas.

O encontro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (Simpósio do DIA, 2019) que estamos inaugurando vai ser, sem dúvida, um ambiente propício para debater respostas adequadas a esses novos desafios propostos pela clínica atual. No momento em que a sociedade vienense era abalada por uma onda de suicídios de estudantes, Freud (1910/1988) fez uma sugestão que pode ser útil para nós:

Mas uma escola secundária deve conseguir mais do que não impedir seus alunos ao suicídio. Ela deve lhes dar o desejo de viver e devia lhes oferecer apoio e amparo numa época da vida em que as condições de seu

⁵ N.T.: Tradução de Rubens Figueiredo: Sontag, S. (2003). *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras.

⁶ N.T.: Grupos de torcedores fanáticos de futebol, na Argentina, os quais se definem por poder aguentar: aguentar funciona, em confrontos físicos, como um sistema de honra e prestígio. Aqueles que suportam o desafio, a violência e as dores da luta corporal demonstram valentia, sendo assim reconhecidos e respeitados por seus pares *como hinchas aguantadores*, torcedores durões, digamos.

Alberto Cesar Cabral

desenvolvimento os compelem a afrouxar seus vínculos com a casa dos pais e com a família⁷. (pp. 231-232)

É uma sugestão que certamente fará parte de nossas discussões. Mas antecipemos que, em nossa época, responsável por promover um perturbador afrouxamento dos laços familiares, a tarefa de incutir o *gozo de viver* ganha uma importância particular na orientação de nossas curas.

Em uma época como a nossa, na qual – como vimos – os laços familiares e sociais apresentam-se *frouxos* por si mesmos, a tarefa de *incutir o gozo de viver* parece ganhar uma importância particular e indicar uma orientação rica, não apenas para a escola, mas para todos os “praticantes da função simbólica”, entre os quais Lacan (1953/1985) (nos) incluía os analistas.

Antes de mais nada: como entender esse *gozo de viver*? Lembremos que é uma perspectiva freudiana que ressoa também nos *Dois verbetes de enciclopédia* (1923[1922]/1992), quando Freud aponta, entre os objetivos da psicanálise, o de permitir que o neurótico goze (desfrute) mais plenamente o trabalho e o amor. Lacan recolhe essa mesma orientação em seu *O mito individual do neurótico* (1953/1985) quando menciona, entre os objetivos da cura, a tarefa de recuperar o *prazer sereno e pacífico* do objeto que, para seu amigo Lévi-Strauss (1962/1990), caracteriza as culturas mal chamadas de “primitivas” (p.357).

Trata-se de culturas que – para surpresa dos círculos intelectuais parisienses em meados do século XX – ainda não conheciam a profissão supostamente mais antiga do mundo: a prostituição. E que possibilitava aos seus membros, portanto, um prazer *sereno e pacífico* do objeto sexual: não afetado pela pressão de renovação permanente que, decorrente do mercado, impõe-se cada vez mais em todos os interstícios da vida social. É a pressão que Alexandrina também registra quando constata, em nossos adolescentes, uma primazia cada vez mais acentuada do imperativo de *ter* sobre o de *ser*.

Nesse contexto, a transmissão do gozo de viver, em sua faceta de gozo sereno e pacífico do objeto, situa os efeitos da cura analítica na contracorrente dessa vertigem de época. Na contramão, diríamos também, do decreto de caducidade que a cultura impõe sobre o gozo do objeto, tão provisório e descartável quanto o último modelo de *smartphone*. Podemos reencontrar as sequelas desse decreto de caducidade nos fenômenos que Baumann (2004) designou como *amor líquido*.

Lacan apontou que a cura analítica leva o sujeito a confrontar-se com o

⁷ N.T.: Tradução de Jayme Salomão: Freud, S. (1970). Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In *Edição standard brasileira de obras psicológicas completas de Sigmund Freud – Cinco lições de psicanálise, Leonardo Da Vinci e outros trabalhos* (vol. 11, pp. 217-218). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)

desejado ou *não desejado* responsável por presidir a sua vinda ao mundo. Em um momento em que a cultura redobra o pronunciamento *não desejado* sobre as novas gerações, a opinião contrária ganha cada vez mais importância, ou seja, que o desejo do analista transmite – implicitamente – a sujeitos desenraizados, *homeless* no desejo do Outro, como os adolescentes contemporâneos. É uma das facetas da transmissão desse gozo de viver que Freud evocava: algumas conjunturas clínicas podem exigir, do analista, atos que o tornem explícito. □

Abstract

Extreme forms of psychic pain in current childhood and adolescence

The author considers that the alarming growth in the number of adolescent suicides is the tip of a much larger iceberg: the deep suffering, often accepted as natural, of the younger generations. It is a pain in which the sociological analysis usually finds the adults' failure in conveying a legacy that enables inclusion of the *newcomers* in the social body. We psychoanalysts register – paradoxically – a *success* in this disturbing situation: the one that corresponds to filicidal and destructive impulses towards the youngsters, which authors such as Raskovsky, Winnicott and Lacan explored in their work. Some symptomatic peculiarities of current adolescence are examined. Guidance provided by some Freudian and Lacanian observations is examined to accommodate and process them in the analytical field.

Keywords: Adolescent suicide; Decline in paternal function; Rites of passage; Pleasure; Analyst's desire

Resumen

Formas extremas del padecimiento psíquico en la infancia y la adolescencia actuales

El autor considera que el crecimiento alarmante de las cifras de suicidio adolescente constituye la punta de un *iceberg* mucho más extendido: el profundo padecimiento, muchas veces naturalizado, de las generaciones jóvenes. Es un padecimiento en el que la mirada sociológica suele verificar el fracaso de los adultos en la transmisión de un legado que permita incluir a los *recién llegados* en el cuerpo social. Los psicoanalistas registramos – paradójicamente – un éxito en esta coyuntura inquietante: el que corresponde a las tendencias filicidas y destructivas para con los jóvenes, que han explorado en sus desarrollos autores como Raskovsky, Winnicott

Alberto Cesar Cabral

y Lacan. Se examinan algunas particularidades sintomáticas de la adolescencia actual. Se explora la orientación que brindan algunas observaciones de Freud y de Lacan para alojarlas y procesarlas en el dispositivo analítico.

Palabras clave: Suicidio adolescente; Declinación de la función paterna; Actos de pasaje; Goce; Deseo del analista

Referências

- Amadeo, D. (2014). Consideraciones clínicas sobre el adolescente actual. *Tesis de tercer ciclo defendida en agosto de 2014*, bajo la dirección de Claudio Godoy. Buenos Aires: Universidad Nacional de San Martín.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social (2018). Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016. Brasília, DF: Ministério da Saúde | Universidade de Brasília, 2018. Recuperado de http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf
- Camus, A. (1996). *El mito de Sísifo*. Buenos Aires: Losada. (Trabajo original publicado en 1953)
- Durkheim, E. (2012). *El suicidio*. Madrid: Ediciones Akal. (Trabajo original publicado en 1897)
- Eco, U. (1980). *El nombre de la rosa*. Buenos Aires: Lumen, 2010.
- Freud, S. (1988). Contribuciones para un debate sobre el suicidio. In *Obras completas* (vol. 11, pp. 231-232). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabajo original publicado en 1910)
- Freud, S. (1992). Dos artículos de enciclopedia: «Psicoanálisis» y «Teoría de la libido». In *Obras completas* (vol. 18, pp. 227-254). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabajo original publicado en 1923 [1922])
- Freud, S. (2000). Tótem y tabú. In *Obras completas* (vol.13, pp. 1-164). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabajo original publicado en 1913)
- Guemureman, S. (2007). Muertes evitables en jóvenes. El rostro de la barbarie punitiva y la insensibilidad ante el castigo, la exclusión y la violencia social. En *Dossier Morir joven en la Argentina. Revista Ciencias Sociales*, 32-33.
- Hobsbawm, E. (1997). *Sobre la historia*. Barcelona: Crítica, 1998.
- Lacan, J. (1985). El mito individual del neurótico. En *Intervenciones y textos*. Buenos Aires: Manantial. (Trabajo original publicado en 1953)
- Lacan, J. (2006). *El seminario X, 1962-1963, Clase del 14 de noviembre de 1962*. Buenos Aires: Paidós. (Trabajo original publicado en 1962-1963)
- Le Breton, D. (2014). *Breve historia de la adolescencia*. Buenos Aires: Nueva Visión.

Formas extremas de sofrimento psíquico na infância e adolescência atuais

- Lipovetsky, G. (1992). *El crepúsculo del deber*. Barcelona: Anagrama, 1994.
- Lyotard, J-F. (1979). *La condition postmoderne: rapport sur le savoir*. Paris: Éditions de Minuit.
- Meleiro, A. (2017). É preciso falar sobre *bullying*, depressão e suicídio, alertam especialistas. In *Entrevista concedida à Agência Brasil*. Brasília, DF. Recuperado de <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-04/e-preciso-falar-sobre-bullying-depressao-e-suicidio-alertam-especialistas>
- Owen, W. (2012). Parable of the old man and the young. In *Poemas de guerra*. Edición, traducción y notas de Gabriel Insausti. Bueno Aires: El Acanalado. (Trabajo original publicado en 1920)
- Platão (1991). O banquete. In *Diálogos: O banquete – Fédon – Sofista – Político* (pp. 7-59). Coll. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural. (Original escrito por volta de 380 a.C.)
- Raskovsky, A. (1974). *O flicidio*. Rio de Janeiro: Artenova.
- Simpson, T. (1974). *Dios, el mamboretá y la mosca*. Buenos Aires: La pléyade.
- Sontag, S. (2003). Imágenes torturadas. *Revista Ñ*, n° 35 (Cuaderno Cultura del Clarín), mayo 2004.
- Lévi-Strauss, C. (1962). *O pensamento selvagem*. Buenos Aires: FCE, 1990.
- Volpi, J. (2008). *El jardín devastado*. Buenos Aires: Alfaguara.
- Waiselfisz, J.J. (2014). *Mapa da violência 2014. Juventude viva. Homicídios e juventude no Brasil: atualização 15 a 29 anos*. Brasília, DF: Sec. Geral da Presidência da República/ Sec. Nacional de Juventude/ Sec. de Políticas de Promoção da Igualdade Racial | Rio de Janeiro: FLACSO. Recuperado de http://flacso.org.br/files/2020/03/Mapa2014_AtualizacaoHomicidios.pdf
- Winnicott, D.W. (1990). Carta al Director del Times, agosto de 1949. En *El gesto espontáneo*. Barcelona: Paidós. (Trabajo original publicado en 1949)
- Žižek, S. (2004). Passion in the era of decaffeinated belief [La pasión en la era de la creencia descafeinada]. *The Symptom Online Journal for Lacan.com*, Issue 5, Winter 2004. Recuperado de <http://www.lacan.com/passionf.htm>

Recebido em 15/10/2019

Aceito em 04/12/2019

Tradução de **Ernani Ssó**

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Karem Cainelli**

Alberto Cesar Cabral

Vidal 1564

6°C1426AMD – Buenos Aires – Argentina

accabral@intramed.net.ar

© *Alberto Cesar Cabral*

Versão em português da Revista de Psicanálise da SPPA

Temas Diversos

O dizer do analista: a interpretação e um resto a não compreender

Simone Ravizzini¹, Niterói

Talita Baldin², Niterói

Esse artigo parte de nossa experiência clínica diante da percepção da maneira com que cada analisando se coloca enquanto sujeito ao contar a própria história, considerando tanto seus ditos quanto os não ditos, sendo a tarefa de um analista possibilitar a reconstrução dessa história, sem prescindir do limite que lhe é imposto pelo Real. Assim, buscamos sublinhar como a interpretação pode ser dita pelo analista de modo a produzir um enunciado esclarecedor para o sujeito, por meio dos ensinamentos de Freud, Lacan e de psicanalistas contemporâneos. A partir da análise, concluímos que é necessário que o analista tenha “ouvidos para não ouvir”, como diz Lacan, de tal forma que a sua escuta não caia no sedutor engodo acarretado pelo advento do sentido, mas seja capaz de despertar o sujeito para o reconhecimento das amarras às quais está aprisionado para que, assim, ele possa seguir no caminho de reconstruir a sua própria história.

Palavras-chaves: Significante; Interpretação; Ato analítico; Ato psicanalítico; Lacan

¹ Psicanalista, doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, coordenadora da pós-graduação em Clínica Psicanalítica na Contemporaneidade na Unilassale – Niterói/RJ.

² Psicóloga e atriz, doutoranda em Psicologia na Universidade Federal Fluminense, docente do departamento de graduação em psicologia da Universidade Salgado de Oliveira – Niterói/RJ. Bolsista CAPES de doutorado.

“O problema não é inventar. É ser inventado hora após hora e nunca ficar pronta nossa edição convincente”. (Carlos Drummond de Andrade, 2015, p. 63)

A tarefa de um analista consiste em possibilitar a *reconstrução* da história do sujeito não prescindindo do limite que lhe é imposto pelo Real. Assim, a definição da interpretação é essencial no que concerne ao rumo traçado em uma análise, pois a palavra pode ser tomada por um analista com diferentes intuitos.

Com esse artigo, buscamos sublinhar como, a nosso ver, a interpretação pode ser dita pelo analista de modo a produzir um enunciado esclarecedor para o sujeito, reforçando suas identificações ou viabilizando a invenção de diferentes percursos em seu existir, diante do que permanece impossível de se restituir. Para tal análise, recorreremos aos ensinamentos de Freud e de Lacan, bem como de psicanalistas contemporâneos.

O interesse na temática parte de nossa experiência no contexto clínico, espaço de escuta em que vivenciamos, no dia a dia, a maneira através da qual cada analisando tem a possibilidade de se colocar enquanto sujeito e contar a própria história. Porém, não apenas o dito é representativo desse sujeito, mas também aquilo que não é dito. Em contrapartida, acreditamos ser necessário estarmos sempre atentos à nossa posição de analista e ao lugar em que o analisando nos coloca, de modo que a transferência se construa a favor do analisando e de sua análise, e não em sentido contrário.

O lugar da interpretação no ato psicanalítico

Quando um analista problematiza a questão de como interpretar é por perceber que ela aponta para a responsabilidade do que faz o seu dizer. O dizer do analista é o outro nome que Lacan possibilita para a interpretação (Soler, 1995). Isso não significa que os termos sejam sinônimos, mas que Lacan pretende sublinhar um novo aspecto no que diz respeito à interpretação. Uma interpretação que, embora emerja no Simbólico, incide sobre o Real.

Segundo Soler (1995), “desde os princípios da Psicanálise pôde-se pensar uma interpretação que produzisse efeitos a nível de significação” (p. 14). Perante o que ressaltamos, no que se refere à *A interpretação dos sonhos*, Freud (1900/1976) visava promover a emergência de novas associações para o sujeito em análise.

O dizer do analista: a interpretação e um resto a não compreender

Segue-se daí dizer que o intuito freudiano era o de possibilitar outros efeitos de significação através da fala de seus pacientes.

Assim definida a interpretação sustenta o processo analítico de associação livre, mas não alcança perceber como poderia pôr-lhe um fim. Dito de outra maneira, se o único efeito da interpretação fosse o relançamento associativo, se estaria programando uma análise interminável. (Soler, 1995, p. 14)

Se pretendemos caracterizar o que seria este outro efeito da interpretação destacado por Lacan, devemos procurar saber o que consistiria o dizer de um analista para que uma análise possa ter fim. Cabe-nos perguntar qual seria o ato necessário à interpretação cuja eficácia não se restringisse apenas a um relançar simbólico, mas promovesse mudanças estruturais para um sujeito.

Lacan desenvolve o conceito de ato psicanalítico em seu Seminário de 1967. Logo de início, ressalta a estranheza que poderia causar a associação destas duas palavras, aparentemente advindas de registros distintos. O *ato*, na forma como estamos acostumados a usá-lo, remeteria a uma ação, enquanto *psicanalítico* apontaria para o inconsciente, sempre fugaz, sempre por se fazer e, tal como Lacan o descreve, um advento inerente à linguagem. Se, para Lacan (1967) “a psicanálise faz alguma coisa” (p. 3), é na medida em que seu ato não se reduz a um aspecto motor. Ele implica a necessidade de articulação pela linguagem. O ato psicanalítico “é por sua própria dimensão um dizer. O ato diz algo” (p. 93), e neste dizer está situado o sujeito. É, pois, sob tal prisma que a ligação destes dois termos se faz pertinente.

Se devemos introduzir, e necessariamente, a função do ato no nível da psicanálise é enquanto este fazer psicanalítico implica profundamente o Sujeito. Que, para dizer a verdade, e graças a esta dimensão do sujeito, que renova para nós completamente o que pode ser enunciado do assunto, como tal, e que se chama o inconsciente, este sujeito, na psicanálise, está como já formulei, colocado em ato. (Lacan, 1967, p. 4)

Pensando a respeito desta renovação pelo sujeito, Lacan (1967) apropria-se do experimento utilizado por Pavlov, baseado em uma teoria fisiologizante, para explicar algo completamente diferente do que ali se evidencia.

Pavlov (1849-1936) era um fisiologista russo que se ocupava em estudar fatores glandulares e neurais da digestão. Nunca foi seu interesse analisar os aspectos subjetivos de um experimento. Muito ao contrário, procurava em suas

Simone Ravizzini, Talita Baldin

pesquisas isolar, o máximo possível, os fatores distintos daqueles pretendidos em seu laboratório e que viessem a distorcer a avaliação dos dados obtidos. Entretanto, a sua pesquisa direciona-se para o campo da psicologia por perceber que não apenas as excitações diretas do receptor fisiologicamente responsável pelas secreções salivares causavam a reação salivar, como também sinais externos poderiam promovê-la. Para alguns, este direcionamento ocorre por “acidente” (Marx & Hillix, 1963).

Pavlov havia desenvolvido um aparelho capaz de medir a quantidade de saliva produzida por um cão submetido a inúmeras situações alimentares e, por meio do experimento, pôde perceber que fatores como a luz ou mesmo ruídos também deflagravam a salivação.

O animal tinha seus movimentos peados por um jogo de ataduras e era colocado dentro de uma câmara experimental relativamente isolada, a qual estava equipada, do lado de fora, com instrumentos de registro. A descoberta de Pavlov consistiu no fato de ter notado a ocorrência persistente de um fluxo salivar *antecipatório*. Isto é, os estímulos associados previamente à alimentação do animal (por exemplo, aproximação do assistente ou a visão de um prato de comida) chegavam a desencadear a salivação em animais, à medida que o seu adestramento se processava. (Marx & Hillix, 1963, p. 133)

Por isso, Pavlov preocupava-se em estudar a atividade de sinalização dos hemisférios cerebrais sobre o órgão digestivo. A seu ver, apenas o aspecto da comida, por si mesmo, não era um estímulo suficiente para acarretar a reação salivar (Pessotti, 1933): o animal necessitava de um certo aprendizado, de ter experimentado diversas vezes um alimento para que a sua imagem fosse capaz de provocar a salivação. O exame destas observações no comportamento animal, levaram Pavlov a se utilizar da expressão *reflexo condicionado* para nomear a relação estímulo-resposta destacada por sua elaboração. O termo reflexo condicionado surge em contraposição ao *reflexo inato*, considerado absoluto exatamente por não receber influências do meio ambiente. O reflexo condicionado emerge da associação de um estímulo qualquer a este estímulo absoluto. Seu acoplamento promove uma nova via de relações que passa a ser adquirida pelo indivíduo.

Com este intuito, Pavlov desenvolveu um experimento que tornou possível associar um ruído sonoro ao reflexo da salivação. Assim, era fornecido ao animal alimento após escutar o som de uma campainha elétrica. A partir disso, toda vez que o cão escutava este som, embora não recebesse mais o alimento, passava a salivar.

Não nos deteremos de forma minuciosa no trabalho do fisiologista, visto

O dizer do analista: a interpretação e um resto a não compreender

que este percurso nos distanciaria de nossos objetivos, mas queremos demarcar a articulação possibilitada por Lacan (1967) e que promove uma subversão do que até o momento se pretendia no condicionamento de uma ação *causando* uma reação. Para Lacan (1967), o que ocorre neste experimento é apontar para a insuficiência do arco-reflexo no que se refere ao pensamento humano. Ele define esse arco como a forma mais elementar de resposta do organismo, um “circuito que se chama estímulo-resposta, e que se identifica ao par excitação sensorial, qualquer que ela seja, e desencadeamentos motores que tomam aqui o papel de resposta” (p. 6).

De acordo com Lacan (1967), o que nos interessa no experimento de Pavlov é que ele promove, neste círculo aparentemente limitado da ação, uma construção simbólica que evidencia a mesma operação promovida pela linguagem.

Toda a experimentação pavloviana não teria verdadeiramente nenhum interesse, se não se tratasse de edificar a possibilidade essencial da tomada de algo que é exatamente, e que não se pode definir de outro modo senão como efeito de significante sobre um campo que é o campo do vivo. (...) É necessário, de qualquer forma, enfatizar que o que é demonstrado pela experiência pavloviana, ou seja, que não há operação interessando como tal os significantes que não implique a presença de um sujeito. (Lacan, 1967, p. 14)

O sujeito de Pavlov está implicado no experimento, pois é ele quem produz o recorte simbólico que será aplicado ao cão. Não se trata de uma necessidade biológica que deve ser descrita, mas da possibilidade de inserção de algo sobre o mesmo, uma vez que é o significante, em suas articulações, que gera as significações do mundo.

É na medida, por exemplo, em que o barulho do trompete não tem nada a ver com coisa alguma que possa interessar a um cachorro, pelo menos no campo onde o apetite é despertado pela visão de um pedaço de carne, que Pavlov pode introduzi-lo legitimamente no campo da experiência. (...) O que ele aí demonstra, o que ele de alguma forma pressupõe como implicado é, muito precisamente, o que o significante faz, ou seja, que o significante é o que representa um sujeito para outro significante. (Lacan, 1967, p. 13)

Lacan (1967) acrescenta que, neste episódio pavloviano, a salivação é tornada significante. Podemos dizer que a linguagem apropria-se do biológico, visto que a secreção gástrica adquire seu valor exatamente por não ser produzida por aquilo que se espera que a produza. O signo, que então se constitui, “é um efeito

Simone Ravizzini, Talita Baldin

do engano” (p. 14), engano este que transfigura e que ultrapassa a necessidade do organismo. Para Lacan (1967), o que Pavlov obtém como resultado de seu experimento é o mesmo que ele atribui à relação do ser falante à linguagem, ou seja, ele “recebe sua própria mensagem sob uma forma invertida” (p. 15), pois, se o som do instrumento é inserido por Pavlov posteriormente à fistula estomacal, a qual lhe possibilita observar a secreção, ao se constituir o signo, este passa a ser a causa primeira da reação do animal. Por isso, quando dirigimos a nossa fala ao Outro, o que recebemos em contrapartida é o que nos determina enquanto sujeitos, na medida em que, na formulação da pergunta, reside a resposta.

Todavia, se o significante institui a lei que determina o sujeito em sua relação a outro significante, aos olhos de Lacan (1967), o ato psicanalítico implica uma outra dimensão. Ele consiste precisamente em ultrapassar esta lei. Trata-se de algo que resulta de uma subversão da posição do sujeito perante a rede simbólica encarregada de estabelecê-lo. Por esse motivo, Lacan (1967) considera muito limitado definir o ato como resultado de uma ação motora, visto ser pelo engano, ou seja, pelo acidente de um ato, que iremos perceber o que se passa, pois, como ele sempre evidencia em seu discurso, todo pensamento psicanalítico só pode se sustentar na defasagem, naquilo que, entre o “aferente e o eferente de um arco-reflexo” (p. 72), impõe-se como psíquico.

Sendo assim, Lacan (1967) relança o olhar sobre o texto de Freud (1901/1976), *Psicopatologia da vida cotidiana*. Ele afirma que, quando Freud fala acerca do ato, faz isto pela negatividade, pois o introduz por meio da falha, registrando os lapsos que corriqueiramente nos acontecem. Eles ocorrem para dizer algo que o sujeito não quer dizer. Algo que necessariamente não está no ato, e que só será reconhecido como seu elemento constituinte via interpretação. Mas, como dissemos, o ato não se reduz a uma dimensão significativa. Lacan acrescenta que, embora Freud ocupe-se em explicar o sentido do ato falho pelas elaborações que *a posteriori* é possível fazer, seu valor emerge pela suspensão de todo sentido, pois o *non-sense* tem um peso para o ser (Lacan, 1969/1992). Por isso, no que diz respeito à caracterização do ato, o que se deseja determinar é que

Não é tão simples, pois se ele toma seu valor, sua articulação de ato significativo com relação ao que Freud então introduz como inconsciente, certamente não é porque ele se apresente, ele se coloque como ato. É totalmente o contrário. Ele está lá, como atividade, mais que apagado e, como diz o interessado, atividade para obturar um buraco que só está lá se não se pensa nele, na medida em que não se importe com ele, que só está onde se exprime, por toda uma parte de suas atividades, para ocupar as mãos

O dizer do analista: a interpretação e um resto a não compreender

supostamente distraídas de toda relação mental. Ou bem, ainda, este ato vai colocar seu sentido precisamente no que se trata de atacar, de abalar, seu sentido ao abrigo da inabilidade, da falha. (Lacan, 1967, p. 28)

Destaquemos o célebre exemplo de Freud (1901/1976) sobre o esquecimento do nome de Signorelli. Esta falha de memória é atribuída a uma recusa da mesma em funcionar. Ela não seria um processo passivo, mas motivada por uma força indeterminada. De acordo com Freud (1901/1976),

Trata-se dos casos em que o nome não só é *esquecido*, como também *erroneamente lembrado*. Em nosso afã de recuperar o nome perdido, outros – *nomes substitutos* – nos vêm à consciência; reconhecemos de imediato que são incorretos, mas eles insistem em retornar e se impõem com grande persistência. O processo que deveria levar à reprodução do nome perdido foi, por assim dizer, *deslocado*, e por isso conduziu a um substituo incorreto. Minha hipótese é que esse deslocamento não está entregue a uma escolha psíquica arbitrária, mas segue vias previsíveis que obedecem a leis. Em outras palavras, suspeito que o nome ou os nomes substitutos ligam-se de maneira averiguável com o nome perdido: e espero, se tiver êxito em demonstrar essa ligação, poder esclarecer as circunstâncias em que ocorre o esquecimento de nomes. (pp. 7-8)

Esta hipótese, de que o deslocamento não é arbitrário, será por ele confirmada no decorrer da análise dos atos falhos. Nesse caso em específico, Freud (1901/1976) avalia seu esforço em evocar o nome do pintor dos afrescos da catedral de Orvieto, Signorelli, nome que lhe era bastante familiar. Todavia, não conseguia reencontrar o nome em questão, pois o que se *impunha* em seu lugar eram os nomes de dois outros pintores: Botticelli e Boltraffio. Freud (1901/1976) acrescenta que a razão para o esquecimento não estava em nenhuma peculiaridade do próprio nome, mas correlata ao tema que pouco antes discutia com seu companheiro de viagem. Eles iam de Ragusa, na Dalmácia, para algum lugar na Bósnia-Herzegovina. As palavras Bósnia e Herzegovina dão origem a um certo número de elaborações quanto aos costumes dos turcos que ali viviam, e um deles se refere à total confiança na figura do médico e à completa resignação ao que lhe impõe o destino. O outro, mencionado por Freud (1901/1976), diz respeito à importância atribuída ao gozo sexual pelos turcos. Se não é possível manter a atividade sexual, a vida fica destituída de qualquer valor. É preferível morrer.

O contexto assim elaborado forma o fundo sobre o qual se estabelece a

Simone Ravizzini, Talita Baldin

sequência da conversa, marcada pelo esquecimento significativo e que coloca o seu problema para Freud (Lacan, 1953/1986), pois, durante a conversa, a sua atenção é desviada, afastando-se da preocupação que realmente lhe assombra: a morte de um de seus pacientes.

Já não me é possível considerar o esquecimento do nome Signorelli como um evento casual. Sou forçado a reconhecer a influência de um motivo neste processo. Foi um motivo que fez com que eu me interrompesse na comunicação de meus pensamentos (a respeito do costume dos turcos, etc.) e foi um motivo que, além disso, influenciou-me a impedir que se conscientizassem em mim os pensamentos ligados a eles, que tinha levado à notícia recebida em Trafoi. Eu queria, portanto, esquecer algo; havia *recalcado* algo. É verdade que não queria esquecer o nome do artista de Orvieto, mas sim, outra coisa – essa outra coisa contudo, consegui situar-se numa conexão associativa com seu nome, tanto que meu ato de vontade errou o alvo e esqueci uma coisa contra a *minha vontade*, quando *queria esquecer intencionalmente* a outra. (Freud, 1901/1976, p. 21)

Entretanto, Lacan (1953/1986) enfatiza que o “recalcado” não é tão recalcado assim, porque, se é omitido durante o percurso da viagem, acaba sendo, em seguida, elaborado para nós no texto freudiano. Esta elaboração significativa confere uma mediação entre o elemento anterior e a situação simbólica atual na qual o sujeito se insere. De modo que Signor, como termo autônomo e segregado de Signorelli, só pode existir após a interpretação (Sbano, s/d). Esse fenômeno, que se passa na vida desperta e cotidiana, é o mesmo que descrevemos no processo do sonho, ou seja, através da constituição de novas associações, via interpretação, um outro sentido pode emergir. Todavia, devemos retomar a ideia de que, embora uma cadeia simbólica procure apreender o sentido do sujeito, algo sempre escapa nessa articulação. Lacan (1953/1986) então nos relança a pergunta:

O que é que decapita, pois, o *Signorelli*? Tudo se concentra, com efeito, em torno da primeira parte desse nome, e da sua ressonância semântica. É na medida em que a palavra, a que pode revelar o mais profundo segredo do ser de Freud, não é dita, que Freud não pode mais se ligar ao outro senão pelas sobras dessa palavra. Só fica os restos. O fenômeno do esquecimento está aí, literalmente manifestado pela degradação da palavra na sua relação com o outro. (p. 61)

O dizer do analista: a interpretação e um resto a não compreender

A palavra suficiente ao ser não é dita, apenas seus restos permanecem. Ela é, como ressalta Lacan (1972/1985), caluda. Deriva-se, daí o seu esquecimento. Logo, mesmo que um significante advenha para reconduzir o falho do ato ao saber, certos pontos são sempre desconhecidos, e são necessariamente estes pontos, cujo saber falha e cujo saber faz falha, que se colocam ao centro da questão da psicanálise. Isso apenas deixa ainda mais complexo o lugar da interpretação no ato analítico, pois

O sujeito é determinado, nesta referência, de uma forma que o torna inapto – o que demonstra nossa experiência – para restaurar o que se inscreveu, pelo efeito significativo, de sua relação ao mundo, tornando-o, em certos pontos, inadequado a fechar-se, a completar-se de uma forma que seja, quanto ao seu estatuto de sujeito, satisfatória para ele. E estes são os pontos que o concernem, na medida em que ele tem de se colocar como sujeito sexuado. (Lacan, 1967, p. 56)

Este é o movimento de sempre. Um fechamento inadequado, porquanto o sujeito se coloca como sexuado, ou seja, como aquele que pretende uma cópula perfeita, mas que vive submetido à sua não relação. Perante tal situação, Lacan (1967) destaca que o sujeito apela a um outro “suposto saber melhor que os outros” (p. 56), permitindo, então, que a transferência se instale. E, se ela assim se estabelece, é por repetir o mesmo molde inerente à interrogação que constitui o sujeito acerca do saber.

De acordo com Soler (1988), a pergunta atribuída ao sujeito é uma forma de demanda, mas é dirigida ao saber. Ela situa o sujeito como aquele que precisa do Outro para determinar o sentido de sua vida, instituindo para sempre uma situação desigual entre eles, uma vez que a pergunta supõe que haja uma divisão no nível de saber.

Supõe-se por um lado, um sujeito que não sabe, mas por outro, um Outro que sabe. O neurótico se propõe como não sabendo o que quer, o que ama, o que é, o que tem, o que fazer, etc. Toda esta clínica da indecisão fundamental faz com que o que falte ao neurótico seja um analista, isto lhe cabe como uma luva, porque sua posição natural é tratar sua divisão por meio de um Outro suposto a saber. (Soler, 1988, p. 31)

Todavia, se é suposto um saber, isto não se traduz como uma identificação ao analista, e sim que a ele se atribui um “saber melhor ainda” (Lacan, 1967, p. 56).

Simone Ravizzini, Talita Baldin

Um saber que não existe. Por tal motivo, Lacan (1967) critica a presunção de certos analistas em se igualar a esta autoridade do saber. Assim como nos ensina Freud (1912/1976), trata-se de aceitar a transferência sem fazer uso deste poder, ciente de que não é de fato com a sua pessoa que o analisando está a lidar.

Segundo Lacan (1967), o ato de um analista sustenta-se do início ao fim da análise. Ele consiste em possibilitar a tarefa de um analisando: a de promover o advento do inconsciente através de sua fala. Logo, ao princípio de uma análise, seu ato o conduz a aceitar o lugar que lhe é imposto, mesmo sabendo que não é o *sujeito suposto saber*.

Este ato inicial, fundado em um simulacro, autoriza o sujeito que busca uma análise a supor a existência de um saber capaz de dar conta de seu sintoma, de algo que é passível de ser decifrado. Todavia, um analista não pode esquecer que seu ato é a causa do processo. Lacan (1967) acrescenta que há, por parte do analista, um certo “deixar rolar” no curso da análise. No entanto, garante que isso não é suficiente para delimitar a sua posição enquanto analista, pois sua ação implica também “o que comporta a evocação da verdade” (p. 66), este ponto de limite, ponto não simbolizado.

Deduz-se disso a afirmação lacaniana de que, na psicanálise, a verdade desponta onde o analista “perde o fio” (Lacan, 1967, p. 62), visto que a verdade está dissociada do saber. “Quanto ao saber, é uma função imaginária, uma idealização incontestavelmente, é isto que torna delicada a posição do analista que está onde está o vazio, o buraco, o lugar do desejo” (p. 71). Apenas deste lugar que o analista, em sua recusa a sanar a insegurança do analisando negando-lhe uma resposta, uma palavra reconfortante, pode engendrar o processo de uma análise. Sob tal prisma, para Lacan (1967), existe algo no ato de insuportável, de insustentável para quem nele se engaja, na medida daquilo que suscita quanto à abordagem de seus limites.

Por conseguinte, o ato psicanalítico conduz a um paradoxo: ele promove o fazer do psicanalisando, mas visa presidir a operação psicanalítica que, em princípio, suspende todo ato. Um ato que coloca o psicanalista somente como um efeito, como uma posição que lhe confere o sujeito em análise (Lacan, 1967). E o que significa esta suspensão do ato?

Segundo Lacan (1967),

O ato psicanalítico designa uma forma, um envoltório, uma estrutura tal, que, de algum modo, ele suspende tudo o que até então foi instituído, formulado, produzido como estatuto do ato, à sua própria lei. É a mesma coisa, do lugar onde se mantém aquele que, a qualquer título se engaja neste ato, numa posição na qual é difícil introduzir o viés de qualquer outro lugar, o que

O dizer do analista: a interpretação e um resto a não compreender

desde já sugere que algum modo de discernimento deve ser introduzido. É fácil destacar, retomando as coisas do começo, que se não há nada de tão bem sucedido quanto a falha relativa ao ato, isso não quer dizer, entretanto que uma reciprocidade se estabeleça e que toda falha, em si, seja signo de algum sucesso, digo sucesso de ato. (p. 64)

Desse modo, nem tudo que falha é ato, pois o ato só pode ser reconhecido pelas mudanças que produz, ou seja, pelo efeito de fazer com que o sujeito não seja mais o que era antes. Lacan (1967) ilustra a afirmativa com o exemplo de César, o qual, acompanhado de seu exército, pretende atravessar o *Rubicão*. Neste exemplo, evidencia-se vividamente que o sentido do ato não se situa pela dificuldade geográfica de sua realização, pois o rio que fazia limite à Roma não era tão difícil de transpor, mas que, ao fazê-lo, César estaria transgredindo as leis impostas por Roma. Seria um ato que não possibilitaria qualquer retorno. *A sorte estaria lançada!* A partir de então, a sua relação com o saber constituído não seria mais a mesma. Os limites simbólicos, entre os quais César estava inserido, já teriam sido transpostos.

De acordo com Lacan (1967) a travessia do *Rubicão* é

Um exemplo bastante simples, marcado pelas dimensões do sagrado. Ultrapassar o Rubicão não tinha, para César, uma significação militar decisiva. Mas, em compensação, ultrapassá-lo era entrar na terra-mãe. A terra da República, aquela que abordar era violar. Algo foi ultrapassado, no sentido desses atos revolucionários. (p. 80)

Entretanto, mesmo que o ato tenha este caráter revolucionário, o que interessa a Lacan (1967) é o modo a partir do qual ele se situa para o sujeito, e não como interfere no âmbito político-social. Assim, a sua preocupação consiste em estabelecer de que maneira o ato comparece como um divisor que engendra uma outra posição, ou seja, que suscita um novo desejo para o sujeito.

Seguindo os passos de Lacan (1967), o ato possibilita um *novo começo*. “O ato em si está sempre em relação com um começo” (p. 84), um começo distinto de alguma gênese, um começo lógico. Diríamos que é uma questão de ordenação, algo que atribuímos sem cessar ao trabalho do significante, pois, como não nos cansamos de reafirmar, é por sua marca que as coisas tomam existência. Mesmo que exista um ponto zero, não escapa à determinação simbólica – este ponto também é delimitado pelo significante.

Lacan (1967) nos alerta quanto à articulação que podemos estabelecer entre

Simone Ravizzini, Talita Baldin

dizer que “no começo, era o Ato” (p. 79), de Goethe, e “no início era o Verbo” (p. 79), fórmula bíblica atribuída a São João. Essas afirmações não são contraditórias, pois no começo era o ato, visto que, sem ele, não seria possível um início. Não haveria começo sem a ação que permite uma abertura. Todavia, tal como ocorre no caso do ato falho, não há ação que se apresente sem sua ponta significante. Ela o caracteriza, pois o ato é precisamente isto que atinge o sujeito em sua relação com o significante. O ato, assim, transgride o que o significante constitui para que só depois, novamente com o seu auxílio, possamos identificar que ali havia sido um começo. Logo, trata-se de um registro que é imprescindível ao ato.

É exatamente por se tratar de uma marca simbólica que o analista tem de saber que esse ser analista está referido a um lugar, e não a uma substância. Não basta, àquele que se anuncia analista, se nomear enquanto tal. Faz-se necessário que uma análise chegue ao seu término para que possamos dizer que ali houve analista.

Começar a ser psicanalista, todo o mundo sabe, é algo que começa no fim de uma análise. Basta tomarmos isto, tal como nos é dado. Se quisermos apreender qualquer coisa, é preciso partir disso, deste ponto que é, na psicanálise, aceito por todos. (...) Então, partamos das coisas tal como elas se apresentam. Chegou-se a um fim uma vez, é aí que é preciso deduzir a relação que isso tem com o começo de todas as vezes. Chegou-se ao fim de sua psicanálise uma vez, e é este o ato, tão difícil de apreender no começo de cada uma das psicanálises, que nós garantimos. (Lacan, 1967, p. 87)

Se cada analista, tomado um a um, pode garantir chegar ao final da análise, é por ser, ele próprio, o testemunho que possibilita o funcionamento do dispositivo analítico, de modo que, se ao início ele se oferece à ilusão de uma complementaridade para o sintoma de quem a ele se dirige, ao final, ele precisa suportar não ser nada mais do que o dejetado da operação estabelecida. Esta operação desnuda uma verdade: não existe, nem para o analista e nem em lugar algum, este *sujeito suposto saber*. “Há apenas o que resiste à operação do saber, fazendo-o sujeito, ou seja, este resíduo que se pode chamar ‘a verdade’” (Lacan, 1967, p. 7). Segue-se dizer então que a análise é uma operação da *verdade*, mas de uma verdade que insiste em mostrar que a falta é perda, incurável, e que esta perda implica em causar uma outra coisa. Para o analisando, por sua vez,

O fim da psicanálise supõe uma certa realização da operação da verdade, a saber, que, com efeito, se ele deve constituir esse tipo de percurso que, do sujeito instalado em seu falso-ser lhe faz realizar algo de um pensamento que

O dizer do analista: a interpretação e um resto a não compreender

comporta o “eu não sou”, isso não se dá sem reencontrar, como convém, sob uma forma invertida, seu lugar do mais verdadeiro, seu lugar sob a forma do “lá onde isso estava”, ao nível do “eu não sou”, que se encontra no objeto “a”, (...) essa falta que subsiste ao nível do sujeito natural, do sujeito do conhecimento, do falso-ser do sujeito; essa falta, que desde sempre se define como a essência do homem e que se chama o desejo, mas que ao fim de uma análise, se traduz por essa coisa, não somente formulada, mas encarnada, que se chama castração. (Lacan, 1967, p. 87)

Por isso, lá onde não me reconheço, onde penso que eu não sou, é o lugar onde mais compareço como sujeito. Enquanto estiver alienado a um falso-ser, a um eu ilusório (na medida em que nada mais é senão fruto de uma organização significante a qual nos subordinamos), não posso me instituir como sujeito desejante, sujeito que pressupõe um se fazer e um se esvanecer.

Segundo Lacan (1967), a fórmula freudiana, estabelecida em 1923, deve ser retomada da seguinte maneira: “lá onde *isso* estava, o sujeito pode advir” (p. 88), posto que, para o sujeito, é “exatamente onde é necessário chegar” (p. 88). Contudo, ele só pode advir, perante este resto que jaz por significar, *isso* que não se submete ao poder do significante. À vista do que caracterizamos, ao mencionarmos o *Estádio do espelho* (1949) de Lacan, podemos demarcá-lo como causado pelo objeto inapreensível do olhar, objeto *a*.

“O sujeito depende desta causa que o faz dividido que se chama objeto ‘a’, eis quem assina o que é importante de ser sublinhado: que o sujeito não é causa de si, que ele é consequência da perda, a que constitui o objeto ‘a’, para saber o que lhe falta” (Lacan, 1967, p. 89). Sendo assim, é por conceber que o sujeito persiste enquanto consequência da perda, que o analista pode destituir-se do lugar de *sujeito suposto saber*. Para sermos mais claros, ele é destituído, deposto, na medida em que conduz o sujeito a deparar-se com sua posição perante o Outro, ou seja, com a maneira pela qual busca a completude, de forma que, neste percurso, possa descobrir a única verdade que lhe designa: de que não há completude, que tudo não passa de uma farsa ou de um jogo suposto àquele que se insere na linguagem. Então, concluímos que

O final da análise consiste na queda do sujeito suposto saber, e sua redução ao advento desse objeto *a*, como causa da divisão do sujeito, que vem ao seu lugar. Aquele que, fantasmaticamente, joga a partida com o psicanalizando como sujeito suposto saber, ou seja, o analista, é aquele que vem, ao termo

Simone Ravizzini, Talita Baldin

da análise, a sustentar ser somente o resto. Esse resto da coisa sabida, que se chama objeto *a*. (Lacan, 1967, p. 90)

Podemos agora entender o porquê deste ato analítico que, em sua simulação, ocupa o lugar de *sujeito suposto saber*. Ele visa promover por analogia, através de sua queda, também a queda do Outro, de tal modo que o sujeito que procura a análise visando encontrar a verdade enquanto saber, enquanto advinda do conhecimento do Outro, acabe confrontando-se com o que caracteriza a sua verdade, isto é, que ela não se constitui por nenhum saber, a não ser como invenção para sempre inacabada.

Após situarmos o ato de um analista como aquilo que o leva a ocupar o lugar de semblante de objeto e não de um mestre, devemos retomar o nosso percurso, interrogando a respeito do quê consiste o seu dizer, eis que a sua fala dirige-se a este limite onde as palavras nada podem fazer.

Do equívoco ao dizer

Se o analista deve falar de um lugar que não equivale à autoridade do saber, por não querer pagar o preço de extinguir a fala de seu analisando, seu dizer não pode emergir como um dizer substantivado, pois, qualquer que seja o seu proferimento, não consiste em apontar para nada que diga respeito ao ser do analista. Muito ao contrário, como evidenciamos, ele implica em deixar que o sujeito possa escapar ao aprisionamento promovido pelo sentido.

Para Soler (1995), o dizer de um analista é uma enunciação enquanto ato. Podemos entender a sua afirmação quando descrevemos o ato como aquilo que promove uma abertura para o sujeito, como aquilo que lhe propicia um novo começo. Por isso, o dizer do analista não deve trazer em si nenhum sentido, mas possibilitar a suspensão das significações inerentes ao sujeito. “A interpretação é uma resposta cujo efeito é antes de tudo suspender a resposta” (Soler, 1994, p. 20), uma resposta à pergunta que o analisando dirige ao analista. Esta suspensão ocorre de maneira repetida, até o momento em que o analisando torna-se capaz de elaborar a palavra última, a palavra que não há.

Soler (1994) acrescenta que esta postura atribuída ao analista é derivada do trabalho produzido por Lacan (1953a/1998) em *Função e campo da fala e da linguagem*. A tese lacaniana, neste momento, enfatiza que não há fala que não implique uma resposta. Não porque o analista deva responder às perguntas que lhe faz o analisando, mas porque, na estrutura de sua fala, a resposta prevalece por ser aquela que dirige a pergunta. Lacan (1953a/1998) quer mostrar que

Não há fala sem resposta, mesmo que esta se depare apenas com o silêncio, desde que ela tenha um convite... é esse o cerne de sua função na análise. (...) Mas se o psicanalista ignorar que é isso que se dá na função da fala, só fará experimentar mais fortemente seu apelo, e, se é o vazio que não se faz ouvir inicialmente, é em si mesmo que ele o experimentará, e é para além da fala que irá buscar uma realidade que preencha esse vazio. (Lacan, 1953a/1998, p. 248)

Sob este ponto de vista, o analista não precisa buscar a resposta do analisando em qualquer outro lugar que não seja a sua fala, uma vez que a preponderância da resposta jaz em sua estrutura. Soler (1994) ilustra essa ideia com a descrição de Lacan (1960/1998) na qual um grito, destituído de sentido, transforma-se em um apelo do sujeito. Esta transformação advém pela mensagem do Outro, o qual seleciona um sentido para tal mensagem. As marcas das respostas inscrevem-se e permanecem no inconsciente. Como retrata Soler (1994), estas marcas estão inscritas no Real, de tal modo que são anteriores a qualquer pergunta que venha a ser feita. “Trata-se do grito primeiro, do grito primordial de nosso ser, virtualmente falando. (...) Aqui estamos do lado de nosso futuro sujeito barrado e do lado oposto, do Outro, encontra-se a resposta, a qual do grito faz apelo. No fundo, é essa a metáfora primeira do grito” (p. 21).

Por conseguinte, podemos estender a mesma situação para a estrutura do discurso. De acordo com Soler (1994), esta articulação da anterioridade da resposta é renovada no texto *L'Étourdit*. Ali, Lacan (1973) acrescenta que a resposta não apenas é anterior como também irá estimular a pergunta. Elas estão intimamente ligadas, visto que uma gera a outra. Seguindo este raciocínio, estamos autorizados a deduzir que a pergunta vem do Real, onde a resposta fez a sua inscrição.

Para Soler (1994), esta é sem dúvida uma descoberta de Freud, pois, desde que um sujeito procura uma análise, ele já está acossado por algo do Real. Algo que em seu encontro implica, necessariamente, um desencontro. Diante disso, “o analisando interpela o analista” (p. 21), perguntando-lhe o que ocorre e se poderá fazer algo por ele.

Se o está recebendo, a resposta implícita é sim. Aquele a quem pergunto poderá saber o que eu tenho? Outra vez, a resposta é sim. Aquele que pergunta querará saber se a situação pode mudar. A resposta do analista ainda é sim. É uma resposta de promessa, promessa que não é formulada, mas leva a pensar. (Soler, 1994, p. 21)

Simone Ravizzini, Talita Baldin

Entretanto, se o analista promete isto, ele o faz, como evidenciamos, por uma simulação que pretende ser, na verdade, a fala do sujeito, uma vez que o dispositivo criado por Freud implica que o sujeito fale livremente, pressupondo que a resposta já está ali, no inconsciente.

Soler (1994) ressalta que o dispositivo analítico só se estabelece quando são possíveis as três respostas do analista, ou seja, a promessa, a demanda a falar e a interpretação. Sem o texto produzido pelo analisando, a interpretação não poderá operar. Tomando como referência as respostas do analista, Soler (1994) oferece uma interessante definição para a interpretação. Segundo ela, a “interpretação é a resposta que, na estrutura do diálogo analítico, tenta ajustar-se à resposta anterior à pergunta, se empenha em fazer aparecer esta resposta” (p. 22). Consequentemente, a resposta almejada pela interpretação consiste naquela que atinge a resposta do Real.

Todavia, não podemos deixar de perguntar como uma intervenção que figura de modo aparentemente tão simples, uma vez que se presentifica por “resmungos”, “frases curtas” e até “exclamações”, pode causar tamanho efeito (Soler, 1994). Esta questão não deve ser vista como secundária, pois a interpretação é o que possibilita um desfecho para a análise e, sem a sua operação, o final não se estabeleceria.

Neste ponto, para que possamos discernir o funcionamento da palavra analítica, devemos retomar a afirmação de Lacan (1972/1985, p. 269) de “*que se diga cai esquecido por trás do que se diz, no que se ouve*”, à medida que ela promove uma disjunção entre o dizer e o dito em uma análise, constituindo-os como heterogêneos em relação entre si. Esta disjunção que se estabelece não faz senão reforçar o pensamento de Lacan quanto ao funcionamento do significante. Como mencionamos, Lacan (1972/1985) pressupõe que, entre o dizer e o dito, há uma hiância que inaugura o advento do sentido, um sentido que emerge pela surpresa instaurada na defasagem entre o que se diz e o que se escuta.

Esta afirmação lacaniana junta-se ao pensamento de Soler (1995), servindo-lhe como ponto de referência. Soler (1994) demonstra que *o que escutamos* é atribuído ao significante, eis que este se constitui na imagem acústica do signo; *o que se diz*, por sua vez, localiza-se do lado do significado. A fórmula, assim elaborada, é denominada por Lacan (1973) como os *ditos do analisando*. Logo, podemos deduzir que existe uma distinção entre interrogar um dizer ou um dito.

De acordo com Soler (1995), Lacan apropria-se do dizer do mesmo modo como faz para qualquer significante. Por isso, o ato de dizer não comporta a ideia de verdadeiro ou falso. O dizer, em seu ato, acarreta uma desconsideração das questões atribuídas ao seu valor. Ele aparece ou não. Quanto a isso, não se pode duvidar. Soler (1995) acrescenta que

A regra analítica que pede ao analisando falar sem restrições e dizer tudo o que pode, tudo o que lhe ocorre, implica numa suspensão das questões sobre o valor do que diz, e em consequência das questões sobre a verdade. Esta suspensão é evidente no discurso do analisante, quando ele diz por exemplo, “tenho pensado que”, “tenho sonhado que”, “creio que”. Todas estas fórmulas, pelas quais introduz coisas difíceis de dizer, se dissociam de seus pensamentos. Suspende asserção de suas próprias frases, autorizando-se a falar qualquer coisa. Por isso Lacan diz que no sonho, mas podemos acrescentar também na associação livre, o inconsciente se encontra no estado de “pode ser”, “de talvez”, ou seja, de não afirmado: o inconsciente não conclui. (p. 20)

Desse modo, a suspensão temporária do valor de verdade, atribuída às colocações do sujeito, implica o ato de dizer. A pergunta então a ser formulada desloca-se do verdadeiro ou falso inerente às proposições, transferindo-se para o motivo pelo qual se diz algo, ou seja, para o que gera o ato. É por suscitar esta pergunta que a interpretação para Lacan acontece ao nível do dizer e não do dito. Isto porque, se a interpretação incidir sobre o significado, sobre o valor do dito do analisando, não chegaríamos à questão que nos interessa, ou seja, à causa do seu dizer.

Soler (1994) ressalta que

Os ditos do sujeito, dizem o sujeito. Os ditos representam o sujeito, deixando sempre algo a dizer. Neste sentido, o sujeito é sempre significado pelos seus ditos, efeito do dito e, no entanto, incomensurável em relação aos seus próprios ditos. O “que se diga”, designa através deste verbo no subjuntivo, o que chamaremos ato de enunciar, (...) não é a mesma coisa interrogar o ato de dizer. Por que o sujeito diz ao invés de se calar? Lacan tentou definir a noção do dizer no texto “*L’Étourdit*”. Isso é muito importante para nós, porque ele situa a interpretação como um dizer, no qual há o problema de saber através de que fórmulas ele será dito. (p. 26)

Sendo assim, Lacan (1973) situa a interpretação como um dizer que é uma exceção ao conjunto dos ditos. No que se refere à fala de um analista, não há dito possível, precisamente porque o dito é o que representa o sujeito e a enunciação do analista não deve representá-lo. Ele se “autoelimina, se subtrai de seu próprio discurso” (Soler, 1994, p. 28).

Simone Ravizzini, Talita Baldin

Este modo de conceber a interpretação implica em uma torção acerca do significado proposto para ela, isto é, que a interpretação seja utilizada como um instrumento capaz de fixar o sentido. Segundo Miller (1996), muito embora Lacan persista em fazer uso do termo interpretação, ela só pode ser entendida por seu avesso, visto que se define como algo que está exatamente na contramão da significação. “O termo interpretação vale aí como um lugar tenente de um outro, que só pode ser o silêncio” (p. 97).

Por isso, Soler (1995) afirma que, para Lacan, o analista diz e, entretanto, *diz nada*. Todos os tipos de intervenções interpretativas por ele elaboradas ao longo de seu trabalho apontam para este mesmo aspecto do dizer do analista. Podemos exemplificá-las através do corte promovido em uma sessão, que implica interromper uma frase ainda não terminada, e possibilita uma quebra da pontuação que garante a significação, causando-lhe um efeito de perplexidade, de *non-sense*; ou mesmo através da citação, que consiste em *colocar aspas*, em enfatizar o que foi enunciado na fala do analisando, acentuando seu dizer de uma outra forma à medida que o destaca do contexto.

Direi deste modo: são intervenções ou ditos que dizem... nada. Fazem intrusão no discurso do analisante e têm efeitos: satisfazem a significação ou produzem a perplexidade do sem sentido, ou a surpresa da alusão enigmaticamente revelatória, etc. Mas seu dizer é um dizer... nada no sentido da proposição assertiva. São enunciados que não fazem existir o Outro. Distingo, então um dizer nada de um calar-se. Lacan sempre insistiu: o analista deve dizer algo a seu paciente, no sentido de fazer-se ouvir. A análise não se faz sem “que diga! – ato de dizer – mas seu dizer é um dizer nada. (Soler, 1995, p. 34)

Portanto, podemos deduzir que um dizer *nada* difere de um *nada* dizer. O analista que baseia o seu silêncio ao abrigo de uma técnica, e não de uma ética, corre o risco de empregar seu calar com a eficiência de um *dito* e não com a eficácia de um *dizer*. Como sublinha Soler (1995, p. 35), “devemos distinguir o silêncio ao nível dos ditos, e o silêncio ao nível do dizer”.

Assim, Soler (1994) retoma o pensamento de Lacan quando este afirma que o discurso analítico é sem palavras. Esta aceção poderia soar-nos de maneira paradoxal, visto que uma das respostas do analista, como desenvolvemos, implica na demanda que acarreta a fala do analisando. Então, como caracterizá-lo por um discurso sem palavras? No sentido de que o discurso pode ser considerado sem palavras quando “o parceiro, causa de todo processo, não emite palavras. Diríamos

que a interpretação não é palavra. A interpretação tem incidência sobre a palavra analisante, mas não é propriamente uma palavra. O dizer de um analista é um dizer essencialmente silencioso” (p. 31).

À vista disso, Lacan (1973) afirma que o maior instrumento da interpretação analítica é o equívoco, pois, além de nada afirmar, também se presta à plurivocidade do sentido. Ele possibilita a suspensão do sentido cristalizado, sem nada sugerir. Todavia, como é possível ao equívoco, perante esta indeterminação, possibilitar um ponto final para a análise? Segundo Soler (1994),

Uma vantagem no equívoco é imediatamente perceptível: é um instrumento anti-sugestivo que deixa aberta a escolha, recorre à liberdade do sentido que o analisando queria lhe dar. A nível de prática analítica, nós poderíamos dizer: eis aí um uso do significante que não é o do mestre, que não impõe a maneira de ver do analista, mas deixa a escolha aberta ao analisando. Mas existe uma razão mais fundamental. A interpretação deve se utilizar do equívoco, por ele ser operante, pois como está em “*L'Étourdit*”, “nada opera, portanto, a não ser o equívoco significante”. Onde? No inconsciente, é claro. (p. 32)

Isso se deve ao fato de que o inconsciente vem para nos mostrar que o operar da relação é equívoco, que esta relação do sujeito com o seu gozo, do sujeito com o seu mundo, é para sempre incompleta, embora o significante insista em nos prometer a completude. O uso do significante nos eterniza nessa falha da relação, ao passo que o inconsciente nos desperta de tal ilusão ao se fazer presente onde a dúvida reina soberana, onde a palavra não alcança todo o sentido, onde jaz a sua falha.

Para Soler (1994), “a língua mantém uma espécie de equívoco meio sagrado, meio intocável” (p. 32). Um mesmo significante nos ilude quanto à precisão de sua marca no encontro com o objeto, mas, na verdade, pode sempre querer dizer muitas coisas. Por isso, “quanto ao objeto, estamos sempre errados” (p. 32).

Então, afinal, o que nos revela o equívoco?

Nada menos que a operação significante, ou seja, que um significante esconde outro significante e que a significação só se sustenta pela remissão a outra significação (Soler, 1994). Diante do jogo homofônico a que se prestam as palavras, o sujeito surpreende-se por seu ultrapassamento, eis que o equívoco aponta para um elemento latente, um elemento que transcende aquilo que o sujeito intenciona dizer. “Há muito mais no enunciado, do que ele pode perceber” (p. 33).

De acordo com Soler (1994), podemos dizer que o equívoco indica

Simone Ravizzini, Talita Baldin

A divisão do sujeito entre o significante que ele sabia estar enunciando e o significante que a língua torna latente. E é por isso que Lacan diz que o efeito e o uso do equívoco homofônico cinde e rescinde o sujeito, ou seja, simplesmente a homofonia não alimenta as significações suplementares. Se quiséssemos formular o dizer que sai da homofonia seria o seguinte: – você não sabe o que diz; aí aparece a divisão. Dizemos que a interpretação faz aparecer; sim, mais o quê? A divisão que é a parte não dita, a não percebida. (p. 33)

Entretanto, também é preciso destacarmos outro efeito possível à interpretação pelo equívoco, o qual diz respeito à responsabilidade inerente daquele que diz. Perante o equívoco, acentua-se o dizer, um dizer que é próprio do sujeito que enuncia. Soler (1994) acrescenta que a interpretação pode ser “mínima” (p. 33), menor que qualquer outra, mas que seu efeito acentue o *você disse*, destituindo o analista do lugar daquele que o faz dizer. Para ela, o “você disse” promovido pela análise evidencia a existência de “um sujeito cativado por suas próprias significações, inscritas no inconsciente” (p. 34).

Assim, mesmo que a interpretação opere pelo equívoco, ela não é um dizer qualquer, não é uma operação que vem para promover *qualquer* sentido. Tal como afirma Lacan (1964/1990), “a interpretação não está aberta a todos os sentidos” (p. 237), pois o sentido é sempre delimitado pela gramática singular de cada sujeito. Desse modo, embora a interpretação em seu ato suspenda as significações estabelecidas para o sujeito, ela é ímpar a cada um. É um dizer que evidencia o significante irredutível ao qual o sujeito está alienado, revelando seu assujeitamento à linguagem. “O que está lá é rico e complexo quando se trata do inconsciente do sujeito, e destinado a fazer surgir elementos significantes irredutíveis, *non-sensical*, feitos de não-senso” (p. 236).

Portanto, se o efeito interpretativo emerge da ambiguidade de sentido que a defasagem entre significante e significado pode promover, a sua ação só constitui-se quando afeta a rede simbólica determinante para cada sujeito. Como retrata Vieira (1996), a interpretação deve seguir os passos da poesia, uma vez que ambas possibilitam uma abertura ao Real a partir do Simbólico. Não se trata de produzir um sentido a mais, e sim um “extra” (p. 71) de sentido, de modo que a palavra venha a servir-nos não como um apelo que esgote o conteúdo de nosso poema, mas como um possível vislumbrar do sem sentido que permeia a poesia.

Considerações finais

Procuramos mostrar como a definição do conceito de interpretação é crucial para determinarmos o objetivo de uma análise, sendo que não há final de análise sem que a interpretação tenha operado, e a maneira como esta opera possibilita um deslizamento na cadeia significativa ou, inversamente, um reforço nas identificações imaginárias. A primeira propicia o advento do sujeito e uma maior liberdade diante de sua própria história. A segunda promove o fortalecimento do Eu, buscando uma melhor adaptação ao mundo e um aprisionamento em um sentido predeterminado e perdido no passado.

Se pretendemos seguir a leitura de Freud, sob o olhar de Lacan, devemos inserir a interpretação na primeira operação, pois tanto para um como para outro a prática analítica produz efeitos terapêuticos, mas não tem objetivos pragmáticos. Definimos pragmático como a integração do sujeito de forma útil à sociedade. Por isso, se almejamos respeitar a fala que nos é endereçada em sua singularidade, como sempre reivindicou Freud, não nos é possível garantir neste percurso uma adaptação do sujeito ao mundo em que vive.

Seguindo o mesmo caminho, Lacan (1960/1998) procura nos advertir que não se deve prometer a felicidade (descrita como uma tentativa de restaurar a base abalada de um sujeito) àquele que avança na via de seu desejo, visto que o desejo aponta para além da moral constituída. Ele não é regulado por nenhum ideal preestabelecido no âmago cultural e, por conseguinte, não é adaptável a um anseio social. Desde que definimos o sujeito como determinado pelo significante, a sua adaptação tornou-se impossível e seu desejo inextinguível, pois, conforme elaboramos anteriormente, o significante remete à inadequação, a um permanente desajuste.

Por isso, seria restrito impor à psicanálise a tarefa de eliminar sintomas incompreendidos pelo sujeito. Seu papel vai além, eis que procura impulsionar, até as últimas consequências, o dispositivo analítico, ou seja, o ponto de limite determinado pela estrutura da palavra, ponto este que não pode ser dito, mas que o ato da interpretação almeja chegar.

Assim situada, a interpretação lacaniana funciona de modo inverso ao caminho trilhado pela compreensão. Ela visa justamente à separação entre o sujeito e suas significações. Para Vieira (1996), no percurso analítico, trata-se de esgotar as significações de um sujeito de tal forma que ele perceba que não é como Um, como fruto da completude, mas algo que vem a se constituir.

Segue-se a posição de Lacan (1953b/1986) ao afirmar que um analista encontra-se perdido perante a fala de um sujeito quando muito quer compreender,

Simone Ravizzini, Talita Baldin

sendo que o ideal de completude ilude a tarefa do analista e fecha para ele as portas do inconsciente. Vimos que, para Lacan (1969/1992), apenas o enigma, o encontro com a equivocação em seu dizer, e não com o sentido, pode promover a sua abertura. Resta-nos concluir, assim, que a única resposta cabível para um analista, no que se refere à interpretação, é o *nada* que persiste em seu dizer.

Podemos estabelecer a mesma articulação em relação à sua escuta. De acordo com Lacan (1953a/1998), o analista deve ter “ouvidos para não ouvir” (p. 255). Ele precisa regular a própria escuta de tal forma que não caia no sedutor engodo acarretado pelo advento do sentido. Ao contrário, a interpretação lacaniana emerge para promover um despertar do sujeito no tocante às amarras nas quais ele está aprisionado. Se, por um lado, frustra-nos ao apontar para o desencontro, para o *non-sense* que inaugura o seu ser, por outro, oferece-nos a oportunidade de fazer com que a nossa página em branco, este vazio que nos constitui, seja não a parte que abole nosso texto, mas o elemento que propicia a sua criação. □

Abstract

The analyst’s saying: interpretation and a rest not to be understood

This article is based on our clinical experience, given the perception of how each analyst poses as subject when telling his own story, considering both his sayings and his not told, being the task of an analyst to enable the reconstruction of this history, without dispensing with the limit imposed by the Real. Thus, we seek to emphasize how the interpretation can be dictated by the analyst so as to produce an enlightening statement for the subject through the teachings of Freud, Lacan and other contemporary psychoanalysts. From the analysis, we conclude that it is necessary for the analyst to have “ears not to listen”, as Lacan says, in such a way that his listening does not fall into the seductive deceit brought about by the advent of meaning, but awakens the subject to the recognition of the moorings which is imprisoned and thus I can follow the way of reconstructing its own history.

Keywords: Significant; Interpretation; Analytic act; Psychoanalytic act, Lacan

Resumen

El dicho del analista: interpretación y un que se queda para no entender

Este artículo parte de nuestra experiencia clínica, ante la percepción de cómo cada analizante se coloca en cuanto sujeto al contar su propia historia, considerando

tanto sus dichos y sus no dichos, siendo la tarea de un analista posibilitar la reconstrucción de esa historia, sin prescindir del presente, límite que le impone el Real. Así, buscamos subrayar cómo la interpretación puede ser dicha por el analista, para producir un enunciado esclarecedor para el sujeto, por medio de las enseñanzas de Freud, Lacan y otros psicoanalistas contemporáneos. En el análisis, concluimos que es necesario que el analista tenga “oídos para no oír”, como dice Lacan, de tal forma que su escucha no caiga en el seductor engullido acarreado por el advenimiento del sentido, sino que despierte al sujeto para el reconocimiento de las amarras que está atrapado y así puedo seguir en el camino de reconstruir su propia historia.

Palabras clave: Significante; Interpretación; Acto analítico; El acto psicoanalítico, Lacan

Referências

- Andrade, C.S. (2015). Canções do alinhavo. *Corpo*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1976). A interpretação dos sonhos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. IV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1976). A Psicopatologia da Vida Cotidiana. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. VI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901)
- Freud, S. (1976). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1949)
- Lacan, J. (1998). Função e campo na fala e na linguagem. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Trabalho original publicado em 1953a)
- Lacan, J. (1986). *O seminário 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953b)
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960)
- Lacan, J. (1990). *O seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (M.D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1964).
- Lacan, J. (1967). *O seminário 15: O ato psicanalítico (1967-1968)*. (s.d., versão anônima).

Simone Ravizzini, Talita Baldin

Lacan, J. (1992). *O seminário 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969)

Lacan, J. (1985). *O seminário 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972)

Lacan, J. (1973). *L'Étourdit. Scilicet*. n. 4. Paris: Editions du Seuil.

Marx, M.; & Hillix, W. (1963). *Sistemas e teorias em psicologia*. São Paulo: Cultrix, 1963.

Recebido em 05/06/19

Aceito em 22/01/20

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

Simone Ravizzini

Av. Almirante Ary Parreiras, 504/701

24230-322 – Niterói – RJ – Brasil

simoneravizzini@gmail.com

Talita Baldin

Av. Jornalista Alberto Francisco Torres, 515/1103

24230-009 – Niterói – RJ – Brasil

talitah_0507@yahoo.com.br

© Revista de Psicanálise da SPPA

Normas Gerais de Publicação de Trabalhos

Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

A finalidade deste *checklist* é a de auxiliar ao autor a revisar o seu trabalho antes de submetê-lo à *Revista de Psicanálise da SPPA*, não necessitando ser impresso, digitalizado ou devolvido, **exceto**, no caso em que o trabalho apresentar material clínico. Somente nesse caso, o autor deverá preencher e devolver a declaração junto ao trabalho.

ACOMPANHE ABAIXO O CHECKLIST OBRIGATÓRIO PARA SUBMISSÃO		✓
1.	Inédito no Brasil?	
2.	Permissão para tradução (Copyright original)?	
3.	Inclui material clínico?*	
4.	Atende às normas da Associação Psicanalítica Americana?	
5.	Dados do autor (titulação, instituição, endereço profissional, e-mail e celular)	
6.	Título (incluindo versão em inglês e espanhol)	
7.	Resumo / Abstract / Resumen (máximo 200 palavras)	
8.	Palavras-chave / Keywords / Palabras clave (máximo 10)	
9.	Referências bibliográficas completas	
10.	Máximo 70.000 caracteres com espaço (máximo 11.000 palavras)	
11.	Estão incluídas as fontes das imagens e ilustrações?	

*** Reproduzir, preencher e enviar junto ao trabalho:**

Eu, _____ declaro que este trabalho _____ inclui material clínico. Responsabilizo-me pela preservação da confidencialidade profissional e ética. Para tanto, tomei a seguinte precaução:

1. () Material inventado
2. () Alteração dos dados
3. () Consentimento informado pelo paciente
4. () Outro método. Qual? _____

Autor / Instituição

Local e data

1. DIRETRIZES PARA AUTORES

A Revista de Psicanálise da SPPA utiliza as normas de publicação previstas pela American Psychological Association (APA).

O artigo deve ser inédito ou original no país.

O artigo não pode infringir nenhum preceito ético, e todos os esforços devem ser feitos de modo a proteger a identidade dos pacientes mencionados em relatos clínicos.

O artigo deve respeitar às normas que regem os direitos autorais.

O artigo não deve conter nenhum material que possa ser considerado ofensivo ou difamatório.

O autor deve estar ciente de que, ao publicar o artigo na Revista de Psicanálise da SPPA, ele estará transferindo automaticamente o copyright para essa, salvo as exceções previstas pela lei. Fica, desta forma, vetada sua reprodução, ainda que parcial, sem a devida autorização da Revista.

O artigo não deve estar sendo encaminhado simultaneamente para outra publicação sem a comunicação oficial por escrito a Revista de Psicanálise da SPPA. Violações a essa regra, que impliquem em ações legais, serão de responsabilidade exclusiva do autor.

Os conceitos emitidos são de inteira responsabilidade do autor.

2. REGRAS DE SUBMISSÃO

O artigo deverá adequar-se aos requisitos básicos para publicações científicas:

Sugere-se que, sem comprometer a clareza do texto, sua extensão não ultrapasse 11.000 palavras (até 70 mil caracteres com espaço), incluindo os títulos, resumos, palavras-chaves e referências bibliográficas. Deve-se dar preferência pelos Descritores de Ciências da Saúde – DeCS) para elaboração das palavras-chaves.

Recomenda-se que o texto passe por uma revisão gramatical para adequar-se à norma culta da língua, antes de ser submetido à Revista de Psicanálise.

Gráficos, tabelas, desenhos e outras ilustrações devem estar inseridos no texto sem prejuízo da qualidade das imagens, com tamanho máximo de 100mm x 150mm. O conteúdo total de ilustrações não deverá exceder 1/4 do espaço ocupado pelo

artigo. Recomenda-se que as imagens sejam também enviadas, preferencialmente, anexadas ao e-mail.

Custos adicionais com ilustrações e obtenção de permissões relativas ao *copyright*, são de responsabilidade do autor.

Recomenda-se que o autor informe o seu registro ORCID. Caso não o tenha e se for do interesse do autor obter, cadastre-se em <https://orcid.org/>.

3. FORMA DE APRESENTAÇÃO

3.1 Identificação

- a) Para a correta identificação do trabalho eles deverão conter na seguinte ordem: título, resumo e palavras-chaves.
- b) Nome completo do autor, seguido da cidade em que reside (Ex. Ruggero Levy, Porto Alegre);
- c) Nota de rodapé para cada um dos autores, com as informações sobre afiliação institucional, endereço completo e e-mail.
- d) As notas de rodapé, somente para explicações e ampliações conceituais.

3.2 Padrões gráficos

- a) Os textos devem ser digitados em cor preta e em fonte Times New Roman de tamanho 12, excetuando-se citações com mais de três linhas e nota de rodapé, que devem ser de tamanho 11. O texto deve ser digitado com espaçamento de 1,5 (um e meio) entre as linhas (inclusive citações de mais de três linhas e referências) excetuando-se notas de rodapé que devem ser em espaçamento simples e no máximo 3 linhas.
- b) As margens devem ser: esquerda e superior de 3 cm e direita e inferior de 2 cm.
- c) Não usar sublinhado, nem negrito no corpo do texto.
- d) Palavras estrangeiras, títulos de livros e títulos de artigos mencionados no texto deverão ser apresentados em itálico, sem aspas.
- e) Intertítulos (seções e subseções) do trabalho em negrito.
- f) Se houver subseções, as seções e subseções deverão ser numeradas (Ex.:

Para seção: 1, 2, 3, ...; para subseções: 1.1, 1.2, 2.1, 2.2, ...)

- g) *Epígrafes* devem estar entre aspas e em *itálico* além de possuir referência no formato (Autor, ano).
- h) *Vinhetas, casos clínico* devem estar em *itálico* e sem aspas.
- i) Aspas devem ser usadas somente quando houver intenção explícita do autor em demonstrar sentido dúbio ou irônico. Demais ênfases ou destaques devem estar em *itálico* sem aspas.
- j) *Ênfases, destaques, ironias*, dentro de material clínico devem estar em fonte normal para destacar do *itálico*.
- k) Falas no texto devem estar em fonte normal e entre “aspas duplas”
- l) Fala dentro de material clínico devem estar entre “*aspas duplas*” e em *itálico*.
- m) Letra maiúscula para Eu, Id, Ego e Superego.
- n) Letra maiúscula para Eros, Thánatos, Outro (Lacan).
- o) Palavras em língua estrangeira devem estar em *itálico*. Se for alemão, iniciá-las com letra maiúscula e *itálico*. Ex.: *Verneinung, Trieb, Instinkt*.
- p) Diagnósticos, nomes de ciências, especialidades ficam com iniciais minúsculas.

4. CITAÇÕES

4.1 Indireta

As citações indiretas devem ficar no corpo do texto, sem recuos e sem aspas.

4.2 Direta

As citações diretas devem estar seguidas da paginação inicial e final da citação.

As citações diretas, no texto, de até três linhas, devem estar contidas entre aspas duplas. As aspas simples são utilizadas para indicar citação no interior da citação.

As citações diretas, no texto, com mais de três linhas, devem ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra tamanho 11 e sem aspas.

Sendo uma tradução do autor citado, informar (tradução do autor). Uma tradução de quem está citando, informar (tradução minha ou nossa).

Citações originais com grifos devem informar: (grifos do autor). O grifo original deve permanecer como está, independente das regras de ênfase utilizadas pela revista. Original não se modifica!

Autores que desejarem fazer grifos adicionais dentro de uma citação original deverão fazê-los em itálico e informar: (grifos meus).

Poderá conter notas do revisor técnico (N.R.) e/ou notas do tradutor (N.T.) quando necessário.

Ibidem ou Ibid.: usa-se quando a citação é da mesma obra do autor citado antes.

Devem ser indicadas as supressões, interpolação, comentários, ênfases ou destaques do seguinte modo:

- a) Supressões: [...]
- b) Interpolações, acréscimos ou comentários: []
- c) Ênfase ou destaque: *itálico*.

5. REFERÊNCIAS

A lista de referências bibliográficas deverá incluir apenas as obras citadas no texto. Os autores serão mencionados em ordem alfabética e suas obras dispostas pela ordem cronológica da primeira publicação. Se várias obras citadas de um mesmo autor foram publicadas no mesmo ano, deve-se acrescentar, à data de publicação, as letras a, b, c,... consecutivamente.

Nos artigos traduzidos de outro idioma, sempre que as citações diretas forem substituídas pelo tradutor utilizando alguma bibliografia nacional, deve-se apresentar a referência nacional como N.T.: (abreviação para Nota do Tradutor). A referência original que o autor utilizou deve ser mantida na lista bibliográfica (Referências).

Na bibliografia, nomes completos até 3 autores, se mais, use o nome completo do autor principal seguido de et. al. Nas referências citadas no texto, use o sobrenome até 3 autores, se mais, use do autor principal seguido de et. al.

5.1 Artigos publicados em revistas ou periódicos

Ogden, T. H. (1985). On potential space. *Int. J. Psycho-Anal.* 66(2), 129-141.

5.2 Livros

- Bion, W. R. (1961). *Experiências com grupos*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- Freud, S. (1972). Fragmento da análise de um caso de histeria. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 7, pp. 1-119), Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Ferrari Filho, C. A., et al. (2019). Rodas de conversa entre educação e psicanálise. O nascer de um projeto de pesquisa. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 52(2): 45-60.

5.3 Artigos de periódicos com DOI

- Neves, B. S. de C., & Lima, M. C. P. (2019). Freud e a prevenção: um percurso de controvérsias. *Fractal, Revista de Psicologia*, 31 (3), 313-319. doi.org/10.22409/1984-0292/v31i3/5642

5.4 Monografias, teses, dissertações

- Levy, R. (2000). *Do símbolo à simbolização: uma revisão da evolução teórica e suas repercussões sobre a técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Monografia.

5.5 Encontros e simpósios

- Muellbauer, J. (2007, Setembro). Housing, credit, and consumer expenditure. In S. C. Ludvigson (Chair), *Housing and consumer behavior*. Symposium conducted at the meeting of the Federal Reserve Bank of Kansas City, Jackson Hole, WY.

5.6 Meios audiovisuais (música, filmes, etc.)

- Giorgelli, P. (2011a, 22 de novembro). Entrevista com Pablo Giorgelli. *Página 12*. Cultura & Espectáculos. Acessível em <https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/espectaculos/5-23584-2011-11-22.html>
- Giorgelli, P. (Dir.) (2011b). *Las Acacias*. [Drama]. Buenos Aires: Vitrine Filmes. 1h 36min.
- Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (Produção). (2019). *Drops da Psicanalítica. Expansão da Psicanálise* [Canal You Tube]. Acessível em <https://www.youtube.com/sppaweb>

Winterbottom, M. (2002). *In this world* [Documentário]. Inglaterra, 88 min.

6. PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO

Todo trabalho entregue para publicação é numerado e distribuído anonimamente em todas as suas etapas. É avaliado através de critérios padronizados por, pelo menos, três membros do Conselho de Revisores ou do Conselho Consultivo da *Revista de Psicanálise da SPPA*. Da mesma forma, o nome dos avaliadores é mantido em sigilo.

Uma vez aprovado pelo Conselho Editorial, a decisão final quanto à data de sua publicação dependerá do programa editorial estabelecido.

Os procedimentos editoriais seguem a orientação *Qualis* para periódicos científicos. A *Revista* observa os seguintes quesitos:

- a) Prioridade a textos de diferentes regiões do país e do exterior;
- b) Divulgar pensamentos psicanalíticos estudados e desenvolvidos nas diversas sociedades e grupos de estudos de psicanálise;
- c) Possível impacto sobre a área da psicanálise;
- d) Regularidade na publicação (quadrimestral) e divulgação efetiva do periódico.

Os textos são apreciados por meio de avaliação cega, dividida em duas etapas:

1ª etapa de avaliação: são destacados dois membros do Conselho Editorial que avaliarão a adequação dos trabalhos, anônimos, às normas gerais de publicação. Caso necessário, o texto poderá ser submetido à avaliação de um terceiro parecerista;

2ª etapa de avaliação: o trabalho aprovado na primeira etapa de avaliação segue para a segunda etapa, quando são convidados três consultores que o avaliarão anonimamente e que serão designados pelo editor, conforme sua afinidade com o tema do referido artigo e a pertinência deste texto para publicação na *Revista*.

Após a análise dos artigos, os consultores emitem por escrito os seguintes pareceres: i) aprovado; ii) aprovado com recomendações e/ou sugestões, alterações, relativas à forma e/ou conteúdo; ou iii) recusado para publicação.

O Conselho Editorial reserva-se os seguintes direitos:

- a) Recusar os textos que não estiverem de acordo com as diretrizes e normas da *Revista*;
- b) O editor se resguarda o direito de vetar trabalhos aprovados nas duas etapas de avaliação, nos casos em que o autor não cumprir com as reformulações solicitadas;
- c) Solicitar alterações nos textos submetidos, quando se fizer necessária alguma correção ou modificação de ordem temática e/ou formal;
- d) Proceder a alterações de ordem formal, ortográfica e gramatical, realizadas por revisores especializados.

Caberá ao Conselho Editorial, a partir de criteriosa análise das avaliações, a decisão final acerca da publicação ou não do artigo, o que será comunicado ao autor. A data de publicação do trabalho seguirá a programação editorial.

O Conselho Editorial reserva-se o direito de encaminhar convites a especialistas com competência acadêmica evidente na área de psicanálise para possível publicação de sua produção intelectual na *Revista de Psicanálise da SPPA*. Neste caso, os textos passam pelo procedimento padrão de avaliação adotado pela *Revista*, sob responsabilidade dos editores.

Excepcionalmente, serão aceitos trabalhos que já tenham sido publicados em periódicos estrangeiros. Nesse caso, serão sujeitos ao mesmo processo de avaliação.

Os textos não aceitos para publicação na *Revista de Psicanálise da SPPA*, mesmo arquivados pelo sistema SEER, estarão liberados para submissão em outros periódicos.

Índice Geral de Títulos / Volume 27 (v./n./p./ano)

- ALUCINOSE, HIPÉRBOLE E A DIFERENCIAÇÃO NEUROSE/PSICOSE NO PENSAMENTO DE BION E NA TEORIA DO CAMPO ANALÍTICO • Civitarese, Giuseppe – v. 27, n. 1, 103-127, 2020
- ATUALIDADE DA NEUROSE • Guignard, Florence – v. 27, n. 1, 13-29, 2020
- COLAPSO DO RITMO. O • Rizzo, Luisa Maria – v. 27, n. 2, 405-426, 2020
- COLAPSO E MISOGINIA: DA MITOLOGIA À PERVERSÃO VIA WEB • Silva, Maurício Marx e – v. 27, n. 2, 377-404, 2020
- CRIATIVIDADE: UM NOVO PARADIGMA PARA A PSICANÁLISE FREUDIANA, A • Roussillon, René – v. 27, n. 2, 291-311, 2020
- DIZER DO ANALISTA: A INTERPRETAÇÃO E UM RESTO A NÃO COMPREENDER, O/TEMAS DIVERSOS • Baldin, Talita; Ravizzini, Simone – v. 27, n. 3, 747-770, 2020
- EDITORIAL • Lucas, Renato Moraes – v. 27, n. 1, 7-10, 2020
- EDITORIAL • Lucas, Renato Moraes – v. 27, n. 2, 249-253, 2020
- EDITORIAL • Lucas, Renato Moraes – v. 27, n. 3, 583-585, 2020
- ELABORAÇÃO IMAGINATIVA NA ORIGEM DA VIDA PSÍQUICA E SUAS IMPLICAÇÕES CLÍNICAS, A • Campos, Marcia Regina Bozon de; Fulgencio Junior, Leopoldo Pereira – v. 27, n. 2, 313-331, 2020
- ENCONTRO ENTRE O SUJEITO E O OBJETO NÃO-EU, O • Ferruta, Anna – v. 27, n. 2, 263-278, 2020
- ÉTICA E PSICANÁLISE • Andrade Jr., Altamirando Matos de – v. 27, n. 3, 589-604, 2020
- EXISTE A NEUROSE DA CRIANÇA? • Ody, Michel – v. 27, n. 1, 31-51, 2020
- FORMAS EXTREMAS DE SOFRIMENTO PSÍQUICO NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA ATUAIS • Cabral, Alberto Cesar – v. 27, n. 3, 731-743, 2020
- HISTORIAL CLÍNICO DO HOMEM DOS LOBOS DE FREUD, REVISITADO À LUZ DE CERTOS APORTES DA PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA. MUITO AQUÉM DA NEUROSE, O • Lisondo, Alicia Beatriz Dorado de – v. 27, n. 1, 129-155, 2020
- INFÂNCIAS CONTEMPORÂNEAS E FORMAS DE SOFRIMENTO PSÍQUICO: INTERROGAÇÕES, DESAFIOS E PROPOSTAS • Wald, Analía – v. 27, n. 3, 715-730, 2020
- MEDO DA LOUCURA NO CONTEXTO DO A POSTERIORI (NACHTRÄGLICHKEIT) E A REAÇÃO TERAPÊUTICA NEGATIVA. O • Abram, Jan – v. 27, n. 2, 349-376, 2020
- MESTRE COM CARINHO, AO/HOMENAGEM • Libermann, Zelig – v. 27, n. 2, 257-259, 2020
- METAS DA PSICANÁLISE: NOVOS E VELHOS PARADOXOS, AS/TEMAS DIVERSOS • Bernardi, Ricardo Eugenio – v. 27, n. 1, 203-230, 2020
- MÉTODO ESTHER BICK: OBSERVAÇÃO DOS FENÔMENOS TRANSICIONAIS, DURANTE O PRIMEIRO ANO DE VIDA • Migliorini, Walter José Martins – v. 27, n. 2, 507-519, 2020

- MÚLTIPLAS CORES DO ARCO-ÍRIS: DESPATOLOGIZANDO A DIVERSIDADE SEXUAL, AS • Lewkowicz, Sergio – v. 27, n. 3, 685-696, 2020
- NEUROSE OBSESSIVA, VEREDAS FREUDIANAS: BREVES CONSIDERAÇÕES, A • Dantas Júnior, Alirio Torres – v. 27, n. 1, 157-167, 2020
- ORIGENS DO MASOQUISMO MORAL NA MULHER • Camps, François-David; Acevedo, Juan Sampedro – v. 27, n. 1, 169-185, 2020
- PAI, A FUNÇÃO PATERNA, O PRINCÍPIO PATERNO: ALGUNS DESENVOLVIMENTOS PSICANALÍTICOS CONTEMPORÂNEOS, O • Eizirik, Cláudio Laks – v. 27, n. 1, 87-102, 2020
- PARA UMA NOVA ETIOLOGIA DAS NEUROSES: NOTAS A PARTIR DA TEORIA DAS RELAÇÕES OBJETAIS DE DONALD W. WINNICOTT • Coelho Júnior, Nelson Ernesto; Silva, Sergio Gomes da – v. 27, n. 2, 479-505, 2020
- POLTRONA ELÁSTICA? DIVÃ TRANSICIONAL? REFLEXÕES SOBRE A MINHA POLTRONA GIRATÓRIA • Oliveira, Ana Lúcia Monteiro – v. 27, n. 2, 521-543, 2020
- POR UMA ÉTICA INSTITUCIONAL • Mondrzak, Viviane Sprinz – v. 27, n. 3, 669-683, 2020
- PRESENÇA DA AUSÊNCIA DO PAI NO DESENVOLVIMENTO “RUMO À INDEPENDÊNCIA”, A • Iankilevich, Eneida – v. 27, n. 2, 333-347, 2020
- REALIDADE NEURÓTICA, RECUSA DA REALIDADE E REALIDADE DA RENÚNCIA • Chervet, Bernard – v. 27, n. 1, 53-86, 2020
- REVISITA AO DESEJO DO PSICANALISTA EM O BANQUETE DE PLATÃO, SEGUNDO O LEGADO DE FREUD E LACAN, UMA • Beato, Claudia Rodrigues Pádua Salgado; Lazzarini, Eliana Rigotto – v. 27, n. 3, 605-625, 2020
- SENSE OF BEING EM RELAÇÃO À CRIATIVIDADE. SER OU EXISTIR?, O • Golse, Bernard – v. 27, n. 2, 279-290, 2020
- SEXUAL PRIMORDIAL: INGREDIENTE DA INQUIETANTE ESTRANHEZA?. O • Falcão, Luciane – v. 27, n. 3, 697-713, 2020
- SUGESTÃO E SEDUÇÃO NA PSICOTERAPIA DO ADOLESCENTE: UM PROBLEMA ÉTICO • Abella, Adela – v. 27, n. 3, 651-667, 2020
- TER ESPERANÇA: O FUTURO PRESENTE/TEMAS DIVERSOS • Langer, Lidia Leonelli – v. 27, n. 1, 189-201, 2020
- TERNURA: O ENTRELAÇAMENTO DA MORAL E DA ÉTICA, A • Klarmann, Regina Pereira – v. 27, n. 3, 627-649, 2020
- VIDA ANÍMICA PRIMITIVA E SUBJETIVIDADE: O QUE REALMENTE DISSERAM AS PIONEIRAS SPIELREIN E DEUTSCH?/TEMAS DIVERSOS • Bizzi, Idete Zimerman – v. 27, n. 2, 547-564, 2020
- WINNICOTT & KLEIN: INFLUÊNCIAS, CONTINUIDADES E RUPTURAS • Fulgencio Junior, Leopoldo Pereira – v. 27, n. 2, 427-452, 2020
- WINNICOTT E A TRADIÇÃO FERENCZIANA DA ELASTICIDADE TÉCNICA • Moura, Luiza – v. 27, n. 2, 453-478, 2020

Índice Geral de Autores / Volume 27 (v./n./p./ano)

- ABELLA, Adela • Sugestão e sedução na psicoterapia do adolescente: um problema ético – v. 27, n. 3, 651-667, 2020
- ABRAM, Jan • Medo da loucura no contexto do a posteriori (Nachträglichkeit) e a reação terapêutica negativa. O – v. 27, n. 2, 349-376, 2020
- ACEVEDO, Juan Sampedro; CAMPS, François-David • Origens do masoquismo moral na mulher – v. 27, n. 1, 169-185, 2020
- ANDRADE JR., Altamirando Matos de • Ética e psicanálise – v. 27, n. 3, 589-604, 2020
- BALDIN, Talita; RAVIZZINI, Simone • Dizer do analista: a interpretação e um resto a não compreender, O/TEMAS DIVERSOS – v. 27, n. 3, 747-770, 2020
- BEATO, Claudia Rodrigues Pádua Salgado; LAZZARINI, Eliana Rigotto • Revisita ao desejo do psicanalista em O banquete de Platão, segundo o legado de Freud e Lacan, Uma – v. 27, n. 3, 605-625, 2020
- BERNARDI, Ricardo Eugenio • Metas da psicanálise: novos e velhos paradoxos, As/TEMAS DIVERSOS – v. 27, n. 1, 203-230, 2020
- BIZZI, Idete Zimmerman • Vida anímica primitiva e subjetividade: o que realmente disseram as pioneiras Spielrein e Deutsch?/TEMAS DIVERSOS – v. 27, n. 2, 547-564, 2020
- CABRAL, Alberto Cesar • Formas extremas de sofrimento psíquico na infância e adolescência atuais – v. 27, n. 3, 731-743, 2020
- CAMPOS, Marcia Regina Bozon de; FULGENCIO JUNIOR, Leopoldo Pereira • Elaboração imaginativa na origem da vida psíquica e suas implicações clínicas, A – v. 7, n. 2, 313-331, 2020
- CAMPS, François-David; ACEVEDO, Juan Sampedro • Origens do masoquismo moral na mulher – v. 27, n. 1, 169-185, 2020
- CHERVET, Bernard • Realidade neurótica, recusa da realidade e realidade da renúncia – v. 27, n. 1, 53-86, 2020
- CIVITARESE, Giuseppe • Alucinação, hipérbole e a diferenciação neurose/psicose no pensamento de Bion e na teoria do campo analítico – v. 27, n. 1, 103-127, 2020
- COELHO JÚNIOR, Nelson Ernesto; SILVA, Sergio Gomes da • Para uma nova etiologia das neuroses: notas a partir da teoria das relações objetais de Donald W. Winnicott – v. 27, n. 2, 479-505, 2020
- DANTAS JÚNIOR, Alirio Torres • Neurose obsessiva, veredas freudianas: breves considerações, A – v. 27, n. 1, 157-167, 2020
- EIZIRIK, Cláudio Laks • Pai, a função paterna, o princípio paterno: alguns desenvolvimentos psicanalíticos contemporâneos, O – v. 27, n. 1, 87-102, 2020
- FALCÃO, Luciane • Sexual primordial: ingrediente da inquietante estranheza?. O – v. 27, n. 3, 697-713, 2020
- FERRUTA, Anna • Encontro entre o sujeito e o objeto não-Eu, O – v. 27, n. 2, 263-278, 2020
- FULGENCIO JUNIOR, Leopoldo Pereira • Winnicott & Klein: influências, continuidades e rupturas – v. 27, n. 2, 427-452, 2020

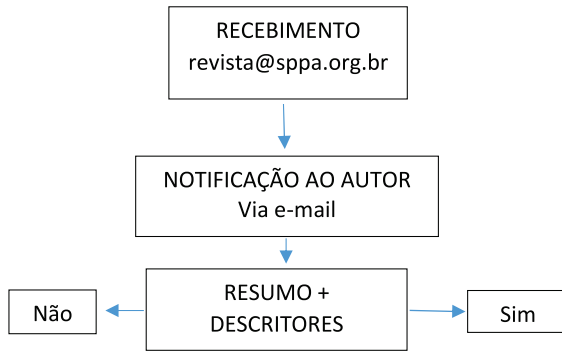
- FULGENCIO JUNIOR, Leopoldo Pereira; CAMPOS, Marcia Regina Bozon de • Elaboração imaginativa na origem da vida psíquica e suas implicações clínicas, A – v. 7, n. 2, 313-331, 2020
- GOLSE, Bernard • Sense of being em relação à criatividade. Ser ou existir?, O – v. 27, n. 2, 279-290, 2020
- GUIGNARD, Florence • Atualidade da neurose – v. 27, n. 1, 13-29, 2020
- IANKILEVICH, Eneida • Presença da ausência do pai no desenvolvimento “rumo à independência”, A – v. 27, n. 2, 333-347, 2020
- KLARMANN, Regina Pereira • Ternura: o entrelaçamento da moral e da ética, A – v. 27, n. 3, 627-649, 2020
- LANGER, Lidia Leonelli • Ter esperança: o futuro presente/TEMAS DIVERSOS – v. 27, n. 1, 189-201, 2020
- LAZZARINI, Eliana Rigotto; BEATO, Claudia Rodrigues Pádua Salgado • Revisita ao desejo do psicanalista em O banquete de Platão, segundo o legado de Freud e Lacan, Uma – v. 27, n. 3, 605-625, 2020
- LEWKOWICZ, Sergio • Múltiplas cores do arco-íris: despatologizando a diversidade sexual, As – v. 27, n. 3, 685-696, 2020
- LIBERMANN, Zelig • Mestre com carinho, Ao/HOMENAGEM – v. 27, n. 2, 257-259, 2020
- LISONDO, Alicia Beatriz Dorado de • Historial clínico do Homem dos lobos de Freud, revisitado à luz de certos aportes da psicanálise contemporânea. Muito aquém da neurose, O – v. 27, n. 1, 129-155, 2020
- LUCAS, Renato Moraes • Editorial – v. 27, n. 1, 7-10, 2020
- LUCAS, Renato Moraes • Editorial – v. 27, n. 2, 249-253, 2020
- LUCAS, Renato Moraes • Editorial – v. 27, n. 3, 583-585, 2020
- MIGLIORINI, Walter José Martins • Método Esther Bick: observação dos fenômenos transicionais, durante o primeiro ano de vida – v. 27, n. 2, 507-519, 2020
- MONDRZAK, Viviane Sprinz • Por uma ética institucional – v. 27, n. 3, 669-683, 2020
- MOURA, Luiza • Winnicott e a tradição ferenciana da elasticidade técnica – v. 27, n. 2, 453-478, 2020
- ODY, Michel • Existe a neurose da criança? – v. 27, n. 1, 31-51, 2020
- OLIVEIRA, Ana Lúcia Monteiro • Poltrona elástica? Divã transicional? Reflexões sobre a minha poltrona giratória – v. 27, n. 2, 521-543, 2020
- RAVIZZINI, Simone; BALDIN, Talita • Dizer do analista: a interpretação e um resto a não compreender, O/TEMAS DIVERSOS – v. 27, n. 3, 747-770, 2020
- RIZZO, Luisa Maria • Colapso do ritmo. O – v. 27, n. 2, 405-426, 2020
- ROUSSILLON, René • Criatividade: um novo paradigma para a psicanálise freudiana, A – v. 27, n. 2, 291-311, 2020
- SILVA, Maurício Marx e • Colapso e misoginia: da mitologia à perversão via web – v. 27, n. 2, 377-404, 2020
- SILVA, Sergio Gomes da; COELHO JÚNIOR, Nelson Ernesto • Para uma nova etiologia

das neuroses: notas a partir da teoria das relações objetais de Donald W. Winnicott – v. 27, n. 2, 479-505, 2020

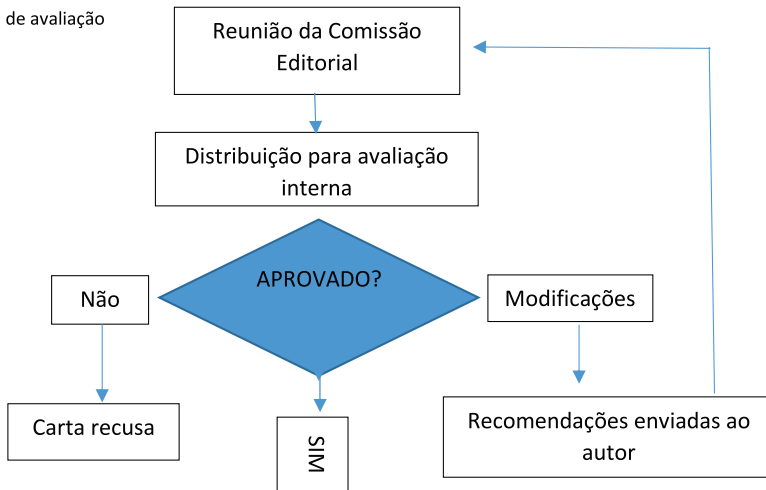
WALD, Anália • Infâncias contemporâneas e formas de sofrimento psíquico: interrogações, desafios e propostas – v. 27, n. 3, 715-730, 2020

Fluxograma de Publicação da revista de Psicanálise da SPPA

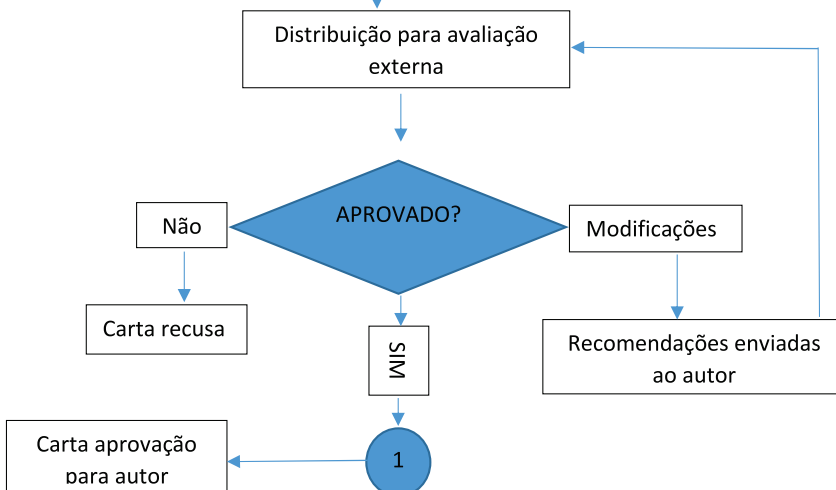
Recebimento e preparação do trabalho



Primeira etapa de avaliação

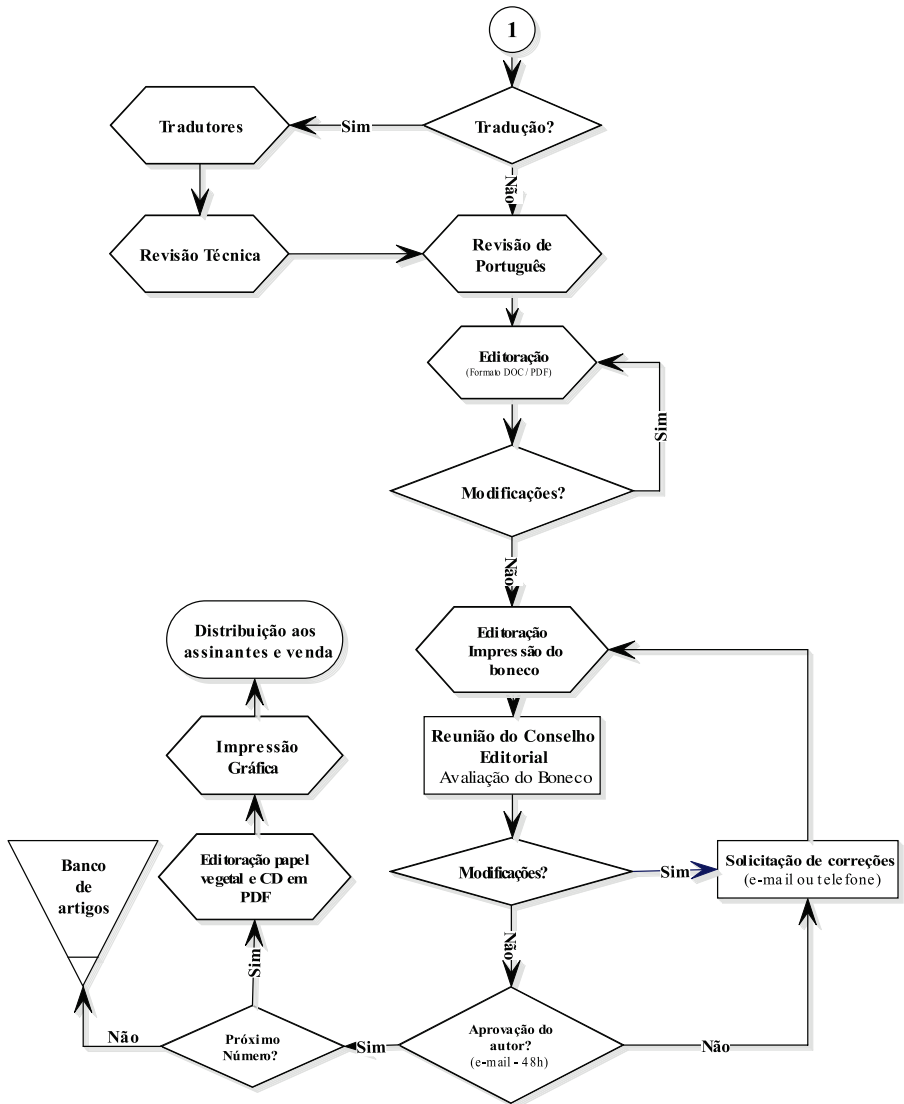


Segunda etapa de avaliação



Fluxograma de Publicação da Revista de Psicanálise da SPPA

Editoração do material



TEMAS PARA 2021

Revista de Psicanálise da SPPA



Solicite sua assinatura!

3 edições impressas + acesso online

SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE



FUNDADA EM 1963

Filiada à International Psychoanalytical Association

✉ revista@sppa.org.br

☎ (51) 9 8487-0158



revista.sppa.org.br

Números temáticos*

- 3/1999 Psicanálise, sonho e criação artística
- 3/2001 Psicanálise e Literatura
- 3/2003 O inconsciente: tensões atuais
- 3/2005 Técnica psicanalítica
- 3/2006 Vergonha
- 1/2008 Trauma coletivo e transgeracionalidade
- 3/2008 O consciente
- 1/2009 Ano da França no Brasil
- 1/2010 Estados limítrofes
- 2/2010 Preconceito: implicações psicanalíticas
- 1/2011 Prazer e realidade no mundo contemporâneo: 'Os dois princípios do funcionamento mental' cem anos depois
- 2/2011 Infância: questões atuais
- 1/2012 De 1912 a 2012: a dinâmica da transferência
- 2/2012 Desamparo
- 1/2013 Homenagem a André Green
- 2/2013 Psicanálise e Cultura
- 3/2013 Representação e Simbolização
- 2/2014 Reflexões sobre violência, vulnerabilidades e desenvolvimento
- 3/2014 Interpretação hoje
- 2/2015 Casos de Freud revisitados
- 3/2015 Realidades e Ficções
- 2/2016 Campo analítico I
- 3/2016 Campo analítico II
- 3/2017 Ódio
- 1/2018 Amor
- 3/2018 Identidades e Sexualidades
- 1/2019 Verdade / Mentira I
- 2/2019 Verdade / Mentira II
- 3/2019 Psicanálise e Comunidade
- 1/2020 Neurose
- 2/2020 D. W. Winnicott
- 3/2020 Ética e Psicanálise
- 1/2021 Disrupções
- 2/2021 Repercussões na Técnica
- 3/2021 Elaboraões

*Publicações omitidas nesta lista não possuem tema específico.